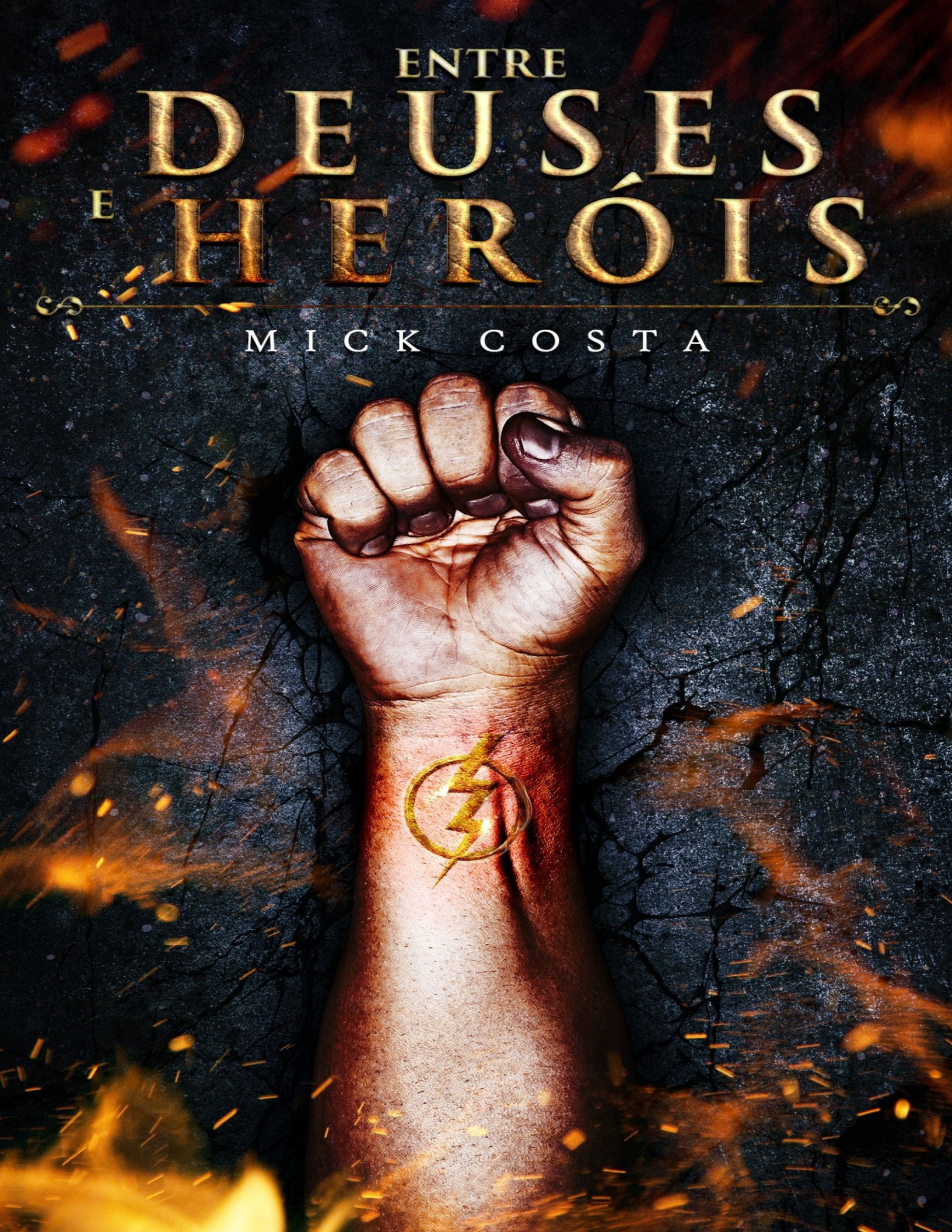
ENTRE DEUSES E HERÓIS

MICK COSTA



ENTRE DEUSES E HERÓIS

Mick Costa

Índice

Entre Deuses e Heróis
Copyright
Dedicatória
Parte Um
Prólogo: Como tudo começou
Um
Dois
Três
Quatro
Cinco
Seis
Sete
Parte Dois
Oito
Nove
Dez
Onze
Doze
Treze
Catorze
Quinze
Dezasseis
Dezassete
Parte Três
Dezoito
Dezanove
Vinte
Vinte e Um
Vinte e Dois
Vinte e Três
Vinte e Quatro
Entre Sombras e Demónios
O autor

Entre Deuses e Heróis
Mick Costa

2.ª Edição - Abril/17

Publicado por Kaboom Edições

ISBN: 9781370783328

Copyright © 2016 Mick Costa

Também disponível em formato físico em Book Depository.

Se gostar do livro, não se esqueça de deixar a sua opinião no Goodreads, avaliar na página do Kobo e da Amazon.

Para todos os que admiro,
Para aqueles que estimo

PARTE UM

A mudança é a lei da vida. E aqueles que apenas olham para o passado ou para o presente irão com certeza perder o
futuro.
- John Kennedy

Muda-se o ser, muda-se a confiança;
Todo o mundo é composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades.
Continuamente vemos novidades,
Diferentes em tudo da esperança;
Do mal ficam as mágoas na lembrança,
E do bem, se algum houve, as saudades.
- Luís Vaz de Camões

PRÓLOGO:
COMO TUDO COMEÇOU

SABEM QUE MAIS? EU NEM SEI COMO COMEÇAR ESTA história. É difícil. Podia começar pelo dia em que nasci, mas nesse caso estaria a recuar muito tempo. Iria demorar uma eternidade a alcançar o ponto central da questão. Porém, é importante ressaltar alguns detalhes desse dia.

O meu pai não estava lá. Isso é importante, certo? Certo. O meu pai *nem sequer sabia* que eu existia, ou que estava para existir. Ainda mais importante, sem dúvida. Nessa altura, ele deveria estar ou nos Estados Unidos ou aqui em Portugal, a concluir os seus estudos. Não posso afirmar com exatidão, nunca o conheci.

Ele era um estranho para mim, assim como eu era um completo desconhecido na vida dele. Era um buraco negro que o meu pai não sabia que tinha. Quando perguntava por ele, a minha mãe mudava de assunto. Era desconfortável falar sobre aquilo, e à medida que fui crescendo, fui aprendendo a viver com isso. Não tinha pai, ele não queria saber de mim, ele não sabia que eu existia. Ponto.

Até que as coisas começaram a complicar-se.

Era um dia de verão, apesar de ainda ser maio. Adorava a sensação de andar de *t-shirt* com a mochila às costas, de ter o calor do sol a queimar-me as pernas. Se as férias grandes tivessem um cheiro, aquilo era o mais próximo que havia para o descrever — porque já me cheirava a férias.

Por essa altura, já tinha mais ou menos a noção das minhas notas, e então podia muito bem começar a tratar de limpar o sebo aos professores que me tramavam sempre que podiam. Não lhes batia, porque pessoalmente não era desse tipo. Fazia outro tipo de coisas. Bombinhas de mau cheiro era uma delas, assim como colocar pioneses nas cadeiras deles. Ouvir aqueles “ai!”, “ui!”, “porra, o meu rabo!” acionava uma reação que imediatamente me denunciava, mas não queria saber. (Não esse tipo de reação, mentes perversas!)

Podiam ser oito da noite, mas o sol ainda brilhava com esplendor quando cheguei a casa. A minha mãe, Anabela, estava sentada na cadeira da cozinha, com uma carta aberta nas suas mãos.

— Cheguei. — disse, já pressentido que havia algo de errado. — Cheguei, Anabela.

Ela nem me olhou — e aí tive a certeza. Se a tinha chamado pelo primeiro

nome e ela não me tinha repreendido, então era mais que seguro afirmar que tinha um problema. Dos grandes.

— Mãe. — afirmei com cautela. — Passa-se alguma coisa?

Olhei para a carta. As mãos dela amarrotavam o papel e era óbvio que se tentava controlar, para não mostrar que tremiam. Hesitei em agarrá-la.

— Não tens que ver isto… — murmurou, puxando a carta até ao seu peito.

Oh boa. — Como se isso fosse uma decisão tua. — repliquei. Não lutou para que eu não visse a carta.

O endereço não deixava margem para dúvidas acerca do assunto daquela carta. Se ainda assim houvesse dúvidas, bastava olhar para o logotipo da Assistência Social estampado no envelope.

Não li a carta. Mas sabia do que se tratava. Era a resposta da avaliação feita às nossas condições de vida. Alguém tinha acusado a minha mãe à Proteção de Menores, por achar que ela não tinha os requisitos mínimos para me sustentar, e isso foi motivo para que se abrisse um processo. Fizeram-nos entrevistas, vieram a nossa casa, falaram com o patrão da minha mãe e até pediram os relatórios do meu colégio.

Para nós, estava tudo bem. Não vivíamos a esbanjar dinheiro, mas também não nos achávamos assim tão mal. Porém, para a Assistência Social era diferente. O jogo não estava a nosso favor.

Ainda com cautela, li a carta. Demorei o meu tempo para absorver todas as palavras. Quis perceber melhor qual era, de facto, o resultado. E não havia nada que me deixasse com dúvidas, porque era mais que explícito que os nossos medos confirmavam-se.

— Então é isto. — Atirei a carta para cima da mesa, sentando-me de frente para a minha mãe. Olhei para ela, vendo-a com os cotovelos apoiados na mesa, a cabeça entre os braços.

Não tive coragem para dizer mais nada. Sabia o que ia acontecer. Ia parar a uma instituição até ser maior de idade. Se calhar seria levado para outro sítio qualquer. Para o norte. *Merda, isso não!*

Mas eu tinha um plano. Tinha-o cogitado ao longo destes meses de espera. A minha mãe não ia achar piada, não concordaria nunca com o que estava a pensar fazer. Mas era isto — isto ou nada.

Enchi o peito de ar. — Vou deixar os estudos para trabalhar.

Levantou a cabeça, os olhos vermelhos e brilhantes, semicerrados, a tentarem focar-se em mim. — Desculpa?

— Já falei com o Sr. Gustavo, o dono da padaria, e ele…

— Não, Simão. — A voz oscilava entre o autoritarismo e a inquietação — Não és tu que tens culpa.

— Se não fizermos nada…

— Tu não vais abdicar do teu futuro por minha culpa.

— Que futuro? Nós não temos futuro nenhum. Estamos na *miséria*!

A cabeça dela balanceou, baixando o tom de voz. Tentava ganhar coragem para dizer algo. — Não precisámos de estar.

— Por isso mesmo! — retorqui — Se eu for trabalhar, são dois ordenados a entrar aqui em casa. E posso sempre estudar à noite.

— Não digas asneiras. — Refletiu por alguns minutos, deixando um silêncio no ar. — Eu lamento imenso ter que te sujeitar a isto, mas quero que saibas que não tinha outra opção. Era isto ou perder-te.

— Do que é que estás a falar?

— Eu tenho um plano. Há anos que receava que isto acontecesse, por isso…

Levantou-se e foi até ao armário onde guardava todo o tipo de papéis; contas, recibos, contratos, rascunhos dos seus livros inacabados, e uma carta já aberta, de onde retirou uma folha. Estudou-a. Segundos de observação foi o que bastou para lágrimas caírem do seu rosto, mas quando se virou para mim, já as suas mãos tinham secado os seus olhos tão castanhos como a casca de carvalho.

— O que é isso? — questionei-a.

Sem mais demoras, entregou-me a folha. — É um teste ADN.

Os meus olhos saltavam entre o rosto da minha mãe e o papel que permanecia nas minhas mãos. — Continuo sem perceber.

— Não te contei nada porque…

— Sou filho do Piero, não sou?

— Já te tinha explicado, Simão. O Piero é, sempre foi, e será sempre *apenas* um amigo. Eu sei que vocês têm uma excelente relação, mas ele não é teu pai. Se fosse, eu iria contar-te.

O Piero é muito mais que meu amigo. Era meu padrinho. Confiava-lhe a minha vida sem hesitar.

Abanou a cabeça, suspirando antes de continuar. — Não, Simão, lamento. O teu pai… ele não é português. Nem *italiano*. — salientou, para não suscitar mais dúvidas. — É americano. Quer dizer, é filho de portugueses mas pelo que sei passou grande parte da sua vida nos Estados Unidos.

De qualquer forma nada daquilo fazia sentido. Pousei o papel na mesa, fazendo-o deslizar até aos braços da minha mãe. — Vais explicar-me de uma vez por todas o que é que *isto* representa?

— Quando a Assistência Social veio cá a casa e me começou a fazer aquelas perguntas todas, já sabia o que ia acontecer. Eu não podia deixar que eles me tirassem a minha única razão para viver. Tu sabes que és importante para mim. E acredita que não ia fazer isto se não fosse para o teu bem. — encarou-me com

um sorriso que ameaçava desvanecer-se a qualquer momento. — Falei com o teu pai.

A minha primeira reação foi raiva. Depressa passou a indignação, e por fim era apenas uma exígua dúvida que vagueava na minha cabeça. Não sei quanto tempo passou até começar a amontoar todos os meus pensamentos numa única pilha de conclusões.

— Um pai que nem sequer me conhece. — relembrei-a. — E que não sabe que existo.

— Porque eu não quis que ele soubesse. — acrescentou com as mãos ainda a tremerem. — Mas estava na hora de ele fazer algo pelo filho dele. Por *ti*.

Congelei ao perceber o que ela queria dizer. — Não estás a pensar em…

— Lamento muito, filho. Se a única opção que me resta é mandar-te viver com o teu pai…

— Nem sequer o conheço! — Os meus punhos cerraram e bateram com força na mesa. — Não vou viver com um *estranho*!

— É *teu* pai!

— Meu pai?! Ele nunca fez parte da minha vida, nunca contribuiu com um tostão para que eu tivesse um prato de comida em cima da mesa! — A minha mãe levantou-se e fez-me recuar. Baixando o tom de voz, continuei. — Não tenho pai. Nem nunca vou ter.

— Preferes uma instituição cheia de rufias? É para lá que vais se não arranjares um sítio melhor onde ficar. — ela disse aquilo com um tom desapontado.

O silêncio rompeu a discussão. Ambos sentámo-nos, e olhos nos olhos, tentámos perceber o que ia na cabeça um do outro. Já com mais calma, comecei a entender o que a minha mãe queria; ela só estava a fazer aquilo pelo meu bem-estar. Não havia outra alternativa a não ser aceitar os factos tal como eles eram: Anabela Santos nunca tinha errado uma escolha quando se tratava de me fazer feliz, e se aquilo representava a minha felicidade, aceitava a opção de braços abertos.

— Como é que ele se chama?

Os seus lábios desenharam um sorriso. — Benjamin Silva. Ou *Ben*, como era conhecido.

— Eu sempre soube — afirmei com um ar de gozo. — que tinhas um fraquinho por estrangeiros. E onde é que ele mora?

O sorriso eclipsou-se. — É um pouco longe daqui. Conheces Braga?

— Isso fica a quase quatro horas de Lisboa, mãe!

O meu desagrado não a impediu de continuar. — A aldeia onde ele mora fica perto de lá.

— A aldeia?

— É um microestado, para dizer a verdade, apesar de o Google dizer o contrário.

O Google *tinha dificuldades* em dizer o que Olimpo *era*. Uma pequena aldeia no centro de Barcelos e Braga, sem dono e com legislação própria. Era para lá que a minha mãe me queria mandar. Pensando bem nas minhas palavras, se calhar ela errava de vez em quando.

UM

JÁ TINHAM PASSADO SEIS MESES. NEM DERA PELO TEMPO A correr diante os nossos próprios olhos. Parecia que toda a conversa acerca do meu pai, a primeira de muitas, só tinha acontecido no dia anterior, e na verdade havia um interregno grande entre aquele momento e este — o da despedida.

O sol de setembro aquecia a manhã na Gare do Oriente. Pessoas entravam e saiam dos comboios, arrastando malas ou simplesmente trazendo com elas olhares dispostos a conhecer um pouco mais da capital.

Eu, por outro lado, estava mais ocupado em perceber se estava ansioso ou nervoso. Talvez ambos, ou talvez nenhum. Talvez estivesse tão focado na ideia de conhecer o meu pai, Benjamin Silva, que nenhum tipo de *stress* me conseguisse afetar.

Através do altifalante, uma mulher avisou que o alfa pendular com destino a Braga sairia dentro de momentos.

— Está na hora. — Os olhos da minha mãe brilhavam, o que não a impediu de sorrir uma última vez. Isso fez-me pousar tudo para a abraçar.

Não tinha a certeza de quando a voltaria a ver. Não tinha sequer a noção do que era viver numa casa sem a desastrada da Anabela a escrever livros em tudo o que era uma superfície plana.

E agora ia submeter-me a isso. Morar com um estranho. Começar tudo de novo.

— Gosto muito de ti — murmurei ao cheirar a fragrância de baunilha tão natural da minha mãe.

Não obtive resposta. Larguei-a e abri a porta do comboio. Logo que pus os meus pés dentro da carruagem, a minha mãe infestou-me de avisos:

— Assim que lá chegares manda-me uma mensagem.

— Eu sei, mãe.

— E não te preocupes, o teu pai vai reconhecer-te.

— Também já me disseste isso.

— Por favor, não…

— Não me vou portar mal enquanto estiver com o Be… o pai.

O seu sorriso tinha vontade de gritar orgulho. Orgulho de mim.

Arrastei as malas pelo corredor, e após meia dúzia de passos encontrei um bom lugar. Estava quase sozinho na carruagem, com apenas uma rapariga na

última linha de assentos, e um idoso duas linhas à minha frente. Ninguém me iria incomodar durante a viagem, algo que agradecia.

Consegui ver a minha mãe através das janelas foscas, ainda a acenar-me. Apesar de não a ver com nitidez, tinha a certeza que estaria lavada em lágrimas. Tentei não pensar muito nisso ou talvez acabasse da mesma maneira.

As portas do comboio trancaram-se ao soar o sinal sonoro, e vagarosamente, o comboio começou a afastar-se da Gare. Deixei de ver Anabela após alguns segundos. Minutos mais tarde, já Lisboa não passava de uma miragem.

•••

Três horas mais tarde, a voz feminina voltou a falar através do altifalante, anunciando a chegada a Braga. Quando senti que o veículo parou levantei-me quase que de imediato. Estava curioso para ver como era o Benjamin.

A minha mãe nunca me tinha mostrado nenhuma fotografia dele. Acreditava que o primeiro contacto entre nós deveria ser físico, para estabelecer um laço sentimental contíguo desde o princípio – algo que não seria possível com apenas uma foto. A sua figura não passava de uma incógnita para mim.

As duas malas cheias de roupa e objetos pessoais seguiram-me enquanto deixava o comboio. Logo que os meus pés tocaram em solo bracarense, comecei a busca pelo meu hóspede, o que ia ser uma tarefa difícil, já que todos os homens presentes na Estação de Braga poderiam muito bem representar Benjamin.

Os meus olhos focaram-se num cartaz verde. As letras desenhadas a marcador preto chamaram-me a atenção.

“Sê bem-vindo, Simão Silva.”

O homem que o segurava esboçava um sorriso tímido. Trocámos olhares confusos, e quando percebemos quem éramos, começámos a andar, ainda com algum medo que fôssemos a pessoa errada. Mas foi esse mesmo receio que nos deu a certeza; era aquele homem que podia chamar *pai*.

Ao chegarmos perto um do outro, a primeira coisa que fizemos foi uma análise. Ele olhou-me de cima a baixo e eu de baixo a cima. A minha mente desmontou o rosto dele e encaixou-o no meu próprio reflexo imaginário. Estava explicado o meu cabelo castanho-claro. Os olhos de Benjamin, por outro lado, eram de uma tonalidade verde acinzentada, contrastando com os meus cor de avelã. Também a nível de altura não saía a ele. Eu tinha um metro e setenta e três; ele, à vontade, tinha mais dez centímetros. (Temos que ter em conta que eu ainda só tinha quinze anos, quase dezasseis.)

Ainda assim consegui ver semelhanças. A forma dos olhos, o sorriso… havia

várias coisas que realmente comprovavam que éramos pai e filho – o que para mim era bastante estranho.

A observação continuou, com manifestações de agrado a preencher os nossos rostos. Coloquei as malas no chão, sem saber muito bem o que fazer a seguir.

— Olá — acabei por declarar. Queria ter dito algo mais, afinal de contas era a primeira vez que falava com o meu pai biológico, a outra parte do meu ADN, mas o meu cérebro bloqueou.

Ultrapassado o choque inicial, Benjamin foi capaz de dizer mais algumas palavras. — Bem-vindo a casa.

A insegurança dominou o momento. Abriu os braços e eu, de um modo espontâneo, abri os meus também. Abraçámo-nos apenas durante dois segundos, tempo que foi o suficiente para perceber que Benjamin, o meu *pai*, também estava nervoso.

— Deixa-me ajudar-te — disse quando me viu com as malas. Nem sabia se deveria agradecer ou apenas sorrir.

Só enquanto caminhávamos para o carro é que percebi o que se estava a passar. Ao meu lado estava Benjamin Silva, o meu *pai*; em dezasseis anos de existência (sim, eu sei que só tenho quinze anos, mas faltavam só dois meses para o meu aniversário), fora confrontado várias vezes com a questão "O que é que ele faz?" e a minha resposta despertava sempre a curiosidade. "Sou filho de mãe solteira." Alguns ficavam com pena de mim, outros simplesmente achavam que estava destinado ao fracasso.

Vinte minutos depois, uma placa a indicar que estávamos a entrar em Olimpo surgiu na beira da estrada. Foi como amor à primeira vista: árvores de vários tamanhos cercavam o nosso caminho, sombreando-o e desenhando formas negras no chão. A par da estrada existiam arbustos de cores variadas que abriam caminhos para a floresta. Aquilo não representava um terço do que tinha imaginado. Ainda só estava lá há alguns segundos e já me sentia apaixonado.

Antes de chegarmos a casa ainda passámos pela minha escola nova. Não havia muito a dizer, a não ser que era pequena quando comparada com o colégio com contrato de associação que frequentava em Lisboa.

— Essa é a Escola Secundária de Olimpo — comentou Benjamin quando percebeu para onde eu estava a olhar — Não é uma semiprivada, mas o ensino é de qualidade. Vais adorar.

Também queria ter essa expectativa.

Dez minutos passaram até chegarmos aos aposentos do meu pai. Tal como acontecia com a escola, a casa era rodeada de árvores. À entrada, podíamos ver um jardim mal tratado, com uma fonte de pequena pintada de verde e colocada quase de forma aleatória na relva. Duas árvores preenchidas com folhas verdes

enfeitavam o jardim abandonado, cada uma delas adornando os dois passeios que levavam até à porta de entrada e à garagem.

Ao lado da casa havia um pequeno barracão construído em madeira e com as telhas cheias de musgo. A porta estava aberta, e havia um par de ténis encostado à parede, pelo que presumi que o barracão ainda estivesse em uso.

O Fiat Bravo azul parou. Vi o Benjamin tirar as coisas da mala do carro sem saber muito bem o que fazer, dirigindo-nos de seguida até ao alpendre. Aí reparei que nas traseiras ficava uma pequena esplanada, construída sobre umas tábuas e uns blocos de cimento. Tal como o jardim, não parecia ser tratada há bastante tempo. Havia também uma pequena lagoa. A água azul era a única coisa que parecia ter sido cuidada nos últimos meses.

Dentro de casa o ambiente era completamente diferente. Não parecia tão desarrumada, com várias plantas verdes a adornar a sala. No canto existia um LCD moderno em cima de um suporte de madeira, onde estava instalado um leitor de DVD. No outro canto, para além de uma cadeira de embalar estava também uma pequena coleção de vasos. Dois sofás, um de cabedal e outro coberto com um padrão florescido e colorido, adornavam a sala, e outros dois cadeirões ocupavam os espaços vazios que existiam em ambos os lados da lareira já antiga.

Ouvi passos vindos das escadas que levavam ao primeiro andar. Olhei para o meu pai, à espera de alguma explicação. Ben limitou-se a pousar as minhas malas.

Fui surpreendido por um rapaz alto e esguio, com o cabelo castanho desalinhado e os olhos da mesma tonalidade dos do meu pai. Usava uma camisa azul e umas calças de ganga pretas. Mostrou um sorriso constrangido ao ver-me.

— Olá — disse.— Deves ser o Simão. — Trocou olhares com o meu pai. Ele congratulou-o pelo gesto.

O rapaz estendeu-me a mão. A única coisa que fui capaz de fazer foi encarar Benjamin duvidosamente, que colocou a mão no ombro do rapaz. — Este é o Greg. É o meu filho.

Arqueei as sobrancelhas. — O seu filho?

— O outro filho — corrigiu de imediato — O teu irmão.

Espera lá, *irmão?* A minha mãe não me tinha falado nisso!

— Já vinha com o pacote ou é uma oferta? — brinquei ao perceber o que me tinha acabado de me acontecer.

Já não me bastava ter um pai como me tinha saído um irmão na rifa. Não é que achasse mal. Aliás, nem sequer tinha pensado nessa hipótese. Só não percebia porque é que a minha mãe me tinha escondido esse pormenor.

Apertei a mão de Greg com firmeza. — Prazer em conhecer-te.

Os lábios de Greg delinearam um traço de confiança. — Vai ser bom ter mais alguém em casa para além do pai.

Para além do pai – essa palavra não existia no meu dicionário até há alguns meses atrás. Era estranho ouvir este tipo de conversas. Falavam como se já estivessem habituados à minha presença.

— Porque não levas o Simão até ao quarto? Ajuda-o a arrumar as coisas dele enquanto vou tratar de umas papeladas da escola. — Esta última frase era uma ordem.

Automaticamente, Greg agarrou numa das malas e indicou-me as escadas. O andar de cima era pequeno, com um corredor apertado onde só existiam duas portas. Greg abriu-me a primeira à direita.

O meu quarto era uma espécie de sótão, estreito e só com uma janela, através do qual conseguia ver o barracão. Debaixo da janela ficava a minha cama de solteiro. Quase ao lado da cama estava a secretária, com um computador antigo a ocupar grande parte da sua superfície. O meu guarda-fatos era aos pés da cama, e não me parecia muito grande – ainda assim, maior do que aquele que tinha em Lisboa. Por cima do guarda-fatos vi algumas miniaturas de carros e figuras de ação.

— O meu pai acha que é uma coleção valiosa — Greg disse ao reparar que estava a olhar para os carros. — Nem sequer lhe passa pela cabeça deitá-los fora.

— O *nosso* pai. — corrigi, rindo-me.

— Desculpa, é a força do hábito.

— Não tens que ficar preocupado. Até para mim é estranho…

Para dizer a verdade, os carros até davam um ambiente agradável ao quarto. Faziam-me reviver a minha infância (não é que fosse algo que desejasse voltar a viver…).

Abri a mala e, com a ajuda de Greg, lá fui metendo as roupas dentro das gavetas espaçosas do guarda-fatos. Enquanto arrumávamos conversamos um pouco sobre nós próprios. Fiquei a saber que o meu irmão frequentava o 2º ano de Bioquímica, na Universidade do Minho. Pelo que percebi, a sua escolha fora influenciada pelo passado do meu pai, que também tinha um fascínio pelas ciências. Nesse aspeto achei que éramos parecidos: eu também ia ingressar na área de Ciências e Tecnologias. Sentia-me à vontade num laboratório, e a minha nota final de Físico-química comprovava-o.

O meu pai era professor de Ciências na escola que iria frequentar ainda naquele ano. Para a minha felicidade, não era aconselhado que os pais fossem professores dos seus próprios filhos – portanto, menos um problema para mim. Não queria ter ninguém a controlar aquilo que fazia nas aulas.

Também fiquei a saber que Greg era solteiro, e que, tanto quanto ele sabia,

Ben também não parecia ter grande interesse em voltar a envolver-se romanticamente com alguém. Seríamos os três grandes solteirões, cada um na sua faixa etária.

Assim que acabámos de arrumar as minhas coisas descemos até à sala, onde o meu pai estava sentado com um *tablet* na mão. Olhava para o *gadget*, pouco atento ao que os seus próprios dedos faziam. Greg sentou-se ao seu lado e espreitou. — "Receitas rápidas de cozinha"?

O meu pai levantou o olhar. — Estou sem originalidade nenhuma.

— Chama-lhe "falta de vontade" — corrigiu Greg. — Porque é que não fazes a tão famosa lasanha que tanto gosto? — O meu irmão fez uma expressão de nojo sem que o meu pai visse. Entendi a mensagem.

— Faltam-me ingredientes. — Ergueu o pulso para consultar o relógio. — E a esta hora já deve ser difícil encontrar um supermercado aberto.

Examinei o exterior pela janela da sala. A noite já tinha caído. Apenas uma pequena luz pública iluminava a estrada em frente à casa.

— Fazemos o seguinte, — sugeriu o meu pai — ainda tens aqueles cupões do tal restaurante que te falei, não tens Greg?

Greg tirou a sua carteira do bolso e mostrou-lhe uns vales vermelhos e amarelos. — Vamos jantar fora?

Benjamin sorriu. — Temos que comemorar a chegada do Simão. E aproveitámos para socializar um pouco.

— Sempre pensei que sair à noite durante a semana fosse algo que não te agradasse.

— É uma *exceção*. — declarou. — Além disso, tenho aqui uns bilhetes para o cinema que me ofereceram na escola. A validade expira hoje, e visto que já não vamos ao cinema faz algum tempo, acho que seria uma ótima maneira de os usar.

Greg não ficou nem um pouco aborrecido com a ideia, e eu, como o novato da casa, simplesmente concordei. Apesar de estar estoirado da viagem, não queria parecer desmancha-prazeres logo no meu primeiro dia em Olimpo.

Enquanto o meu irmão foi tomar banho, o meu pai aproveitou para me mostrar o que havia dentro do barracão. Era uma espécie de T1, com uma cozinha, uma casa de banho e um quarto. Todas as divisões eram pequenas, e serviam apenas para alojar uma só pessoa.

— Os antigos donos da casa albergavam estudantes universitários todos os anos. Tinham bons preços e o barracão era bastante popular. — explicou — Mas quando comprei a casa acabei com isso. Agora serve apenas de quarto ao Greg.

Falando no diabo, ele entrou no barracão. — Estou pronto. Vamos?

— Estava aqui a dizer que este era o teu quarto. — Ben disse enquanto nos

conduzia até ao carro.

Greg riu-se de uma piada que não tardou a partilhar. — É a minha suíte de luxo. — aproximou os seus lábios aos meus ouvidos — Na verdade, é a minha bat-cave.

Dei um ar de riso apenas por solidariedade.

O Braga Parque era um dos maiores centros comerciais do norte do país, e eu conseguia perceber o porquê. O espaço era bem centralizado, com as lojas distribuídas de uma forma racional, mas não se comparava ao Colombo. Bastava olhar para a zona da restauração, onde metade das marcas que costumava ver em Lisboa não estavam representadas. Porém, havia também um ou dois restaurantes que não conhecia, um deles de comida chinesa. Acabou por ser essa a eleição do meu pai e de Greg.

O empregado de mesa chegou pouco tempo depois, entregando-nos as cartas. Achei que era a altura certa para experimentar *sushi*, algo que nunca tinha provado. O meu pai pediu uma *tempura* ao passo que Greg optou por *sashimi*.

Os pratos chegaram rapidamente, e a primeira dúvida que tive foi como é que devia comer aquilo. Quando os meus acompanhantes desviavam o olhar, eu pegava na comida com a mão. Não tinha culpa que os chineses preferissem pauzinhos a talheres.

Ben e Greg conversavam sobre diversos assuntos, nenhum deles que fosse do meu interesse, o que só por si me impedia de dar a minha opinião. Eram coisas pessoais, e envolviam nomes que não me diziam nada. Por esse mesmo motivo, estava quase sempre calado, a tentar perceber como é que as coisas funcionavam em casa ou na escola. Para quebrar o meu silêncio, Ben acabou por se dirigir a mim.

— Estás a gostar, Simão?

Acenei com a cabeça. — Nunca tinha provado *sushi*. — confessei — Mas acho que vou passar a comer mais vezes.

A boca de Greg, ainda cheia de comida, abriu-se. — Nunca comeste *sushi*?

O meu pai repreendeu as duas atitudes com o olhar, a do abrir a boca e a da pergunta.

— Em Lisboa é difícil de encontrar restaurantes acessíveis.

— Acredito que sim. — declarou Greg com um sorriso desconfortável no rosto. Engoliu a bola de comida. — Afinal de contas, estamos a falar da capital.

— A vida lá é muito mais cara do que aqui. É o centro dos negócios, do comércio, do turismo… — comentou o meu pai — É um estilo de vida completamente diferente do nosso.

— Ainda assim há pessoas a passarem por dificuldades.

A minha mãe. Com o meu nascimento nunca conseguiu terminar os estudos, e

portanto, era difícil encontrar um bom emprego que desse para sustentar uma criança. Tive uma infância repleta de obstáculos financeiros, e aprendi a lidar com o facto de não ter metade do que os meus colegas tinham.

— A tua mãe é uma lutadora. — afirmou Ben — Do pouco que conheci dela, sempre me pareceu uma excelente pessoa e uma grande mulher. Admiro-a imenso.

— Posso fazer uma pergunta? — O meu pai nem pensou duas vezes e respondeu logo de forma segura — Como é que você conheceu…?

— Tu. — corrigiu-me — Trata-me por tu.

Corei um pouco. Mas continuei a minha questão. — Como é que *tu* conheceste a minha mãe?

Houve um momento de silêncio. O meu pai levou o copo de vinho à boca e deu um gole. Esperou alguns segundos e depois prosseguiu com uma pequena gargalhada: — Corria o ano de 1998 quando conheci a Anabela numas férias em Aveiro. Estávamos numa festa, eu com os meus amigos, ela com as amigas dela. Trocamos uns olhares, fui meter conversa… e pronto.

Senti-me aliviado por o meu pai ter escondido aquele *tipo* de pormenores.

— Depois daquela noite, — continuou — nunca mais a vi. Só voltei a ouvir falar dela há alguns meses atrás, quando ela me contactou.

— E porque é que decidiste ficar comigo? Não tinhas a obrigação de o fazer. Nem sequer conhecias a minha mãe. Ela podia estar a mentir em relação a isto tudo.

Voltou a sorrir. — A vida dá muitas voltas.

Esperei que desenvolvesse o assunto. O meu pai olhou para o seu prato, incomodado com a conversa.

— E eu que o diga! Sempre pensei que fosse seguir algo na área das Humanidades, e afinal acabei em Bioquímica. — Greg virou-se para mim. — E tu, Simão, já tens alguma ideia do que queres seguir?

Senti que houve a necessidade de mudar de tema, e eu, sendo o estranho, consenti. — Ainda estou a ponderar todas as escolhas, mas para já quero focar-me no curso de Ciências e Tecnologias.

— Seguir o teu ADN, hein?

Benjamin conseguiu relaxar um pouco. Troquei olhares com ele, numa tentativa de lhe dizer indiretamente que estava tudo bem. Se ele não queria responder à minha pergunta é porque tinha motivos para o fazer. E para ser sincero, não me apetecia já ter problemas com a minha família nova.

O jantar continuou normalmente. Falámos sobre diversos assuntos aleatórios, que iam desde a minha vida em Lisboa (contei apenas os momentos mais cómicos e aqueles com os quais eles se podiam relacionar) até à infância do meu

pai, que pelos vistos também não foi muito agradável. Descobri também que a mãe de Greg se tinha divorciado de Benjamin há cerca de quatro anos, e que continuava a viver nos Estados Unidos, onde o meu meio-irmão tinha nascido.

Depois de o meu pai pagar o jantar, fomos para a fila que dava acesso à sala de cinema. O filme que iríamos ver era de ação e chamava-se "Resistente". Nunca tinha ouvido falar, mas pelos vistos era aclamado pela crítica. Contava com a participação de um elenco de luxo, mas sabia por experiência própria que isso não significava que o filme era bom.

A sala estava lotada. Assim que os créditos iniciais surgiram, ouviram-se os sons de pipocas a serem devoradas. As pessoas deixaram de falar para estarem atentas ao desenrolar da história.

Mas eu estava mais atento a outra coisa: ao facto de ter uma vontade enorme de "despejar o depósito" – tinha a bexiga tão cheia que parecia que ia rebentar nos próximos cinco minutos. Abri disfarçadamente o fecho das calças, para aliviar a pressão que estava a ser exercida contra a minha barriga. A vontade de urinar aumentou.

Bufei, sem saber o que fazer. Não queria levantar-me e dar a sensação de que o filme estava a ser aborrecido. "Isso são apenas coisas da tua cabeça," pensei.

— Está tudo bem? — perguntou o meu pai do nada.

— Sim. — E mostrei-lhe um pequeno sorriso.

Percebendo que ia ter que inventar uma desculpa qualquer para explicar as calças desapertadas, principalmente agora que estava a passar uma cena mais erótica, acabei por dizer a verdade.

Levantei-me, e assim que o fiz, ouvi logo pessoas a reclamarem ("Baixa-te!", "Sai da frente!", "Vou perder a melhor parte!"…). Demorei cerca de cinco minutos para conseguir sair da sala, já que metade das pessoas preferiam manter-se sentadas ao invés de me ceder passagem. Para ser sincero, o problema era delas, que se habilitavam a levar com um "bocadinho" de urina.

Mal entrei na casa de banho, baixei a parte frontal dos boxers e fiz o que tinha a fazer. Nunca me tinha sentido tão aliviado na minha vida. Com o serviço despachado, despejei a água do urinol e dirigi-me aos lavatórios. Enquanto esfregava as minhas mãos com o produto desinfetante, ouvi alguém a sair de um dos compartimentos. Essa pessoa veio até ao meu lado e repetiu os meus gestos.

Sacudi as mãos e olhei para o espelho. Estava com uma sensação estranha. Parecia estar a ser observado.

E estava. O rapaz que tinha acabado de sair do compartimento – cabelo castanho, olhos esverdeados e bem vestido –, fixava-me com uma intensidade assustadora. Voltei a olhar para o meu reflexo, procurando alguma anomalia. Não havia nada de errado.

Ele suspirou, amedrontado, e quando percebeu que eu não tinha noção do que se estava a passar, saiu a correr da casa de banho. Isso deixou-me ainda mais desconfortável do que estava antes de esvaziar a minha bexiga.

Passei mais um minuto a refletir no que se tinha passado. Olhei de novo para o espelho. Não havia nada de errado. Era apenas eu. Nada de aterrador.

— Mas que raio… — murmurei no caminho de volta para a sala de cinema. Ainda olhei duas vezes para trás, mas os corredores estavam vazios.

Demorei mais cinco minutos para ir ao encontro do meu pai e do meu irmão, sempre a tentar perceber o que se tinha passado na casa de banho. Olhava para o filme mas não via nada.

O meu pai disse alguma coisa. Encarei-o, e confirmei seja lá o que ele tivesse dito.

— Tens a certeza que estás bem? — voltou a perguntar.

Desta vez estava atento, e consegui dar uma resposta mais certeira. — Sim, não te preocupes.

— Ainda bem. — disse, concentrado no filme.

Apesar de me ter tentado abstrair daquele momento, era quase impossível. Havia algo de estranho no rapaz, e isso deixou-me empolgado. Ninguém olhava daquele jeito para as pessoas que não conhece. Escapara-me qualquer coisa.

“É tudo coisas da tua cabeça,” voltei a ouvir. É, talvez fosse. Deveria aproveitar para estar com a minha família e não pensar em coisas absurdas. A imaginação era algo da minha mãe, não minha. Deixemos isso como está.

DOIS

OS INTENSOS RAIOS DE SOL ATRAVESSARAM A JANELA E incidiram no meu rosto, acordando-me e impedindo-me de voltar a adormecer. Não tive outro remédio a não ser levantar-me e começar a preparar as coisas para o meu dia na escola nova.

Um calafrio percorreu o meu corpo quando as palavras “escola nova” eclodiram na minha mente.

Uma escola nova implicava novas regras, novos horários, novos professores. *Novos colegas*.

Não tinha a certeza se seria capaz de voltar a fazer amigos. Estava ciente da minha personalidade, e eram poucos os que conseguiam compreender-me. E mesmo aqueles que conseguiam, geralmente não agradavam à minha mãe por serem uma má influência.

Fitei o meu reflexo no espelho da casa de banho. *Tenho que ser forte. São só pessoas. E vão estar curiosas porque não te conhecem. E porque és filho do professor de Ciências.* O meu suspiro prolongado embaciou o espelho, e perante o meu reflexo turvado tive vontade de voltar para a cama. Mas não podia.

Desci para a cozinha, onde percebi que estava sozinho. Greg já me tinha avisado que saía quase sempre cedo, de forma a evitar trânsito e para poder estacionar o carro sem problemas.

O meu pai, por outro lado, não me tinha dito nada. Provavelmente teria tido uma emergência no trabalho ou qualquer coisa do género. Ainda assim, Benjamin foi gentil o suficiente para me deixar um papel com as instruções para chegar à escola. Eram instruções bem básicas, embora eficientes.

Papel na mão, mochila às costas — estava pronto para a minha caminhada matinal até à escola. Aproveitei o caminho para observar as redondezas, analisando com curiosidade cada árvore que se erguia perante mim, ouvindo o chilrear dos pássaros e o som de água corrente, provavelmente vindo do riacho que levava até à lagoa atrás de minha casa.

Um carro preto parou ao meu lado já estava eu quase a chegar à escola. A mulher, que devia ser pouco mais velha que o meu irmão, queria pedir-me informações para chegar ao centro da cidade, entregando-me um mapa para auxiliar no esclarecimento da dúvida dela.

— Desculpe, — disse, devolvendo-lhe o mapa — eu não sou daqui. Não a

posso ajudar.

A mulher olhou-me com alguma aversão. — Logo vi que sim. — Fechou o vidro, deixando-me para trás. Encolhi os ombros. Não havia nada que pudesse fazer para a ajudar.

Cheguei à Escola Secundária de Olimpo ainda a tempo. Os alunos passeavam nos corredores dos pequenos edifícios pintados de amarelo, levando com eles mochilas e sacos de ginástica. Estava tentado a perguntar a um deles se sabia onde era a minha sala, que estava escrita no impresso com o horário. Mas não queria socializar. Não agora. Era demasiado cedo. Não queria parecer o *socializável*. Optei por recorrer a um dos funcionários.

Já no corredor que antecedia à sala, vozes de todos os tipos ecoavam nas paredes amplas. Conversavam com entusiasmo, algo que gostaria de poder sentir naquele momento. A passo lento, entrei na sala.

As vozes começaram a perder a força, e não tardou muito até se fazer silêncio. Toda a turma fixou o olhar em *mim* – o ser estranho. Confuso e baralhado, só fui capaz de baixar a cabeça.

O objetivo é parecer forte, lembra-te disso, pensei para mim próprio. Inspirei a maior quantidade de ar possível e ergui o queixo, procurando um ponto para onde encarar com seriedade. No fundo da sala estava uma cadeira vazia, sem ninguém por perto. *O meu refúgio*.

Habituado a lidar com situações deste género em Lisboa, mesmo que fosse por motivos diferentes, já tinha um plano estipulado para me abstrair de todos olhares que caíam em cima de mim. Contar os passos geralmente resultava. Daquela vez, porém, não conseguia parar de reparar que não havia uma única pessoa que não estivesse atenta ao que eu fazia.

— É este o novo aluno? — Um rapaz perguntou a outro em tom de gozo — Não sabe onde se veio meter.

Limpei a garganta para mostrar o meu desagrado, apesar de ter soado mais como um sinal de vergonha.

— Como é que te chamas, cascabulho?

Afrontei o rapaz. — Desculpa?

— O teu nome. — Conseguia ver o sorriso malandro na cara do rapaz. Parecia duas vezes mais alto e mais forte do que eu, e não aparentava estar na minha faixa etária.

— Simão. — devolvi com coragem. Qual era o máximo que me podia acontecer?

— Simão, cara de… — Começou a pensar, semicerrando os olhos — Simão, cara de cocó de leão, um cocó grande e matulão.

Todos os seus amigos se riram da estupidez. Eu limitei-me a abanar a cabeça,

e quando percebi que mais ninguém tinha achado piada ao que ele tinha dito encolhi os ombros.

— Deixa-te disso, Fábio. — refutou um magricelas qualquer encostado no outro canto da sala. — Não és assim tão engraçado.

— E quem és tu para decidires isso? — Fábio levantou-se para se aproximar do seu interveniente. — Ainda não aprendeste a não te meteres com as pessoas erradas?

— Da última vez…

— Rodrigo, cala-te. — Uma rapariga, sentada perto de mim, abanou a cabeça ligeiramente aborrecida com a conversa. — Não vamos começar o ano desta maneira, certo?

Ambos se sentaram e o tema de conversa passou a ser a discussão entre eles. Fiquei aliviado ao ver que já não era o foco principal dentro da sala.

Um outro rapaz, que estava a duas mesas de mim no meu lado esquerdo, olhava-me quase que com pena. Tentou encorajar-me exibindo um sorriso. Não sabia como responder a tal atitude. Não queria que as pessoas achassem que era um alvo fácil.

Um homem baixo mas robusto entrou na sala instantes mais tarde. Apresentou-se como Roberto Coutinho e para além de ser o nosso professor de Química, era também o diretor de turma.

Falou de diversos assuntos clichés: as regras dentro da sala de aula, o respeito entre professor/aluno, a assiduidade, a participação – que ele considerava essencial para se alcançar bons resultados –, quais as principais diferenças entre o Ensino Secundário e o Básico, terminando a aula com o discurso de boas vindas.

Antes de sairmos ainda tivemos que preencher uma ficha com os nossos dados pessoais, para fins administrativos. Quando pensei que o professor Roberto me ia entregar a minha, ele simplesmente passou-me à frente.

Ergui o dedo no ar. — Professor?

Contemplou-me com alguma curiosidade. — Ah, sim! O teu pai já preencheu a tua ficha, não tens que te preocupar.

A rapariga que estava à minha frente tentou virar-se para trás sem que eu reparasse. Ergui ambas as mãos de maneira a que ela entendesse que não estava a perceber o porquê daquele olhar. Virou-se de novo para a frente.

— Caso tenham que alterar algum dado, podem ir à secretaria. As fichas vão lá estar o resto do ano. — O esperado “Podem sair” foi ouvido e abandonámos a sala de aula rapidamente. Uma das coisas que reparei foi no facto de já existirem alguns grupos de amigos formados – para além do gangue de rufias, como o intitulei. Isto talvez fosse dificultar ainda mais a minha integração na turma, já

que se toda a gente se conhecia então ninguém estaria interessado em tentar conversar comigo.

Sem ter bem a noção para onde ir a seguir, acabei por ficar apoiado a um dos cacifos do corredor. Verifiquei o telemóvel, com a expectativa de ter alguma mensagem da minha mãe, lembrando-me logo de seguida que ela tinha vendido o aparelho dela semanas antes.

Dei por mim a suspirar. Estava cansado desta nova vida. Por um lado, parte de mim sentia que pertencia a Olimpo; por outro, uma voz da minha cabeça bradava com todas as suas forças que só em Lisboa estaria seguro. Era difícil decidir qual dos dois tinha razão.

O melhor que tinha a fazer era esquecer isso tudo e pedir à voz que se calasse até chegar a casa, onde poderia deixar de fingir que era valente e corajoso o bastante para desafiar o rufia da minha turma. Então choraria a noite toda, pedindo que pudesse voltar a Lisboa o mais rapidamente possível.

Levantei a cabeça e coloquei um olhar severo na minha cara, permitindo às outras pessoas que vissem quem eu pretendia ser. No entanto, vendo que o rapaz da aula, aquele que me tinha sorrido, caminhava na minha direção, desfiz-me por completo.

— Olá — saudou-me — Tu és o filho do professor Benjamin Silva, não és?

— Chama-me Simão. — Tentei deixar bem claro que era esse o meu nome e que queria que me chamasse dessa forma.

— Eu sou o Tobias. — Estendeu a mão. — Somos da mesma turma e achei que quisesses conhecer melhor a escola.

Apertámos as mãos e mostrei um sorriso sincero. Tobias estava a ser simpático e não via nenhum motivo para não o ser também.

— Agradecia imenso — retorqui.

— Ótimo! Vamos lá começar, então!

Tobias apresentou-me em primeiro lugar os três blocos: o Bloco A era o dos Serviços Escolares, onde se situava a secretaria e a sala dos professores, para além do gabinete do Conselho Diretivo e a Biblioteca. Depois, indicou-me os Blocos B e C, onde estavam grande parte das salas de aula.

Assim que terminámos a visita guiada aos Blocos, fomos à Cantina. Ficava mesmo ao lado do Bloco B e abaixo do C, e era conectado a todos os três blocos por corredores cobertos. Era um sítio limpo e higiénico, embora o cheiro não fosse o mais agradável. Era compreensível, já que era lá que se cozinhava. Mesmo assim, esperava outro tipo de odores.

Um pouco mais longe do centro da escola ficava o complexo desportivo. À entrada existia um grande campo de futebol, que naquele momento estava a ser usado por alguns alunos mais velhos.

Fomos impedidos de entrar no pavilhão pelo funcionário, que justificou-se dizendo que só era permitida a entrada a alunos que estivessem em aula de Educação Física. Decidimos voltar para trás.

Sentámo-nos num banco a observar os alunos a passarem de um lado para o outro, atarefados, preocupados, confiantes, descontraídos e inibidos. Havia para todos os gostos.

— Isto é sempre assim? — expressei com curiosidade.

Tobias abanou a cabeça. — São os primeiros dias. Depois os *stresses* praticamente desaparecem.

A minha atenção focou-se numa rapariga extremamente atraente. Nunca na minha vida tinha visto uma miúda tão bonita – o cabelo era loiro e encaixava-se perfeitamente com os seus olhos azuis. O vestido branco salientava o seu corpo e isso deixava-me ainda mais ávido.

Lia um livro qualquer e sentava-se de forma graciosa em cima de uma mesa de madeira. Quando levantou o olhar, uma onda de gelo afetou-me. Quis evitar, mas não consegui. Os nossos olhares tocaram-se. A primeira reação foi espanto. Os olhos azuis eram penetrantes e impediam-me de continuar ciente da realidade. Fui mais abaixo um pouco e reparei nos seus lábios finos e elegantes que exibiam um sorriso.

A campainha soou e ao mesmo tempo despertei. Não tinha bem a certeza se aquilo tinha sido um sonho. Tobias estava à minha frente, tapando todos os ângulos de visão que me permitiam ver a donzela.

— Está na hora da aula. — interrompeu — Vamos?

Sem pensar duas vezes, peguei nas minhas coisas e começámos a caminhar. Não consegui resistir em olhar para trás. A rapariga continuava lá sentada, embora já não me contemplasse. A atenção dela recaía no livro.

— Vais adorar o professor. — Tobias disse enquanto me indicava o caminho para a sala. — O professor Giacobbe é dos melhores que já tivemos.

Fiquei admirado ao ouvir o nome. — Qual é a aula?

— Espanhol. — respondeu. — Foi meu professor desde o sétimo ano, e aprendi mais com ele nestes três anos do que alguma vez poderia ter aprendido.

— Hum… — murmurei, ainda a cogitar. — “Giacobbe” parece-me italiano.

— E é. — disse com firmeza. — Mas ele dá aulas de Espanhol.

— Porque é que não dá aulas de Italiano? Afinal de contas é a língua-mãe dele.

— Diz-me, quem é que está interessado em aprender Italiano? — Mantive-me em silêncio, tanto pela idiotice da pergunta de Tobias como pela falta de uma resposta rebatida. — Vês? Ninguém. O espanhol é bastante mais fácil. *E mais útil.*

Não quis argumentar. Falar português e falar castelhano era quase a mesma coisa. Concordava quanto ao facto de haver várias diferenças, mas mesmo assim estamos um passo à frente de outros falantes que queiram aprender a língua.

Ao entrar na sala deparámo-nos com um homem alto, com pouco mais de trinta anos. O tom de pele branco conjugava com o cabelo louro, cortado rente à sua cabeça. Ao avaliar o seu vestuário, podia dizer que o tal professor Giacobbe tinha um espírito jovem; usava uma t-shirt branca do *Flash*, e as calças de ganga já meias gastas davam-lhe um ar de versatilidade. Nos pés, trazia uns ténis *Vans* com um padrão quadriculado branco e preto. Sempre achara aquela marca demasiado "juvenil" para os adultos, mas no caso do professor Giacobbe achei que combinava.

Sorriu-nos quando nos viu. — *Hola, amigos*.

Tobias respondeu, eu dei um ar de riso. O espanhol não era o meu forte. Sentámo-nos na fila da frente, e esperámos que o resto da turma chegasse. Os rufias entraram a fazer uma quantidade inconcebível de barulho — mesmo assim, o professor não ficou incomodado. Saudou-os, e estes fizeram-no de volta, mais calmos e silenciosos. Era como se houvesse um sentimento de respeito mútuo.

Fez a contagem dos alunos, o dedo indicador a palmilhar a cabeça dos presentes. Ao perceber que estavam todos, fechou a porta e caminhou até ao centro da sala, exibindo, na forma de sorriso, os dentes brancos resplandecentes. Ouvi algumas raparigas suspirarem ao fundo da sala.

— Olá a todos. — A turma respondeu em coro às palavras proferidas com um notável sotaque italiano. — O meu nome é Giacobbe Leone, e vou ser o vosso professor de Espanhol nos próximos dois anos. Alguns de vocês já me conhecem, e eu já conheço alguns de vocês, — Apontou para certas pessoas, incluindo Tobias. — e portanto, acho que sabem mais ou menos como funcionam as minhas aulas. Não sou rígido, e não tenho o costume de ser rabugento.

Tobias concordou com a cabeça, assim como mais de metade da turma. Nunca tinha visto um professor ser tão popular entre os alunos.

— Nesta aula vamos só fazer a apresentação, está bem? Não vos quero maçar logo no vosso primeiro dia de aulas. Podemos começar por ti, Leandra.

Leandra apresentou-se. O professor fez-lhe mais algumas perguntas, tais como qual a profissão que gostaria de seguir no futuro e o porquê de ter escolhido o espanhol como língua de aprendizagem, e ao fim de cinco minutos de conversa avançou. Enquanto falava, exibia um sorriso que deixava qualquer um bem-disposto, e até eu já me sentia bem por nem todos os professores serem demasiado formais.

Falou com quatro pessoas, sempre a variar as perguntas e a mostrar-se interessado no que elas diziam, até que chegou a minha vez. — E tu és…?

— Simão. — respondi, deixando escapar um tom de voz mais amigável.

Observou-me por alguns segundos até recomeçar a conversa. — Nunca te vi por aí, Simão. És novo na escola?

— Vim de Lisboa.

— Lisboa? — Parecia verdadeiramente espantado com a minha resposta. — Isso é um pouco longe, não é?

Todos se riram, incluindo eu. — Um pouquinho, sim.

Aproveitou esse momento para olhar para uma folha que tinha na mão. Ao voltar a erguer o rosto, os olhos castanhos do professor sombrearam-me. Era como se, de repente, deixasse cair toda a alegria ao chão e esta se quebrasse em mil pedaços. Não estava a perceber porquê.

— Simão Silva, não é verdade?

Continuava a sorrir, mesmo tendo noção de que algo estava errado. — Sim, sou eu mesmo.

— Silva. — Fez uma careta e fitou-me. — Não é um nome que me agrade muito.

Engoli em seco ao pensar na revelação que estava prestes a fazer. — Sou filho do…

Mas não me deixou continuar. — Eu sei de quem és filho, Simão. Não esperes que isso te traga alguma vantagem. Só porque o teu pai é o Benjamin não quer dizer que estejas apto a ser melhor que qualquer um dos teus colegas.

Espera, o quê? — Não era isso que queria dizer…

— Como queiras. Aqui dentro não vais ser mais que ninguém, estamos entendidos?

Permaneci em silêncio, observando o sorriso a voltar aos seus lábios enquanto falava com Tobias.

Não queria acreditar que o único professor do qual gostava realmente me tinha começado a odiar, mesmo sem eu ter feito nada. Olhava para ele e não conseguia perceber o que é que poderia ter levado a que ele tivesse dito aquilo. Era confuso.

— O professor Giacobbe não é tão simpático quanto parecesse. — disse no final da aula, quando todos estavam a arrumar as coisas, incluindo o professor. Certifiquei-me que o próprio ouvia aquilo.

Tobias encolheu os ombros. — Se calhar o teu pai fez-lhe alguma coisa que ele não gostou.

— Isso é estranho. — segredei. Ben não me parecia aquele tipo de pessoas que arranjava inimigos. Será que estava errado?

Antes de sair da sala, lancei um olhar carregado de dúvidas ao professor. Retribuiu-me com mais rancor ainda, dando-me vontade de lhe rebentar com a cara. Não o fiz, como é óbvio. Ben merecia muito mais que isso.

Por falar nisso, um dos pontos positivos do dia foi não encontrar o meu pai. Queria evitar ao máximo encontros no local de trabalho dele. Se as pessoas já me identificavam como o filho do professor Benjamin Silva, estar com ele na escola ainda iria piorar a situação.

E fiquei mais feliz quando soube que seria o meu irmão a vir buscar-me. Ao ver a mensagem de texto que Greg me mandara senti uma espécie de satisfação. Não estou a dizer que não gostava do meu pai, mas estar com ele na escola (e dadas as circunstâncias já referidas) deixava-me desconfortável. Era quase como se estivesse a invadir a sua vida profissional, algo que não queria de todo.

A aula que se seguiu foi Matemática, e logo que esta acabou, Tobias teve que ir a correr para o autocarro. Só lhe restavam dois minutos e a paragem ainda ficava a alguma distância da escola. Não tivemos tempo para despedidas. Agarrou nas suas coisas e saiu da sala, dizendo um rápido “Até amanhã!”.

Sem nada para fazer, sentei-me num banco de pedra no exterior da escola. Como ainda faltava algum tempo até o meu irmão chegar, optei por resolver uns problemas de Matemática que a professora Gisela tinha marcado como trabalho de casa. Quando terminei os três primeiros exercícios, dei por mim a desenhar homens de palito no canto da folha do manual.

Ao mesmo tempo que vi passar um Range Rover Evoque branco, o vento levou a folha das minhas mãos. O desejo de insultar o condutor foi substituído pela intriga. A rapariga do jardim caminhava em direção ao jipe. Os seus passos comparavam-se aos dos felinos, lentos mas elegantes. Trazia uma mochila às costas, que se apressou a tirar para meter dentro do veículo. Ao contrário do que esperava, a jovem não entrou no Range Rover. Encostou-se a ele, e esperou que saísse uma figura masculina do interior do jipe.

Alto e magro, usava óculos escuros e vestia uma camisa de manga curta cinzenta, que fazia par com as calças de ganga castanhas. A cabeça estava protegida pelo capuz da camisa, impedindo que se visse o seu rosto.

O rapaz foi ter com a jovem, e os dois começaram a falar. Não conseguia entender qual o assunto, mas a verdade é que estava interessado.

Serão namorados? Essa ideia não me agradava de todo. Perderia qualquer hipótese – leia-se coragem – de conseguir falar com ela. Pela aparência não se assemelhavam a irmãos, mas podiam perfeitamente ser primos. Ou até amigos. Ou, quem sabe, um amigo de um possível irmão dela…

Olhei para o meu lado e vi um Hyundai HB20 branco a aproximar-se. Inicialmente não estava a ver quem era, até que o condutor baixou o vidro.

— Vamos? — Greg perguntou.

Agarrei nas minhas coisas e entrei no carro. Greg iniciou a marcha, e quando estávamos a passar pelo jipe, a figura masculina retirou os óculos de sol e fixou o olhar em mim. Percebi, então, que se tratava do mesmo rapaz que tinha visto na casa de banho do cinema, na noite anterior. Aquele que tinha olhado para mim de um modo estranho.

E que continuava a olhar.

A primeira reação foi quebrar o contato visual. Fiz os meus olhos cruzarem-se com os da jovem. Estava estática, sem exibir o mesmo sorriso de há algumas horas atrás.

— Está tudo bem?

Olhei para Greg. — Sim, está tudo ótimo! — Sorri para comprovar a minha resposta. Não o convenci.

— Conheces aqueles dois?

Abanei a cabeça. — E tu?

— O rapaz andou cá na escola no meu tempo. Acho que se chamava Marco.

— E a rapariga? Também andava cá? — perguntei, desajeitado.

— Não, nunca a vi por aqui. — Greg fez uma pequena pausa — Tens a certeza que está tudo *ótimo*?

— Por que razão não estaria?

— Sei lá, pareces tenso. — concluiu.

Encolhi os ombros, desvalorizando a afirmação. — Deve ser das aulas. — Dei uma gargalhada abafada — É o primeiro dia e já estou cansado.

Greg olhou para a minha resposta com uma abordagem mais séria. — É normal. Ontem tiveste uma viagem longa, não descansaste quase nada. Quando entrares na rotina isso passa.

— Espero bem que sim. — declarei com um suspiro.

Entrar na rotina, no meu ponto de vista, significava aprender a viver sem a minha mãe por perto. Estava agora nas mãos de dois desconhecidos, que apesar disso, tinha que ver como se fossem a minha única esperança. De facto, sem eles estaria perdido nesta pequena localidade. Mas por outro lado, sem eles continuaria a estar onde mais queria – junto de Anabela Santos, a mãe desajeitada que se matava para me dar o essencial.

— E o teu dia, como é que correu? — perguntei para evitar pensar mais naquele assunto.

Greg lá me explicou o que fez na universidade. Mostrei interesse em todas as suas atividades, de modo a não exibir a tristeza que sentia – mesmo que não estivesse a ouvir uma única palavra. Porém, ao fim de algum tempo, lá consegui entrar no seu mundo e esquecer os meus problemas.

TRÊS

GREG SAIU AO FINAL DA TARDE, EXPLICANDO QUE IA estudar com alguns amigos para o centro de Braga. Segundo o meu pai, Greg concentrava-se mais quando estava acompanhado do que em casa, fechado no quarto. Já Benjamin tinha outros planos. Passara a tarde no sofá da sala, ocupando tudo ao seu redor com papéis relacionados com a escola e uma caixa de metal com bolachas de manteiga. O único espaço que havia para mim era um dos cadeirões floridos.

— Vocês não têm férias?

— Duas semanas. — ele disse — Mas o início do ano é sempre assim, cheio de trabalho e confusão. É pior parte de ser professor.

— É essa a pior parte? Sempre pensei que fosse ter que aturar os filhos dos outros.

— Pessoalmente nunca tive problemas com nenhum aluno. Acho que em Olimpo é tudo boa gente. Nascem com um ADN puro.

— Então gostas do que fazes? — perguntei.

— Não te vou mentir, eu não *amo*. — Parou o que estava a fazer para olhar para mim. — Mas também não odeio.

— Meio-termo?

Balançou a cabeça, hesitante. — Sim. Podemos dizer isso. — Fez uma breve pausa, levando à boca uma bolacha de manteiga — E o teu dia, correu bem?

Quis perguntar-lhe qual era a sua relação com o professor Giacobbe. Se havia alguma coisa entre eles que me pudesse prejudicar, era justo pelo menos saber do que se tratava. Preferi remeter-me ao silêncio. — Não podia ter corrido melhor.

— Ainda bem. — afirmou o meu pai. — Também tive a oportunidade de falar com o teu diretor de turma e pedi-lhe que ficasse atento.

A maçã caiu-me das mãos. — Atento a quê?

— A ti.

Fiquei surpreendido com 1) a maneira como ele disse aquilo, tão tranquilo e sem sequer olhar para mim, e com 2) o facto de ter os professores de olho em mim.

Era disto mesmo que tinha medo. De as pessoas pensarem que tinha algum proveito por ser filho de quem era. Nunca tinha sido um excelente aluno, mas também não usava recursos extracurriculares para alcançar bons resultados. Não queria que isso mudasse; não agora que *eu* queria mudar. E a aula de Espanhol

ainda me deixara com mais certezas em relação a isso.

— Pai…

— Não fiques preocupado. — disse. — Ele só vai estar mais atento às tuas notas e ao teu desempenho em geral.

— Eu consigo fazer isto sozinho. Não quero que te preocupes com o meu trabalho quando já estás muito ocupado com o teu.

— Não estou a dizer o contrário. Sei que esta mudança exigiu muito de ti, e preciso de me certificar que estás a ser bem acompanhado. Só assim vou ficar descansado.

— Há outras formas de…

— Não vale a pena tentares mudar a minha opinião. O Greg fez o mesmo comigo.

— E não resultou. — concluí com um suspiro. — Podemos pelo menos discutir os termos?

A minha proposta fê-lo sorrir. — Os termos?

— Desse teu pedido. Ao menos deixa-me esclarecer alguns pontos…

O toque do telemóvel do meu pai interrompeu-me. Fez uma cara feia. — Tenho mesmo que atender.

Acenei com a cabeça, encorajando-o a fazê-lo. Levantou-se do sofá e foi até ao *hall* de entrada, onde eu já não o podia ouvir.

Ainda sentado no cadeirão, cruzei os dedos atrás do pescoço e inclinei a cabeça para trás, encarando o teto branco. Queria ligar à minha mãe. Dizer-lhe que tinha saudades de ser livre. Não era a este mundo que eu pertencia. O Simão Santos que outrora tinha sido nunca poderia descender de um professor — estes, regra geral, eram meus inimigos. Olhavam para mim com desconfiança e indignação. Era rebelde e mal-educado.

Agora o meu nome era Simão Santos *Silva*, e o apelido acarretava responsabilidades. Não podia ser mau, não podia sequer pensar no que tinha feito noutros tempos. Eu queria mudar. Esta era a minha oportunidade.

— Vou ter que sair. — O meu pai tinha regressado. Começou a arrumar para dentro de uma mochila os papéis espalhados pela sala.

— Está tudo bem?

— Problemas na escola. Parece que uma turma está insatisfeita com o horário atribuído. — Pronto a sair, Ben ainda foi ligar o forno para aquecer uma *pizza* para mim. — Ficas bem?

Voltei a acenar com a cabeça.

— De qualquer das formas, o Greg deve chegar daqui a algumas horas. Se quiseres usar o leitor de DVD estás à vontade. — Guardou uma banana na mochila. — Até logo.

A porta bateu e só o som do televisor fazia a sala parecer menos vazia. Estava mais uma vez sozinho.

Como ainda faltavam cerca de vinte minutos até à minha refeição estar no ponto subi para o quarto. Liguei o computador, e entrei no meu perfil do Facebook. Tinha três pedidos de amizade: um de Tobias, outro de Greg e um pedido de uma tal Marina Ribeiro.

Apenas três pedidos.

Se uma parte de mim estava frustrada por ter recebido uma miséria de números de pedidos de amizade, a outra estava desiludida por não ver nenhum pedido da rapariga de branco e do seu amigo *adorável*.

Decidido a descobrir um pouco mais sobre eles, fui até à barra de pesquisa do Facebook e digitei Marco – uma das poucas pistas que tinha. eOs primeiros resultados foram inconclusivos.

Filtrei a pesquisa; no campo de estudos escrevi *Escola Secundária de Olimpo* – outra pista que acabei por deduzir pela conversa com Greg.

Nada. Nem um único perfil.

— Quem são vocês? — murmurei.

Retrocedi na pesquisa. Ainda revi os resultados da primeira busca, mas cheguei à mesma conclusão que anteriormente.

Não, não, não. O que é que estás a fazer?!

Não precisava daquilo. Não tinha interesse em meter-me em encrencas. A minha dose em Lisboa tinha-me chegado para a eternidade e mais além. Tal como já tinha dito, eram só coisas da minha cabeça. O rapaz estava a olhar para mim com uma expressão estranha por mera coincidência.

Atirei-me ao chão e fiz um *set* de trinta flexões. Os músculos estavam bem presos no início, e demoraram algum tempo até que me sentisse confortável a elevar o corpo sobre o meu próprio peso. Terminei mesmo a tempo de ouvir a campainha do forno soar. A minha pequena refeição estava pronta. Honestamente, a fome era pouca. Queria exercitar-me, fazer mais algumas flexões e dois ou três *sets* de abdominais. Fazia-me falta.

Contudo, também não achava justo desperdiçar comida; por várias vezes desejara ter alguma coisa para me sustentar, e agora que tinha, ia deitá-la fora. E o que pensaria o meu pai se chegasse a casa e visse a *pizza* intacta no forno? Será que acharia que me estava a borrifar para ele?

Desliguei o computador e desci até à cozinha. Para minha surpresa, o forno continuava ligado e a aquecer a minha *pizza*. A campainha da porta de entrada tocou.

Quem será? Ainda pensei em fingir que não estava ninguém em casa, mas já tinha dado sinais de vida ao ligar a luz da sala.

O meu visitante pressionava incessantemente o botão da campainha. Decidido, desliguei o forno e fui abrir. Quando olhei para cima, encarei olhos nos olhos, literalmente, o rapaz. Aquele que tinha visto na casa de banho do cinema e na entrada da escola com a rapariga de branco.

Não tinha sido impressão minha. Ele estava a seguir-me, de facto. Não havia sinais que o Marco estava ali para me fazer mal, ele até me parecia estar sóbrio, só que tinha um zumbido na cabeça que dizia que o melhor era prevenir-me.

Vou ligar ao meu pai. Não, isso é uma má ideia. Não o vou preocupar por uma coisa que pode até não fazer sentido.

Greg. É isso, ele não se vai importar de passar por cá para me dar uma mãozinha. Não é que não seja capaz de dar cabo deste tipo, só não quero parecer um bandalho perante os olhos da sociedade olimpiana.

Procurei o meu telemóvel com discrição. Não estava no bolso. Nem no da frente, nem no de trás. Comecei a pensar onde o poderia ter deixado e… merda, tinha-o deixado no quarto.

— Boa noite. — cumprimentou. A sua voz era aguda, porém, grave o suficiente para mostrar que pertencia a uma pessoa do sexo masculino.

Esperei pelo desenvolvimento. Nada.

— Precisas de alguma coisa?

Estendeu a mão. — O meu nome é Miguel Bacelar e gostava de falar contigo. Se possível, agora mesmo.

Miguel. Então é esse o teu nome.

— E posso saber qual o assunto? — questionei. Esperava um pedido de desculpas, afinal de contas, ele tinha-me perseguido nos últimos dois dias (talvez estivesse a usar a expressão errada, mas sinceramente aquele rapaz era um tormento na minha curta estadia em Olimpo).

Apontou para o exterior, apertando os lábios com tensão. Por cima do seu ombro, vi o alvejante Range Rover Evoque estacionado na entrada da casa de Ben. — Podemos falar no meu carro?

A minha vontade foi fechar a porta. Ou talvez soqueá-lo. — Desculpa?

— Perdoa-me por ser tão direto, — explicou — mas é algo do teu interesse.

Não estava a gostar do tema daquela conversa. O que é que ele queria dizer com aquilo? — E tens de falar comigo dentro do carro? Como deves calcular, não tenho o costume de entrar em veículos de estranhos. Aliás, isso é senso-comum.

— Entendo. — declarou, sereno — Ainda assim, insisto que venhas comigo.

Agora sim, a conversa estava a entrar em caminhos bastante estranhos. *Insistir que fosse com ele?* Era um absurdo!

— Estou ocupado. — disse enquanto fechava a porta — Se quiseres, amanhã

de manhã estou na escola e…

A mão dele empurrou a porta para trás. O olhar simpático transformou-se numa expressão agressiva. O meu coração ameaçava saltar do peito, as mãos perderam a força.

— Vem comigo. — Agarrou-me no braço.

— Larga-me! Não vou a lado nenhum! Deixa-me!

Procurei soltar-me, mas Miguel apertou o braço com mais força. Não tardou muito até que ele me tivesse fora de casa. Arrastou-me até ao jipe, e abriu a porta do passageiro, lutando para me enfiar lá dentro.

— O que é que estás a fazer?! Deixa-me em paz!

— O teu pai e o teu irmão correm perigo de vida. — A voz de pânico conseguiu assustar-me.

Embora cheio de pavor, ainda tive coragem para me rir. Não fazia sentido. Tinha acabado de estar com o meu pai, e estava tudo bem! — Podias arranjar uma desculpa melhor. Agora diz-me a verdade.

— O teu pai… — Deixou de respirar. Os olhos ficaram meio-abertos, em busca de alguma coisa. Tentei decifrar o que é que ia na cabeça de Miguel, sem chegar a qualquer conclusão. Olhou ao seu redor, preocupado, e continuou com o discurso. — Não te posso contar.

— Claro que não. — murmurei, abanando a cabeça. — *Não se passa nada*.

Bateu com a mão no tejadilho do jipe. O estrondo eriçou os pelos nas minhas costas. — Então por que motivo eu iria querer levar-te comigo? Para me divertir?!

— Não sei, talvez para me raptares — Soei perentório o suficiente para o fazer enrugar as dobras da testa.

— É essa a tua teoria?

— Dizem que se ganham uns bons trocos.

Deu uma gargalhada séria. — Não devias acreditar em tudo o que a internet diz.

Soou como se estivesse dentro do assunto. Isso deixou-me muito preocupado, pois no fundo não pensava que ele me iria raptar. Foi só uma maneira de falar. Mas agora que ele dizia aquilo, deixava-me entre a espada e a parede.

Os olhos de Miguel penetraram as árvores ao redor da casa. — Vamos.

— Não. — disse com convicção. — Não saio com desconhecidos.

— Sou o Miguel Bacelar. — estendeu a mão, ironicamente. — É um gosto conhecer-te. Agora podemos ir?

Se por um lado não confiava nele, por outro sentia que Miguel estava a ser honesto comigo. Por que razão ele haveria de estar a mentir? Tudo bem que não o conhecia, mas também não me parecia ser má pessoa – sim, eu sei que as

aparências enganam, contudo, os meus instintos diziam que estava mais seguro com ele do que em casa, sozinho, a esta hora da noite.

Havia apenas um problema. E a noite passada? E aquela troca de olhares na escola? Esses momentos específicos tinham-me deixado muito perturbado. Era uma sensação de desconforto enorme só de voltar a pensar neles.

Voltei à realidade. Já não havia nada a fazer, Miguel já tinha fechado a porta de minha casa e preparava-se para arrancar.

— Espera! — gritei — Não podemos sair daqui! O Ben…

— O teu pai não volta tão cedo.

Lancei um olhar sobressaltado. — Era suposto ficar mais calmo?

Refletiu nas palavras dele. — Não é isso que estás a pensar.

— Eu nem sequer sei o que pensar.

— Ainda bem. Uma mente inocente atrapalha-me menos.

— Estás a raptar-me?

— Não sei onde foste buscar essa ideia. Chamemos-lhe antes um salvamento.

— Para de dizer isso! Não me estás a salvar, estás a *sequestrar-me*!

— Define sequestro. "Sequestro" é…?

Parei para pensar por alguns segundos. — "Sequestro" é tirares-me a liberdade, obrigares-me a fazer coisas que não quero.

— Estás à vontade para sair do carro. — disse Miguel, acelerando ainda mais.

Mesmo que quisesse sair agora, acabaria morto. As estradas vazias permitiam a Miguel que conduzisse o seu veículo a alta velocidade, e saltar seria uma opção de doidos.

Através do vidro, consegui ver que estávamos fora de Olimpo. Os prédios enormes cercados por passeios de cimento destacavam-se, iluminados por um amarelo-torrado que as luzes de rua emitiam.

— Posso, pelo menos, saber o que é que tens contra mim?

— Se eu tivesse alguma coisa contra ti, podes ter a certeza que não estarias aqui neste preciso momento.

— Então o que é que se passou ontem, no cinema?

— Quando olhei para ti tive um *déjà-vu*.

— Um *déjà-vu*? É isso que me vais dizer? Já ouvi desculpas melhores.

Suspirou. — Pensei que te viesse achar deveras interessante. És um pouco fútil.

— *Estás a abusar*. — ronquei, apertando o punho.

— Fútil no sentido de não entenderes as minhas palavras. — retificou.

— Isso significa que *déjà-vu* tinha outro sentido?

— E "as minhas palavras" também. — disse com um sorriso sarcástico.

— Não sou muito bom com metáforas. Mais um motivo para começares a

falar como pessoas normais.

— Isso faria de mim, como se diz? Ah! *Mainstream*.

— Eu só quero que comuniques comigo de uma forma normal.

— Vou tentar.

Navegámos pela escuridão da cidade cerca de meia hora. Consegui ver coisas nas estreitas ruas bracarenses do qual pensei que me tinha visto livre. Os mendigos dormiam nas soleiras das portas, espelhando Lisboa. Isso deixava-me com pena. Representavam o lado negro de Braga. Não era só luz que lá existia, e isso acabou por destruir um pouco o meu imaginário.

Nos últimos tempos associava Braga a coisas positivas; era lá que estava o meu pai, parte das minhas origens. Era lá que iria passar o resto da minha adolescência, fase que experientes consideravam crítica para o desenvolvimento do ser humano. A minha identidade dependia das minhas vivências, eram elas que iriam tatuar a minha personalidade.

A placa branca com "Braga" gravado em preto indicava-nos que estávamos já fora da cidade. Isso deixou-me preocupado. Para onde iria Miguel levar-me?

Não iria ficar ali para descobrir. Sem pensar duas vezes, agarrei o puxador e forcei-o para abrir a porta. No mesmo instante que fiz isso, o carro travou, deslizando na autoestrada como se estivesse sobre gelo.

— O que é que estás a fazer?! — Miguel estava já no exterior, mesmo ao meu lado. — Queres acabar com a tua vida?!

— Quero voltar para casa.

O meu pedido não o afetou de modo algum. — Não te vou fazer mal, prometo-te.

Rondou a frente do carro para entrar no lugar do condutor. Nesse mesmo momento, reparei que havia uma sombra atrás de nós. O contorno do corpo era claramente feminino, apesar de todos os detalhes do rosto estarem escondidos pela falta de luz.

— Quem é aquela? — perguntei. A sombra estava a caminhar na nossa direção.

Miguel olhou pelo retrovisor. — Não está ali ninguém.

Verifiquei de novo. Ele tinha razão, a mulher havia desaparecido.

— Estou a ficar louco… — segredei para dentro de mim.

Miguel gargalhou de modo abafado, algo que me admirou. — Bem-vindo a Olimpo.

O carro arrancou de novo, agora a uma velocidade maior e com o sistema de segurança das portas ativado. A partir dali, não fui capaz de olhar para mais lado nenhum. Só desejava que tudo aquilo não passasse de um pesadelo. Tive a prova que não o era, porém, quando o carro estacionou em frente a um edifício velho.

A hera ascendia as paredes devastadas, e permanecia oculta na negrura da noite. Por entre as folhas consegui ver vestígios de letras que me permitiram deduzir que o pequeno estabelecimento se dava pelo nome de “Motel Bom Jesus”. Não é que estivesse a planear voltar àquele local, mas a curiosidade era minha por natureza.

— Aqui vamos ficar seguros. — disse o meu raptor ao sairmos do carro.

Antes de nos dirigirmos a onde quer que Miguel estivesse a pensar levar-me, foi ao porta-bagagens e tirou algumas velas brancas. Nem me atrevi a perguntar para o que é que ele as queria.

Fomos até à entrada do motel, eu ainda reticente em relação a tudo aquilo. Miguel enfiou um gancho de cabelo na porta.

— Isso é legal?

— Este prédio deixou de ser propriedade privada faz muito tempo. Dentro de duas semanas, será demolido para dar lugar a mais um *centro comercial*. — Miguel deu uma conotação negativa a estas últimas palavras.

A porta abriu-se com um *trick* e deslizou para o interior do motel. Não conseguia ver nada lá para dentro.

Indicou-me o caminho com a cabeça. — Entra.

Verificou que não estava lá mais ninguém antes de bater com a porta. Não sei como o conseguiu fazer, o local estava completamente escuro. Apenas quando ele acendeu as velas é que consegui perceber onde me encontrava. Aparentava ser a receção do tal motel, com uma secretária já danificada a ocupar grande parte do espaço. No chão, havia vestígios de vida animal. Sacas com comida estragada enchiam a sala com um cheiro deplorável. Era nojento olhar com detalhe para o espaço, pois a cada passo encontrava-se fezes de rato ou outras coisas do género.

Não demorou muito tempo até ouvir um guinchar animal, seguido de um movimento dentro da secretária. Nem nos demos ao trabalho de abrir a gaveta para descobrir o que era. A curiosidade até podia ser minha, no entanto, havia casos em que a guardava para mais tarde.

Miguel colocou a última vela em cima da secretária, com cuidado para que nenhum rato o apanhasse de surpresa. — Estás bem?

— Acabaste de me tirar de casa sem sequer me dares uma justificação. Como é que achas que estou?

— A salvo. — Tapou o nariz. O cheiro era mesmo nauseoso.

— A salvo do quê? De quem?

— Há coisas que não vale a pena saberes.

Bati o punho no tampo da secretária, apesar de já ter contado com aquela resposta. — Tens noção que vou sair daqui e vou direto à polícia, não tens?

— Não farias isso. Primeiro, não tens coragem—

— Testa-me.

— E segundo, — continuou, ignorando-me. — não te queres envolver neste tipo de agruras agora que estás com o teu pai biológico.

Tive que fazer força para segurar o meu queixo. — Como é que…? Isso são tretas.

Não eram. Foi isso que me fez permanecer em silêncio. Ele sabia jogar comigo, conhecia a minha personalidade. Miguel era aquele tipo de pessoa que me entendia e que me metia em problemas. O mesmo tipo de pessoa que a minha mãe recusava ter em casa numa sexta-feira à noite, quando decidia levar para lá os meus amigos.

Tanto eu como Miguel ficámos parados quando ouvimos alguém a bater na madeira da porta. O som foi abafado quando eu recuei três passos, encostando-me na parede (a minha mão ficou cheia de uma viscosidade amarela; nem me arrisquei a pensar no que aquilo era).

Aproximou-se lentamente, e encostou o ouvido à madeira, com cuidado para não haver contacto entre ambos.

— Sou eu. — alguém respondeu do outro lado. — Podes abrir, se fazes o favor?

Um suspiro de alívio abandonou a boca de Miguel, e ele fez o que lhe pediram.

O espanto tomou conta de mim. A rapariga de branco adentrou-se na escuridão do motel, o mesmo onde estava a ser feito refém. Desta vez usava um blusão castanho sobre uma camisola branca, e uns *jeans* pretos que salientavam as suas pernas. Como uma cereja no topo do bolo, umas botas cinzentas davam-lhe um ar selvagem. Eu, pessoalmente, apreciava aquele estilo.

Começou por torcer o nariz. Aquele cheiro dava cabo de qualquer pessoa, não se abrindo exceções para raparigas com um alto nível de perfeição. Os olhos dela cruzaram os meus – sem a mesma intensidade da nossa troca de olhares na escola. Um pequeno sorriso de ambas as partes.

— Conseguiste…? — Miguel interrompeu.

— Sim, eu acho que a despistei. — Olhou de novo para mim, estendendo-me a mão. — Sou a Eva.

Numa outra ocasião apertar-lha-ia sem qualquer problema. No entanto, o meu estado de espírito não me permitia esse luxo. — O que é que se passa?! Porque é que tivemos que vir para aqui?! O meu pai está bem?

— O teu pai? — Eva admirou-se. Os seus olhos pararam em cima de Miguel. Este simplesmente encolheu os ombros, um gesto que não entendi. Será que tinha mentido? Talvez não houvesse qualquer problema com o meu pai. Mas

como poderia ter a certeza quando ninguém me dizia nada sobre o que se passava?

Miguel apagou uma das velas com um sopro. — Se está tudo bem, não há nenhuma razão que te prenda aqui. — declarou — Podemos partir, se quiseres.

— Estás a gozar, certo? — Não consegui encontrar o tom de voz perfeito para mostrar o que ia dentro de mim. Não estava incrédulo nem irritado. Era uma amálgama de ambos. — Acabámos de chegar!

— Pensei que querias ir para casa.

— *O que eu quero* é explicações. *Agora*.

Sem dizer mais nada, Miguel abriu a porta de madeira. A luz do exterior desenhou sombras estranhas nas paredes da receção, demarcando a forma da secretária em cima de um ponto obscuro que pertencia a uma lata. O contorno de Eva moveu-se para junto de Miguel. Segui-os.

— Fala. — Fiz um esforço enorme para expressar a minha raiva.

— Direi tudo o que quiseres. Entra. — Sugeriu a porta do passageiro com o dedo indicador. — Até chegares a casa temos muito tempo.

— Mais uma ordem? Quem é que tu julgas que és?

— Não me disseste que ele era tão *drama queen*. — Eva apoiou-se sobre a porta de trás do Range Rover, mirando-me com desdês.

— Há coisas que nem eu posso saber.

— *Drama queen*? — Cessei de imediato a conversa entre os dois. — Falam aqueles que me raptaram sem motivo aparente.

Miguel prendeu-me os braços. Os olhos dele invadiram um espaço na minha consciência que desconhecia ter, e com uma solene declaração, obteve aquilo que queria. — Faz o que eu mando, de uma vez por todas. *Entra no carro*.

Estremeci quando acabou de falar. — O quê?

— Entra no carro.

Só fiz o que ele mandara porque estava farto de estar ali. De facto, passei o caminho todo a exigir explicações. Miguel nem se deu ao trabalho de me olhar nos olhos — ficou calado durante toda a viagem, focando-se na estrada e nada mais.

Parou em frente a minha casa. A primeira coisa que fiz foi verificar se estava lá mais algum carro. Nada. O que significava que nem o meu pai, nem o meu irmão tinham chegado – *ainda*.

Miguel permanecia de cabeça em baixo, lábios cerrados e olhos dilatados.

— Quando quiseres falar avisa. — disse, cáustico. — Sabes onde fica a minha casa.

Bati a porta com força e corri até ao alpendre. Quando entrei em casa, já o Range Rover tinha desaparecido. A minha primeira reação foi sentar-me no sofá

da sala, levando as mãos até à cara.

O que é que eu acabei de fazer? Entrara no carro de um estranho, sem um motivo justificável, e fora com ele até a um sítio completamente abandonado. Se a minha mãe soubesse disto estaria a condenar-me. Provavelmente exigiria o meu retorno para Lisboa. E pela primeira vez sentia que um castigo valia bem a pena.

Só estava em Braga há dois dias e já havia um vazio dentro de mim. *Tenho que esquecer isto*, convenci-me. *Agora vivo em Braga, e é aqui que pertenço.* E do nada, o único vazio que tinha era o estômago. Fui até ao forno, onde continuava a *pizza*. Apesar de fria, mantinha o seu sabor original. Duas fatias foram o suficiente para me satisfazer.

Alimentado e de banho tomado, decidi deitar-me. Talvez o sono me fizesse acordar para a realidade.

Talvez.

QUATRO

UM, DOIS, TRÊS. UM, DOIS, TRÊS. UM, DOIS, TRÊS.

Os meus passos ecoavam nas ruas vazias de Olimpo, o fundo perfeito para uma corrida matinal. Por entre os galhos das altas árvores vestidas de folhas verdes, conseguia ver os primeiros raios de sol a eclodir contra as luzes públicas ainda ligadas, dando ao local uma sensação de abandono. Era como se estivesse num futuro distópico.

Um, dois, três. Um, dois, três. Um, dois, três. Não posso parar.

Arfava como nunca tinha arfado antes, quando ia correr todas as manhãs pelas ruas de Lisboa. Talvez sentisse falta do cheiro dos pastéis de Belém, quentinhos, acabados de sair. Ou talvez a vista do rio Tejo, sempre ao meu lado quando corria no Parque das Nações, me desse uma motivação extra para chegar à meta. Ou então o meu corpo não tinha descansado o suficiente. Era notório. Passara a noite inteira a pensar no rapto, mesmo que esse não fosse o termo mais apropriado. Para ser honesto, a situação tinha sido estranha o suficiente para sequer ser nomeada.

Um, dois, três. Vamos!

Já não me lembrava da última vez que tinha ficado ofegante após apenas vinte minutos de corrida. Nunca tinha acontecido. Estava habituado a deitar-me cedo para conseguir descansar pelo menos oito horas, e então, de manhã, acordava com energia suficiente para correr cinco a seis quilómetros. Todas estas memórias enterraram-me com vergonha quando tive que me sentar no banco de rua.

Inspira, expira.

Sentia o meu coração a pedir oxigénio, vibrando como uma fera dentro do meu peito. Procurei manter a respiração consistente.

Concentrei-me nas coisas que me rodeavam. Do meu pulso, vinha o tique-taque incessante do relógio. Nem me atreveria a olhar para as horas. Seria demasiado cedo. Tinha quase a certeza de que se fosse agora para casa teria ainda mais de meia hora antes de o meu pai acordar. Poderia preparar-lhe o pequeno-almoço e ser o filho recém-descoberto perfeito.

Não, nem pensar. Benjamin iria oferecer-me boleia, e não queria isso. Toda a gente iria olhar para mim quando chegasse à escola. “Olha, vai ali o filho dele”, “Quem? Não vejo ninguém!”, “Ali! Vês?”, “Ah, sim! É aquele o filho dele?”,

“Sim, sim. É o Simão. Está na turma dos rufias”. Seria embaraçoso. Se já poucos amigos tinha, associar-me a um professor não ajudaria em nada. Os professores eram criaturas temidas, rancorosos, com a mania da superioridade.

Porém, o que poderia eu fazer contra o facto de ser filho de um deles? Provavelmente todos sabiam. Tobias, o meu único amigo (se é que já lhe podia chamar isso), sabia. Restava-me aceitar. Perguntava-me como Greg vivera com esse facto…

O melhor que podia fazer era arrastar os pés até casa. De vez em quando, parava para olhar para as casas que preenchiam as estreitas ruas. Todas elas eram construídas em madeira, sendo evidente a inspiração americana.

Cheguei a casa ainda a tempo de ver o sol a içar-se no céu laranja, bem acima do telhado musguento. O jardim não parecia tão desmazelado com aquela luz matinal, entregando-lhe uma aparência mágica, como aquelas acabadas de sair de um filme de fantasia. A minha mãe adoraria aquela visão. Estava convicto que ela sentir-se-ia inspirada para continuar a escrever as suas aventuras.

Passei a mão na erva molhada pelo orvalho da manhã, vendo as pequenas gotículas a colorirem-me os dedos com uma cor acinzentada. Tocar nas folhas assemelhava-se a delimitar a ponta de aço de pequenas espadas, picando-me mas de uma forma engraçada.

O silêncio que havia antes de eu sair de casa já não existia. Da cozinha, o barulho de gavetas a abrirem-se e de panelas a andarem de um lado para o outro invadia a sala de estar. Apesar da tenra hora, o meu pai estava já a ferver água para fazer o seu café, não se mostrando admirado por me ver levantado e completamente suado.

— Foste correr. — afirmou com tranquilidade.

O tom de voz de Benjamin intimidou-me. — Desculpa não ter avisado. Não te queria acordar.

— Ora essa. — disse ao exibir um breve sorriso — A tua mãe já me tinha dito que gostas de desportos.

— Uma mente sã exige um corpo são. — Senti-me orgulhoso das minhas próprias palavras.

— É isso mesmo. — Estendeu a pequena cesta com o pão — Mas também precisas de um estômago cheio.

— Vou tomar um duche primeiro e depois como qualquer coisa.

— Não vais querer boleia?

A minha cabeça não precisou que a ordenasse para se agitar negativamente. — Não vale a pena atrasares-te por minha causa.

— Se te despachares ainda consegues ficar pronto a tempo.

— Prefiro fazer tudo com calma. — A desculpa nem a mim me tinha

convencido. Benjamin, porém, não estava interessado em entrar em conflitos comigo.

— Tu é que sabes. — Deitou a água fervida para dentro de uma caneca, originando uma bebida escura. O cheiro a café quente relembrou-me que precisava de reestabelecer energias o mais rápido possível. — Quando fores tomar banho tenta fazer pouco barulho. O Greg ainda está a dormir.

— Ele não está no barracão?

Apontou para o sofá da sala, onde vi o meu irmão com os olhos cerrados e a boca aberta. Um fio grosso de saliva escorria-lhe pelos lábios finos. Era assim que eu deveria estar. A dormir.

Ouvira o carro do meu irmão chegar, às três da manhã. O medo, o espanto, ou fosse qual fosse o sentimento que me impedia de adormecer, mantivera-me acordado até por volta das seis horas, altura em que decidira levantar-me para ir correr.

Optei por tomar um banho de água fria. Sabia dos riscos de o fazer, mas hoje não havia outra opção. O vapor quente costumava deixar-me sonolento, algo que não queria estar depois do banho.

O café forte e a caminhada até à escola despertaram-me. A cafeína fez efeito nas pernas, e a tentação de começar a correr naquele preciso momento era enorme. Só havia um problema: chegar perto dos meus novos colegas de turma a cheirar a cavalo não fazia parte dos meus métodos de socialização. Risquei mentalmente a ideia.

Sem vontade de entrar logo na escola, sentei-me num dos bancos de pedra que se encontravam perto do portão. Coloquei os auriculares nos ouvidos e, a partir do meu telemóvel, escolhi uma música aleatória para tocar. Só com os primeiros acordes consegui reconhecer que a música que tocava era *A Horse With No Name*, dos *America*.

Rapazes e raparigas olhavam para mim, estava seguro disso. Até ser relaxado era uma novidade em Olimpo. Será que ninguém gostava de ouvir um bocadinho de música antes de ir para as aulas? As próximas seis horas seriam passadas numa sala de aulas, sentado e a ouvir o que os professores me tinham para me ensinar; estava no meu direito de descontrair. Não queria saber. Fechei os olhos e cantarolei num sussurro a música do início ao fim.

— Se quiseres passar por despercebido vais ter que ser normal. — Era Rodrigo, o tipo da minha turma que enfrentara o rufia. Admirava-me com uma expressão séria.

— Estou a ser normal. — garanti, voltando a fechar os olhos.

Sem que lhe pedisse nada, Rodrigo sentou-se ao meu lado. — Estou a ver que em Lisboa fala-se uma língua diferente.

— Falámos uma língua moderna. — Sempre acreditara que era mau com jogos de palavras até àquele momento. A minha resposta deixou-me orgulhoso.

— Sabes, Simão, — Rodrigo endireitou-se no banco de pedra, ainda sem olhar para mim — Olimpo é uma aldeia especial. Temos muita história. É talvez a única coisa que partilhámos com o resto dos portugueses.

— Estás a falar do quê?

— Da nostalgia. Dos tempos gloriosos. Olimpo tem o nome de uma cidade tão importante, e não é por acaso.

— Olimpo… tipo aquela cena dos deuses?

Não me respondeu. Limitou-se a abrir a mochila e a tirar um livro com uma capa castanha. Tinha um aspeto antigo, igual ao dos filmes de aventura. — Toma isto. Achei que estarias interessado em saber mais acerca do nosso povo.

Olhei para o livro com algum espanto. — É suposto…?

— Leres. Um livro lê-se, sabes disso, certo?

Rodrigo pousou-o ao meu lado, no exato sítio onde ele estava sentado antes de começar a afastar-se para entrar na escola. Agarrei no livro, ponderando no que fazer com ele. Na capa estava escrito, com uma caligrafia arcaica, “Mitos e Realidade: A verdadeira História de Olimpo”.

Arrepiei-me quando a música que se seguiu começou a tocar. *Running Up that Hill*, dos *Placebo*. O tom obscuro da canção atribuiu um estranho sentido àquele livro, um com o qual não estava habituado a lidar. Apressei-me a guardá-lo na mochila, com o objetivo definido de o devolver a Rodrigo logo que pudesse.

Carreguei no *shuffle* e recomecei a fazer o mesmo cantarolar com a música que se seguiu. Tinha a certeza que, durante o tempo que passou, muita gente parou para olhar para mim. E podia afirmar que não me incomodava. Não era por estar numa outra parte do país que iria deixar de fazer aquilo que mais gostava. Nem tinha que justificar-me. Era possuidor de uma consciência, capaz de pensar e raciocinar.

Deixei a música tocar até ao último segundo antes de me levantar. Faltavam três minutos para o início da aula, tempo suficiente para eu descobrir a sala e ainda chegar antes do professor.

De todos os veículos que se aproximavam do portão de entrada da escola, houve um em particular que captou a minha atenção. Um Range Rover Evoque, branco e majestoso. Tal como aquele que me tinha transportado até ao Motel Bom Jesus, sem nenhuma razão aparentemente.

As luzes traseiras de paragem acenderam-se. Poucos segundos se passaram até que Eva saiu de dentro do jipe. Retirou a sua mochila do porta-bagagens, falou uma última vez para o condutor (que presumi ser Miguel) e de seguida, a viatura saiu disparada. Espreitei para a janela do condutor, sem nunca chegar a

perceber quem era.

Um impulso conduziu um pensamento obscuro até à minha mente. Precisava de respostas. Era uma necessidade contínua que vogava em todas as partes de um cérebro cansado, incapaz de tirar qualquer conclusão. Queria clarificar tudo, perceber o que levara aquelas duas pessoas a pegar em mim para me levar para um sítio escuro e fedorento.

A pergunta era, como iria começar a conversa? Com uma pergunta ou uma ameaça?

Como se isso importasse…

Não queria ter um plano estipulado. Iria dizer o que me apetecesse.

Guardei os auriculares no bolso do casaco e corri até ao interior da escola, procurando pelos intensos olhos azuis de Eva. As pessoas que estavam ao meu redor continuavam sem perceber aquilo que eu fazia. Decididamente entraria na lista anual de anormais da escola.

— Eva! — chamei assim que a vi de costas, a andar num dos corredores.

Não se virou para me ver. Parou e esperou que me aproximasse. Expressei fúria o melhor que consegui. — Precisámos de falar.

— Sobre?

— Sobre aquilo de ontem.

— Não tenho nada para falar contigo.

Prendi-lhe o braço e puxei-o. Quem estivesse a assistir àquela cena provavelmente pensaria que a ia beijar. Não me faltava vontade. Os lábios dela era um pecado tentador. O resto, porém, deixava-me furioso. Olhou para a minha mão. — Tira *isso* de cima de mim.

Não o fiz. — O que é que foi aquilo? — Pausei. Eva permaneceu em silêncio. — Ontem o teu *amigo* não me disse rigorosamente nada. Acho que mereço uma explicação.

— O Miguel não é meu amigo. É meu irmão.

A resposta surpreendeu-me. Não esperava que houvesse uma ligação de sangue entre eles, não tinham nada a ver um com o outro. Miguel era moreno, com olhos castanhos banais, enquanto que Eva era loira com uns olhos majestosos. Nem entre mim e Greg havia uma diferença tão grande, não obstante o facto de sermos filhos de mães diferentes.

— Além disso, — continuou — se ele não te disse nada, então é porque não há nada para contar.

— Parem de fazer estes joguinhos! — Aproximei o meu rosto do dela. Queria que Eva sentisse a minha raiva. Que percebesse que esconder-me a verdade só me dava mais vontade de a descobrir. Seria capaz de tudo para obter aquilo que tencionava. — O teu irmão veio a minha casa e *obrigou-me* a entrar no carro

dele, levando-me para não sei onde. Isso é rapto. E *isso* é *crime*. Ou vocês me contam o que se passou, ou vou apresentar queixa à polícia.

Cruzou os braços e suspirou, desviando depois o cabelo que tinha em frente aos olhos. — Isso não é problema meu. Fala com o Miguel.

— Já tentei, não me contou nada.

— Se calhar não há nada para contar. — afirmou, arrogante.

— Chega. — Cravei os dedos em redor do braço dela e fi-la exprimir dor. Mordeu os lábios, desconfortável com a situação, e prossegui com o diálogo. — O Miguel disse que estava a salvar-me, a mim e à minha família. Quero saber do quê!

Revirou os olhos. — Só te digo uma coisa. — Parou por alguns segundos, possivelmente para pensar no que diria a seguir. Depois Eva fez-me estremecer. Não de medo. Mais como se tivesse atirado um balde de gelo para cima de mim. — Tem cuidado.

— Bom dia!

Tobias quase se meteu no nosso meio. Apesar de desejar afastá-lo dali, deixei-o ficar. Era isso ou sujeitá-lo a uma verdade que não queria que descobrisse.

Eva esperou alguns segundos. Estava a testar a minha reação, a ver se eu iria descair-me em frente a Tobias. Para sua desilusão, não o fiz. Virou as costas. — Tenho que ir.

— Espera! — exclamei. Olhou para mim, ainda aborrecida. — Preciso mesmo de saber.

As sobrancelhas dela corcovaram-se e formaram rugas de altivez na testa. — Eu também, Simão. Sei tanto quanto tu.

— Passa-se alguma coisa que *eu* também precise de saber?

Ambos nos virámos para Tobias. Agora queria mandá-lo embora. A presença dele estava a impedir-me de avançar com o meu plano, mas quando pensei em fazê-lo, já Eva tinha virado as costas de novo.

— Vais fugir?

Girou o corpo na minha direção. — De ti? — sorriu. — Sempre.

Continuou a andar, com o nariz erguido aos céus.

— Não sabia que vocês se conheciam. — interrompeu Tobias.

— E não nos conhecemos. — Havia traços de fúria na minha voz. Eva não me contara nada. Ignorara-me. Fora mal-educada. Isso não aceitava.

— Estás com mau aspeto. Passou-se alguma coisa?

Fitei-o, não percebendo muito bem ao que é que ele se referia.

— Estás *tenso*.

— É só impressão tua.

Há medida que caminhávamos para o Bloco B, onde iríamos ter a aula de

Geologia, Tobias fazia perguntas para o qual não tinha nenhuma resposta concreta. Havia coisas que, para já, preferia manter para mim.

— Tu e a Eva… passa-se qualquer coisa?

Revirei os olhos. — Outra vez a mesma pergunta?

— É uma pergunta justificada.

— O que queres dizer com isso?

— Não sei, parecia haver uma certa química entre vocês.

Ri-me perante o ponto de vista dele. — Parecia que ia haver uma bofetada, isso sim.

Ignorou o que disse. — A sério, vocês olharam-se de uma maneira estranha. Era como se estivessem destinados um para o outro.

— Estás a exagerar.

— Por momentos achei que se iam beijar.

Encarei-o. — Não se passa *nada*.

— Se tu o dizes… — Tal como estava à espera, não deu o assunto por terminado. — Mas é estranho! Ela nunca foi vista com ninguém.

— Eu já a vi com alguém.

— Além de ti? — O tom de voz surpreso de Tobias deixava-me cada vez mais curioso.

— Com o irmão dela, o Miguel.

Deu uma risada irónica. — Tu nunca os vês com mais ninguém. A Eva passa os intervalos inteiros a ler livros, sentada naquele banco — Apontou para o local onde a tinha visto pela primeira vez. — Aliás, de início, pensávamos que ela tinha uma espécie de autismo. Só mais tarde descobrimos que era *só* antissocial.

Ia continuar a conversa, não fosse Tobias e a sua pressa para as aulas. Era uma das coisas que havia notado neste pouco tempo que estivera com ele. Podia ter todos os compromissos do mundo, podia até ressuscitar o John Lennon ou o Michael Jackson, e até os Beatles podiam atuar na escola — as aulas eram a prioridade.

O professor Vilela, sentado à mesa e com o manual aberto, foi a primeira coisa que vi mal entrei na sala de aula.

— Vamos lá, juventude. Ainda consigo ser mais rápido que vocês. É uma vergonha! — disse, enchendo a sala de boa disposição.

Naquela aula aprendemos as fases do estudo científico. Tentei concentrar-me ao máximo, pois sabia que o meu pai iria ficar a saber do meu desempenho muito rapidamente, ao contrário do que acontecia com a minha mãe, que só tinha acesso a essa informação através dos testes – isto é, *quando lhe mostrava os testes*…

Depois de Geologia seguia-se Educação Física. Desportos definitivamente

eram o meu forte, e se queria entrar na faculdade com uma boa média, teria que apostar nessa disciplina.

Infelizmente na primeira aula não fizemos mais nada para além da apresentação dos conteúdos programados. Como sempre, e já se estava a tornar um hábito, eu e Tobias ficámos distanciados do resto da turma.

Ele também não conhecia ninguém. Todos os colegas dele da antiga turma tinham mudado de escola, ou estavam num outro curso, ou simplesmente tinha sido transferidos para uma outra turma que não a nossa.

A aula acabou, e do complexo desportivo fomos para a cantina. Reparei que grande parte dos alunos almoçava lá, algo que não acontecia em Lisboa – quando se podia evitar a comida do refeitório não se pensava duas vezes.

Tobias e eu sentámo-nos num canto, numa mesa onde mais ninguém se pudesse sentar. A primeira coisa que fiz foi procurar pelos olhos gélidos de Eva. Percorri a cantina de uma ponta à outra, tentando espreitar pelo meio das pessoas mais escondidas. Nada.

— A Eva não costuma almoçar cá?

Não valia a pena vaguear. Mais cedo ou mais tarde, ele acabaria por chegar ao nome dela.

— Geralmente o irmão vem buscá-la.

— Hum. Então almoçam onde?

Tobias sorriu, acanhado. — Afinal passa-se ou não alguma coisa?

— Nada que devas saber. — Foi a única verdade que consegui confessar.

— Olha com quem te metes, Simão. Os Bacelar são muito estranhos.

— Já deu para perceber. Se calhar até é por isso que estou interessado na Eva.

— Estás interessado nela?

Sorri, satisfeito por ter feito Tobias mudar de assunto.

— Um pouco. — confessei. — E tu? Não a achas atraente?

— Quem é que *não* acha? — Soltámos uma gargalhada em conjunto. — Os rapazes ficavam babados… até perceberem que ela não procurava uma relação.

— Alguém levou uma tampa. — concluí.

— Nada disso. — continuou Tobias — Simplesmente não se aproximou de ninguém.

— Nem mesmo das raparigas da turma dela?

— De ninguém. — assegurou — É como te digo: os Bacelar só se têm um ao outro. Até parece que escondem alguma coisa.

Houve um clique na minha cabeça. — Será que não?

Encolheu os ombros. — Não sei. — Também sentindo a curiosidade, ergueu uma das sobrancelhas. — Será?

— Podemos ir a casa deles. — sugeri. A minha voz tinha descido

consideravelmente de tom. — Achas que temos tempo?

— Simão, esquece. Ninguém sabe nada de nada. Nem mesmo a morada.

— Como assim, nem mesmo a morada? Os Bacelar não têm vizinhos?

Abanou com a cabeça. Isso deixou-me ainda mais empenhado em descobrir mais acerca de Miguel e Eva. Se na noite anterior tiveram o direito de me levar para fora de casa, sem qualquer motivo, agora era a minha vez de fazer algo estranho. Era justo.

Pensei em maneiras de descobrir a casa dos Bacelar. A primeira coisa que me veio à cabeça era persegui-los, mas alguma coisa me dizia que isso não ia dar resultado, portanto, descartei essa hipótese.

Perguntar-lhes diretamente também ia parecer demasiado óbvio. Não, isso também não podia fazer. Precisava de alguma coisa que me mostrasse a morada, como um documento. Mas onde é que ia buscar o documento?

Os professores teriam acesso a essa informação. Se pedisse ao meu pai, talvez… me pedisse justificações. Algo que, naquele momento, queria evitar.

Também podia surripiar a informação dos seus ficheiros. Mas para isso, teria que esperar que ele adormecesse, o que implicava avançar com o plano apenas no dia seguinte. Isto é, se não adormecesse primeiro que ele – algo provável de acontecer, já que na noite anterior não tinha dormido nada.

Precisava de algo imediato. Para além do meu pai, quem mais teria os dados pessoais dos Bacelar? Alguém que necessitasse dessa informação para motivos legítimos…

Possivelmente numa ficha de aluno? Eu próprio tinha preenchido uma na primeira aula com o professor Roberto Coutinho, o diretor de turma. Ele carecia dos nossos dados pessoais. *Incluindo a morada*.

Nada previa o que se seguia. As palavras voaram no meu cérebro.

“Caso tenham que alterar algum dado, podem ir à secretaria. As fichas vão lá estar o resto do ano.”

— A secretaria!

Tobias saltou da cadeira, alarmado. — O que tem?

— Tem os dados pessoais dos Bacelar. — confidenciei, satisfeito com a minha grande ideia.

— Sim, e então? — Demorou cinco segundos a chegar à mesma conclusão que eu. — Não estás…?

— Sim, estou.

— Deixa-me acabar, porque se calhar tivemos ideias diferentes – aliás, eu *espero* que tenhamos tido ideias completamente diferentes, porque eu acho que tu queres entrar na secretaria e ver os arquivos. À *socapa*.

Acenei com a cabeça.

— Não — aproximou o seu rosto do meu, e quando tinha a certeza que ninguém nos ouvia, semicerrou os olhos — A sério?

— Por que não? — encolhi os ombros. Tobias estava nervoso com a minha ideia. Eu também deveria estar, mas não conseguia. Era demasiada excitação só de pensar que tinha nas minhas mãos a escolha de cometer uma loucura.

— Porque podes ser *expulso*.

— Confessa lá. Tu também estás *desejoso* por saber mais acerca da deusa grega. — Frisei as últimas palavras.

Não o convenci. A maneira mais rápida de fazê-lo aceitar o meu plano era avançando já. — Vamos? — levantei-me. Tobias olhou para mim, ainda inquieto com a circunstância.

— Agora?

Assegurei-lhe que tudo ia correr bem, o que de pouco adiantou. Tobias continuou nervoso o percurso inteiro, desde a cantina até ao Bloco A. Não parava de reclamar que era perigoso, que nos íamos meter em problemas desnecessários, que muito provavelmente os Bacelar poderiam processar-nos caso fôssemos apanhados. Não neguei, não confirmei; simplesmente o tentava tranquilizar.

Assim que entrei pela porta do Bloco, Tobias congelou. Foi a mesma reação que tive ao ver a funcionária, sentada à entrada da secretaria. Como é que nos iríamos safar desta? Permutei um olhar inseguro com Tobias.

Do nada, os nossos sentimentos trocaram-se. Ele ficou calmo e eu mais ansioso. Avançou em direção à funcionária, colocando na cara uma expressão honesta de angústia. Olhou para mim, procurando uma confirmação que estava a convencer-me das suas emoções. Pisquei-lhe o olho.

Cruzou os braços em cima da secretária. A funcionária olhou para cima, séria.

— Boa tarde. — começou Tobias. A sua voz estava realmente impaciente, mas não sabia se fazia parte do “teatro” ou se era apenas um reflexo da realidade. — Hoje de manhã perdi o meu telemóvel e gostava de saber se ele está nos perdidos e achados. Seria possível…?

— Claro. — Supus que a intenção da funcionária fosse declarar-se docemente, algo que falhara.

Conduziu-o através de uma porta que ficava logo atrás da secretária. Discretamente, e enquanto seguia a funcionária, Tobias colocou a sua mão direita nas costas e fez-me um gesto com o dedo indicador, apontando para um corredor, mesmo ao meu lado.

Percebi que era a minha vez de avançar. Esperei que a porta por onde entraram se fechasse, e rapidamente segui a ordem de Tobias. Assim que me encontrei no corredor escuro, observei todas as placas que estavam em cima das

diversas portas. ENFERMARIA, ARQUIVOS CURRICULARES, DEP. DE FINANÇAS e o tão desejado REGISTO DOS ALUNOS.

Respirei fundo duas vezes. Não havia volta a dar, era tudo ou nada. Certifiquei-me que mais ninguém estava a ver, e então bati à porta. Esperei alguns segundos, e como não obtive resposta, deduzi que ninguém se encontrava lá dentro.

Estava certo. Apesar da escuridão do local, era fácil perceber que me encontrava sozinho. Encostei a porta o mais devagar que consegui, e comecei a analisar a sala. Tinha altas estantes, cheias de pastas e arquivos nas prateleiras – estas devidamente identificadas com etiquetas de papel – e para iluminar o meu campo de visão iria ter que me contentar com uma pequena lâmpada, que de pouco me servia, apesar de estar ligada.

A primeira coisa que fiz foi verificar qual a ordem pelo qual se encontravam organizados os ficheiros. Puxei um dos arquivos e vi, escrito com uma tinta azul escura, o nome "ARANTES, PATRÍCIA GOMES". Voltei a colocá-lo no sítio, e caminhei, em passos rápidos, até à letra B.

Quanto mais procurava, mais percebia que o tempo se estava a esgotar. O nome Eva teimava em manter-se escondido entre as algumas dezenas de arquivos. As minhas mãos já tremiam. Entre tirar e voltar a meter as pastas nos sítios, lançava um olhar aflito à porta. A qualquer momento podia ser apanhado.

Suspirei de alívio ao avistar o nome gravado. Confirmei que de facto estava escrito Eva, e imaginei ver Miguel ao meu lado, com as mãos presas, impotente, observando-me a descobri-lhe a realidade.

Vamos lá ver quem tu realmente és, Eva Bacelar.

O meu olhar voltou a cair em cima da porta, só por precaução. Tudo tranquilo, o que me deu a força para abrir o arquivo. Assim que o fiz, foi como uma bomba.

À exceção do nome, os campos onde constava DATA DE NASCIMENTO, MORADA, CONTATO TELEFÓNICO, INFORMAÇÃO ENCARREGADO DE EDUCAÇÃO, basicamente todos os que envolviam informações pessoais, estavam vazios.

Vi o resto das folhas. Uma vez. Duas vezes. Três vezes.

Tudo por preencher.

Como é que era possível? Será que a escola tinha sido descuidada ao ponto de deixar uma aluna frequentar um curso do Ensino Secundário sem lhe pedir qualquer tipo de informação – informação essa fundamental e, talvez, indispensável para a frequência das aulas?

As mãos de Miguel soltaram-se. Os seus lábios exprimiram um sorriso invejável. *Quem é que está à frente agora?*, disse-me a rir.

Furioso, coloquei o ficheiro no sítio e dirigi-me até à saída. Olhei mais uma

vez para a estante onde estava o arquivo, abanando a cabeça, e apertei o punho. Não queria partir nada – pelo menos enquanto estivesse dentro de um sítio de acesso interdito.

— Isto acabou de começar. — prometi-lhe.

Voltou a sorrir, ato que se transformou numa confirmação das minhas palavras. *Desafio aceite*, ele disse, antes de desaparecer da sala.

CINCO

A PORTA BATEU ATRÁS DE MIM COM DISCRIÇÃO. ESTABELECI como primeiro objetivo sair dali, iniciando uma marcha sorrateira até à entrada do bloco. Só queria que ninguém saísse de nenhuma das portas daquele corredor. Caso isso acontecesse, restava-me aguardar que não questionassem a minha presença numa área em que sabia que não podia encontrar-me.

Mas, no fundo, estava concentrado numa outra coisa. Não me importava com nada, só pensava em ver Eva naquele preciso momento. Arrastá-la-ia até à sala dos arquivos e um confronto iria acontecer. Iria mostrar-lhe o ficheiro vazio, sem quaisquer dados relevantes. Quem eram os seus pais? Porque é que a escola não tinha essa informação? O que se passara?

As coisas já não faziam sentido, especialmente depois da noite anterior, mas agora…

Agora havia muito mais para pensar na minha cabeça. Não me bastava ter de lidar com o rapto. O que faria com o acabara de descobrir ainda era uma incógnita. Sabia que partilhar com Tobias não era a opção mais acertada. Era como abrir uma realidade paralela onde só eu podia navegar. Não havia forma de lhe contar.

Falar com o meu pai, perguntar-lhe se era possível estar matriculado numa escola sem se dar esse tipo de informação pareceu-me uma boa ideia. No entanto, isto iria exigir que lhe contasse, pelo menos, meia verdade. Não estava disposto a isso. Queria ser eu a descobrir tudo, era o meu problema.

Estava já a passar a enfermaria quando a palavra “Merda” saltou da minha boca num murmúrio.

Não queria acreditar. Simplesmente não podia ser. De todas as pessoas que podiam sair daquelas portas, aquela era a que menos queria que fosse. Logo que vi o cabelo cortado rente à cabeça percebi que estava metido em sarilhos.

— Simão Silva. — Giacobbe Leone nem se deu ao trabalho de falar baixo. — O que estás aqui a fazer?

Não quis olhá-lo nos olhos. Não queria *sequer* olhar para ele. Será que se corresse eu conseguiria fugir? Neguei a ideia. O professor já me tinha visto, e fazer isso significaria que era culpado de alguma coisa.

— Pensei que a sala dos professores era aqui. — Não consegui encontrar algo melhor para dizer. E até podia ser verdade, tirando a parte que a sala dos

professores estava explicitamente localizada à entrada do bloco.

— É ali. — disse Giacobbe. — Mas precisas de algum documento?

Abanei a cabeça. — Era só mesmo para entregar as chaves de casa ao meu pai. Ele esqueceu-se…

— Não mintas, por favor. Ouvi-te entrar e sair daquela sala. — Ergueu a cabeça para ler a placa em frente à última porta do corredor. — Os registos dos alunos, hein? Alguma coisa que te aguçasse o apetite?

— Não estou a entender. — menti. — Eu…

— Quero que percebas que seres filho do Benjamin não te permite andar por onde não podes. — continuou, agora mais próximo de mim. — Este corredor só pode ser acedido na companhia de pessoal autorizado, e tu estavas aqui sozinho.

— Foi um engano.

Perante a minha resposta, o professor Giacobbe simplesmente se riu. Não foi uma gargalhada, nem um sorriso irónico. Estava mesmo a divertir-se com o meu nervosismo.

Se não me estivesse a controlar, provavelmente ter-lhe-ia desferido um golpe de punho cerrado. Ambas as minhas mãos doíam-me com a pressão que as unhas faziam sobre a carne das palmas, como um sinal de que devia lembrar-me de quem eu era e de quem aquele senhor era. O aluno e o professor. Não havia a hipótese de o agredir.

A única forma era lidando com a situação, deixando o jogo a meu favor.

— Simão… — suspirou. Esperei que acrescentasse alguma coisa, e quando pensei que o ia fazer, simplesmente se voltou de costas. — Não vou perder o meu tempo contigo. Faz o que quiseres, não sou teu pai para te castigar. — E começou a caminhar em direção à saída do bloco, abandonando-me no corredor proibido.

Dentro de mim, havia uma balança desequilibrada. Media a dimensão daquele acontecimento, e numa das pontas a surpresa tinha algum peso. Não conseguia entender o porquê de Giacobbe não me ter castigado — era a oportunidade dele, era perfeito. Havia um motivo racional para o fazer, e no entanto, deitara-o fora. Nem sequer me dei ao trabalho de questionar a razão, só estava aliviado por poder sair dali sem qualquer problema, alívio esse que estava na outra ponta da balança.

Mas devia ter previsto o que estava para vir.

Do fundo do corredor, consegui ver as sobrancelhas da funcionária arquearem-se, seguindo-se um grito enlouquecedor. — Alto lá!

Merda.

Os pés dela chocavam com o chão, rápidos e severos, a cólera a carregar-lhe o olhar. — Onde é que o jovem foi?

Tobias seguia-a com o bico calado. Os seus lábios firmes compartilhavam comigo o medo de ser expulso, medo esse que me atingiu como o impacto de um elástico na pele, rápido mas doloroso.

E então percebi. Giacobbe sabia, de alguma forma, que a funcionária estava a chegar. Tinha sido por isso que nem se dera ao trabalho de me deixar em sarilhos. Alguém o ia fazer por ele.

Odiei-o ainda mais por isso.

— Por acaso sabe que está numa *zona restrita*? — Apontou para o letreiro que se encontrava numa das paredes do corredor, as letras brancas impressas numa tábua verde. — Sabe que posso fazer queixa de você por estar aqui?

— Eu só estava à procura da casa de banho. — Mostrei-me seguro do que dizia. — Nem sequer vi a placa.

A funcionária arreganhou os dentes amarelados enquanto me ouvia. — Ridículo. Aqui não temos casas de banhos que vocês possam usar.

— Ele não sabia. — A interlocução de Tobias obrigou a funcionária a olhar para ele. — O Simão é novo na escola.

— Isso não é desculpa. Toda a gente sabe que este bloco é limitado ao pessoal docente.

— *Não sabia*. — repeti numa combinação de nervos e preocupação. — Se soubesse…

— Confesse o que estava a fazer! O seu colega não conseguiu manter o disfarce por muito tempo.

Tobias baixou os olhos. Não teve coragem para mostrar que falhara. Não o queria julgar, estava errado em fazê-lo, porque se estávamos ali a culpa não era dele, era minha. Quem devia estar a olhar para os pés era eu, mas faltava-me coragem para assumir responsabilidades.

— Ele veio à procura de um telemóvel que sempre esteve no bolso dele, e que pelos vistos, pode receber chamadas da mãe. — continuou a funcionária — E enquanto prendia a minha atenção, você vinha aqui bisbilhotar! Já agora, com que intenção? Queria conhecer a nova enfermeira? Ouvi dizer que ela é muito popular com os rapazes da vossa idade.

— Eu juro que não sei de nada! — Os meus olhos descobriram os de Tobias. — Diz-lhe! Diz-lhe o que se passou!

O problema era que nenhum de nós sabia o que se tinha passado. Ao tentar desculparmo-nos, acabaríamos por nos colocar numa posição pior.

— Já chega! Vocês vêm comigo até ao Gabinete Diretivo, *agora*!

— Eu sou o filho do Professor Benjamin Silva!

Não sei do que estava à espera, mas a minha afirmação não a comoveu nem um pouco. — E então? Isso não faz de si o Papa.

— Pode falar com ele. — disse. — De certeza que lhe vai dizer a verdade.

— A verdade, vocês vão dizê-la ao Diretor. *Agora*.

Aquilo não me podia estar a acontecer. Morava em Olimpo há dois dias e já estava em sarilhos – e dos grandes! A minha mãe não me iria perdoar…

E porque é que Tobias não abria a boca? *Não é a altura certa para ter medo!*, pensei, sendo relembrado pelo meu cérebro que também sentia receio de acabar na rua.

E Tobias viria comigo. Sem culpa de nada, incapaz de se proteger. Nunca me tinha sentido tão mal na minha vida.

A funcionária agarrou nos nossos braços e empurrou-nos para fora do corredor, levando-nos até à Receção. O instinto dizia que devia tirar as mãos da mulher de cima de mim, embora soubesse que isso me pudesse trazer ainda mais problemas.

— Você tem que nos ouvir! — protestei.

— Eu? *Eu tenho* que vos levar à Direção! Quando as regras não são cumpridas um castigo deve ser aplicado!

Forçou-nos a ir contra um rapaz que esperava na sala. Ele olhava para nós, espantado. Tentei mostrar-me piedoso, ainda que isso fosse inútil.

Ou talvez não.

— Encontraste a casa de banho? — perguntou o rapaz.

De início olhei para Tobias, pensando que estava a falar para ele. Depois percebi que olhava para mim e que estava à espera de uma resposta. Tentei soltar-me dos dedos da funcionária, que se assemelhavam a ganchos em volta dos nossos braços, mas não resultou. Continuou a apertá-los, ainda com mais força.

— Disse alguma coisa?

— Perguntei a esse rapaz se tinha encontrado a casa de banho.

— *Não*, — respondi logo que pude — continuo à procura. Mas se esta senhora não me largar o braço agora mesmo, acho que vai ser desnecessário.

Ela assim o fez, mesmo que contrariada.

— Dizias a verdade. — O murmúrio era transparente o bastante para mostrar a impaciência. — Mas isso não explica o teu comportamento.

Tobias ficou vermelho. — Pensei que tinha perdido o telemóvel.

— Ele é deveras um moço esquecido. — disse o rapaz. — Ontem veio de chinelos de quarto para a escola. Não acha isso estranho?

A mulher sufocou uma risada. — Ridículo. *Todos vocês*.

Tobias e eu olhámos para ele, não compreendendo qual era a sua ideia. Em troca, sorriu-nos e avançou até à secretária onde a funcionária estava sentada antes de entrarmos no bloco.

— Então ambos diziam a verdade. — concluiu ela.

— De facto, *dizíamos*. — Tobias falou, por fim. Noutra situação, achá-lo-ia um cobarde, mas estava demasiado nervoso para sequer pensar nisso. — Agora podemos ir?

Não conseguia explicar o que acabara de ver, mas a funcionária pareceu ter-se sintonizado numa outra emoção; já não estava furiosa nem enervada. Estava apenas curiosa. O rapaz voltou-se de novo para nós, sendo inteligente o suficiente para reconfirmar o álibi.

— A culpa foi minha. Dei indicações erradas a esse jovem. Para a próxima, vou estar calado. Eu prometo. — Fez, sarcástico, o gesto dos escuteiros. — Agora pode atender-me ou vou ter que voltar noutra altura? Estou com um pouco de pressa.

Abanando a cabeça, a funcionária voltou para a sua secretária. Colocou os óculos e focou a sua atenção no computador. — Saiam daqui, antes que decida castigar-vos por me terem tirado tempo de trabalho.

Achei o pedido desnecessário. Abandonámos o bloco e fomos para a aula, ainda assustados com o que se tinha passado. Uma parte de mim não conseguia entender esse pânico; em Lisboa tinha feito bem pior e nunca tinha mostrado qualquer sinal de pavor.

— Eu avisei-te. — Tobias já não estava tão aflito, parecia mais frustrado. — Era uma má ideia e podíamos ter tido problemas. Foi uma sorte aparecer aquele rapaz.

Concordei, sem dizer uma única palavra.

As quatro horas que se seguiram foram as mais agonizantes que vivera nos últimos três dias. Nem a noite passada tinha sido tão má. As palavras do professor pareciam demorar anos a chegarem até ao meu cérebro, e quando lá chegavam, perdia completamente a noção do tempo. Estaria já no século XXII?

O professor acabou por me mandar ao quadro para corrigir um dos exercícios. Supostamente deveria tê-los feitos no decorrer da aula, mas não me conseguia concentrar. Portanto, tive algumas dificuldades em resolvê-los sob os olhares concentrados de toda a turma.

A porta da sala abriu-se, sem baterem ou pedirem autorização para entrar. A rapariga, loira e branca como a neve, caminhou em direção ao único lugar vazio na sala.

— Faltam vinte minutos para acabar a aula. — anunciou o professor, desviando o olhar daquilo que eu estava a fazer. — Não achas que é desrespeitoso da tua parte entrares assim sem sequer te justificares?

— Estive presente na reunião do conselho diretivo com os meus pais.

O professor ficou surpreso com a resposta, mas prosseguiu com a aula sem

perguntar mais nada à aluna.

Os vinte minutos passaram e a campainha soou. Quando estava para sair da sala, ainda fui abordado uma última vez pelo professor.— Para a próxima tens que estar mais atento.

— Vou estar. — prometi, não me alongando muito.

— Não quero ter que falar com o teu pai.

Ah, ótimo! O dia não me podia estar a correr melhor.

Só tinha uma certeza: a hora do lanche nunca tinha sido tão desejada, e mal acabou a aula, Tobias e eu fomos para o bar. Não dissemos nada um ao outro, no entanto, nenhum de nós estava verdadeiramente chateado, apenas não conseguíamos encontrar as palavras certas para começar uma conversa.

Como grande parte dos alunos ia lanchar àquela hora, o local estava lotado. Tivemos que esperar algum tempo para fazer os nossos pedidos, e assim que os fizemos, sentámo-nos na única mesa vazia que havia.

— Sobre aquilo que se passou, — Tobias disse — encontraste alguma coisa de interessante?

Queria compartilhar o que tinha visto, porém, se Tobias soubesse do documento vazio, provavelmente iria querer uma justificação por parte de Eva, e gostava de resolver esse problema sozinho. Abanei a cabeça. — Não tive tempo para encontrar o ficheiro. Logo que ouvi as vossas vozes, saí a correr.

Suspirou, visivelmente desiludido. — Então voltámos à estaca zero.

— Alguma vez *saímos* da estaca zero?

Ouvi uma gargalhada cansada sair da sua boca.

Os nossos lanches chegaram, e mordi logo um pedação do *croissant* com chocolate. Tobias deliciou-se com um folhado de carne picada, de tal forma que a um determinado momento teve que beber um gole do seu sumo para conseguir engolir tudo.

— Ah! — exclamei, quando digeri o último pedaço do meu *croissant* — Não te esqueças de agradecer ao teu amigo. Se não fosse ele estaríamos no olho da rua.

— Oh, que fofo! Mas não é necessário!

Os meus olhos voltaram-se para a cadeira vazia que estava ao meu lado. O rapaz que nos tinha salvado acabara de se sentar lá. — Posso, não posso?

Ainda surpreendido, desviei as minhas coisas e ele pousou o tabuleiro em cima da mesa. Começou a comer um pão com fiambre. — Sou o João.

— Tobias. — Apertaram as mãos apressadamente. — E esse é o Simão.

— Olá. — Repetimos o cumprimento. — Ainda bem que te encontrámos. Queríamos agradecer-te por aquela cena que fizeste por nós.

— Não fiz nada que um amigo não devesse fazer. — Olhou para Tobias, sério.

— Só um conselho: não te metas em mais encrencas destas. Ficas demasiado *tenso* e isso não te ajuda em nada. Se eu não estivesse no local certo, à hora certa, tu e o teu amigo estariam a tratar da vossa expulsão com o *boss* da escola.

Tobias ficou desagradado com o comentário. Ainda assim, agradeceu.

— Eu tentei avisar o Simão, mas ele não me deu ouvidos. — Encolheu os ombros. — De qualquer das formas, conseguiste resolver o nosso problema. — fez uma pausa para pensar em alguma coisa — Não és daqui, pois não?

João acabou de engolir a sua sandes para prosseguir. — Vim hoje da Dona Maria II. Sabes como é, a aldeia tem outro ambiente.

— É mais saudável. — concordou Tobias. — Mas não estavas a gostar?

— Tenho aqui outros interesses — Os seus olhos pousaram no rabo de uma rapariga.

Tanto eu como Tobias mostrámos indiferença, até porque não havia raparigas assim tão giras. A mais bonita era mesmo Eva Bacelar, *de longe*.

— Ao fim de algum tempo, os interesses deixam de ser assim tão interessantes, confia em mim. — Tobias expôs com seriedade.

— Não é bem assim. — Ia contestá-lo, mas a ideia de João ficar curioso com Eva não me agradava. Na minha mente, ela já me pertencia. Era uma sensação estranha, inexplicável. Quando pensava nela, a ideia da rapariga "mais boa da escola" não fazia sentido nenhum – tratá-la dessa forma era desprezível.

Os dois ficaram à espera da minha conclusão. — Em Braga deve haver miúdas bem giras.

A reação de ambos confirmou que tinha sido suasivo, conseguindo ainda despoletar um sorriso deslumbrante na cara de João.

— Ora aí está uma boa ideia! Querem ir sair?

— Hoje não posso.

A reticência de Tobias, porém, não destroçou o sorriso de João.

— Amanhã à noite. — corrigiu — Posso levar-vos a um sítio espetacular! Vocês vão passar-se!

Tobias ia abrir a boca para falar.

— *Sem desculpas*. — interrompeu João — E assim o Simão pode ficar a conhecer um pouco mais da sua nova cidade, já que o *amigo* dele não o leva lá…

Franzi as sobrancelhas. — Como é que sabes que sou novo na cidade?

A gargalha de João fez com que vários olhares caíssem sobre nós. — Toda a gente sabe que és novo na escola, Simão Silva. — Analisou-me de um modo mordaz. — Filho do professor Benjamin Silva. Veio de Lisboa, fala como as tias de Cascais… Sim, és tu.

Inspirei fundo, para controlar os nervos.

(E eu *não falava* como as tias de Cascais.)

— Como quiseres. — Tentei soar o mais nortenho possível. — A que horas e onde?

João levantou-se, levando consigo o tabuleiro. — Na Avenida, às vinte. Está bem para vocês?

— Perfeito. — concordei. — E para o Tobias também.

Ele olhou para mim, apanhado de surpresa. — *Claro que sim*. Se o Simão assim o diz… — Revirou os olhos.

Os lábios de João irradiavam satisfação. Aparentava ter vencido uma maratona qualquer. — Ótimo! Vai ser uma noite em grande!

SEIS

GREG DECIDIRA ACOMPANHAR-ME ATÉ À CIDADE. IA haver uma festa universitária na avenida principal e ele não queria faltar. Obviamente que tínhamos um problema, já que o meu irmão recusava-se a conduzir em Braga num dia como aquele. A primeira solução era os transportes públicos, mas segundo Benjamin, para regressarmos teríamos que esperar até às oito da manhã. Duvidava que nos mantivéssemos por lá tanto tempo. A segunda opção era Ben levar-nos à cidade. Concordou, dizendo que sair de casa o manteria acordado por mais algumas horas, algo que agradecia, tendo em conta que iria passar a noite inteira a trabalhar.

Chegar perto do centro foi uma tarefa complicada. Havia muito trânsito, o que obrigou o meu pai a deixar-nos a cerca de vinte minutos da avenida.

— Portem-se bem. — disse Ben.

— Nós portámo-nos sempre. — Greg empurrou-me para a calçada. — Depois ligamos-te.

— Divirtam-se!

Alguns carros apitaram e o meu pai foi obrigado a arrancar. Agora que estávamos sós, Greg iniciou uma caminhada lenta em direção ao nosso destino. — Onde é que é suposto encontrares-te com os teus amigos?

— Na avenida. — respondi. — E tu vais ter com os teus colegas de faculdade, certo?

Greg olhou para o relógio. — Ainda é cedo. Se quiseres, podemos ir dar uma volta por aí.

Sem nada para fazer, e motivado pelo ambiente festivo que se vivia nas ruas, aceitei a proposta.

Há medida que passávamos pelas imensas pessoas vestidas com as típicas vestes universitárias as ruas alargavam-se, dando oportunidade às barracas onde se vendiam bebidas alcoólicas para se instalarem.

Ao olhar para cima só conseguia ver copos de cerveja e chapéus negros disfarçados pela escuridão.

— São os tricórnios. — explicou Greg. — Fazem parte do traje da UM.

UM era a abreviatura de Universidade do Minho.

— Só uma questão. Não era suposto também estares assim vestido?

Encolheu os ombros. — Não, eu… — Mas a música *techno* camuflou a voz

dele.

Era isto que me fazia recuar no tempo. Para Lisboa, nas noites quentes de verão no Bairro Alto. Conseguia ver-me sentado em cima dos muros, a apreciar as pessoas sorridentes a dançarem, movidas pelo efeito do álcool. Não era sempre assim, e nem toda a gente bebia. Mas era esse o meio em que tinha crescido. Só um semelhante era capaz de me remeter ao passado.

Greg agarrou-me no braço, forçando-me a segui-lo. Encaminhou-me pelo meio das figuras de negro, sempre atento para ver se eu ia atrás dele, e cerca de duzentos metros depois estávamos no centro da cidade. As pessoas já se encontravam mais dispersas. O espaço para respirar tinha aumentado consideravelmente.

— Se seguires esta rua vais ter à Avenida — explicou Greg, indicando-me um caminho à minha direita, amplo em largura e que começava a encher-se de estudantes. — Depois ligo-te quando for para ir embora.

— Não vais ficar por aqui?

— Vou ter com um amigo.

Com que então Greg ia deixar-me sozinho. Numa cidade desconhecida. Nada podia correr mal…

— E onde é que tu vais estar?

— Ainda não decidimos o local, mas não te preocupes. É só seguires este caminho e os teus amigos devem estar algures por aí.

Que bom. Se me perdesse nem saberia onde encontrá-lo.

Vi um rapaz aproximar-se de nós. Trazia uma mochila às costas, e apesar de estar a sorrir não me inspirava confiança. A mão dele apertou o ombro de Greg.

— Vamos? — disse o rapaz. — Ainda temos que andar um bom bocado.

— Sim, só estou a dar umas indicações ao meu irmão. — Apontou o polegar para o amigo. — Este é o Noah, é um colega de curso. — inverteu o gesto — É o Simão.

— Deixa as apresentações para depois, temos que ir. — Noah viu as horas, e afastou-se em passos rápidos. — Até logo, Simão.

Greg nem se despediu de mim, deixando-me sozinho no meio da confusão. Respirei fundo, coloquei os pés a caminho da Avenida, e esperei encontrar os meus colegas rapidamente.

Olhava para todos os lados, em busca de Tobias. Tinha combinado encontrar-me com ele, e só depois íamos ter com João, já que ele parecia não confiar plenamente no nosso novo membro do “gangue”. Contudo, encontrá-lo na multidão entusiasmada e movida pela música brasileira, que tinha acabado de começar a tocar, revelou-se uma missão impossível.

Subi para cima de um banco de pedra, espreitando por entre as diversas

cabeças. Foquei-me nas tasquinhas provisórias que tinham sido montadas ao longo da rua, analisando cada uma das pessoas que lá se encontrava, sentadas nas esplanadas ou junto ao balcão. Não conseguia ver nenhuma cara familiar.

Nesta situação, até João me agradaria como companhia. Mesmo com toda a sua arrogância, ele não podia ser assim tão má pessoa, caso contrário, não me teria safado da rececionista da escola.

Porém, não era o facto de estar sozinho que me causava desconforto. E estar perdido na cidade também não era motivo para entrar em pânico. Havia outra coisa, algo que ainda não tinha percebido muito bem o que era.

Talvez fosse o facto de Tobias poder estar sozinho no meio da multidão, sem conseguir perceber onde eu estava. Não, não era isso. Ele teria mandado uma mensagem se estivesse em apuros.

Pensar que Greg tinha sido capaz de me deixar sozinho numa cidade estimulada por álcool era degradante, mas conseguia suportar. Já estava habituado a que me fizessem isso em Lisboa, quando todos os meus amigos decidiam ir fazer outras atividades que já não me agradavam.

O desconforto não vinha de dentro de mim, era na verdade algo que estava longe do meu alcance. Já sabia que nada tinha a ver com o facto de estar no meio de uma multidão embriagada. Estava relacionado com isso, tinha a certeza. E então percebi.

Havia uma mulher que me encarava, longe da multidão, e quase escondida por entre a penumbra da noite. Alta e com um aspeto forasteiro, o seu olhar observava-me com curiosidade e relutância. Assemelhava-se a um leão que vigiava a sua presa antes de a atacar. Quase podia jurar que a conhecia de algum lugar.

Engoli em seco, sempre com um pensamento em mente: *É só impressão tua*.

Tentei não parecer alarmado. A primeira coisa que fiz foi descer do banco, de forma a infiltrar-me no meio da multidão, e dirigi-me ao coração da Avenida. Talvez os rapazes estivessem lá.

Ponderei sobre quais as maneiras mais eficientes de me defender em caso de um ataque-surpresa. Cotovelar a barriga do inimigo era uma forma eficaz. Só havia um problema: se me prendessem os braços ficaria incapaz de me mexer. Ia ter que recorrer à cabeça. Morder alguém na orelha era doloroso. Arrancá-la. Com os meus próprios dentes. Quase sentia o sangue a ferver na boca, forçando-me a engolir em seco para comprovar que era tudo parte da minha imaginação. Por outro lado, estava convencido, ou pelo menos *tentava* convencer-me, que ninguém se atreveria a fazer-me mal com tanta gente ao meu redor.

Porquê Greg?, pensei. Os meus passos eram fortes e os pés gelados tombavam no chão com uma força incrível – não sabia se era do frio ou se um

efeito secundário desta impressão de estar na mira de alguém.

Percorri as áleas de pessoas até achar que me estava a afastar demasiado do centro. Não havia sinal de João ou Tobias, e estava a ficar preocupado. Num estado de desespero liguei para Tobias. Ouvi três toques até a chamada ter sido interrompida com a mensagem "Número ocupado". Cheguei à conclusão que o meu amigo me tinha desligado a chamada, provavelmente porque já estava quase a chegar. Vendo bem as horas, ainda estava dentro do tempo combinado.

Olhei para trás. A mulher continuava a seguir-me, desviando-se de grupos de trajados e colocando-se em bicos de pés, aqui e ali, para me conseguir fixar. Ao defrontar-nos, a sua boca abriu-se para soltar um grito. Não foi um grito de medo, nem de raiva. Foi um sinal de pasmo. — Lorenzo!

Voltei-me para a frente, pronto para correr, e logo que o fiz, esbarrei-me contra alguém. Tive que me segurar para não cair para trás. As minhas pernas tremiam e as minhas mãos procuraram algo a que se agarrarem — um pedaço de tecido.

Ergui a cabeça. — Tobias — Vê-lo desfez um nó que tinha na garganta.

— Ena! — comentou, assustado — Isso é que é estares feliz por me veres.

— Pensei que já não vinhas. — Não estava sossegado por ele ter vindo sair connosco, mas porque *ele* estava ao meu lado, a fazer-me companhia.

— Já viste o João? — perguntou enquanto me fez desagarrar a camisola. Contemplei o suor nas minhas mãos. Pelo menos não tremiam. Mais sossegado, virei-me para me certificar que a mulher já não estava lá. E não estava. Talvez tivesse percebido que seguia a pessoa errada.

— Não, acho que ainda não chegou.

— Ai… — murmurou Tobias — Até estou com medo do que aí vem.

Qualquer coisa era aceitável, desde que estivesse acompanhado. Achava, porém, que isso era bastante anormal, tendo em conta que, em Lisboa, algumas das atividades noturnas que praticava exigiam uma presença singular, sem ninguém para me incomodar.

Não! Não posso pensar nisso! São águas passadas, e um assunto mais que enterrado!

João não tardou a aparecer. Fiquei surpreendido ao vê-lo vestido de preto. Dava a sensação que queria praticar alguma ilegalidade. Talvez até quisesse, mas isso não me preocupava. Não tinha que me envolver.

— Boas *ma people!* Vamos lá festejar?

— Ainda não percebi como pretendes fazer isso — disse, acompanhando o passo dos meus companheiros.

João mostrou-me um conjunto de chaves que tirou do bolso das calças. — Vamos até a um sítio espetacular.

— O objetivo era o Simão conhecer a cidade. — Tobias não conseguiu esconder a insatisfação — Irmos para uma casa não me parece uma visita turística muito agradável.

João deu uma gargalhada arrogante. — Casa? Que casa, Tobey? Vamos até a um parque desportivo!

Tobias e eu não percebemos a piada.

— Um parque desportivo? — Cruzou os braços à espera de uma resposta.

— Não estou com vontade de correr. — acrescentei.

O nosso camarada não contestou. Continuou a andar, com o destino já determinado. — Tenham calma. Calma e paciência!

No início da caminhada, as ruas por onde passávamos estavam diretamente ligadas à avenida, pelo que a presença de grupos de estudantes e cafés abertos ainda era abundante. Todavia, há medida que avançávamos, as ruas eram substituídas por ruelas, e consequentemente becos, que serviam de residência a um grupo de mendigos. Os corpos permaneciam imóveis no chão. Isso deixava-me com pena. Não estava uma noite daquelas, em que o frio cortava a ponta do nariz e em que os dedos adormeciam sob uma camada irreal de gelo. Com alguns sobretudos era possível dormir ali. O problema era que algumas daquelas pessoas nem isso tinham. Estremeci ao ver um homem, que aparentava ter pouco mais de trinta anos, vestido apenas com uma t-shirt. Não quis memorizar o rosto dele. A probabilidade de amanhã o senhor ser encontrado sem vida era colossal.

João mostrava-se seguro naqueles caminhos apertados e turvados pelas sombras dos prédios. Eu, por outro lado, continuava a sentir-me vigiado. Olhei para Tobias, na esperança que se sentisse da mesma maneira que eu. Estava tão perturbado com o nosso passeio que tornava os sentimentos indecifráveis.

— Quase a chegar — A voz de João ecoou na estreita rua, fazendo um gato saltar de um caixote do lixo — É só virar ali à direita e descer a estrada.

Assim o fizemos. A estrada estava bastante movimentada, o que ajudava a desfazer a escuridão assombradora. Tobias quase foi atropelado por um carro, se não fosse João a puxá-lo pela manga da camisola.

No fundo da rua, já conseguia ver a placa indicando que ali havia um parque desportivo. Localizei-o perto de um edifício grande e comprido, com paredes espelhadas e um aspeto circular. Era um laboratório qualquer, segundo o que Tobias disse.

O parque não tinha bom aspeto. A relva estava maltratada, e os traços de lixo espalhados no chão eram visíveis. Mesmo estando fechado ao público, com um portão de ferro a impedir-nos de passar, a verdade é que não me parecia um local para onde quisesse ir àquela hora. Naquele momento em específico.

João aproximou-se do portão. Procurou a fechadura e encaixou a chave no

orifício adequado. O ferro enferrujado rangeu ao ser empurrado para trás, deixando Tobias chocado. — Como é que arranjaste isso?

— Segredos, Tobey. Não queiras saber mais do que a lei permite.

— Que lei?

— A *minha* lei. — João virou o polegar para o interior do parque. — Vamos lá?

Não havia qualquer certeza do que iríamos fazer, porém, olhar para o interior enegrecido do parque não me trazia segurança. João aparentava ter coragem suficiente para vandalizar o lugar – ainda mais do que já estava. Tinha que controlar a situação.

— Agora que aqui estamos, vais finalmente contar-nos o que vamos fazer? — questionei. Tobias esperou atentamente pela resposta.

João não se virou para nós, limitando-se a erguer um pacote com uma substância que se assemelhava a farinha. — Conheço um local porreiro, é sossegado e ninguém nos vai melgar.

A partir daquele momento entendi quais as intenções de João. Não queria reanimar o parque, nem vandalizá-lo. A intenção dele era muito mais obscura que isso. Não precisava de saber que aquele pacote não continha farinha. Era uma droga — literalmente. Cocaína. Ele queria snifar. *Nope*. Nada disso. Não. Não, não, não. A minha promessa era para se manter. O Simão de há um ano atrás não existia — nunca mais.

Um aperto no coração foi o suficiente para despertar as saudades. Ou terão sido as saudades que causaram um aperto no coração? Duas causa-consequências, e ambas faziam sentido. Que diabos, que importância é que isso tinha? Só queria voltar para casa. Lá ficaria seguro. Queria os braços da minha mãe, abertos, prontos para me receber. Queria voltar para os lençóis frios, que me iriam reconfortar e deixar mais calmo.

Onde estás tu, mãe? Porque me fizeste isto?

O meu corpo gelou. Era impossível andar. Instintos que vinham de um além gritavam que não seguisse os meus amigos — amigos? Até disso tinha dúvidas. Estudei as redondezas, movendo apenas os olhos. Era como se estivesse preso a um colete-de-forças. Não me conseguia mexer. Todo o sangue dentro de mim vivia uma era glacial.

Afasta-te, Simão Santos!

— Ahm… — gaguejei. Ambos olharam para mim — Eu acho que… preciso de fazer… uma cena?…

João encolheu os ombros. — Costumo mijar naquela árvore. Estás à vontade. Mas não há papel higiénico, portanto se precisares de…

— Não! É só urina, obrigado pelo conselho.

Notei que Tobias ficou agitado com a ideia de estar a sós com João. — Queres que vá contigo?

— Eu ainda a sei segurar sozinho, obrigado. — Por mais que lamentasse ter que o fazer passar por aquilo, preferia estar sozinho. — Vão indo. Eu vou lá ter.

Não refutaram o que afirmei, mas Tobias tinha ficado chateado por não o ter tirado dali. Aliás, eu nem sabia o que é que eu ia fazer agora. Não queria fugir. *Não podia*. Tobias não me perdoaria por o deixar sozinho com João. No entanto, estar com João tinha-me despertado emoções que já há muito tinha enterrado.

Caminhei na direção oposta à que ele me tinha indicado. Enquanto o fazia, a minha mão percorreu a cicatriz que tinha no antebraço. Era pequena mas feia e densa. O movimento foi involuntário, um reflexo de que o meu passado se estava a envolver com o presente. Se isso acontecesse, provavelmente voltaria a cair na tentação – e então estragaria a única família que tinha. Não haveria formas de o meu pai me desculpar. Um filho drogado era o limite. E o que pensaria o meu irmão?

Sentei-me no chão, encostando as minhas costas à parede. A mão entrou no bolso e procurou por algo. Fazia-me falta um cigarro. Não tinha um comigo há já imenso tempo. A minha mãe nunca chegou a descobrir que o único filho dela gastava a pequena mesada dele em tabaco. Se descobrisse, iria ser o fim. Já não lhe bastava todos aqueles problemas…

Não podia. Tinha que parar de voltar ao passado. Os olhos queimavam com as lágrimas que turvavam a minha visão. Não conseguia ver fosse o que estivesse à minha frente. Tinha vergonha de mim mesmo. Levantei a cabeça, limpando os olhos às palmas das mãos. Sobressaltei-me ao ver Miguel com os olhos postos em mim, uma postura vigilante. Vestia um casaco de cabedal preto sobre uma t-shirt branca, e os seus ténis *All Star* estavam completamente gastos.

Apressei-me a levantar-me, recompondo-me enquanto o fazia. — O que é que estás aqui a fazer?

— O que é *tu* que estás aqui a fazer? — Miguel escondia a inquietação com o arquear dos lábios.

Não sabia o que responder, até ter percebido que Miguel só podia estar ali por um motivo. — Seguiste-me?

Ignorou-me. Não estava à espera de outra coisa. — Este local é propriedade privada. Se a polícia souber que estás aqui terás problemas. Aconselho-te a saíres o mais rápido possível.

— Podes parar de falar como um robot fora da validade?

Encheu os pulmões de ar e esfregou as têmporas com a ponta dos polegares. — Simão, sai daqui ou o teu pai vai descobrir por onde andas. Posso garantir-te que ele não vai gostar.

— Não estou a perceber qual o teu problema. Nem sequer me conheces para te armares em paizinho, e além disso o meu irmão sabe que estou aqui. — Tentei controlar-me o melhor que podia — Para de me seguir, ou então vou fazer queixa à polícia, percebeste?

— Não podes fazer isso.

— Porquê?

— Olha para mim.

Contrariei-o. Ele agarrou-me o braço. Ainda assim, desviei o olhar.

— É perigoso, e tu não sabes com quem é que te andas a meter.

— Olha, olha! Temos companhia! — A voz de João obrigou-me a enfrentar Miguel. Encontrava-se atrás do perseguidor, e só o conseguia ver por cima do ombro dele.

Encararam-se. Miguel estava pronto a explodir de raiva. As narinas dele expulsavam literalmente vapor contra a minha cara. João exibiu um sorriso irónico. Havia ali uma tensão anormal – dava a entender que já se tinham encontrando antes e que não tinha corrido bem.

— Vocês conhecem-se?

— Não. — respondeu Miguel, rígido.

— Vá lá, sê sincero. — João mostrou-se aborrecido. — Conhecemo-nos mais ou menos.

— Não vale a pena lembrar-te do que aconteceu da última vez em que nos encontrámos.

Vi-o viajar até a um passado com os próprios pensamentos. — Não. Não foi um momento agradável.

Miguel concordou. — Porque é que estás aqui?

— Faço-te a mesma pergunta. Que eu saiba, não foste convidado.

Não continuou com o tópico da conversa. — Isto é propriedade privada. Não podem invadir o espaço sem autorização prévia.

João riu-se. — Sê livre para saíres.

Todos parámos quando o meu telemóvel tocou. Era Greg.

Pedi aos dois que se calassem com o dedo indicador. — Estou?

— Preciso de um favor teu.

A minha vontade era de lhe pedir um favor em troca: “Leva-me daqui para fora e faço o que quiseres!”. No entanto, não disse nada. — Sim, claro. O que é que precisas?

Houve uma pausa, onde ouvi vozes de fundo. Dava para perceber que Greg não estava num local festivo. Antes de continuar, gaguejou e ouviu a opinião de alguém. — Importavas-te de arranjar boleia?

— Boleia para casa?

— Sim. Consegues arranjar alguém que te leve lá?

— Claro. Eu vou falar com…

Parei.

Ouvi de novo as palavras do meu irmão. Mudei a resposta. *Não, Greg, não consigo porque não conheço ninguém que conduza.*

João e Miguel fitavam-me. Era fácil saber o motivo — a minha escolha poderia vir a afetar com quem iria passar o resto da noite. Mas não tinha outra opção. Exasperado, olhei para Miguel, gesticulando o meu pedido. Ele aceitou, sem colocar qualquer entrave. Aproximou-se logo a seguir, formando uma barreira entre mim e João.

— Sim, eu consigo. — Esconder a minha impaciência foi uma tarefa complicada. — Um colega meu pode levar-me.

Ouvi um suspiro do outro lado da linha. — Ainda bem.

— Só por curiosidade, posso saber o que vais fazer? — Achei que tinha esse direito.

— Tenho umas coisas para fazer. Da faculdade.

Soou-me a desculpa. Mas quem era eu para lhe exigir o que quer que fosse? Éramos irmãos, não melhores amigos.

— Tudo bem, não te preocupes. — *Eu é que devo preocupar-me, não é verdade?* — Até logo, então.

— Fica bem! — E desligou.

Olhei de novo para Miguel, não querendo acreditar que ia mesmo ter que lhe perguntar aquilo. — Tens a certeza que me podes levar? Não quero ser um estorvo.

— Claro que não és. — Miguel tentou expor um tom simpático — Aliás, eu pensei que isso seria um problema para ti.

— Não disse que não era. Só não tenho outra solução.

A verdade não o fez mudar de ideias.

— Então Simão, vais trocar a nossa festa? — João soou notavelmente aborrecido — Pensei que eras diferente.

Não era assim tão diferente quanto ele dizia. Ou pelo menos, já tinha sido diferente. Via em João o “eu” do passado, com as mesmas atitudes e os mesmos maneirismos. Já fora agressivo e sarcástico, e pouco me importara o que as pessoas pensavam de mim. Hoje era diferente. A vida tinha-me ensinado a mudar.

— A vossa festa vai ter que ficar para a próxima. — Miguel respondeu. — Vamos?

Lancei um último olhar a João. Queria parecer arrependido. Não consegui. Estava mais ocupado a pensar noutra coisa. Na dúvida constante que pairava na

minha cabeça nos últimos dias. O assalto, o rapto, a fuga. Aquela situação que ainda não tinha entendido. Era esta a oportunidade. Estar a sós com Miguel para falar com ele acerca da estranha noite. Havia muitas coisas por explicar.

— Vamos. — respondi, então. — Vemo-nos na segunda-feira?

João deu de ombros. Começou a caminhar para onde quer que ele estivesse a planear ir. — Queres que avise o Tobias?

Tobias! Não devia fazer aquilo. Devia avisá-lo que não poderia estar com ele e com João. Se me fizessem o mesmo eu ficaria extremamente irritado e chateado. Mas a culpa não era minha. Era de Greg e dos planos estupidamente secretos dele. Decidi que falaria com ele mais tarde para lhe explicar tudo, sobre Miguel e sobre este imprevisto. Com certeza entenderia.

Acenei com a cabeça.

João levantou a mão majestosamente. — Como quiseres. *Arrivaderci, hermano*. Fica bem. — Trespassou as sombras e desapareceu do nosso campo de visão.

A minha principal preocupação era saber se Tobias ficaria bem nas mãos daquele tipo. Não achava João assim tão irresponsável – queria acreditar nisso com todas as forças.

— Ele vai ficar bem. — interrompeu Miguel. Não percebi de quem é que falava. Preferi entender que se tratava de ambos os meus amigos.

— Eu sei que sim. — respondi — Vamos embora. Não quero ficar aqui mais tempo.

Começámos a caminhar em direção à saída, Miguel mostrando-me o caminho de volta para a cidade. Não tardámos muito a estar dentro do Range Rover Evoque branco. Muita conversa ia rolar.

SETE

O JIPE ERA UM FELINO A ATRAVESSAR A CIDADE. O MOTOR ronronava quando parava nos semáforos, dando depois lugar a rugidos violentos. Eram esses rugidos a prova da sua presença. Algumas pessoas olhavam para o veículo, maravilhadas. Não parecia ser um problema para Miguel; estava atento à estrada, mostrando-se stressado por não poder circular a uma velocidade mais elevada.

Passavam pouco mais das 23:45 quando chegámos à via rápida. Havia poucos carros àquela hora, e os que havia não estavam preocupados com o código da estrada. Ultrapassagens mal realizadas, piscas não dados, velocidades pouco apropriadas. Miguel não era inocente. Aliás, foi por estar a realizar uma condução tão perigosa que preferi esperar um pouco para introduzir o tema da conversa.

— Então — Afundei o corpo no banco do jipe. Sentia os braços arrepiados com o frio. Ou com o receio de abordar a verdade. — Porque é que me estavas a seguir?

Aos poucos começou a baixar a velocidade, o que interpretei como sinal de que estava disposto a conversar comigo. Pelo menos isso.

— Não te estava a seguir.

Era esta a resposta que esperava ouvir, mas não era a resposta que *queria* ouvir. Insisti. — Não dizes nada?

Sorriu. Havia um outro sentido naquele sorriso, algo que não conseguia descodificar.

— Estou certo que me irás achar maluco, por isso prefiro guardar o motivo para mim próprio.

— Dizes a verdade e depois digo se acho que és maluco ou não. — Esperei pela resposta de braços cruzados. Dei-lhe até tempo para pensar. Mas não avançou — É algo pessoal? Ou tem a ver com… não sei, com o meu pai? Um assunto por resolver com o meu irmão?

— O que é que o teu pai e o teu irmão têm a ver com isto?

Espero que nada. — Sei lá. Mas o meu pai é professor, podia ter sido injusto contigo, ao atribuir uma nota mais baixa do que…

Cessou-me a palavra. — Admiro o teu raciocínio lógico, mas não tem nada a ver com isso. O professor Benjamin nunca foi meu professor nem tenho qualquer afinidade com o teu meio-irmão.

Mordi o lábio. *Meio-irmão.* A realidade acertou-me em cheio. Tinha um meio-irmão, não um *irmão*. Irmão, como os Weasley ou os Geller. Não éramos assim. Tínhamos apenas metade do ADN um do outro. Que injustiça ter acreditado que um dia teria alguém para me defender, mesmo quando menos precisasse. Ora ali estava eu, num carro com o gajo que menos queria ver, graças a Greg — o meu *irmão*. Era isto a ironia do destino e das palavras.

— Se não é isso, o que é que se passa?

— É pessoal. Mas acho que não te devias preocupar com isso.

— Não devia preocupar-me com o facto de ter um estranho a perseguir-me à noite, em Braga? Realmente! Como é que nunca tinha pensado nisso? Não é assim tão grave. — A minha tentativa de ser sarcástico funcionou tal como queria. — Agora a sério, Miguel. Sê sincero comigo.

— Vais ficar surpreendido com a realidade.

— Já assisti a coisas piores, eu aguento.

Continuou calado. O carro aumentou a velocidade. Insatisfeito, mudei a minha abordagem. De pedido passei a ordem. — Avança.

— Não vais gostar. — murmurou. — Tenho a certeza disso.

— Seja o que for que me tens para contar não pode ser assim tão mau!

— Acabaste de me dizer que era estranho, e agora dizes que *não pode ser assim tão mau*. Tenho dificuldade em entender-te, Simão.

Porque é que ele tinha que ter sempre um pingo de razão em tudo o que dizia? Isso deixava-me desconfortável. Não queria estar ao lado dele, nunca mais. Rezava para que chegasse a casa o mais rápido possível. Amanhã teria que bater em Greg por me fazer passar por isto.

— Estávamos a falar de assuntos diferentes; — continuei — é estranho seguires-me mas podes dizer-me o motivo para o fazeres. Vou fazer um esforço para entender.

— Mesmo que seja estranho?

— Já te disse que sim. — O meu sopro de ar demonstrou a minha impaciência.

Demorou alguns segundos a fazer aquilo. Deu o pisca para o lado direito da estrada, certificou-se que não vinha nenhum carro, e assim que pôde, encostou o carro. Parou-o. Ficou algum tempo a olhar para o volante. A pensar. A escolher as palavras certas, achei eu.

Contemplei os seus olhos negros-acastanhados, escurecidos por uma força diabólica. Eram o espelho do demónio. Maquiavélicos. E inocentes ao mesmo tempo. A alma de um anjo devorada pelas lavaredas do inferno.

E então sepultou-os nos meus. Fogo ateou-se na minha mente. As cinzas cobriam todos os meus pensamentos, deixando-me entorpecido. Queria libertar-me desta sensação, ser livre, apagar as chamas. Não conseguia. Era como se se

tivesse criado uma ligação umbilical entre nós.

O meu queixo caiu. Era impossível estar assim, tão próximo de Miguel. Ele era um desconhecido, um estranho. Miguel conhecia-me mais do que ninguém. Sabia quem eu era e o que sentia. Todos os meus segredos não o eram para ele. Eu odiava-me por isso. Por ser tão acessível.

Não resisti. Quando dei por mim, tinha o punho encostado à pele dele. Não houve sangue nem um arranhão. Nem um sinal de dor. Apenas a sua mão em volta da minha, impedindo-me de lhe alcançar o nariz. Tentei com a outra, cerrada e em posição para lhe acertar no estômago. Falhei novamente, por culpa dos seus reflexos.

— Filho da…

Todos os músculos do rosto dele esboçavam curiosidade. — O que foi isto? O que é que te fiz?

— Tu conheces-me — revelei — e odeias-me. — *E eu odeio-te*

A frase despoletou uma gargalhada em Miguel. — A opinião que tinha acerca de ti mudou, neste preciso momento. — disse enquanto parava de rir — Não te conheço, e muito menos te odeio.

Estava a ser honesto, era fácil de perceber. O tom de voz não escondia nada, o sorriso era verdadeiro, o olhar assemelhava-se menos com uma janela para o lago de chamas. Era bom, como é óbvio, e devia sentir-me mais sossegado por ele não me detestar. Mas não era possível. Ainda havia restos de fogo na minha cabeça.

— Então o que foi isto?

Virou a cara, já menos relaxado. — Isto o quê?

— Esta… *cena*.

— Não te estou a perceber.

Claro que não. Nem eu própria entendia o suficiente para me explicar. — Quando olhaste para mim, passou-se uma cena. Tive uma sensação estranha.

— Outra coisa estranha? Chegámos a um limite, não concordas?

Abanei a cabeça. — Não. Ainda não me disseste a verdade.

— Tudo bem, convenceste-me. — O seu sorriso não se desvaneceu por completo. — Eu não te conheço, é verdade, mas fazes-me lembrar uma pessoa. Alguém com quem tinha uma excelente relação.

Se aquela era a verdade, estava desiludido. — É só isso?

— *Só isso*? Já não é assustador o suficiente o facto de seres muito parecido com uma pessoa de quem gostava muito?

— Pensei que essa pessoa te tinha assaltado ou te magoado de alguma maneira.

— Não neguei que a pessoa em questão fez isso.

— Assaltou-te?

— Não.

— Magoou-te?

Não respondeu logo. Vi os seus olhos procurarem algo. Um ponto seguro, para onde pudesse olhar e não ter os seus sentimentos expostos. Brilhavam sob os clarões que a lua emitia, crus e sinceros. Senti-me mal por tê-lo deixado naquele estado.

— Desculpa. — pedi. — Não queria que…

Calei-me, porque nem eu sabia o que não queria. Queria só que aquela noite chegasse ao fim, sem mais rodeios nem verdades. Sem coisas estranhas. Nesse ponto concordava com Miguel. Tínhamos chegado a um limite.

Era impossível encontrar as palavras para me lamentar, por isso, permaneci em silêncio. O silêncio servia como um pedido de desculpas, acreditava eu. Miguel não disse nada. Tomei isso como uma aceitação.

Apertou os dedos contra o volante, caindo na realidade, e voltou à estrada.

Aumentei o volume do rádio, para haver qualquer coisa para nos distrair. As notícias da meia-noite davam conta que um rapaz desaparecido em Braga permanecia com o paradeiro desconhecido. A voz da locutora tivera a minha atenção nos primeiros dez segundos, mas assim que começou a passar relatos dos vizinhos, a história tornou-se desinteressante.

— Tens fome? — Miguel rumorejou.

Não sabia se estava a falar a sério ou não. — E se tiver?

— Vou parar ali no *Holy Chicken* para comer. Se quiseres podes vir comigo.

— Não tenho dinheiro. — Desta vez não fora agressivo, mas sim franco. O meu estômago roncou como prova disso.

— Eu pago-te.

— Não, leva-me a casa.

— Mas tens fome.

— Eu como quando chegar.

— Eu pago-te. — insistiu.

— Não te vais sentir mal a comer junto à tal pessoa que te faço lembrar?

Riu-se. — Tu não és a tal pessoa.

— Então porque é que me segues?

— Porque… — Ficou sem palavras. Vi um outro sorriso a emergir da melancolia. — Porque preciso de te seguir.

— Estamos de volta às coisas estranhas.

Paramos em frente a um restaurante *Holy Chicken*, uma cadeia de *fast food* criada por um imigrante olimpiano que esteve no Canadá vários anos. Ainda estava em fase de expansão, mas era bastante popular entre os jovens da minha

idade. A relação preço-barra-qualidade era aceitável, um ponto a favor, além de que era um bom concorrente a uma outra marca bem conhecida.

Ao entrarmos, vimos o restaurante quase vazio. Havia apenas um casal de adolescentes sentados na mesa perto da entrada, ela com a cabeça encostada ao ombro dele. Pareciam de facto apaixonados. O rapaz acariciava os cabelos da rapariga com suavidade, percorrendo o seu rosto de seguida. A rapariga procurava os lábios dele, e beijavam-se.

— *Holy, holy chicken*! O que vai ser? — A funcionária disse, com um sorriso forçado. As marcas roxas em volta dos cílios denunciavam o cansaço.

Miguel não precisou de olhar para o menu. — Quero um *Chicken Colossus* grande, com duplo molho especial. Para beber vai ser água natural, por favor.

— Muito bem… — murmurou a funcionária enquanto acabava de anotar o pedido no computador. — E tu?

— Vou querer… — Olhei para a parede atrás dela, onde estava exposta a ementa ilustrada. Todos os hambúrgueres tinham bom aspeto, era difícil escolher.

— Jovem, vou contar-te um segredo. — interrompeu — O meu turno já acabou. Quanto mais tempo demorares, mais tardo saio do trabalho.

— Ele vai querer o mesmo. — Miguel declarou. — Vais gostar.

Acenei com a cabeça, ainda reticente.

Os pedidos ficaram prontos num ápice. Miguel pagou, sem me dar margem de manobra para contestar, e fomos para um canto, longe do casal e da funcionária maldisposta. Só de olhar para a comida a minha barriga ronronava. Bebi um gole da água e aproveitei para curtir a música que tocava. *Twist and shout*, dos Beatles.

— Obrigado por isto. Estava mesmo a precisar.

— A conversa pedia por comida. — Miguel dizia aquelas piadas com dificuldade. Não era a sua zona de conforto.

— Comida normal, se possível.

Voltou a rir-se. — Concordo. Chega de coisas estranhas.

O telemóvel de Miguel vibrou. Antes de fazer fosse o que fosse, olhou para mim, com algumas dúvidas. — É a minha irmã. Posso atender?

Encolhi os ombros. — Não, desliga.

O meu queixo caiu. Por mais incrível que parecesse, ele assim o fez.

— Sabes que estava a brincar, certo?

— Sim, mas eu já sei o que ela quer.

— E porque é que não atendeste?

— Isto não são horas de ligar para alguém.

E de volta às coisas estranhas.

— Já que estamos a ser sinceros, — comecei, sem rodeios — odeio a tua irmã.

— Acredito que seja um sentimento recíproco.

— Vocês falaram de mim?

— Falei-lhe da pessoa com quem te pareces.

— E o que aconteceu à tal pessoa? — retomei o assunto, curioso.

Mastigou o seu hambúrguer por algum tempo antes de responder. — Não sei. E Simão, se podermos ignorar este assunto, seria melhor para os dois.

Levantei as palmas da mão, aproveitando para levar o último pedaço de comida à boca. — Tudo bem. Mas podes, pelo menos, parar de me seguir? Não sei o que aconteceu a essa tua pessoa amiga, nem o que ela te fez, mas perseguires-me não a vai trazer de volta, acredita.

— Gostava que isso fosse verdade, Simão, mas a verdade é que tu desenterraste o meu passado. E proteger-te… — suspirou, triste — Quero mudar de assunto.

— Muito bem. Queres falar sobre aquela noite em que me raptaste?

— Esse assunto já está encerrado. Estavas em perigo e salvei-te. Não há muito mais que te possa explicar.

Revirei os olhos. Já não queria insistir mais naquilo. Se Miguel não me pretendia contar mais nada acerca daquela noite também não tinha mais vontade de o saber. O que me importava é que não tinha acontecido nada que me magoasse e que me colocasse em encrencas, o resto era um assunto encerrado – pelo menos isso assim o aceitava.

Miguel acabou a sua refeição e voltámos para o carro, sempre em silêncio. Não havia mais nada para conversar. Os meus temas, as minhas perguntas, tinham-se esgotado. Faltava-me apenas afastar daquela pessoa e estaria livre para esquecer os últimos dias.

O resto da viagem foi assombrado por um sossego perturbador. Nem o rádio estava ligado, nem Miguel dizia nada, nem eu tinha vontade de falar. O ressonar do jipe era a única coisa que se ouvia na escuridão da noite, tirando a minha respiração quase muda. Estava cansado, e ainda por cima tinha o estômago cheio. Era a fusão perfeita para um sono tranquilo.

Esperei ver a luz da cozinha de minha casa acender-se, o que não aconteceu. De certeza que o meu pai tinha caído no sono e só voltaria a acordar na manhã seguinte. Greg já me tinha avisado que isto acontecia quase sempre que ele ia sair à noite. Nesse aspeto, o meu pai era bastante diferente da minha mãe. A minha mãe só conseguia dormir quando tivesse a certeza que eu tinha chegado são e salvo.

Miguel acompanhou-me até à porta de casa. Tentei não fazer muito barulho ao abri-la, e assim que me assegurei que o meu pai continuava a dormir, voltei a

atenção para Miguel.

— Obrigado pela boleia. — agradeci num tom baixo. — Se não estivesses lá nem sei como é que ia fazer para voltar para casa.

— Afinal seres perseguido sempre tem os seus pontos positivos. — brincou, já cansado. — Espero que tenhas compreendido a minha situação.

Não tinha, mas também não me esforcei para mostrar o contrário. Dali para a frente, Miguel e eu íamos voltar a ser desconhecidos, já tinha prometido isso a mim mesmo. Nada de me voltar a meter em problemas à conta de me parecer com um tipo qualquer. — Vou fazer os possíveis. — acabei por dizer.

O meu telemóvel tocou. Era Greg.

— Não devias atender. — sugeriu Miguel. — Já é tarde.

Não devia era dar-te ouvidos.

— Estou?

— Ahm, é o Simão? — A voz nervosa era-me familiar, no entanto, não pertencia a Greg.

— Sim. Quem fala?

— Sou eu, o Noah. Vimo-nos na avenida, quando estavas com o teu irmão. Lembras-te?

Lembrava com clareza. Era o amigo que levara Greg para sei-lá-bem-onde. Mas não era isso que me importava. Se o meu irmão não me tinha ligado, e se era outra pessoa a fazê-lo por ele, isso podia significar uma coisa: Greg não podia falar. O motivo? Até tinha medo de saber.

— Está tudo bem com o Greg?

Engoliu em seco. — Preciso que venhas ao INL.

— INL? Onde é que é isso?

— O INL? — Miguel disse, surpreendido.

Noah continuou. — O Laboratório Ibérico de Nanotecnologia, em Braga. Fica perto da Universidade do Minho, sabes?

Arregalei os olhos. O que raio fazia Greg num laboratório de nanotecnologia, àquela hora?

— Estás a gozar. — Foi a minha reação imediata. — Passa o telefone ao Greg.

— Ele não pode falar.

— Não pode? — O meu coração explodia contra as minhas costelas. — Porquê?

Pausou. Articulou as palavras seguintes com algum cuidado. — Aconteceu uma coisa.

— Noah, onde raio está o meu irmão?

— No INL.

— Até aí já percebi, idiota.

— Não chames a polícia, por favor. Juro que não fizemos nada de mal!

— *Noah.* — repeti. — O meu irmão.

Respirou fundo, e depois continuou, sério, impaciente. E o meu mundo desabou.

— O Greg teve um acidente. Acho que ele está morto.

PARTE DOIS

O descobrimento é o primeiro passo na evolução de um homem ou de uma nação.
- Oscar Wilde

A verdadeira viagem da descoberta consiste não em procurar novas paisagens, mas em ter olhos novos.
- Marcel Proust

OITO

MIGUEL CONTINUAVA À ESPERA QUE EU DISSESSE ALGUMA coisa. *Acho que ele está morto*. Era tudo o que conseguia pensar naquele momento. Greg, o meu recém-descoberto irmão, estava morto. Porquê? O que é que tinha acontecido? Como iria contar ao meu pai?

Estúpido, pensei. *Ele não está morto. Não pode estar!*

— Simão. — disse Miguel. — Passa-se alguma coisa com o teu meio-irmão?

Engoli em seco, pensando nos riscos que a minha decisão acarretaria. Que se lixasse os riscos, o meu irmão era mais importante. Ele podia estar em perigo de vida, se é que já não estava morto. Bati lentamente a porta atrás de mim, e voltei-me para Miguel. — Precisámos de ir ao INL.

— Ao INL? — retorquiu com o mesmo espasmo que havia usado momentos antes. — O que é que se passou com o Greg? Com quem estavas a falar ao telemóvel?

— Era o Noah, um colega de curso do Greg. Ele acha que…

Não conseguia. Tinha que ver o corpo com os meus próprios olhos. Ver a morte perante mim. Só assim aceitaria a realidade. Greg morrera.

Lágrimas molharam parte do meu rosto. Não era de tristeza, era de raiva. Como podia ter sido tão parvo? Não era justo deixar o meu irmão ir sozinho para aquele sítio. Mas como poderia saber para onde ele ia? Nem sequer me tinha dito a verdade.

Além disso, nada estava confirmado. Podia ser apenas um susto. Noah podia ter-se enganado. As probabilidades eram imensas. Pelo menos queria acreditar que sim.

— Simão? — repetiu Miguel.

— O Greg teve um acidente.

— Um acidente? Ele está bem?

Miguel estava mesmo preocupado. Não fosse ele ter-me perseguido nos últimos dias até aceitava isso de bom grado. Mas não podia. Era suspeito. Além de que o odiava por me ter feito o que fez.

— Não sei. Preciso de ir ao INL.

— Eu levo-te lá. — Começámos a descer as escadas do alpendre quando parou para olhar para mim. — O que é que o Greg estava lá a fazer?

Respondi-lhe com um silêncio. Entendeu a mensagem.

Miguel conduzia prego a fundo. Desta vez, não receava a condução perigosa, nem o julgava por estar a desrespeitar as regras da estrada. Na realidade, pedia apenas que acelerasse, que fizesse o carro atingir o pico da velocidade. Quanto mais depressa chegasse ao destino, mais depressa teria a certeza que o meu irmão estava vivo. Não pedia sequer que Greg estivesse bem, bastava-me que ele respirasse.

— É ali. — Miguel apontou para o edifício que tinha visto horas antes, perto do parque desportivo. Assemelhava-se a um pavilhão circular, cheio de janelas azuladas e turvas, que não nos deixavam olhar para o interior. Ao aproximarmo-nos da entrada, porém, era percetível que apenas a fachada estava construída em redondo.

Vimos um homem sentado num cubículo de cimento, protegendo a entrada para os jardins do Instituto. Envergava um uniforme preto e amarelo, o que só por si dizia o que ele estava ali a fazer.

— Não podemos estacionar aqui. — disse Miguel. — Está ali um guarda.

— Vai à volta. — ordenei.

Era essa a sua intenção. Ao passar pelo guarda, e já longe do campo de visão dele, Miguel desligou as luzes do carro e baixou a velocidade. Ouvimos, com algum nervosismo, o motor a apagar-se.

Fitei o relógio no tablier. 01:16.

— Fica aqui.

— Não. — contestei. — É o meu irmão que está lá dentro!

— Eu sei isso. Vou verificar se é seguro entrar.

— Como é que pensas fazer isso?

Abanou a cabeça, irónico. — Sou um deus, Simão. Faço coisas incríveis.

— O Greg pode estar morto e tu estás a gozar com a minha cara?

Ignorou-me. Saiu do carro, e segundos mais tarde, sem sequer me dar tempo para pensar no que fazer, abriu-me a porta. — É seguro. Vamos.

Não me dei ao trabalho de questionar o que tinha sido aquilo. Se tivesse que confiar nos instintos de Miguel, com certeza estaria tramado. Como é que numa questão de segundos conseguiu ver se podíamos avançar? Era ridículo.

— Noah. — chamei. — Estamos aqui.

No meio de uns arbustos, atrás das grades que cercavam o Instituto, ouvi um som. Alguém a tentar passar pelas folhas verdes. Noah colocou a cabeça de fora, os seus olhos vermelhos e inchados. — Aqui.

— Onde está o meu irmão? — Procurei desesperadamente por um sinal dele, nas sombras do edifício, escondido pelos arbustos, mas não vi nada. — Ele está bem?

— Não sei…

Lágrimas começaram a cair dos olhos. Ergui o meu punho, pronto para lhe espetar um soco na testa. Precisava de fazer aquilo para me acalmar. Todavia, Miguel estava lá antes de eu lhe puder fazer alguma coisa. — Onde é que está o Greg?!

As suas mãos trémulas agarraram as grades. — Simão, eu *juro* que não sei o que se passou! Por favor, perdoa-me!

— Seu estupor! Não te atrevas a pedir-me desculpa!

— Eu não sabia o que fazer…

— Não digas merda, porra! — Miguel afastou-me das grades e não me deixou avançar mais. Era inútil lutar para me soltar, as mãos dele eram fortes e sabiam prender os meus braços com a força certa. — O meu irmão. Onde é que ele está?

— Lá dentro.

— O que é que vocês estavam ali a fazer?

— Simão, por favor. O teu irmão precisa de ajuda!

— O que é que se passou? — voltei a perguntar. Permaneceu em silêncio, deixando-me ainda mais ansioso. — Noah! — Um impulso fez-me ficar frente a frente com ele, quase como se lhe fosse bater. Agora tinha os braços soltos, era livre para lhe esmagar a cara contra os nós dos meus dedos.

Miguel agarrou-me de novo, levando-me para longe.

— Acalma-te, Simão. — pediu, fitando Noah logo que pôde — O que é que aconteceu? E porque é que vocês estão aqui?

Os olhos de Noah ainda estavam brilhantes. Era impossível dizer se se devia ao medo ou ao nervosismo. Rezava para que fosse a primeira, e que ele me temesse. A mim. Porque assim que pudesse desmanchar-lhe o rosto, eu ia fazê-lo, sem pensar duas vezes.

— Eu não sei… Nós estávamos a ver umas coisas, quando de repente… Não sei, não consigo explicar!

— Ele está *vivo*?

Entre tremores infinitos consegui ver que acenou com a cabeça. O meu coração parou umas milésimas para depois voltar ao ritmo habitual. Ao ver Noah naquele estado, só me ocorria que algo mesmo *muito grave* tinha acontecido ao meu irmão.

— Leva-me até ele.

— Subam essa árvore e saltem cá para dentro.

Avaliei a altura da árvore. Devia ter uns três metros de altura, e descer pelo ramo mais baixo ainda me causaria alguns danos. Numa situação normal, pediria uma alternativa. Mas entre partir uma perna e ser preso por invasão ao INL, optava pela primeira escolha.

— Vou primeiro. — disse, aproximando-me da árvore. — Ajuda-me a subir.

Miguel fez das suas mãos um suporte, onde apoiei os meus pés para iniciar a escalada. Enfiei os meus ténis entre alguns buracos que existiam no tronco, e pouco a pouco, ia trepando. Recusei-me a olhar para baixo, receando desmaiar. Odiava alturas.

Agarrei-me a um ramo, o mais baixo e também aquele que aparentava ser o mais resistente, e comecei a deslizar o meu corpo sobre ele. Assim que cheguei à ponta, deixei cair um pé, e depois o outro.

Noah estava debaixo de mim para aparar a queda, o que me deu mais segurança para me deixar cair no relvado verde. Apesar de ele ter tentado agarrar-me, Noah largou-me no último instante, e quase caía de cabeça contra o chão. Mas para que não fosse o pescoço a partir-se, teve que ser outra coisa qualquer. Estava em dúvida, se a mão ou o braço todo. A dor era indistinguível.

Noah correu até mim, ajudando-me a pôr a pé. — Estás bem?

— Filho da… AH! Merda, merda, merda!

— Deixa-me ajudar-te.

— Afasta-te de mim, sacana!

— Temos que nos despachar. — Miguel olhou para o meu pulso. — Assim que tirarmos o teu meio-irmão daqui, vamos a um médico. — Pressionou-me um ponto específico na mão, como se a estivesse a analisar. Uma guinchada de dor fez-me morder os lábios. — Não me parece que tenhas nada partido, mas devemos assegurar-nos disso.

— Depois. — disse, com a dor a acalmar vagarosamente. — Primeiro, o Greg.

Noah orientou-nos pela escuridão, enfiando-nos por arbustos e labirintos de sombras que pareciam ser cada vez mais perigosos. A certa altura, tivemos que evitar um guarda para conseguir esquivar-nos para o interior do edifício. Primeiro foi Noah, depois fui eu, e quando olhei para trás, já Miguel estava a seguir-nos.

Por dentro, o instituto era ainda mais aterrador. As únicas luzes que estavam ligadas relembravam-me que aquele sítio era de alta segurança. Provavelmente havia câmaras apontadas para nós.

Câmaras.

Examinei todas as paredes pelo qual passava, verificando se havia algum objeto estranho a filmar-nos. Caso houvesse estava tramado. Além de Greg estar em perigo de vida, também ia parar à prisão. O meu pai não aguentaria isto. Ou a minha mãe. Como é que ela ia reagir ao saber que o filho, que tinha ido para longe em busca de uma vida melhor estava preso por invadir um laboratório?

O negrume não me deixava ver um palmo à minha frente. Era impossível ver o que estava a pisar, quanto mais câmaras de vigilância. Talvez fosse melhor desta maneira; a ignorância dava-me esperança de não ser apanhado.

Os corredores começaram a ficar cada vez mais escuros, ao ponto de Noah ter que recorrer à lanterna do seu *smartphone* para nos iluminar o caminho.

— Não acredito que aqueles idiotas deixaram a porta aberta outra vez!

O meu corpo perdeu forças ao ouvir a voz desconhecida. Estava longe, mas os passos indicavam que se dirigia para a nossa posição. Mirei as minhas duas escoltas em busca de um plano.

"E agora?!" gesticulei com os lábios.

"Fugimos."

Bati com o punho no braço de Noah. Teve que fazer um esforço para não se queixar. "Greg," lembrei-o.

— Raios os partam! — disse a voz masculina. — Tenho que ser sempre eu a lembrá-los que aquela maldita porta tem que estar fechada!

Tínhamos vinte segundos. Trinta, no máximo. Era tempo suficiente para nos escondermos em algum lugar. Agarrei em Miguel e puxei para o fundo do corredor onde nos encontrávamos, o lado oposto de onde vinha a voz. Ordenei a Noah que me seguisse, porque agora ia ser eu a ficar no comando. Era um risco enorme, eu não conhecia o local, mas aquele idiota já tinha provado que era mestre em fazer porcaria.

A porta tinha um letreiro por cima dela, iluminada por uma pequena luz branca: LABORATÓRIOS, estava escrito. Não pensei duas vezes. Empurrei a porta e enfiei-nos lá dentro, sempre com a maior discrição possível. Não houve barulho, tanto a abrir como a fechá-la.

— Estamos seguros. — suspirou Noah.

— Covarde.

— Parem com esta discussão, por favor! — Miguel decretou. — A prioridade é tirar o Greg daqui. De acordo?

Acenei com a cabeça, apesar de ainda ter muitos insultos presos na minha garganta. Era um problema para resolver mais tarde.

Noah voltou a colocar-se na frente do grupo, e começou a caminhar em direção a uma porta vidrada, localizada no fundo do corredor. — O laboratório onde estávamos é ali.

Não andei, não corri. Acho que voei para chegar à porta que Noah tinha indicado. Puxei a maçaneta e impulsionei-a para trás, sustendo a respiração. Estava inseguro de mim próprio. E se Greg…? Não. Ele tinha que estar vivo.

Tornei a respirar ao ver o estado caótico da sala. O laboratório estava destruído, vários frascos deitados no chão, vertendo líquidos de várias cores. Numa das paredes, onde estava encostado um balcão, existia uma mancha preta, como se tivesse explodido alguma coisa.

— Meu Deus…

Noah apontou para a mesa que estava no centro da sala. Era onde Greg permanecia deitado de barriga para cima, olhos fechados e um dos braços pendentes contra o chão.

— O que é que vos deu para vir para aqui? — explodiu Miguel enquanto observava o cenário.

— Nós pensámos que é aqui que se está a realizar um estudo inovador sobre… Espera, o que é que tu tens a ver com isso?

— Sou testemunha de um possível assalto ao maior instituto de Nanotecnologia ibérico. Isso é mais que o suficiente para saber o que vos trouxe aqui.

Deixei-os discutir. Já tinha tido a minha dose quando estava lá fora. Agora, tinha que me certificar que o meu irmão estava vivo. Aproximei-me lentamente do corpo. As minhas mãos tremiam e cheguei à conclusão que não ia resistir à verdade.

O rosto pálido de Greg nunca tinha estado tão sereno. Podia conhecê-lo há pouco tempo, mas já conseguia ver que aquela pessoa ali deitada tinha sido afetada por algo. Não estava certo se era a morte, não queria que essa teoria fizesse sentido. Pelo que via, fazia.

Nunca mais veria os olhos dele, verdes e brilhantes, como quando uma safira é exposta ao sol. Talvez fosse este o destino do meu pai: perder um filho para receber outro. Seria a vida assim tão injusta ao ponto de lhe pregar uma partida destas?

Não, isto não me pode estar a acontecer. Agarrei na sua mão, apertando-a com todas as minhas forças. Dava a vida só para o ver respirar, se tivesse que ser. Lágrimas abrasavam os meus olhos, não ia lutar contra isso. — Não me faças isto. Por favor.

Greg ouviu a minha resposta; foi essa a sensação que tive ao ver que ele estremeceu, deitando ao chão o resto dos frascos com químicos. Afastei-me, os meus olhos focados no corpo inconsciente. Quando parou, algo prendeu a minha atenção – era um feixe de luz azulado, como eletricidade, que circulava debaixo da pele de Greg, seguindo os traços delineados pelas veias. Surgiu do nada, e subia o corpo devagar. Devorava cada músculo do meu irmão, gerando espasmos violentos.

O que se estava a passar?

Aquela luz azul, que não tinha descrição possível, subiu à cabeça. Lá, o centro da eletricidade foi formado, como remoinhos agressivos e mortíferos. Não havia um só feixe de luz, eram vários a contracenarem numa dança violenta.

Os olhos abriram-se. Neste processo sobrenatural, tinham sido pintados com a cor do céu, escuros e brilhantes. Ainda mais brilhantes do que já eram. Greg

estava ofegante, em busca de ar com a boca e o nariz, procurando levantar-se com toda as suas forças. A mão dele tocou-me, agarrou-me na camisola, puxou-me até ele.

Ouvi de perto os seus suspiros. Cuspia palavras que não faziam qualquer sentido – ou então era eu que estava demasiado chocado para as perceber. Na verdade, estava aterrorizado.

Pior era aquilo que havia no pulso dele. Um relâmpago sobressaía-se na pele, envolto por um círculo místico que emitia uma luz laranja, como chamas crescentes. Era… era *vida*. Um sinal de força, de vigor, de impulso. Tocar-lhe era aliciante. Não obstante, o fogo protegeu o corpo de Greg do meu dedo, não o deixando aproximar-se do relâmpago.

— Miguel. — chamei, não tirando os olhos do pulso do meu irmão.

Pararam de discutir, e ao perceberem-se do que se estava a passar, correram para junto de mim. Afastaram-me do corpo de Greg, eu a lutar para não o fazerem, e prenderam-no à mesa. Quando olhei para o pulso já não havia sinal de qualquer relâmpago ou daquela luz flamejante.

— Está tudo bem! — sussurrava Miguel, como se falasse com uma criança que tinha acordado de um pesadelo. — Respira fundo, não aconteceu nada.

Aos poucos, Greg parou de se contorcer, fechando os olhos de forma a voltar à realidade. No momento em que os abriu pude ver que estavam verdes, o mesmo tom esmeralda que os caracterizava. Miguel pedia para que se acalmasse, enquanto Noah prendia os braços dele contra a mesa. A respiração começou a entrar num ritmo normal. Os dois acabaram por o soltar.

— O que é que se passou? — perguntou Greg, uma pergunta que valia por mim e por ele.

Noah continuava em silêncio, sem saber o que dizer. Ajudei o meu irmão a levantar-se, o que Miguel rapidamente me mandou parar de fazer. — Lembras-te de alguma coisa? — questionou-o. — Não sentes dores?

Greg observou todo o corpo, movendo a mão de um lado para o outro. Os seus olhos arregalados ao sentir o seu membro deixaram-me nervoso.

— Não, — concluiu — acho que está tudo bem. Não me dói nada. Mas o que é que se passou? Ainda não me responderam.

Trocámos olhares entre nós. Miguel e eu concordámos que Noah era o único que podia dar uma explicação lógica, e portanto focámos a nossa atenção nele.

— Não olhem assim para mim, não sei de nada.

Tinha uma vontade enorme de lhe bater. A sério, eu *tinha*. Noah era o foco da minha raiva naquele exato momento. A única coisa que me impediu foram os braços de Greg, que usavam o meu corpo como suporte. Inspirei, contei até três, e voltei a expirar. Repeti o processo até estar mais calmo.

— Eras o único que estavas comigo, e não sabes de nada? — Greg fitou Noah — Não tens a mínima ideia de como *isto* aconteceu? — Os seus dedos longos e finos percorreram o laboratório quase destruído.

— Só ouvi um estrondo, e quando me virei, estavas no chão, desmaiado, e tinhas destruído metade da sala.

O peito de Greg inalava ar de uma forma assustadoramente rápida.

— Acalma-te. — pedi-lhe — O importante é que estás vivo.

— Temos que ir embora o mais rápido possível. — Miguel interrompeu, caminhando até à porta e espreitando — Não tarda e os seguranças vão aparecer. Aí vamos ter problemas sérios.

Analisei Greg. Parecia estar cansado. Isso dava-me motivos para acreditar que não estava tudo tão bem quanto ele dizia. — Vamos ao hospital. Tu precisas de ser avaliado por um médico.

— Não! — exclamou — Não podemos fazer isso!

— Acabaste de sair de um coma! Sabes lá o que é que se passou!

Greg agarrou na minha mão, feroz. — Nem pensar! Eles vão descobrir que estivemos aqui!

Tinha que concordar nesse ponto. Os médicos iriam seguir o protocolo e tentar perceber o contexto em que ocorrera o acidente. Denunciar-nos-iam. Ainda assim, tinha que pensar em algo.

— Eu estou bem — reafirmou Greg, enclausurando os olhos dele nos meus — A sério, eu estou.

— Concordo com o teu meio-irmão. — interrompeu Miguel, ainda preocupado com a nossa descrição — Precisas de ser avaliado por um profissional. Compreendo que não o queiras fazer, mas tenho um conhecido que nos pode ajudar. É um excelente profissional e não te irá trazer problemas.

Não dei hipótese a Greg para responder.

Tirei-o de cima da mesa, a minha mão ainda a doer-me da queda da árvore, e levámo-lo até ao exterior. Ao fim de cinco passos, ele já conseguia caminhar sem qualquer tipo de dificuldade, e quando tivemos que passar novamente as grades, Greg não teve problemas. Já no exterior do INL, Greg sentou-se no banco traseiro do jipe de Miguel. Noah ia para o seu lado, mas foi interrompido.

— Não precisas de vir. — Greg disse — Já me causaste problemas que chegassem.

Noah abanou a cabeça. — Nem penses que vais sozinho.

— Ele não vai sozinho. — rebati, ocupando o lugar onde Noah pensava sentar-se. — Eu vou com ele.

— *Nós* vamos. — Miguel acrescentou. Ligou o motor do veículo, e sem qualquer tipo de problemas, dirigiu-se a Noah de uma forma agressiva — Vai

para casa, dorme tranquilamente. Precisas de colocar o sono em dia.

NOVE

DE ONDE ESTAVA SENTADO, CONSEGUIA VER O PONTEIRO DO velocímetro a subir. 90 km/h, 100 km/h, 120 km/h… Os carros passavam por nós delineados por borrões coloridos indistinguíveis. Alguns deles buzinavam quando Miguel realizava uma ultrapassagem temerária, como aquelas de um filme de ação, ziguezagueando pelo asfalto quente de setembro. Outros deixavam-se maravilhar pelas habilidades improferíveis do condutor daquele Range Rover. Já não bastava estarmos dentro de um carro luxuoso de alta cilindrada; também o nosso condutor dava motivos para as pessoas olharem para nós com desconfiança.

Mas aquela velocidade não representava nada. Quase que podia dizer que era uma mera miragem. O tempo não parava e estava par a par com a rapidez do carro de Miguel.

Greg aparentava estar cada vez pior. Ele bem que negava que o coma, o desmaio, o ataque… aquela coisa, aquele feixe de eletricidade — não tinha a certeza do que lhe chamar — o tinha afetado. O trovão, desenhado a fogo no pulso dele, já lá não estava, mas a minha mente debilitada, confusa e insegura mostrava-me o contrário.

O meu irmão dizia que estava bem, que nada nele estava mudado. Asseverava com convicção que era impressão nossa. Como podia ser quando o corpo dele o denunciava? A temperatura estava a baixar – *e rápido*.

Miguel estava mais atento ao telemóvel, para comunicar com o tal doutor amigo dele, o Violante, do que à estrada e aos carros que circulavam ao nosso lado. Avisava-o de um "acidente estranho" que tinha ocorrido "num local igualmente não muito normal". O carro dele ia agora a uma velocidade muito acima da permitida, a atingir o pico dos 200 km/h. Não é que estivesse com medo que a polícia nos apanhasse (entrar num laboratório às tantas da madrugada soava-me a algo bem pior), era mesmo a minha segurança. Neste momento, classificava-a como inexistente.

— A temperatura corporal está a descer cada vez mais. — descreveu Miguel. Ouviu indicações do médico. — Já existem tremores?

Coloquei a mão na testa fria de Greg, sentindo as gotas de suor na pele dele. Estremeceu.

— Ainda não. — respondi — Mas a temperatura continua a baixar.

— D-d-despacha-te M-Miguel! — murmurou Greg. O brilho dissipava-se

progressivamente dos seus olhos verdes, e as mãos procuravam abraçar-se ao próprio corpo. Não estava assim tão bem quanto nos queria fazer acreditar.

— Estamos quase lá. — repostou Miguel. Foi tão convincente quando Greg.

— Não-não vou… agu-guentar… não vou aguentar…

O meu cérebro estava prestes a colidir com a inconsciência. Havia demasiado com que me preocupar, muitas coisas para ele processar. Não era só a temperatura de Greg, nem a condução furiosa de Miguel, tinha que estar também atento à língua do meu irmão. A qualquer instante podia haver um rasto de sangue a deslizar dos lábios dele. Os dentes pugnavam como uma trituradora a esmagar carne, rápidos e decisivos, fortes e fatais.

— Greg. — Permiti aos meus lábios definhados um suspiro. — O que é que foste fazer…

— Des-desculpa… — disse, sem olhar para mim. — Descul-p-pa… eu-eu não queria…

Ergui o dedo indicador no ar, calando-o. Não queria que ele gastasse as poucas energias que tinha a tentar lamentar-se. Já não havia nada para lamentar. Ele estava condenado, tal como eu. E Miguel. Porque é que tinha que arrastar um quase desconhecido para isto? O meu objetivo era ver-me livre dele, e agora só lhe estava a dar mais um motivo para estar perto de mim.

Os olhos de Greg, apinhados de pânico, retornaram a mim. — O p-p-pai.

Engoli em seco. — Não te preocupes. Vais ficar bem.

— T-t-temos… q-q-que avisar o p-pai.

— Não penses nisso agora…

E ali estava eu, incapaz de ajudar o meu irmão, horas depois de ter estado perto de lhe prometer ódio eterno. Vê-lo ali, naquele estado, inapto para falar, era o grau máximo da impotência, um grau quase desumano. Não queria voltar a olhá-lo nos olhos. Doía, a mim e a ele. Mas o que poderia eu fazer? Por mais que quisesse ajudar, tudo o que eu decidia revelava-se como um ato falhado. Não tinha qualquer poder naquela situação. Restava-me o apoio moral.

Esmurrou a porta com as poucas forças que subsistiam. — Já não aguento mais!

Miguel procurava-nos pelo espelho retrovisor. Tinha que se certificar que ambos continuávamos a respirar, lidando com o risco constante de bater num carro ou de se despistar, como se não bastasse transportar com ele uma pessoa afetada por químicos pertencentes a um laboratório de nanotecnologia. Eu não lutava para me manter vivo. Fazia apenas os possíveis para conseguir segurar a poia que ameaçava borrar as cuecas. Nunca tinha tido medo, mas hoje era diferente – estava num carro a 180 km/h. 210, quando voltei a verificar o velocímetro.

— Falta muito tempo para lá chegarmos? — perguntei.

— Alguns minutos. O consultório do Dr. David fica logo à entrada de Olimpo.

Não consegui compreender se Greg ouvira as palavras de Miguel. Procurei rastos de esperança a brilhar nos olhos dele, mas estavam fechados. O que aconteceu, porém, era pior do que imaginava. Era precisamente o contrário de esperança. Um traço assente de destruição.

— Estás bem? — perguntei, arrependendo-me logo de o ter feito.

A respiração ofegante desapareceu. Cedeu o lugar ao silêncio. Nem inspirava, nem expirava. Era como se tivesse chegado ao fim da linha… como se o último respiro tivesse sido entregue à Terra…

— Greg?

Abanei-o. Toquei-lhe na testa. Nem isso o fez tremer.

— Greg? — repeti, a aflição a subir-me pelas costas. — Merda, Greg, responde!

— O que é que se passa?! — Miguel fez o carro perder velocidade de tal forma que aquele que prosseguia atrás de nós quase nos batia.

— Ele está morto!

Não estava. Tinha sido apenas o prólogo de uma coisa maior.

A boca dele abriu-se, os olhos imploraram por luz e as narinas dilataram-se para receber a maior quantidade de ar possível. As unhas de Greg enterraram-se na carne da minha perna. Não houve sangue, somente uma dor berrante, daquelas que fazem as lágrimas deslizar pelo rosto. A partir daí, não vi mais nada. Ouvi. Era um grito de aflição, intenso e duradouro.

Miguel começou a dirigir o Range Rover para a berma da estrada. Vários condutores enfurecidos buzinaram, e outros tantos desviaram-se para que ele pudesse concluir a manobra com segurança. Com o veículo já imobilizado, Miguel rodou o tronco para trás, boquiaberto. Também ele receava fazer algo errado.

— O que é que se passa?! — voltou a dizer.

Era a mesma pergunta que vagueava na minha cabeça.

Os olhos de Greg pareciam querer saltar das órbitas, além de que podia jurar a pés juntos que a pele dele se tinha tornado transparente. O sangue a pintar as veias de um tom escuro. Dava a sensação que, muito em breve, o meu irmão ia explodir.

O grito agonizante começou a desvanecer-se. Os efeitos secundários desapareceram, e em pouco tempo, Greg já estava com os olhos fechados. A pele voltou a esconder as veias e os olhos quase saltitantes. Um ar gélido atravessou-me, mais real do que podia ter imaginado.

Durou vários segundos. Ou talvez minutos. Não sei, apenas me queria

concentrar no meu irmão e verificar que, acima de tudo, ele ainda estava vivo.

— Estás bem? — perguntei sob o ruído do Range Rover.

Lentamente, Greg abriu os olhos. Lá estava o mesmo brilho esmeralda que o caracterizava, o brilho que simbolizava vitalidade. Largou a minha perna, observando a sua mão. Apertou os dedos contra a palma e depois esticou-os. Aparentemente não havia nada de estranho. — Acho que sim.

Não podíamos arriscar. O que acabara de acontecer tinha sido grave; contudo, ele parecia-me… *normal*. Parecia o mesmo Greg que conhecera dias antes. Como se todo aquele tempo não tivesse passado por ele.

Mas não podia estar bem. Greg tinha acabado de sofrer… *alguma coisa*… e tinha estado em sofrimento nos últimos minutos. Agora voltara ao normal? Era *estranho*.

— Alguma coisa se passou naquele laboratório, — garantiu Miguel — e está a afetar-te de uma maneira pouco saudável. Devíamos visitar o Doutor Violante o mais rápido possível. Podes estar a sentir efeitos secundários de algo grave e ele pode com certeza dar-te um prognóstico.

O meu irmão abanou a cabeça — Não me vou meter na toca do lobo.

— E se isto for mais grave do que imaginas? — questionei-o — Não podes simplesmente matar-te com medo de seres apanhado.

— O doutor é um amigo de família, ele manterá a boca calada. — assegurou — Agora, vamos. Podemos estar a perder tempo essencial.

Virou-se para a frente, sempre com uma atitude desconfiada. Talvez esperasse que Greg fizesse como eu e tentasse escapar com o carro em andamento. Assegurar-lhe-ia que isso não ia acontecer, não fosse o risco de o meu irmão descobrir o que tinha ocorrido. Retirou a alavanca das mudanças do ponto morto. Opondo-se ao que eu esperava, não deu início à marcha, mas assobiou com surpresa. — Meu Deus!

— O que foi? — Greg e eu olhámos para os lados, onde nos percebemos que os vidros estavam completamente ofuscados por vapor de ar. — O que se passou?

— Está a nevar. — concluiu o nosso condutor. No vidro traseiro, uma rede branca amontoava-se e formava uma muralha que em breve o cobriria por completo. — Como é que isto é possível?

— Não percas tempo. Arranca!

Ainda que com cuidado, Miguel obedeceu à minha ordem. Greg e eu trocámos olhares nervosos. Aquela mudança meteorológica não era normal, e ambos sabíamos disso. Estávamos a pensar na mesma coisa.

Não, isso não é possível. O meu irmão não tem nada a ver com isto. Não comeces a imaginar coisas. Isso é uma coisa da tua mãe. Ela é que escreve

livros, não és tu. É uma simples coincidência.

Mas não conseguia parar de pensar naquilo.

Ao observarmos a igreja do Sameiro, vimos que flocos de neve protegiam o santuário da luz da lua. Os meus olhos desceram a serra, pouco a pouco. Como se alguém tivesse derramado chocolate branco sobre aquela colina, a neve ia desvanecendo com a declinação da montanha, desaparecendo por completo no limiar da serra.

Greg agarrou na minha mão. Não havia rastos do frio que o alterara depois de acordar do coma. Estava quente e confortável. Todo o gelo transformado em neve, a mesma que caía lá fora…

Esquece. Não é possível.

Chegámos a uma pequena casa, escondida por entre várias árvores. Não conseguia perceber se elas tinham sido lá plantadas ou se faziam parte da floresta que cercava Olimpo, já que estavam ordenadas de uma forma bastante natural.

Logo que o jipe se desligou, uma das janelas iluminou-se e a porta abriu-se segundos depois, revelando uma figura masculina, alta e esguia. Quando o seu rosto ficou iluminado por uma luz de jardim, consegui ver os olhos azuis-acinzentados a assentar a preocupação que os lábios finos e rígidos demonstravam. De perto, dava para analisar melhor o homem; devia ter perto de cinquenta anos, e a sua barba raspada já apresentava uma tonalidade branca e cinzenta, da mesma maneira que os seus cabelos castanhos disfarçavam as brancas que teimavam em aparecer na lateral da cabeça.

— Estava à vossa espera. — afirmou o homem, com uma voz segura — Já preparei o equipamento que acho ser necessário para cuidar a vítima.

Greg reagiu de maneira negativa a esta última palavra.

— Este é o Doutor David Violante. — apresentou Miguel, formando uma ponte entre o meu irmão e o Doutor. — São o Simão e o Greg Silva, filhos do professor Benjamin Silva.

— Agora não é tempo para apresentações. — afirmou, revelando um leve sotaque espanhol. Virou as costas e começou a caminhar em direção ao interior da casa — Venham rápido.

Não fomos levados para dentro de casa, mas sim para dentro da garagem, que era, na verdade, a sala de espera. O pequeno aposento estava pintado de branco, e encostado a uma das paredes encontrava-se um sofá de pele preto. Sob um tapete cinzento, havia uma pequena mesa de centro feita de madeira, onde se encontravam revistas e jornais. Ao pé da porta que acreditava levar ao consultório, estava um vaso vermelho com uma planta verde brilhante.

— Esperem aí enquanto faço a avaliação ao paciente — O Doutor indicou o

sofá, apressando-se a levar Greg para o interior do consultório. Antes de entrar, ainda lhe transmiti uma força com o olhar.

A porta bateu, e aterrei no sofá. Fechei os meus olhos, processando tudo o que se tinha passado e o que se estava a passar. Senti Miguel a sentar-se ao meu lado. Suspirou, e imaginei-o a colocar as mãos em concha, tapando a boca e o nariz.

Passei a noite inteira a ser perseguido por Miguel. Greg decidiu assaltar um dos maiores laboratórios do mundo. Consequentemente, foi vítima de alguma mistura química que o deixou estranho. Que o fez provocar uma tempestade estranha. Será que teria que acrescentar mais coisas a esta lista?

Decidi focar-me na parede que estava à minha frente. O silêncio aterrador foi interrompido pela voz aguda de Miguel. — Como é que estás?

Encolhi os ombros. — Acho que estou… — Inspirei uma boa lufada de ar. — *bem*. É, estou bem. Pelo menos dentro dos possíveis. E tu?

Miguel respondeu com um sorriso sincero. — Melhor que o Greg, com certeza.

Ficámos em silêncio durante algum tempo. Não conseguimos encarar-nos, estávamos demasiado cansados para isso. O meu pulso ainda me doía — bastante. Tinha que centralizar os meus pensamentos noutra coisa para evitar dar demasiada atenção à dor.

— Achas que ele vai ter algum problema?

Miguel olhou para mim, confuso. Ponderou uma resposta, talvez aquela que eu quisesse ouvir e não a que era a verdade. — Penso que não. — acabou por dizer. — Houve um momento em que pensei que ele não sobrevivesse, mas dado que ele afirmou estar bem, não há motivos para duvidar da palavra do teu meio-irmão.

Era mentira, mas aceitei a opinião de Miguel de bom grado. Deixou-me mais calmo. A pontada aguda no braço continuava lá — esperava que não por muito tempo.

— E sobre a invasão ao Instituto de Nanotecnologia — continuou — Não sabes de nada?

Mais uma vez, abanei a cabeça. — Se soubesse, teria impedido o Greg de fazer uma loucura.

— Só me pergunto o que lhes passou pela cabeça. Aquele local está protegido com todas as formas possíveis de segurança.

Encostei a cabeça na parede, fechando novamente os olhos. Mais um problema que teria que resolver.

— Ainda vou ter que pensar numa maneira de apagar as filmagens e as impressões digitais. — disse Miguel.

— Isso é impossível — lamentei, ainda com os olhos cerrados — Teríamos

que voltar a entrar no INL, procurar pelo local onde se armazenam as gravações, entrar na cena do crime… — Cocei os olhos, procurando acordar deste pesadelo. — Não podemos fazer isso. É provável que o instituto esteja cheio de bófias. — A conclusão a que cheguei doeu mais que o meu pulso partido. — O meu irmão está tramado.

Era isso mesmo. Greg estava metido numa embrulhada muito maior que aquela que ele imaginava. Não lhe ia adiantar de muito pedir silêncio ao Doutor David — as imagens da videovigilância provavam tudo. E eu aparecia nessas mesmas gravações. Como fomos tão estúpidos ao ponto de nos denunciarmos desta forma tão ridícula? Deveríamos ter pensado numa maneira de esconder a nossa identidade das câmaras de vigilância antes de entrar no edifício — aliás, era essa a tarefa de Greg e Noah. Se queriam fazer um crime perfeito, pelo menos podiam ter pensado nisso tudo. Será que não tinham?

— Não te preocupes — Miguel fez-me abrir os olhos. Encarava-me, sério — Eu vou tratar dessa situação.

— Como?

A porta do consultório abriu-se. Tanto eu como Miguel nos levantámos, esperando que alguém nos desse novidades o mais rápido possível. Greg saiu em primeiro lugar, sorridente. Respirei de alívio. O Doutor David saiu depois, com uns papéis na mão.

— Está tudo bem com ele. — anunciou. A confirmação fez com que Greg nos olhasse com a intenção de nos transmitir a mensagem “Eu disse-vos”. — Agora vão para casa, não se metam em mais problemas.

E de repente, o sorriso irradiante de Greg desapareceu. — Por favor — A súplica provocou-lhe rouquidão — Não diga isto a ninguém.

Da parte do Doutor só houve um acenar de cabeça. — Vai para casa descansar, é tudo que te peço — proclamou calmamente, indicando-nos a saída.

Greg agradeceu.

— Doutor, — interrompeu Miguel. — devia analisar o pulso do Simão. Parece-me que ele o partiu.

— Ora, esta foi uma noite em peras para vocês.

Acabei por descobrir que tinha apenas torcido o pulso, nada de grave. Teria que andar com uma ligadura durante uns dias e estaria como novo. Voltámos a agradecer ao Doutor David, depois de ele nos analisar, e seguimos para o jipe.

Desta vez, o meu irmão fez-me ir sozinho no banco traseiro. Enquanto Miguel nos guiava de volta a casa, tanto ele como Greg conversavam sobre maneiras de eliminar os nossos vestígios no Instituto de Nanotecnologia. Eu, contudo, não estava atento a essa conversação.

Preferia focar-me numa outra situação que me estava a dar a volta à cabeça. O

grito de Greg, a neve repentina e inesperada, o frio a cortar-me a pele… isto tinha que estar tudo ligado. Apesar de ter a certeza disso, a parte racional do meu cérebro exigia que o esquecesse. Não havia forma de esses factos todos estarem, de alguma forma, conectados numa corrente de coisas estranhas.

"Está tudo bem com ele," anunciou o Doutor David — mas como poderia ser isto verdade, quando eu próprio tinha presenciado uma cena completamente paranormal? Um relâmpago atravessou o corpo do meu irmão, acordando-o de um coma que o transformou numa espécie de formador de tempestades. E aquele símbolo no pulso… o relâmpago…

Formador de tempestades, ah! Devia anotar essa para enviar à minha mãe.

Falando no diabo, como é que ela estaria? E porque não me tinha ligado?

Não. Não penses na tua mãe. Vais começar a chorar e ninguém te vai começar a levar a sério, estás a perceber?

Acenei com a cabeça. Ao perceber que estava a perder o pouco de lucidez que ainda me sobrava, fechei os olhos. Só queria acordar quando estivesse em casa.

Felizmente não tive de esperar assim tanto tempo para que isso acontecesse. O carro parou, e dei um salto no banco. O jardim mal cuidado não enganava, era a residência oficial dos Silva que me esperava no exterior.

Greg abriu-me a porta. — Achas que chegas até à entrada, bela adormecida?

— Que engraçadinho — resmunguei. Coloquei os pés fora do jipe e Greg fechou a minha porta. Dirigiu-se até ao vidro do condutor, batendo nele. Miguel baixou-o, já com uma cara de sono.

— Obrigado. — agradeceu Greg. — Se não fosses tu, estávamos os dois numa grande embrulhada.

— Não te preocupes. Sempre que vocês precisarem de mim, eu vou estar cá para vos ajudar. — Miguel procurou por algo no interior da viatura, e quando a encontrou, entregou-a a Greg. Pelo que percebi, era um pequeno cartão. — Fiquem aqui com o meu número, pode vir a fazer falta. — O seu olhar caiu sobre mim. — Até amanhã.

Greg assentiu. — Fica bem.

O Range Rover ganhou velocidade, e poucos segundos depois desapareceu ao descrever a curva do bairro. Virei o meu rosto ao ouvir o som de papel a ser rasgado. Greg tinha destruído cartão. Levantou a tampa de plástico do caixote de lixo, e atirou os pequenos papéis lá para dentro. — Foi muito amável da parte dele, sem dúvida.

Se estivesse consciente, acharia aquilo um ato de maldade. Mas não estava, e portanto limitei-me a rir. A porta abriu-se, Greg acendeu a luz, com cuidado para não fazer barulho, e levou o seu dedo indicador aos lábios. Percebi logo a mensagem. Descalcei-me e subi as escadas, sempre evitando o barulho da

madeira podre que me poderia denunciar. Já seguro, corri para o meu quarto.

Deitei-me sobre a cama, não me sentindo pronto para dormir. Através do meu telemóvel, fui verificar a minha caixa de correio eletrónico. Tinha uma mensagem da minha mãe.

> Olá Simão!
> Desculpa não te ter ligado ou escrito nas últimas horas. Tenho estado ocupada com o meu livro, e já sabes como sou: quando começo uma coisa, não a consigo largar sem a ver terminada. Felizmente estou mesmo nos capítulos finais, naquela parte que tu tanto querias ler, lembraste? Não? Ainda bem *risos sem fim*

Cocei a cabeça, confuso com o que ela queria dizer com aquilo. Continuei a ler.

> Mas sente-te à vontade para me ligares. O número é o mesmo.
> (Sim, estou a dizer-te que devias ter-me ligado mal chegaste a Braga.)
> (Não, não estou a falar a sério.)
> Um beijo cheio de amor e açúcar,
> Mãebela

Não consegui evitar um sorriso. A minha mãe podia ser séria na vida real, mas era incapaz de esconder o seu lado mais ridículo e cómico ao escrever fosse o que fosse. As lágrimas vieram-me aos olhos ao ver o seu apelido no fim da mensagem. Mãebela, uma espécie de trocadilho de “Mãe” e “Anabela”, o seu primeiro nome.

Por outro lado, as lágrimas podiam ter um significado alternativo. Estava a afeiçoar-me demasiado à minha nova família — isso poderia dizer que estava a esquecer-me da minha vida em Lisboa. Isso não podia acontecer. Tinha prometido à minha mãe. Mas a verdade é uma: também lhe tinha prometido que não me metia em problemas e nos últimos dois dias não fizera outra coisa.

DEZ

A MINHA AVÓ COSTUMAVA DIZER-ME QUE TODOS OS SONHOS tinham traços da realidade. Dizia que simbolizavam os nossos maiores medos e os marcos mais importantes da nossa vida. Na altura, a tenra idade permitia-me aceitar aquelas palavras. Partilhava-as com os meus amigos, no intervalo da escola, fazendo-os acreditar que se eles sonhavam com o bicho mau, então era porque ele de facto existia. Como era de esperar, alguns pais não acharam grande piada e falaram com a minha mãe. Fiquei de castigo durante uma semana, sem poder ir brincar para o parque.

Quem diria que, com perto de dezasseis anos, poderia vir a comprovar a teoria da minha avó. Naquela noite, o sono chegava-me com pesadelos horríveis. Via a morte de Greg, a neve a cair no funeral dele, o meu pai lavado em lágrimas. A polícia prendia-me por ter sido cúmplice do assalto ao INL. E, perto do final, momentos antes de acordar, ouvia uma gargalhada. Gélida e vingativa. Pertencia a um homem que brotava de uma nuvem de fumo, ganhando contornos à medida que se aproximava de mim.

Miguel.

Despertei. Pânico preencheu os meus pulmões. Levei a mão ao meu peito, ouvindo o coração a bater. Rápido. Nervoso. *Tum-tum. Tum-tum. Tum-tum.* Os lençóis estavam molhados com o suor, deixando-me com uma sensação desagradável quando me virava. Olhei para o relógio da mesa-de-cabeceira. A luz quase extinta era difícil de decifrar. Semicerrei os olhos.

DOMINGO, 22/11 - 06:39

Não podia ficar ali deitado. Cair no sono de novo era um convite para os pesadelos voltarem, e ver todas aquelas imagens de novo não ajudava. O que mais queria era esquecer a noite passada. Greg tinha feito asneiras, tudo bem. Eu também as fizera em Lisboa. Agora restava-nos deixar o passado para trás.

Os meus pés tocaram no chão frio. Tinha que me aquecer. Deixei o meu corpo tombar no chão, colocando-me de costas no tapete. Dobrei os joelhos, e ergui-me até que o peito lhes tocasse.

Um.

Estendi-me no chão novamente, sentindo o frio a tocar-me na espinha. Para

minha surpresa, não foi desconfortante. Era só mais uma motivação para me tornar a erguer. O peito tocou no joelho.

Dois.

Cinquenta abdominais, sempre com os movimentos precisos, exatos, e rigorosos, tal como tinha aprendido na escola. Aliás, o meu antigo professor de Educação Física havia sido um general das Forças Armadas, e trouxera com ele esse lado militar para as aulas. As raparigas odiavam-no. Algumas ainda nem se menstruavam, mas usavam essa desculpa para ficarem no banco. Mas não eram as únicas a detestarem aquela aula; metade dos rapazes preferiam ficar a estudar na biblioteca. Já a outra metade (onde eu me incluía), via ali uma oportunidade para crescer. Tinha doze anos. *Tão maduro que era…*

Depois dos abdominais vinham as flexões. Aqui tinha mais dificuldade. Os meus braços ainda tremelicavam quando tinham que suportar o peso do corpo. A dor do pulso torcido era eminente, mas não desistia. Fiz cinquenta, nunca parando para sequer ganhar fôlego. O professor ficaria orgulhoso.

Exercício feito, estava pronto para o banho da manhã. Um banho de água fria, de preferência, para ficar mais desperto. Do meu guarda-roupa tirei uma t-shirt cinzenta e umas calças de ganga. Escolhi um par de meias e uns boxers quaisquer, e saí para o corredor.

A porta não chiou, mas ouvi um barulho qualquer. Vozes — uma em específico. Provinha do andar de baixo. A primeira pessoa que me veio à cabeça foi Greg. Assaltar um laboratório de nanotecnologia fragmentava a consciência de qualquer um, e se eu tinha passado a noite em claro, nem queria imaginar ele.

Espreitei, através das grades das escadas, para o *hall* de entrada. Estava errado. Quem falava era o meu pai, Benjamin. Andava de um lado para o outro, com o telemóvel no ouvido. Parecia irritado.

— Como é que isso é possível?! — disse ele — Deve haver algum equívoco!

Fez uma pausa, ouvindo falar do outro lado da linha. Recuei para trás quando ele se voltou na minha direção. Rezei para que ele não me tivesse visto. — Vitória, ouve! Não pode ter havido um assalto, sabes porquê? Porque o INL é o laboratório mais seguro de Braga, talvez um dos mais seguros do mundo! Tentar roubar o que quer que fosse era como se a pessoa se quisesse entregar à polícia! Tens a certeza que o Dr. Bispo não estava a delirar?

Congelei quando ouvi a palavra INL, não obstante o meu cérebro ser demasiado lento a tirar conclusões, especialmente com três ou quatro horas de sono mal dormido.

— A sala estava destruída? Como assim? — Voltou a escutar o que lhe diziam. — Muito bem, mas a experiência? Houve algum problema com ela? — Esperou a resposta. — Ok. De qualquer das formas, eu vou para aí agora mesmo.

Quero garantir que está realmente tudo bem. Até já.

Desligou a chamada. Os pés dele percorreram a grande velocidade uma parte do andar de baixo. Ouvi-o dirigir-se à cozinha, pegou numas chaves, e então caminhou de novo para o *hall* de entrada. A porta abriu-se, e quase no mesmo instante bateu, provocando um som idêntico a um trovão. Depois disso, restou apenas um silêncio perturbador.

Ouvir o meu pai a falar do Instituto de Nanotecnologia fez o meu queixo cair. *A experiência? Que experiência? Ele trabalha para o INL? Desde quando? Será que Greg sabia? Terá sido isso que o levou ao Instituto?*

O par de meias caiu ao chão, relembrando-me que tinha que tomar um banho urgentemente. Isso ia ajudar-me a esquecer a noite passada — uma das piores noites da minha vida —, e também aquela conversa de Benjamin. Só queria esquecer a existência do maldito laboratório.

Ao tirar o pijama, o meu corpo reagiu de uma forma estranha. Não estava com frio, mas estremecia violentamente, obrigando-me a uma mudança de planos. Deixei a água quente correr por alguns minutos, tempo suficiente para encher a pequena casa de banho com um vapor caloroso. Mais calmo e pensando em outras coisas, enfiei-me debaixo do chuveiro. Demorei o meu tempo a ensaboar-me. A espuma sabia bem, limpava todas as impurezas. Dava até para fazer alguns desenhos na parede do chuveiro.

Enquanto enfiava a meia no pé esquerdo, a *Can't Feel My Face* do The Weeknd começou a tocar, vinda da cozinha. Arrumei a casa de banho, trocando olhares com o reflexo da minha cara de incerteza. Eram sete da manhã; quem é que no seu perfeito juízo deixava a música tocar tão alta a esta hora?

Claro que só podia ser uma pessoa. Greg, vestido com uma camisola de malha azul e *jeans* num tom verde-acinzentado, partiu dois ovos para uma bacia de metal. Simultaneamente, batia com o pé ao ritmo de música. As minhas sobrancelhas arqueadas de espanto fizeram-no parar. Sorriu alargadamente. — Bom dia, *little brother*! Queres uns ovos mexidos?

Só o cheiro era motivo para eu torcer o nariz. Encolheu os ombros. — Como quiseres. Posso fazer-te um bolo.

— Não quero nada. — Apesar da amabilidade, obriguei-me a permanecer sério — Está tudo bem contigo?

— *Yeah*. Porque não haveria de estar? — Aquele sotaque americano era irritante e concedia-lhe um ar presunçoso.

— Porque ontem desmaiaste e depois acordaste estranho. Aliás, tu causaste o impossível.

Os lábios dele desvincularam-se para libertar um suspiro. — Isso são coisas da tua cabeça. Eu estou bem.

Cruzei os braços, enfatizando a minha sobriedade. Continuou sem dizer nada. Puxei a taça com os ovos que ele batia até mim. — Greg. — Encarei-o, à espera de uma resposta. Desconfortável com aquele meu olhar, virou as costas e foi até ao frigorífico.

— Está tudo bem. — Queria convencer-me à força toda, mas a persuasão não estava a funcionar.

Agarrei no braço dele, impedindo-o de tirar o leite do frigorífico. — O que é que se passou no INL?

— Foi o que tu viste. Desmaiei e…

— Não. — Esgazeei os olhos o máximo que pude — O que é que *realmente* se passou?

Estabeleceu-se um silêncio. Greg guardou o leite e fechou a porta do frigorífico, revirando os olhos. Ainda assim, não o deixei prosseguir caminho.

— Podes deixar-me passar?

Agora foi ele a encarar-me. Fê-lo por vários segundos, mordendo os lábios com a inquietação. Mas a expressão ameaçadora dele deu-me vontade de rir. Greg aproveitou para passar debaixo do meu braço, resmungando qualquer coisa em inglês que não entendi.

Tinha que lhe dar um motivo forte para ele me contar o que escondia. Voltei aos meus tempos de Lisboa, relembrando-me de quando os meus amigos me forçavam a contar cenas que não podia partilhar — como, por exemplo, onde é que tinha comprado as bombas de mau-cheiro tamanho XXL que usara para me vingar do prof de Matemática. A maior parte deles sabia o meu calcanhar de Aquiles, e a famosa frase “Cão que ladra não morde” não se lhes aplicava. Quando tinham que concretizar uma ameaça, não tinham problemas em fazê-lo. Só pensavam no próprio umbigo. E eles sabiam que se chegasse aos ouvidos da minha mãe que eu andava metido em cenas ilegais… Nem queria pensar nessa possibilidade.

Era isso mesmo que precisava de fazer. Procurar o ponto fraco de Greg. A única coisa que me ocorria surpreendera-me momentos antes, e tinha a certeza que surtiria o mesmo efeito nele.

Apoiei-me sobre a bancada. — Hoje de manhã ouvi o pai a falar ao telemóvel. Parece que houve um assalto no Instituto Ibérico de Nanotecnologia. Por acaso não tens nada a ver com isso? — O meu cinismo era tão falso que nem uma Framboesa de Ouro merecia.

Funcionou. Virou-se para mim, e olhou para o meu peito. Por momentos pensei que tinha alguma coisa na minha *t-shirt*, mas depois vi que ele simplesmente estava a refletir. Dar-lhe-ia o tempo que ele precisasse. Afinal de contas, era muita coisa para ponderar.

— Eu *sempre* disse a verdade. Não sei o que é que se passou no laboratório, não me lembro *de nada*. Mas alguma coisa aconteceu e essa *coisa* deixou-me… *diferente*.

— Diferente?

Limitou-se a acenar a cabeça. Sendo assim, e ainda estava em choque com aquilo, era verdade. Greg tinha formado uma tempestade com aquele grito que dera. Transformara a dor em neve. Não era só eu que sabia, também ele tinha consciência disso.

— Não sei como é que te vou explicar isto. — continuou — Esta noite nem consegui dormir, depois de ter visto… ah!, não consigo dizer.

— Greg?

Apertava os olhos com tanta força que receei que ele estivesse a passar por aquele sofrimento de novo. Agarrou-me no braço e conduziu-me até à casa de banho do barracão.

— O que é que estás a fazer?!

— Vou mostrar-te o impossível.

— O impossível?

Permaneceu em silêncio, mesmo após ter largado o meu braço. Abriu a torneira do lavatório e impediu que água vazasse pelos canos, tapando a fissura com uma rolha de plástico. O lavatório encheu-se de água.

— Greg, não estou a perceber.

— Já te mostro.

Estendeu uma das mãos, com a palma virada para baixo, e os nervos fizeram-no suspirar.

— Greg?…

Aquela reticência foi fruto do choque. A mão dele fez formar grandes bolhas de água, que deixaram o lavatório e se elevaram no ar. Dançavam e serpenteavam com os gestos que a mão de Greg delineava, como se tivessem vida própria. Subiram sempre, Greg a exibir um sorriso, até que tocaram no teto e arrebentaram. Recuei para evitar ser molhado pelos pingos que iriam romper com impacto da água, mas isso não aconteceu — Greg ergueu de imediato a outra mão e uma pequena chama brotou, atingindo as bolhas e evaporando-as em seguida.

— Uau...

Os meus joelhos estremeciam. Não havia palavras para descrever aquilo. Aquela realidade. Greg era… um… herói?

Greg rejubilou-se, orgulhoso do que fizera. — Olha isto! — Apenas com uma das mãos, formou uma onda com o resto da água do lavatório e fê-la passar pela janela que estava acima da banheira. Quando a água já estava no exterior, Greg

baixou a mão e a onda caiu do nosso campo de visão, produzindo um *splash!*

Continuava a rir-se, olhando para a minha cara de parvo. Aquilo não podia ser verdade. Dei dois passos rápidos até ao lavatório e vi, com os meus próprios olhos, que efetivamente estava vazio. Tirei a tampa da fissura da canalização e analisei-a o melhor que podia. Não havia nada que pudesse denunciar uma eventual partida.

— Como é que tu fizeste aquilo?

— Não sei. Ontem, quando cheguei a casa, estava aqui a lavar as minhas mãos e notei que havia algo de diferente em mim. E depois vi isto e comecei a fazer coisas… — Apontou para o pulso. O raio de chamas voltara, e mesmo que fosse algo discreto, arrepiava-me perceber que aquele símbolo representava uma impossibilidade cada vez mais verdadeira. Mais real.

— Como…?

— Ainda não percebi muito bem. Acho que o que me aconteceu ontem à noite alterou uma parte qualquer da minha mente, como se me deixasse alinhado com os elementos químicos da natureza.

— Isso é possível?

A expressão que fez mostrava tudo. — Não sei. É tudo muito novo para mim.

Perguntas e mais perguntas pairavam na minha cabeça, alinhando-se de uma forma confusa, prontas a serem questionadas. Era difícil escolher uma. Talvez devesse começar pela que fizesse mais sentido no contexto da conversa. — Então foi para isto que foste ao INL? Para teres… *poderes?*

Não contestou. — Isto é o futuro, Simão.

— O futuro? Chamas a *isso* o *futuro?* Eu pensei que ias morrer!

— Mas não morri. Estamos todos bem, certo?

— Nem sabias no que te ias meter!

— Para tua informação, eu li acerca do assunto.

— Como se isso tornasse tudo muito mais simples. — murmurei, incrédulo com a convicção de Greg. — E já agora, leste o quê?

— Foi um artigo científico escrito pelo antigo diretor do projeto que o Noah encontrou na *deep web*.

Deep web: duas palavras que não me soavam a sinónimos de legalidade.

Apoiei-me no lavatório, o tremelicar dos joelhos agora a percorrer todo o meu corpo, e esfreguei os olhos. Não conseguia acreditar que o pesadelo continuava na vida real, tornando-se em algo maior — e mais perigoso. Mas isso não era um incómodo para Greg. Pelo contrário — ele mostrava-se confiante com os novos poderes.

— Devias falar com o pai. — disse, por fim. — Se ele realmente está a trabalhar no INL, ele pode ajudar-te a resolver este problema.

— Simão, — Greg prendeu a sua mão no meu braço. Os olhos dele fixaram-se nos meus, carregados de raiva. — isto não é um problema. É a *minha vida*. É tudo o que mais quero…

— Ai! — O instinto obrigou-me a empurrar Greg contra a parede. Onde ele me tinha agarrado havia uma marca, como se fogo por lá tivesse passado. A pele ganhou uma cor avermelhada e sentia calor a emanar da queimadura.

Greg, ao perceber o que fizera, deixou cair o queixo. Os olhos brilhavam com horror. — Desculpa! Eu não tinha intenção de…

— Para! — exclamei enquanto lavava a ferida com água do lavatório. — Tens alguma pomada para isto?

Abriu uma pequena caixa de cartão que estava por cima do espelho e entregou-me um tubo azulado. A pomada esbranquiçada foi como gelo em cima do fogo.

— Desculpa… — repetiu. Quis ajudar-me a espalhar a pomada, mas recusei, afastando-me da casa de banho.

— Estás a entrar em terreno desconhecido. — cuspi enquanto tentava ignorar a dor vinda da ferida — Se é para te perderes, ao menos leva uma bússola.

— O quê?

Até eu tinha dúvidas das minhas próprias palavras. — O que quero dizer é, fala com o pai.

— O pai…

— Não contestes! Isto não é um pedido, é uma ordem.

— Hey, *little brother*, que eu saiba o novato aqui és tu. Acalma-te, *alright*?

Fiz tombar uma cadeira da pequena cozinha, recorrendo apenas a um soco. Odiava quando as pessoas tinham razão.

— Não te preocupes, — continuou, levantando a cadeira do chão — estou a falar a sério. Vai correr tudo bem, só vou ter que aprender a controlar-me.

Mostrei-lhe a ferida. — É assim que o vais fazer? Queimando todos os que te rodeiam?

— Sou um caloiro, é normal que não saiba os meus limites.

As piadas dele não eram engraçadas, e só me deixavam ainda mais preocupado em relação à estabilidade mental de Greg.

— Aliás, podemos praticar agora mesmo. Conheço um sítio perfeito para treinar.

Saiu do barracão a correr. Ainda confuso, fui atrás dele e só tive tempo de o ver a bater a porta da casa, com uns ténis azuis *All Star* calçados. Perguntei-me como é que é que tinha feito aquilo tudo tão depressa, mas nos últimos minutos vi tantas coisas que pensei que, agora sim, estaria a imaginar coisas — tal como a minha mãe fazia.

Greg caminhou em direção à floresta que cercava a nossa humilde casa.

— Onde vais? — Os meus pés andavam em *slow motion*, comparando com os passos rápidos e precisos de Greg.

Limitou-se a sorrir. — Anda!

Estou a tentar!

A floresta era incrível. As altas árvores protegiam-nos dos raios de sol tímidos que escapavam miraculosamente por entre os vastos ramos preenchidos com folhas verdes e húmidas. O cheiro a eucalipto purificou os meus pulmões e o som da água corrente transportava-nos para um estado de tranquilidade e certeza. O chão, apesar de todas as folhas caídas, sinalizando a chegada do Outono, tinha um caminho demarcado por terra batida, que Greg seguia com compaixão. Não adiantava acelerar o passo, ele era muito rápido, e só correndo conseguia estar perto dele. Ao fim de algum tempo, porém, estava tão cansado que a minha vontade era estender-me no chão, como uma cobra a apanhar o escasso sol de inverno.

— Falta muito tempo?

— É já aqui.

Greg parou quando passou debaixo de um ramo. Apesar de estar de costas para mim, consegui vê-lo inspirar tranquilamente. Já ao pé dele, vi o que o tinha feito parar. Uma pedra alta, com a forma de um ovo e erguida com esplendor, cortava-nos o campo de visão. Não era uma pedra normal, como todas as outras espalhadas pela floresta. Era mármore puro, tão branco como um copo de leite, e refletia os poucos clarões de sol que conseguiam chegar ali.

— O que é isto? — questionei, analisando as várias marcas inscritas na pedra, agora apagadas pelo tempo.

— Isto? — Colocou a mão na pedra. — Chamam-lhe a Origem.

— Repete lá isso.

Passou os dedos pelas mesmas marcas que eu analisava. — Nunca te perguntaste o porquê de esta terra se chamar Olimpo?

— Tem a ver com os deuses gregos?

Confirmou ao acenar com a cabeça. — A lenda diz que esta aldeia era a localização exata desse sítio tão mítico. Aqui, em Olimpo, moraram os deuses gregos.

Definitivamente Greg não estava a bater bem da cabeça. — A Grécia fica no outro lado da Europa. Não conseguiam arranjar outro mito que fizesse mais sentido?

— Tens que ver as coisas de outra forma. — disse ele — Alguma vez os gregos estiveram em Olimpo?

— Não sei. Não sou muito bom com História.

— É óbvio que não. Eles só descobriram esta terra graças aos mitos que correram o mundo. Porque é que achas que tanto Roma como Atenas tinham os mesmos deuses, apenas com nomes diferentes? Porque na realidade eles baseavam-se todos no mesmo facto. Os comerciantes olimpianos começaram a levar os negócios deles para todo o lado, percorrendo o mundo inteiro em busca de vidas melhores, mas também carregaram com eles as notícias sobre o Olimpo e os deuses olimpianos.

— Estás a dizer-me que havia deuses… *aqui mesmo*?

— É o que se diz. Com o passar do tempo, eles acabaram por se extinguirem, mas Hades, o último a desaparecer, deixou dois guardiões para olharem por Olimpo. Dois deuses, um homem e uma mulher, que tinham o poder de tornar humanos em seres legendários.

— Legendários, tipo…?

— Eram capazes de colocar humanos ao mesmo nível dos deuses. Davam-lhes força sobrenatural, capacidades sobre-humanas… tu sabes, essas coisas todas. Só havia um contra. Tratando-se de Hades, a figura da Morte, ele criou-os à base do sacrífico. Ou seja, para que os recém-criados deuses sobrevivessem, eles iriam ter que sacrificar vidas.

— Matar para viver.

— Exato. Alimentavam-se das pessoas para que pudessem continuar por cá a cumprirem a missão deles. E há medida que o tempo foi passando, os dois deuses criaram outros deuses, e o inevitável aconteceu, aqui mesmo, neste campo de batalha.

Olhei ao meu redor. Para além da pedra de mármore, só conseguia ver árvores e rochedos. Nada como um campo de batalha.

— Já dizia o tio Ben, — prosseguiu Greg — com um grande poder vem uma grande responsabilidade. E os novos deuses todo-poderosos não conseguiam lidar com o facto de terem de partilhar o poder entre eles.

«Quase ninguém sobreviveu, e aqueles que o escaparam com vida, refugiaram-se por todo o mundo. As pessoas odiavam-nos. Chamaram-lhes de tudo: bruxos, feiticeiros, demónios… e até hoje, acredita-se que os deuses ainda andem pela terra, em busca de se vingarem daqueles que os destruíram.

Uau. Greg sabia contar uma história de uma forma convincente. Só lamentava não poder fazê-lo ver a realidade. Não havia deuses, nem heróis. E os poderes dele não tinha nada de epopeico, se era essa a mensagem que ele me pretendia transmitir. Eram apenas fruto de um roubo a um laboratório, para o qual o meu pai trabalhava sem sequer nos contar.

Greg continuou com a caminhada, deixando para trás a pedra de mármore e prosseguindo por entre as enormes árvores verdes que a rebordavam. O trilho

ficava cada vez mais apertado, com arbustos de dimensões díspares a cruzarem o nosso caminho. Não demorou muito tempo até Greg voltar a parar.

— Sê bem-vindo ao meu lar.

Perante nós estava uma clareira ampla, localizada perto de um riacho que corria sem parar. Alguns troncos cobertos de musgo formavam uma muralha em volta do local, e a erva verde e macia oferecia a sensação de suavidade ao chão. Lá do alto do céu, o sol penetrava com todo o seu esplendor naquele sítio, refletido nas gotas de água que pendiam nas folhas das grandes árvores.

Abriu os braços. — É tão bom voltar aqui.

— Já conhecias este lugar?

Esperou alguns segundos para responder. — Sim. — E então virou-se para mim com um sorriso honesto. — É bonito, não é?

— É perfeito… — Guiado pelo instinto, questionei-o — Como é que o encontraste? Não deve ter sido fácil.

— Horas e horas a percorrer a floresta. Quando se é adolescente, se é novo na cidade, novo no país, se estás longe da tua mãe… a única vontade que tens é de ficar sozinho por alguns minutos.

Engoli em seco. — Sim, eu *acho* que sei o que isso é.

— Um dia decidi dar uma volta pela floresta. Sabia que isso ocuparia a minha mente e assim não pensaria na minha mãe. Fazer isso era o mesmo que me obrigar a chorar, e já estava farto disso.

«Foi então que encontrei este sítio. Fiquei encantado, claro está. Desde então, sempre que estou mais em baixo, venho para aqui. É como se fosse uma segunda casa.

Sentámo-nos os dois num dos troncos. Olhei diretamente para o sol, sentindo a Vitamina D a invadir os meus poros.

— Não sabia que não tinhas crescido cá. — Também não havia forma de o saber, tendo em conta que só descobrira a sua existência há três ou quatro dias atrás.

— Temos muitas coisas em comum, sabes? O pai também só descobriu que eu era filho dele quando já tinha quatro anos. Mas ao contrário do que aconteceu contigo, ele e a minha mãe apaixonaram-se e casaram. Não é que isso seja uma coisa boa. O casamento deu para o torto. As discussões eram tão más que cheguei ao ponto de aceitar tudo…

— Até vires para Portugal com o pai. — concluí.

Assentiu, cabisbaixo. — Ao início, era complicado. Nunca tinha estado mais de uma semana sem a minha mãe e o pai também pouco sabia acerca de cuidar de um adolescente. Mas aos poucos, fui-me mentalizando. As coisas também acabaram por melhorar quando fui para a universidade, e hoje já me sinto

completamente em casa.

— E… — Limpei a garganta, pressionando-me para não deixar as emoções tomarem conta da pergunta — já não pensas na tua mãe?

— Não há um dia em que não pense. — corrigiu. Fiquei satisfeito. Se, mesmo após estes anos todos, Greg continuava a pensar na mãe da mesma maneira que pensava quando viera para Olimpo, isso poderia significar que o mesmo se podia aplicar a mim: eu *nunca*, *jamais* me esqueceria da minha própria mãe. — De qualquer das formas, — continuou — não foi para falar disto que viemos para aqui, certo?

Acenei com a cabeça, avançando para o centro da clareira. — Então qual é o teu plano?

Como resposta, Greg pulou para trás de um dos troncos e agarrou sem dificuldade um pedregulho gigante. Dava-lhe perto de cento e vinte quilos. Boquiaberto, quase perdi o equilíbrio. — Como é que conseguiste…?

Greg riu-se. — Acho que desenvolvi superpoderes.

— Isso não tem piada.

Colocou-o no exato sítio onde eu me encontrava anteriormente, mesmo no centro da clareira. Com o indicador, pediu para me afastar, levantando a mão na direção do pedregulho. Fechou os olhos, e segundos depois, senti uma rajada de ar a vir na minha direção.

Sem saber o que fazer, fiquei imóvel. Achei que o facto de estar estático me fosse ajudar, mas não evitou que eu fosse empurrado contra uma árvore, quase batendo com a cabeça contra o tronco grosso.

Não sabia se tinha desmaiado ou não, e nem por quanto tempo, mas quando voltei a ter noção da realidade, já Greg se encontrava ao meu lado. Troquei um olhar de raiva com o meu irmão e esperei que ele parasse de se rir.

— Achas que isto é engraçado? Ia morrendo.

— Que exagero, foi só um truque mal feito.

— Agora vais chamar “truque” a essas coisas…

Abanando a cabeça, Greg virou-se de costas para mim. As suas mãos ergueram-se novamente, e vi terra do chão a girar no ar, circulando no interior de um pequeno tornado. Há medida que o vento subia, um monte de terra formava-se, mais alto do que eu ou Greg. O tornado parou, e Greg baixou os braços. Pedras de vários tamanhos cobriram a terra e amontoaram-se de forma a deixar um buraco no topo da montanha. Inspirando fundo, Greg fechou os punhos.

Do buraco, começou a cair água, clara e límpida como um cristal polido. Corria pela montanha de pedras e encaminhava-se em direção ao riacho que passava perto da clareira.

Olhei para Greg. — Como é que conseguiste fazer isto?

— Sobe. — Apontou para as costas dele.

— O que é que vais fazer?

Olhou por cima dos seus ombros. — Confias em mim?

— Claro que não.

Mas não querendo parecer um cobarde, fiz como pediu. Os braços dele encruzilharam-se em volta das minhas pernas, e certificando-se que eu estava seguro, começou a correr.

— Qual é o teu plano?

— Já vais ver. — E correu em direção ao riacho. Veloz e confiante que ia conseguir fazer aquilo. Não podia ser. Ele não ia conseguir! Íamos ficar completamente encharcados. Greg nunca chegaria ao outro lado da margem só com um salto.

— GREG!

Uma fuga de adrenalina injetou-se em mim. Fechei os olhos. As pernas dele alçaram-se no ar, e impulsionadas por um tufão criado pelas suas próprias mãos, atravessaram o pequeno ribeiro. A brisa suave cheirava a musgo húmido e a folhas secas. Espreitei só um bocadinho — debaixo de nós, a água tinha sido trocada por terra, arbustos e flores campestres.

Ele tinha conseguido.

A velocidade aumentava a um nível absurdamente sobrenatural. Borrões esverdeados acompanhavam-nos, lado a lado, concebendo sombras de diversas formas. Greg continuou a subir, usando o movimento das mãos para expandir o pequeno tufão de ar. Vagarosamente, o topo das árvores cruzou-se com as nuvens cinzentas.

Tentei mover os meus lábios. As palavras “Estás a voar” ficaram presas ao céu-da-boca, cercadas pelos dentes que teimavam em não se afastarem.

— Estás pronto? — gritou.

Lutei para formular a resposta. — Pronto para o quê?

— Fecha os olhos.

Não o fiz, mas arrependi-me disso. Foi tudo muito rápido: largou-me, deixando-me cair para trás, e com a mesma velocidade em que pensei “Estou morto!”, ele apanhou-me e colocou-me sobre os ombros dele.

— GREG! — berrei, agarrando-me à sua cabeça. O vento ameaçava deitar-me abaixo a qualquer instante, e apesar de evitar olhar para o chão, sabia que a queda era de uma altura astronómica. Não era seguro estar ali.

— Desfruta a vista!

— Desce, por favor!

— *We’re the kings of the world!*

Percorremos uma montanha, sobrevoámos uma das várias cascatas de

Olimpo, e até tivemos tempo para parar no topo da mais alta árvore da floresta para observarmos o Bom Jesus.

Sentados nos ramos o céu tinha outra dimensão. As nuvens estavam ao alcance de um dedo, e o sol mostrava todo o seu esplendor sem vergonha.

— Estás bem? — perguntou Greg.

— Não sei… Acho que estou em choque. São muitas coisas ao mesmo tempo…

— Isso passa. E… — limpou a garganta. Adivinhei o que estava para vir. — ainda estás a pensar em contar alguma coisa ao pai?

Ponderei a minha resposta. Os poderes não eram problema meu, e se queria enterrar a noite passada, o melhor a fazer era deixar isto entre nós. Não valia a pena levantar mais questões nem envolver mais pessoas, especialmente o meu pai. — Não.

— Prometes?

Estendi a mão. Ele apertou-a. — Somos irmãos. Guardar segredos é aquilo que melhor sabemos fazer.

ONZE

NO CAMINHO DE VOLTA PARA CASA, GREG OPTOU POR NÃO voar. Havia o risco de alguém reparar nele, e além disso, estava cansado. A chuva tinha sido outro dos fatores que teve em consideração. Não é que não desconfiássemos que viesse a chover — o céu cinzento não deixava margem para dúvidas —, só não esperávamos que fosse tão cedo. Lama agarrava-se às nossas roupas enquanto saltávamos por entre as poças de água, evitando molhar os pés, mas num instante ficámos transformados em bonecos de terra. Usufruímos desse nosso estado lastimável para fazer uma batalha — fizemos bolas com a lama, fingimos que os troncos eram muralhas, e divertimo-nos ao atirar as bolas um contra o outro.

A chuva parou quando avistámos o jardim descuidado de Benjamin. Sabendo que íamos deixar vestígios de sujidade espalhados por toda a casa, Greg optou por me levar até ao barracão. Lá, tomei um outro banho, de novo com água quente, enquanto o meu irmão preparou as roupas eu vestir.

— É melhor deixares isso aí. — disse quando eu saí da casa de banho, indicando a minha roupa com lama. — O pai vai começar a fazer perguntas.

Corei quando o vi. Eu estava seminu, apenas com os *boxers* a tapar-me a tal zona. Tentei não mostrar-me incomodado com aquilo. — Dizes isso, porque…?

— Porque o conheço melhor que tu. — Entregou-me um *sweater* preto com um Batman estampado na frente. — Estás aqui há pouco tempo e já deixas a tua roupa assim tão suja?

— Eu invento uma desculpa.

— Já temos muitas desculpas para lhe dar. — Apontou para a ligadura do meu pulso. *Yep, ele tinha razão.* Ainda tinha que pensar o que é que ia dizer ao meu pai. Talvez tivesse caído quando fui correr, uma justificação aceitável.

Greg tirou a camisola, ficando em tronco nu à minha frente. Era a vez dele de tomar banho. — Preciso que me faças um favor. — ele disse. — Podes ir ao quarto de arrumos para trazeres a roupa que lá deixei?

— Claro. Eu volto já.

Dentro de casa a temperatura contrastava com o exterior. Dava vontade de nem voltar ao barracão. Mas tinha que entregar as roupas a Greg, e assim o iria fazer, não fosse alguém ter batido à porta no momento em que ganhava confiança para sair para as traseiras.

Da janela da sala reparei num Range Rover branco. Era ele a nossa visita.

Miguel. Desejei não ter saído do barracão.

Abri a porta com impaciência.

— Olá. — Miguel disse, sorridente. — O Greg está?

— Também o vieste levar a passear?

Respirou fundo e fechou os olhos. Quando os abriu, mostrou um sorriso seguro. — Não. Prefiro reservar esse momento só para ti. O teu irmão está ou não?

Incrédulo, empurrei a porta com toda a minha força, mas o pé de Miguel impediu que ela batesse. Com a ajuda da mão, empurrou-a para trás e voltou a encarar-me. Os seus olhos perfuraram a minha coragem.

— Ele está bem? — Ouvi impaciência na voz.

Fiquei imobilizado. Não sabia se lhe deveria dar um soco no nariz ou no estômago.

— O teu irmão. — repetiu. — Onde é que ele está? Passou-se alguma coisa?

— Não se passou nada que devas saber. Ontem ajudaste-me, eu agradeci. Agora podes sair.

— Não se passou nada que eu deva saber. — Olhou para o teto, e da língua dele soou um estalido — A conclusão a que chego com essa afirmação é que, de facto, aconteceu alguma coisa *de grave*.

— E se aconteceu? O que é que te interessa?

— Eu estou *diretamente* envolvido no que aconteceu a noite passada. Então, como deves calcular, é do meu maior interesse saber se o teu irmão está bem. — limpou a garganta e olhou para o interior da casa — Além disso, fui eu quem recomendou a visita ao Doutor Violante. Se algo não estiver bem, a culpa é minha. Consegues perceber isso?

— Está tudo bem, eu garan… — Parei ao sentir o tatear de uma rajada de vento nas minhas costas. Por cima do meu ombro vi Greg mesmo ao meu lado, quase nu, apenas com os boxers vestidos. — Olá…

Não havia nada que pudéssemos fazer: Miguel viu o que Greg fizera. O rosto dele congelou numa expressão de dúvida e de espanto. — E isto foi…?

— Nada. — respondemos os dois em conjunto.

— Como é que fizeste isso?

— O que é que eu fiz? — Greg disse com uma expressão de inocência.

— Não tentem atirar-me areia para os olhos, por favor. Eu vi que tu acabaste de aparecer aqui. *Do nada*.

— Ah, foi impressão tua! — Greg tirou-me a roupa das mãos e começou a vestir-se. Já na sala, sentou-se no sofá, colocando as pernas cruzadas em cima da mesa de centro. — Entra e eu faço-te um *cafézinho*.

Miguel aproveitou-se da minha distração para me desviar, adentrando-se em

nossa casa. Seguiu Greg até à sala e sentou-se na poltrona vazia. Acompanhei-os, sem palavras. O meu irmão tinha acabado de jogar uma cartada que nos colocava em riso — a mim, a ele. A todos os que ali estavam presentes.

— Queres alguma coisa? Um sumo, um chá, umas bolachas…?

— Não quero nada, obrigado. — Miguel forçou-se a agradecer. — Só preciso de saber o que é que te aconteceu e como fizeste aquilo ali atrás.

— Ainda não estou a entender o que queres dizer com isso. — Greg levantou-se do sofá e entrou na cozinha. — A única coisa que eu fiz foi sair do meu quarto, a passo *normal*, e vir buscar as minhas roupas, que o Simão tinha que me levar ao barracão. — Apontou-me o dedo, acusativo.

Não o devia ter feito. As plantas que se encontravam atrás de mim expandiram-se de tal forma que o vaso em que estavam plantadas acabou por arrebentar, denunciando as raízes que cresciam furiosamente e que se espalhavam pelo chão. Não tive tempo para as esconder.

Miguel focava-se agora nas folhas verdes que se multiplicaram durante escassos segundos. Depois tudo parou. Um silêncio revoltoso confirmou as minhas suspeitas.

O resto do vaso quebrou-se em dois e a planta caiu ao chão, sujando o tapete com terra castanho-escuro. Miguel levantou-se. — Acabaste de fazer uma planta crescer apenas com o dedo indicador.

Greg sentou-se no sofá, inspirando devagar. Ia fazer uma asneira.

— *Não.* — afirmei severo, encarando Greg.

— Já não consigo esconder isto. Ele viu.

Não queria acreditar. O meu próprio irmão ia incluir Miguel no núcleo das pessoas que sabiam acerca dos novos poderes dele — o mesmo Miguel que eu começava a odiar por ser metediço. Recusava-me a ficar ali a ouvi-lo afundar-se.

— Muito bem. — disse, tentando não parecer demasiado chateado — Mas resolve tu esse problema. *Sozinho*. — e fui até ao *hall* de entrada, começando a subir as escadas, lentamente. Mas Greg não ia conseguir sair daquela embrulhada sem uma mãozinha. O meu lugar era ao seu lado, mesmo que não concordasse com o que ele ia fazer.

— Só porque também me tens ajudado. — murmurei a Greg, já de novo na sala.

Ele agradeceu com um sorriso. Olhou para Miguel, que continuava a examinar a planta. — Desde ontem à noite que percebi que estava diferente. O que quer que tenha acontecido naquela reação química, afetou-me de uma maneira peculiar. Fez com que o meu cérebro se conectasse aos elementos da natureza, permitindo-me que os controlasse.

Dez segundos, e Miguel não disse mais nada. Os seus olhos abriram-se de tal

forma que pareciam que iam saltar da órbita.

— Estás bem? — perguntei-lhe. Estava a ficar assustado com o estado de estátua em que ele se encontrava. — Precisas de alguma coisa?

Sacudido pelas minhas palavras, Miguel levantou-se rapidamente. — Não preciso de nada, obrigado. — Sorriu — Eu tenho que ir. Liguem-me se souberem de mais alguma coisa.

— Espera aí! — Greg foi atrás da nossa visita inesperada. — Vou fazer um café para todos nós. — Olhou de volta para mim com dúvidas. — Podes tomar café, certo?

Acenei com a cabeça. — Sim, claro que posso. Mas… o quê?

Miguel abriu a porta e já estava cá fora quando proclamou as suas últimas palavras. — Eu não digo nada a ninguém, prometo. Porém, tenho mesmo que ir.

Por mais que tentasse encontrar alguma coisa para dizer ou para pensar, a minha mente estava demasiado ocupada a processar a atitude de Miguel.

O arranque do motor do Evoque ecoou na barreira de árvores. O vidro do condutor desceu, revelando o seu rosto. — Até à próxima. — E arrancou, sem nos dar hipótese de questionar tudo o que se tinha passado nos últimos dez minutos.

— Ele é uma pessoa muito estranha. — comentei, enquanto fechava a porta de entrada.

Greg ficou a olhar para o vaso partido. Com um simples dedo, a terra recompôs-se em volta do vaso partido. — Mais estranho do que isto?

— *Muito* mais estranho.

Apesar de se ter esforçado bastante, Greg não conseguiu fazer com que os cacos do vaso se reconstruíssem. A solução foi varrer o chão e tentar disfarçar ao máximo as raízes exageradas que se tinham espalhado.

— Já conhecias o Miguel? — questionei-o enquanto acabava de apanhar a terra do tapete de baixo da mesa de centro.

— Ele andava lá na escola. Éramos do mesmo ano mas nunca lhe prestei grande atenção. Sei que não costumava conviver muito e que vivia sozinho com a irmã mais nova. Os pais deles estão sempre em viagem.

Isso explicava muitas coisas. Se calhar era por esse mesmo motivo que ele era tão estranho, faltava-lhe o amor de família que consolidava parte da nossa personalidade.

— Por falar nisso, — interrompeu Greg — como raio é que encontraste o Miguel, ontem à noite?

Parei o que estava a fazer. O meu cérebro percorreu todos os neurónios disponíveis no menor tempo possível. As palavras saltaram cá para fora como uma flecha a ser atirada contra o alvo — Por acaso.

Greg ficou satisfeito com a resposta. Suspirei de alívio.

Com a sala arrumada e livre de vestígios que fariam o meu pai ver que o vaso se tinha partido e recomposto quase de seguida, Greg sentou-se no sofá. Fechou os olhos e encostou a cabeça contra a cabeceira.

— Devias descansar. — sugeri. — Queres que te vá buscar uma manta?

Abriu os olhos devagar. — Não, obrigado. — Quase sem forças, acabou por se levantar. — Acho que vou para o meu quarto. Preciso mesmo de dormir. A noite passada foi para esquecer.

— Eu também vou resolver algumas coisas, por isso não te incomodo mais.

— Já sabes que se precisares de alguma coisa…

Não o deixei terminar a frase, acenando logo com a cabeça para confirmar que tinha recebido a mensagem. Contudo, agora Greg tinha que recuperar de tudo o que lhe estava a acontecer. Apesar de ainda não me sentir seguro em relação aos seus novos poderes, tinha consciência de que era a sua vida e eram as suas decisões.

O meu irmão foi para o barracão, levando com ele uma embalagem de bolachas e uma garrafa de leite com chocolate. Assim que ouvi a porta a bater, subi a passos rápidos para o meu quarto.

Liguei o computador e acedi à internet. Fiz login na minha conta do Youtube, selecionei uma canção aleatoriamente e de seguida abri um novo separador, no qual acedi ao meu *e-mail*. Queria rever a mensagem da minha mãe, para que conseguisse responder-lhe com maior detalhe.

Reli a mensagem que ela me tinha mandando, anotando mentalmente os pontos a abordar, e cliquei no botão “Responder”.

Olá mãe,

Desculpa não te ter respondido mas tenho tido pouco tempo para aceder à internet. Além disso, esqueci-me de guardar o número do tal café.

(A minha mãe, como não tinha telemóvel nem telefone em casa, tinha pedido a um amigo, proprietário de um estabelecimento, para que me deixasse ligar para lá quando quisesse falar com ela)

Se puderes mandar-mo de volta agradecia imenso. De qualquer das formas, ainda estou a tentar enquadrar-me neste ambiente e por isso não há muito para contar. Assim que tiver alguma novidade, eu ligo-te

ou mando-te um e-mail.

Beijinhos,

Simão

Satisfeito com o resultado final, acabei por enviar o texto.

A tarefa que se seguiu foi os trabalhos de casa. A minha intenção era acabar ainda naquela manhã a interpretação do texto de Português, o que não consegui fazer. A história de Greg vinha constantemente à minha cabeça, desafiando-me a investigar mais sobre o assunto. *Não, não posso. Eu prometi-lhe que não contava a ninguém*.

Arrumei os livros todos para um canto, o que me soube como se tivesse acabado de despejar um balde de frustração em cima de mim por não conseguir estudar e manter-me focado ao mesmo tempo. Não podia baixar as notas, ainda por cima agora que tinha condições para ser um aluno de excelência. Era isso que me fazia sentir mal. Como podia ter tudo e mesmo assim não estar satisfeito o suficiente para estar bem comigo próprio?

Atirei-me de barriga para a cama. As molas chiaram alguns segundos mas acabaram por se silenciarem. Fechei os olhos em busca de uma distração.

O Greg tem poderes e pode estar em risco de vida, apesar de ele não ter noção disso.

Num modo de desespero, sentei-me em frente ao pequeno guarda-roupa e fitei-o. O que é que poderia fazer para esquecer tudo isto? Olhar para este pedaço de madeira não me ajudaria em nada, por isso, levantei-me e comecei a andar de um lado para o outro, sentido o soalho velho com vontade de ceder debaixo dos meus pés.

Queria explorar — não me apetecia correr nem fazer exercício físico, mas sim conhecer o que Olimpo tinha para oferecer.

As árvores da floresta que rodeavam a casa convidavam-me, sorridentes, para que mergulhasse nas suas sombras e conhecesse o sol que as iluminava. Sem pensar duas vezes, vesti uma roupa mais apropriada, deixando a camisola de Greg em cima da cama, e desci para o jardim. Mirei as altas árvores alguns segundos, refletindo se seria uma boa ideia ou não.

Deixa de ser maricas e faz isso. Não é nenhum crime.

O meu subconsciente motivou-me para dar dois passos em frente e penetrar na floresta sem receios.

O ar continuava fresco, e os problemas pareceram deixar de existir. Não havia dificuldade para esquecer Greg e os seus novos atributos. Podia perfeitamente pensar na minha mãe, sem me culpar por idiotices.

Eu sentia saudades de Lisboa e nada podia mudar isso. Nem mesmo o facto de gostar imenso de viver em Olimpo com o meu pai e o meu irmão — eles já faziam parte de mim, mas ainda tinham um longo caminho a percorrer para chegarem ao nível da minha mãe. Ela tinha tratado de mim quando mais ninguém acreditava que iria conseguir superar uma gravidez inesperada. Era uma verdadeira heroína por tudo aquilo que tinha feito.

Sofreu bastante logo que recebeu o teste positivo; o meu avô tinha-a colocado fora de casa ao saber que estava de esperanças e, para piorar a situação, não tinha qualquer contacto do rapaz que a tinha engravidado.

(«A minha filha grávida e solteira? Nunca! Nem a decência tiveste de ficar com a porra de um número de telefone do gajo! Aposto que é um drogadito qualquer. Não me admirava nada, vadia como és…»

«É a tu própria filha, Pedro! Não a podes abandonar agora!»

«Uma filha minha não regressa de férias grávida de um desconhecido! Ela arranjou o problema, e agora vai resolvê-lo, sozinha e fora daqui.»

«Se ela sai, eu também saio.»

«Ah, eu sempre soube! Tu és outra porca como ela! Quantas vezes mos meteste? Responde, vaca de merda! Mas deixa-te estar, mal ponhas os pés fora da porta, eu trato de arranjar outra mulher. Não falta quem queira!»)

A minha avó conseguiu arranjar uma casa para ambas com bastante facilidade. Tinha uma colega no escritório que alugava casas e pediu-lhe que ficasse numa delas durante uma temporada. Sem muito dinheiro para lhe oferecer, a colega acabou por lhe deixar ficar na casa que tinha menos condições por um preço bastante baixo.

O estado da casa não estava assim tão mau. Tinha água quente e aquecimento central, a água era paga em conjunto com a renda e devido às poucas fontes de eletricidade, a conta da luz era sempre acessível. Porém, a doença que tinha sido diagnosticada à minha avó pedia por melhores condições.

Esclerose múltipla. Veio como uma bomba. Todos os pedaços de esperança que existiam na pequena casa foram estilhaçados. Os médicos não estavam expectantes, a doença encontrava-se numa fase muito avançada e provavelmente não duraria mais de um ano.

Contra as possibilidades, a minha avó aguentou-se algum tempo. Eu tinha cinco anos quando ela faleceu. Foi um período conturbado da minha vida; a minha mãe chorava todo o dia, e só quando estava a dormir é que conseguia manter-se calma.

Ou isso ou quando estava a escrever. Era esse o sonho da minha mãe. Queria ser escritora à força toda, e agora que não tinha o pai dela para a impedir, só precisava da ideia certa.

(“Tolices,” comentava ele. “Pensas que vai ser um monte de folhas escritas que te vão pôr o que comer na mesa.”

“Eu não preciso da sua opinião para nada. Já sou maior de idade,” continuava a minha mãe, com a sua timidez pouco feroz, “posso muito bem seguir o curso que quero.”

“Enquanto estiveres debaixo do meu teto, sou eu quem decide o que podes ou não fazer!”

E sem mais nenhuma palavra, a minha mãe baixava o olhar e continuava o que estava a fazer.)

Eram os papéis rabiscados com pessoas e locais imaginários que ocupavam a minha mãe enquanto eu estava na escola. Muitas vezes, ela limitava-se a cozinhar (ou pelo menos tentava) batatas fritas, um bife e um ovo estrelado, abdicando da sua parte em meu prol. E eu comia, ouvindo a caneta a marcar o papel branco, que eu muitas vezes trazia da escola às escondidas.

O dinheiro, ao fim do mês, muitas vezes não chegava para nos alimentar aos dois. Como era óbvio, ela preferia escrever no pouco tempo que tinha ao invés de se alimentar. “Eu comi uma sandes a caminho de casa,” justificava-se sempre que eu lhe perguntava porque só havia um prato na mesa.

As coisas melhoraram um pouco quando ela deixou o escritório para ir trabalhar para uma firma de advogados. Já conseguia juntar algum dinheiro para nos sustentar aos dois, além de que tinha mais tempo livre para se dedicar ao seu mundo imaginário.

E era durante esse tempo livre que eu aproveitava para me divertir um bocadinho. A maior parte do tempo eu ia com alguns dos meus amigos para bares e cafés, onde aos poucos e poucos surgiam as sugestões para experimentar “a nova cerveja” ou “os cigarros que o Alex andou a fanar.”

(Lembro-me perfeitamente do bairro onde ficava a casa do Alex. Afastava-se visualmente da minha rua — tinha grandes casas e jardins bem tratados. A casa do Alex tinha até uma piscina, e ainda assim conseguia ser das mais modestas.

O portão estava aberto. Era seguro entrar.

Bati à porta de metal duas vezes antes de o meu anfitrião a abrir, já com uma cerveja de limão meia vazia a pender-lhe na mão.

“Entra!” ele disse. Guiou-me até à arrecadação, onde a música urbana agitava alguns corpos. Tinha a certeza que não conhecia metade daquelas pessoas.

Peguei numa das garrafas de cerveja que estavam em cima da mesa, no canto do salão, e abri-a com os meus dedos sem grandes dificuldades. Dei um gole e voltei-me para o Alex. “Não tens um cigarro?”

Foi ao bolso e atirou-me com o maço. Tirei o último e meti a pequena caixa de cartão na saca do lixo, de baixo da mesa. Agarrei no isqueiro que tinha no

bolso e acendi o cigarro. Suguei a ponta com grande apetite e senti o fumo a alimentar o meu espírito.

“O Tony tem ali um material mais pesado, se quiseres.”

Abanei com a cabeça. Drogas não faziam parte do meu plano.

“Oh vá lá, Simão! Deixa de ser tão piegas. É só uma vez!”

“Não,” afirmei enquanto procurava fugir de Alex e das suas tentativas de me induzir ao submundo da coca.

Parecendo indiferente à minha negação, Alex saiu do meu caminho e foi até ao sofá onde um par de rapazes já preparava a dose noturna para consumir. Conseguia prever o cheiro da erva a animar a festa.)

As águas do passado foram levadas com a corrente do rio, e agora só me interessava o presente. Meter um cigarro à boca já tinha perdido o interesse e beber não era algo que quisesse fazer com frequência. Tinha uma nova vida, com novas pessoas, e queria tornar-me um humano melhor.

O caminho que seguia conduziu-me até às margens do rio que atravessava Olimpo. A água possuía um tom azul-esverdeado que lhe conferia um aspeto não tão saudável quanto a pequena lagoa das traseiras da minha casa. A foz do rio era visível dali, e o som de uma cascata a cair tornava aquela floresta húmida mais exótica.

Tão exótica quanto o cabelo louro da mulher que me encarava *naquele preciso momento*. Os olhos verdes escuros enfrentavam-me e, como reforço, tinha o seu rosto redondo a formar rugas em pontos estratégicos, mostrando o desejo de intimidação.

A mulher está furiosa comigo.

O rosto dela não me era estranho, só não me conseguia lembrar onde é que já o tinha visto… até que uma voz no meu subconsciente, um grito, bramou um nome que não ia esquecer. *Lorenzo!*

Foi a última coisa que me veio à cabeça antes de ela se voltar para a cascata e desatar a correr. A minha boca soltou um berro de pânico logo que o corpo feminino desapareceu na orla da cascata.

Merda, merda, merda! Ela matou-se, porra!

Descongelei o horror de ver aquilo e corri até ao local exato onde a mulher se tinha atirado. Nunca tinha imaginado a minha primeira vez naquele local, mas se me tivesse imaginado não seria assim, com um suicídio.

Procurei o telemóvel no bolso mas não encontrei nada. O que iria fazer agora?

Olhei para baixo, onde a água caía da cascata com graciosidade, colidindo com mais um ramal do rio principal. Não estava lá corpo algum.

As minhas mãos tentaram agarrar-se a algo mal senti que me empurraram. O meu instinto fez-me gritar e paralisar, deixando ao meu cérebro uma única opção

que não me agradava nada; a única coisa que conseguia pensar era óbvia. Ia *morrer*. Longe daqueles que eu amava. Longe do conforto do colo da minha mãe.

Todos os segundos pareceram séculos. Como num *flash*, vi os momentos mais marcantes da minha vida a voltarem ao presente. A primeira vez que a minha mãe me levou ao parque; o meu primeiro beijo; o momento em que experimentei álcool; o primeiro dia na escola; quando caí abaixo de uma árvore, na escola básica; o Natal em que recebi uma réplica de um camião dos bombeiros; quando a minha mãe me explicou que teria que ir viver com o meu pai, um verdadeiro desconhecido para mim; o momento em que estava a fazer as malas; o último jantar de amigos em Lisboa; eu a entrar para o comboio; eu a conhecer o meu pai; Greg, sorridente, a descer as escadas…

Abracei o meu corpo e esperei pelo impacto na água gelada e cortante. Mas não aconteceu.

Uma rajada de vento arrastou-me para longe. Para um ponto seguro. Tive receio de abrir os olhos. Se calhar aquilo era o paraíso. Que bom ter morrido sem sofrer. Mas logo entendi o que tinha acabado de acontecer. Não tinha morrido — estava enroscado nos braços de Miguel, apertado contra a camisola dele.

— Estás bem?

Não conseguia responder. Ao olhar para os meus pés, vi que o chão estava muito abaixo de nós. Entre mim e a terra batida da floresta, existiam grandes ramos verdes presos a um tronco de uma árvore gigante.

Como é que eu tinha parado ali em cima?

— Simão? — questionou Miguel. Os meus olhos cruzaram-se com os dele.

— Como é que fizeste isto?

— Isto o quê?

— Isto… — Olhei novamente para o chão, mas algo estava errado. Já não havia nada a separar-nos. Os pés de Miguel pisavam firmemente a terra.

Isto não podia acontecer… num momento estar no topo de um pinheiro e no outro voltar a estar no chão? *Eu ia morrer*! Como é que Miguel tinha feito aquilo?

— Está tudo bem? Tens a certeza?

Não sabia o que dizer porque *não estava tudo bem*. Algo de muito estranho tinha acabado de acontecer. Miguel salvara-me da morte inexplicavelmente, voando à velocidade da luz para conseguir afastar-me da cascata.

— Como é que fizeste isto? — voltei a indagar. Aproveitei para me afastar dele e verificar se isto não era apenas um sonho ao beliscar-me.

— Não fiz nada.

— Tu *voaste*.

— Esse tipo de coisas não acontecem.

— Eu vi!

Abanou a cabeça serenamente. — Bateste com a cabeça. Isso afetou de alguma maneira a tua memória visual.

— Para de dar desculpas! Eu vi! Ia cair daquela cascata e tu apareceste do nada e voaste para aqui!

— Simão…

— Não tentes negar!

— Não vou negar algo que é obviamente inegável. — afirmou com calma — Nada aconteceu, Simão. O melhor que podes fazer, neste momento, é vires comigo até ao consultório do Doutor Violante. Ele poderá explicar melhor o que te aconteceu.

Ainda incrédulo, apertei o punho e aproximei-me dele para que lhe pudesse espetar um soco. Mas não consegui. Não é que me faltasse coragem, faltava-me a força. Estava exausto. Só queria voltar para casa e poder descansar.

Miguel veio até mim e agarrou-me no braço. — Vamos agora mesmo ter com o Dr. Violante. Ele vai cuidar de ti.

— Não. Vou regressar a casa e…

— Não estás com condições para isso. — interrompeu. — Estás confuso, afirmas ter visto coisas que não acontecem. Não sei muito bem o que pode ter causado isso, mas nas últimas vinte e quatro horas passaste por muito. Viste o teu meio-irmão inconsciente, e assim que ele acordou, tinha uma espécie de controlo sob os quatro elementos da natureza. Isso de alguma forma afetou o que tu vês…

— Não te atrevas a envolver o meu irmão nisto! Ele não tem nada a ver contigo! Tu és uma pessoa estranha e que quer esconder o que realmente é! — contive a respiração, lançando-lhe um olhar de raiva — Um monstro egoísta!

Virei as costas e comecei a avançar em direção às árvores altas e assustadoras que me cercavam. Ao olhar para trás, percebi que Miguel já lá não estava. Não houve tempo para me questionar onde estaria o meu perseguidor porque ele segurou-me pelos braços e colocou-me às suas costas, tal como Greg tinha feito nessa mesma manhã.

— Receio que tenhas que vir à força — comentou. Os seus passos começaram a ganhar velocidade e poucos segundos depois já ele estava a correr, não tendo grandes dificuldades em conciliar isso com o facto de eu estar às suas costas.

— Estou bem! Eu vi o que se passou e tenho a certeza que me estás a esconder alguma coisa.

— Vamos esperar pelo diagnóstico do Doutor David para ele te confirmar que não tenho nada a esconder.

•••

Reconheci o interior da sala de espera que antecedia o escritório do Doutor Violante. As cores neutras e modernas das paredes ressaltaram as memórias da noite anterior. Queria voltar a lembrar-me do rosto do médico, mas essa parte ficou nas penumbras até ele aparecer na porta que levava ao seu gabinete, indicando-nos que seguíssemos o caminho.

Miguel passou ao lado do Doutor David e entrou no gabinete. Era um espaço arrumado, com uma grande secretária feita com uma mistura de inox e madeira preta no centro da sala e com várias estantes com livros ligados à medicina a ornamentar o local. Num dos cantos havia uma réplica do esqueleto do Homem, e no outro estava uma maca, onde Miguel me deitou.

— Estou bem, doutor. — Lutei para me erguer. — Não me aconteceu nada.

Porém, tanto Miguel como o Doutor ignoraram-me. Saíram do gabinete e só ouvi o som da chave a trancar-me naquele espaço.

Percebendo que era seguro, levantei-me e dirigi-me até à porta fechada. Do lado de fora, ouvia vozes claramente pertencentes a Miguel e a Dr. David, mas não conseguia perceber o que diziam. Nada obstante, dava para entender que o médico parecia irritado com alguma coisa enquanto Miguel se desculpabilizava.

As vozes pararam e eu afastei-me da porta. Regressei à maca, mas limitei-me a ficar sentado.

Os dois entraram. Os lábios de David curvaram-se para dar força a um sorriso. Aproximou-se de mim e puxou a cadeira giratória que tinha atrás da secretária. Usou o estetoscópio que tinha à volta do pescoço para ouvir o bater do meu coração, erguendo-me a camisola para o fazer.

— Tens o coração acelerado. — Ergueu o olhar para me encarar — Estás nervoso?

Abanei a cabeça. Enquanto falava, obrigou-me a deitar novamente — Dizes que viste o Miguel a voar. É verdade?

Miguel encostou-se à ombreira da porta e cruzou os braços.

— Eu… *senti-o* a voar. — afirmei, desviando a minha atenção de volta para o médico. — Não consegui ver nada porque estava de olhos fechados.

As mãos de David complementaram a observação que ele fez à minha cabeça, remexendo no meu cabelo durante alguns segundos. — Não tens ferimentos…

Pegou numa pequena lanterna e iluminou-a em frente ao meu rosto. — Tenta seguir com os olhos.

Assim o fiz; da direita para a esquerda e vice-versa, duas vezes. Desligou a

luz branca e guardou a lanterna no bolso. Levantou-se e fez o meu corpo erguer-se até que os meus pés tocassem no chão. — Aparentemente está tudo bem. — concluiu — Essa sensação de voo foi uma reação que o teu corpo teve à queda. — Sorriu abertamente. — Devias agradecer ao Miguel por te ter salvado. Foi uma sorte ele estar por perto.

— Então ele realmente bateu com a cabeça? — Miguel interrompeu. O Doutor girou o corpo para o encarar.

— Sim, provavelmente. — Virou-se novamente para mim. — Mas agora está tudo bem.

Levantei-me e dirigi-me até à saída, sem dizer uma única palavra. Quando estava no jardim, Miguel abriu o seu carro e olhou para mim, com seriedade.

— Ainda achas que voei?

Parei. Prendi a minha língua no céu-da-boca, pois assim evitaria mais um confronto com aquele ser. Perdido nas várias hipóteses para reagir à questão, decidi virar costas e começar a caminhar em direção a casa.

— Antes que digas alguma coisa, — disse, virando-me para ele repentinamente — eu não quero boleia. Prefiro ir a pé. — pausei para o olhar nos olhos. — E não voltes à minha vida. Deixa-me em paz. A mim e à minha família.

E desatei a correr, emergido na certeza do que tinha visto. Com toda aquela raiva, acabei por tirar ligadura de volta do meu pulso. Não precisava de ajuda daquela gente. Miguel voara e eu quase tinha morrido se ele não o tivesse feito. Restava-me agora acreditar que ele seguiria as minhas ordens, sem sequer as questionar. Só queria esquecer tudo o que ele me tinha feito nos últimos tempos. Raptos, assaltos, homens voadores. Isso não pertencia ao mundo real.

Ou será que sim?

DOZE

DAR POR MIM A OUVIR *YOU CAN'T TOUCH THIS* ÀS SETE DA manhã era o sinal que precisava para me convencer que estava louco. A privação de sono tinha destas coisas. Não era capaz de desligar o rádio, nem que a música que estivesse a passar fosse do mais reles que houvesse. Felizmente para mim, cantar "*You can't touch this*" era um remédio santo. Quando MC Hammer parava para trautear as palavras que davam nome à canção, eu fazia um movimento elétrico. Não era propriamente uma dança, era como um ataque epilético. *Oh sim, ser louco era fixe!*

As últimas notas badalaram e seguiu-se outra música dos anos noventa.

— *Love me, love me… say that you love me…* — cantavam as *The Cardigans*, eu a fingir que estava ao lado delas, com o meu porta-lápis a simular um microfone.

— *Lately I have desperately pondered, spent my nights awake and I wonder what I could have done in another way to make you stay…*

Arremessei o porta-lápis contra o rádio, furioso com aquelas palavras. O estrondo que provocou quando bateu no chão fez-me levar a mão aos ouvidos. A música parou com uma faísca a sair das colunas. — Oh, bolas…

— Está tudo bem? — Ben gritou do andar de baixo. — Simão?

— Falso alarme! Fui só eu que… tropecei. — Contraí os ombros, mostrando ao meu reflexo no ecrã do computador que não sabia o que dizer.

Peguei no rádio. Não tive que fazer mais nada, ele entoou de imediato, volume no máximo: — *I'm a Barbie girl, in a barbie world…* — Estava a funcionar.

Ainda sentado na cama, olhei para o relógio. Marcava 06:56. Devorado pelo sentido de derrota, deitei a cabeça para trás, pousando-a na almofada por mais alguns minutos. Nem aquela dança — uma tentativa de auto-animar-me — me fazia esquecer os problemas do mundo. Como se os poderes de Greg não fossem suficientes para me tirar o sono, acrescentava-se agora Miguel. Mas não queria que isso acontecesse. Depois de uma noite quase toda em branco, preferia esquecer tudo aquilo e acreditar que não tinha passado de um sonho.

Vesti-me o mais rápido que conseguia e desci para a cozinha. O meu pai tratava do seu pequeno-almoço, vertendo leite para uma chávena com café.

— Bom dia! — Ouvir a voz alegre de Ben doeu. — Queres que aqueça leite

para ti?

— Sim, obrigado.

Abri o armário onde estava guardado o pão e cortei duas fatias. Coloquei-as na torradeira e enquanto aqueciam, fui ao frigorífico buscar o queijo e o fiambre.

— Passa-se alguma coisa, Simão?

A pouca atenção que tinha assentou-se em Benjamin. — Porque perguntas?

— Tens umas olheiras do tamanho do meu polegar.

Observei-me através do reflexo da torradeira. Ele tinha razão. Debaixo dos meus olhos estavam dois lagos de um negrume acinzentado. Tentei limpá-los com o dedo, mas como previsto, não me serviu de muito.

— Tive uma noite complicada. — acabei por confessar. Algo que me arrependi logo de fazer. — Ontem à noite tomei um café e…

— Café à noite? Não é bebida para a tua idade. Agora vais estar cansado e não vais conseguir acompanhar as aulas. — Tentou soar irritado comigo mas o sorriso não o deixava. — Bebe um copo de água. Isso vai ajudar-te.

Mas nem isso me despertou. Estava exausto *e insatisfeito* por estar ali em Olimpo. Pela primeira vez, queria voltar para Lisboa, mas não no sentido de desabafo — era isto que queria, *a sério*. Desejava esquecer que tinha mais família para além da minha mãe. Só me tinha envolvido em problemas graças a Greg e a Miguel.

Greg e Miguel. Sempre os mesmos nomes — será que não existem mais pessoas no mundo?

— Estás pronto?

— Quase. — Enfiei o último pedaço da primeira torrada na boca, espalhando manteiga na superfície da outra.

— Então vai acabar de te preparar ou ainda vamos chegar atrasados.

Levantei a cabeça, surpreendido. — Não tens que esperar por mim.

— Hoje vens comigo. Olha só para o teu estado! Ainda acabavas a dormir na berma da estrada.

— Estou bem. — suspirei, cansado de repetir isto. *Será que as pessoas não podem esquecer que eu existo por algumas horas?*

— Não te estou a perguntar se queres vir, Simão. Estou a dizer-te que *vens comigo*.

Tive uma vontade imensa de rir. Por mais que tentasse, o meu pai não conseguia mostrar o seu lado mais ditador, e era isso que me impedia de negar qual quer que fosse a sua ordem. Se era essa a sua tática, estava aprovado.

Demorámos cinco minutos a chegar à escola. O trânsito era inexistente e o facto de a polícia pouco se importar com Olimpo permitia aos seus cidadãos ultrapassarem os limites de velocidade quando a situação assim o exigia.

Tobias estava sentado num dos bancos existentes no exterior da escola, perto de uma entrada para a floresta. Tinha as mãos nos bolsos, protegendo-as do frio varonil. Veio ter connosco depois de o meu pai estacionar o carro.

— Bom dia — cumprimentou Ben, já fora do seu modo quase furioso.

Pois… Tobias. O rapaz que tinha deixado em Braga, a meio da noite, sem o avisar. E na companhia de João.

Não sabia o que dizer. Olhei para aquele que provavelmente já não era meu amigo e tentei mostrar que lamentava o que tinha feito. Tobias, porém, ignorou-me o máximo que pôde, tendo-se cingido a responder ao meu pai.

— Vamos para dentro? — continuou ele.

Percebendo que seria desconfortável falar sobre o que aconteceu no sábado em frente a Benjamin, escolhi ficar ali. Tobias concordou.

— Bom, então vou indo. Logo queres boleia?

— Não, eu vou a pé.

— Ótimo. Às dezasseis estou à tua espera.

Não teve piada, mas os lábios de Tobias arquearam-se num sorriso tímido. Ben não ficou ali muito mais tempo, encaminhando-se para o Bloco A. Tobias e eu sentámo-nos no mesmo banco onde ele estava quando eu chegara. Vinte metros percorridos num silêncio tenso. Ficámos lado a lado, sem nunca trocar uma única palavra.

Deixei o receio de lado e despoletei a conversa. — Acerca de sábado…

— Não há muito para dizer. — cortou, gélido. — Deixaste-me sozinho à noite. Na cidade de Braga. Com o João.

Tal como tinha pensado.

Suspirei. — Foi assim tão mau?

A gargalhada irónica de Tobias fez algumas pessoas olharem para nós. — Mau? Estás a gozar, certo?

— Desculpa. Eu… — Como é que ia fazer isto? Não era bom a lamentar-me, estava mais habituado a desculpar-me por ter feito disparates. Organizei as ideias na minha cabeça, expondo-as com cuidado. — Devia ter falado contigo, só que o meu irmão ligou-me aflito a dizer que não podia ir buscar-me e tive que arranjar uma solução rápida. Tive a sorte de encontrar um… — Não queria falar de Miguel. *Não podia*. — …de encontrar um conhecido do meu pai, que me acabou por dar boleia. Só depois percebi que te tinha deixado sozinho com o João. Não tencionava fazer isso, mas fiquei tão aborrecido com aquilo!

A minha sorte foi que a desilusão por estar a mentir fez o seu trabalho ao disfarçar uma irritação inexistente.

— Acredito que sim. Mas podias ter avisado. Mandar uma mensagem ou ter-me dito pessoalmente… O João também pouco explicou e quando pensei que ia

começar a falar, acabou por ir-se embora. Sem ti, já não houve diversão para mais ninguém.

— Eu sei qual era a diversão que ele queria.

Sobressaltou-se com a minha resposta. A cabeça dele começou a funcionar da maneira errada. A maneira do Tobias. — Ele queria…? — Tomou uma lufada de ar para se recompor. — Ele é *gay*?

— Não! Quero dizer, não. Não sei se ele é *gay*, acho que não, mas não era *isso* que ele queria.

— Então… — suspirou, aliviado — o João não é *gay* e não queria comer-nos.

— Queria consumir droga. Cocaína, creio eu. Mas não é isso que importa, Tobias. Ele não te levou a casa?

— Claro que não! Mal percebeu que te tinhas ido embora, o João aproveitou o momento e vazou também. Só disse algo do género "Também tenho que ir. Boa sorte aqui em Braga!".

Não conseguia acreditar na estupidez do João. Deixar o Tobias, indefeso e sozinho, nas ruas da cidade não era seguro, ainda por cima era noite. A probabilidade de ele vir a ser assaltado eram gigantes, e só Deus sabe como é que não o tinha sido.

— Desculpa, a sério. Nunca devia ter feito o que fiz! Foi ridículo ter confiado no João para ficar contigo. Nem sequer o conhecia assim tão bem…

Apoiei os cotovelos nos joelhos e enfiei a cara entre as mãos, ressentido com a desilusão de Tobias. Se pudesse, partia agora mesmo a cara de João. Aquele sacana não era quem aparentava ser, só queria saber do próprio umbigo.

A mão de Tobias tocou-me no ombro. — Deixa estar, Simão. Na altura fiquei um pouco irritado, mas agora está tudo bem. Não me aconteceu nada, certo? Então não há motivo para te preocupares.

— Tens a certeza? — levantei a cabeça, ainda confuso.

— Tenho. Só não voltes a fazer uma coisa destas. — Acenei com a cabeça, já mais satisfeito. — E com o teu irmão? Está tudo bem?

Estremeci ao ouvir a questão. — Porque não haveria de estar?

— Tu próprio acabaste de dizer que ele te ligou aflito. Havia algum problema ou…?

— Ah, isso! — Relaxei os músculos dos ombros de imediato — Sim, ficou tudo resolvido. Preferia não falar sobre esse assunto, se não te importares.

— Claro. Vamos para dentro?

Ia responder a Tobias quando me distanciei da conversa. Eva. Sozinha na entrada da escola. Não havia nenhum jipe branco nem nenhum *stalker*. Era só ela. Vinha a pé, com a mochila às costas, e vestia uns *jeans* com um casaco de cabedal preto sob uma camisola vermelha. Envergava umas botas castanho-

escuro que apoiavam o contraste entre o vestido branco de sexta-feira e a roupa de hoje. Lembrou-me uma caçadora a desfilar numa *passerelle*.

Trocámos olhares silenciosos pouco duradouros. Ela tentou esconder um sorriso mas não conseguiu, acabando por se resguardar no interior da escola.

— Meu, *esquece-a*. Ela nunca esteve com ninguém. — Tobias disse. — Não é agora que vai querer saber de rapazes.

Não era isso que me preocupava. Estava mais interessado em saber se Miguel pensava seguir as minhas ordens. A única regra — afastar-se de mim, deixar-me viver uma vida sossegada. Uma pessoa normal fá-lo-ia, *eu acho*.

O Miguel não é normal.

Encolhi os ombros, tanto para responder ao meu pensamento como para concordar com Tobias.

Quase na hora da aula, fomos para a sala. Poucas pessoas rondavam os corredores, apenas um ou outro casal de namorados, grupos de amigos muito pequenos e estudantes a copiarem os trabalhos de casa permaneciam encostados às paredes, preocupando-se em verem se os professores estavam à vista.

Sentámo-nos numa mesa com lugar para três, bem no fundo da sala. Ninguém estaria interessado em ficar com a terceira cadeira, o que para mim era um ponto a favor. Não tinha cabeça para falar com os coleguinhas de turma, todos tão simpáticos.

Só havia uma exceção. Duas, se contasse com Tobias. Era Rodrigo — o rapaz que me tinha dado o livro sobre os mitos de Olimpo.

Ele sentava-se na fila da frente na maior parte das aulas, e naquela não ia ser diferente. Mal entrou na sala fui ter com ele, levando comigo o "Mitos e Realidade: A verídica História de Olimpo."

— Está aqui o teu livro. — Pousei-o em cima da mesa.

Ficou admirado por me ver. — Já acabaste?

— Emprestaram-me o audiolivro.

— Não sabia que havia uma edição em áudio.

— É mais ou menos exclusiva.

A resposta baralhou-o. — De qualquer das formas, o que é que achaste?

— Interessante. — A minha intenção original era dizer "Esquece lá os deuses e concentra-te na vida real", mas não encontrei motivos para ser rude com Rodrigo.

Menos um assunto para resolver — ótimo! Podia voltar a focar-me na aula.

Prestei atenção a todas as dicas que a professora Giselle foi dando no decorrer da explicação, o que facilitou muito aquando da resolução dos problemas que ela nos pediu para fazer. Tobias, por outro lado, parecia confuso, mesmo tendo estado atento a tudo o que a docente tinha dito. Tentei explicar-lhe o melhor que

conseguia, mas nem assim ele conseguiu perceber na perfeição, tendo errado dois dos cinco exercícios.

Quando a professora começou a corrigir as equações, a porta abriu-se de rompante e deu entrada a uma loira com pele de porcelana, elevada pelos saltos altos que batiam sonoramente contra o chão e faziam toda a gente olhar.

— Isto são horas de chegar, Marina?

Marina olhou para o relógio e rolou os olhos. — Só estou vinte minutos atrasada.

— *Só*? Acabaste de perder uma parte essencial da matéria para conseguires acompanhar o que vou dar a seguir. Isso significa que vou perder tempo a explicar-te tudo o que dei até agora e não vou conseguir cumprir o plano para esta aula. É motivo mais que suficiente para te marcar falta, não concordas?

Sem dizer mais nada, Marina deu meia volta e olhou para mim. De início não pareceu entusiasmada por me ver, mas alguns segundos depois, um sorriso matreiro e sensual fê-la aproximar-se. Cedi-lhe o lugar ao nosso lado, mesmo que a não a quisesse ali.

— Olá. Sou a Marina. — disse enquanto começou a tirar um caderno, sem nunca deixar de me observar.

— Eu sou…

— O Sérgio, eu sei. — interrompeu, animada — *Toda a gente* fala de ti.

— *Simão*. O meu nome é Simão. — corrigi. Voltei a concentrar-me nos exercícios.

— Vieste de Lisboa, não vieste? Eu também já estive lá. Fui a algumas das maiores festas “vee-ai-pi”. Amigas e conhecidos, sabes como é. São um pouco aborrecidas, não são?

Olhando apenas de relance para os seus olhos azuis, respondi de forma seca. — Tenho a certeza que não devemos frequentar o mesmo tipo de festas.

— Agora que falas nisso, nunca te vi por lá.

Desta vez quem rolou os olhos fui eu. A minha salvação foi a professora Giselle, que pediu a Marina que parasse de me interromper e que prestasse mais atenção ao que ela estava a explicar no quadro.

A aula terminou à hora do almoço. Levantei-me o mais rápido que consegui para evitar Marina, dirigindo-me como um relâmpago para a cantina. Tobias conseguiu acompanhar-me e nem foi necessário explicar o porquê de ter deixado cair quase todos os cadernos que tinha na mochila, ao tentar meter tudo lá para dentro com as mãos ansiosas.

O almoço era arroz de pato. Desta vez, havia algumas reclamações a fazer. O arroz estava muito torrado, algo que não apreciava na comida. Tobias também não ficou muito agradável com a receita escolhida, levando a que ambos

concordássemos que só a sopa não iria ser o suficiente para nos manter em pé nas próximas horas.

Quando menos esperava, ouvi uma cadeira a arrastar e Tobias revirou os olhos, desviando alguns cabelos da teta com um sopro de tédio. João sentou-se ao nosso lado.

— Olá, Simão. — Girou o tronco, continuando com o sorriso forçado — E Tobias. Como é que está o teu irmão?

— Bem, obrigado por perguntares.

Perdendo o apetite todo, arrumei os talheres e empurrei o tabuleiro para a frente.

— De nada, *amigo*. — A sua voz aguda enfatizou a ironia da frase — Tu sabes que eu me preocupo contigo. Não é para isso que servem os amigos?

— Estou muito grato, João, mas preferia que partilhasses essa preocupação com mais pessoas. Por exemplo, com o Tobias, que ficou sozinho em Braga. Porque é que não o levaste a casa?

Colocou a mão no ombro de Tobias, enterrando os dedos na sua camisola.

— Ora essa, Simão! O Tobias é um homem responsável, não precisa que ninguém tome conta dele. Consigo entender muito bem as pessoas, sabes, e tinha um *feeling* que o nosso amigo aqui se conseguia safar sozinho naqueles becos escuros. Não é verdade, Tobey?

Tobias nem respondeu. Desviou-se de João e retirou a mão deste, enrolando os ombros.

— Ainda assim, a tua obrigação era levá-lo a casa. — continuei, olhando-o nos olhos. Zangado. Furioso. Pronto a bater com o murro na mesa, se a situação o impusesse.

— Ele está vivo, não está? Então qual o drama? E também só estou aqui para te fazer um aviso. É sobre o Bacelar.

Olhei para Tobias, sem resposta. Por sorte, ele não entendeu onde João queria chegar. Preferia não lhe contar o que se passara com Miguel, tanto há três noites atrás como no dia em que fora tirado de casa à força, sob a ameaça de um suposto perigo que os meus entes corriam.

— O que tem? — perguntei, com cuidado.

— Ele não é quem tu pensas que é. É má pessoa. Assim como a *hottie* da Eva. Cara de anjo para disfarçar as cinquenta sombras de malvadez. Ou até outras cinquenta sombras quaisquer, se é que me entendes.

Suspirei. — Não, João, não entendo.

Porém, ao invés de me responder, João cruzou os braços e olhou-me nos olhos, um sorriso trocista circunscrito nos lábios. Por momentos, pertencemos a uma dimensão à parte. Só pelo brilho dos seus olhos dava para entender que ele

sabia *tudo*; desde a noite do assalto ao INL até ao dia em que quase morri na água gelada da cascata.

Isso não é possível. Este tipo só está a fazer bluff. *Não lhe dês aquilo que ele quer.*

Dei de ombros, mostrando-me indiferente à sua presença. Incomodado com a derrota, João aproximou-se um pouco mais do meu ouvido e sussurrou. — Só te peço para teres mais cuidado com eles. O fogo queima, e ao estares com esses dois diabos estás a atirar-te para o inferno. — E sem se alongar muito mais, agarrou na maçã que tinha no meu tabuleiro e caminhou para longe de mim, onde desejava que ele estivesse, agora e sempre.

•••

Inferno.

A palavra que melhor definia a minha vida. Faltava-me o ambiente de chamas — e também escolher o diabo. Entre Miguel e João, pairava uma nuvem de dúvida. Ambos eram detestáveis, estavam no topo da minha lista de pessoas a evitarem, e possuíam uma aura anormal. Era caso para dizer "Que venha o diabo e escolha."

Estas reflexões sem sentido distraíram-me de tal forma que nem ao pé de Tobias me sentei, e perdido nos meus pensamentos, acabei por ficar no canto da sala, sozinho e alheio do que se passava ao meu redor. A sorte foi que o professor nem se deu ao trabalho de me chamar à razão.

As palavras de João ecoavam e encaixavam-se com o perfil que tinha criado de Miguel. *Ele é perigoso, vais queimar-te.* Só que por mais que tentasse perceber como é que isso era possível, não havia nenhum indício de maldade que o denunciasse.

Em todos os momentos em que mais precisava de ajuda, ele estava lá. Mesmo parecendo absurdo, uma parte da minha mente pedia-me para que acreditasse que o rapto tinha sido *realmente* um salvamento e que não havia problema em estar próximo dos Bacelar.

Só que os segredos eram tantos que já nem sabia no que depositar fé. Até João me parecia ser de confiança, apesar de tudo. Não ganhava nada em avisar-me, no entanto, ele fê-lo. Quais os objetivos para fazer isso? — eis a incógnita. Estava disposto a arriscar e acreditar uma única vez no que alguém me dizia.

Mas e se mesmo João estivesse contra mim? E se ele escondesse alguma coisa que me pudesse prejudicar? Porque razão ele me queria obrigar a não gostar de Miguel, quando este me tinha salvado duas vezes sem razão aparente? Aliás, ele

tinha *voado* e forçou-me a aceitar que tinha batido com a cabeça.

Havia ali algo que não batia certo; tanto na história de Miguel como na de João. Tinha que colocar os pontos nos "is" o mais rápido possível.

Logo que pude, arrumei as minhas coisas e fui à procura da única pessoa que me parecia ser a solução para aquilo tudo. A imagem da rapariga de cabelos loiros e olhos azuis centrou-se na minha mente e não me permitia objetivar mais nada.

Desci as escadas que levavam à entrada do bloco e vi Eva a sair da sala. Ficou surpreendida ao ver-me aproximar dela.

— Olá.

Nem o tom delicado me parou. — Precisámos de falar.

— Passa-se alguma coisa? Ei! — Agarrei no seu braço e arrastei-a para um corredor paralelo ao nosso, onde tinha a certeza que mais ninguém tinha aulas. Esperei que o ruído se dispersasse e logo que os sinais de ausência humana desapareceram, avancei.

— Eu vi o que o teu irmão fez.

De braços cruzados, Eva arqueou a sobrancelha. — Do que estás a falar?

— Ele apareceu do nada. *Voou*.

Bingo! O queixo dela caiu, reforçando o seu choque ao ouvir-me dizer a verdade. — O quê?

— Sim, Eva, ele fez uma coisa inexplicável. — suspirei. Incomodada com a força que estava a fazer no seu braço, Eva puxou-o para trás, quase batendo com o cotovelo na parede. — Eu ia morrendo se o Miguel não tivesse aparecido de sei-lá-onde e se não tivesse *voado*, ou seja lá o que quer que aquilo foi.

Houve um momento de silêncio. Os meus olhos enterraram-se nos dela, com vontade de explorar aquele seu mundo desconhecido. Talvez ficasse surpreendido com as verdades ocultas que lá se encontravam guardadas. Ou talvez ficasse ainda mais interessado em descobrir quem eram aquelas duas pessoas que diziam ser irmãos, apesar de nada terem a ver um com o outro.

— Estás louco? — Eva disse segundos mais tarde.

— Não, vocês é que são loucos! — Reforcei a minha ideia, olhando-a com agressividade. — O Miguel *não é* normal, ele esconde alguma coisa que vocês não me querem contar.

— Simão, percebe uma coisa…

— As pessoas não voam nem aparecem do nada, *eu sei*. — Já estava farto de ouvir isso. — Mas eu tenho os meus motivos para acreditar que isso *é* possível.

— Não, não é…

Mais uma pausa provocada pelo aproximar dos nossos rostos. A respiração a tocar na minha pele, tão macia quanto um vento de primavera. Todavia, ao

mesmo tempo, o nervosismo tomava-a. O efeito da nossa proximidade. Era intimidante e provocador.

— Eu sei que o teu irmão é algo mais.

— Está tudo bem, meninos? — Afastámo-nos um do outro. Limpei a garganta ao notar a presença do meu pai.

Os nossos olhares descruzaram-se e Eva afastou-se de mim. Não disse mais nada — desapareceu no meio da multidão que percorria o corredor, deixando-me a certeza que havia algo de errado com Miguel.

— Passou-se alguma coisa? — questionou o meu pai, ainda surpreendido.

— Um mal-entendido que já está resolvido.

— Alguma coisa grave?

A pergunta podia ser reformulada como “Alguma coisa que tenha que saber?”.

— Não. Coisas de miúdas.

— Ainda bem. — referiu desinteressado. — Espera aqui enquanto vou buscar as minhas coisas à sala.

Enquanto ele o fez, tive tempo para ponderar no que tinha acabado de acontecer. Eva confirmara-me, mesmo que involuntariamente, que Miguel escondia alguma coisa que o comprometia. Ele tinha voado da mesma forma que Greg fizera no dia anterior. Tal como aconteceu com o meu irmão, Miguel tinha que ter sido afetado na noite de sábado. Também ele ganhara poderes que teimava em esconder.

Mas…

…e se ele já os tivesse antes do meu irmão os ter ganho?

TREZE

ANTES DE ENTRAMOS NO CARRO DE BENJAMIN, O PROFESSOR Giacobbe chamou-o à parte, revelando ter um assunto importante para falar com ele. Ignorou-me, como é óbvio. Nada que não esperasse, assim que o avistei no parque de estacionamento da escola Não tinha importância. O mais importante era que aquela era a oportunidade de os ver conversar, de ouvir o que tinham a dizer um ao outro, de perceber a razão pelo qual ele me odiava.

-— Vai indo para o carro, Simão. Eu já lá vou ter.

Fiz tal como ele pediu, mas não bati a porta. Precisava de os ouvir.

— Já soube o que aconteceu. — começou o professor. — As más notícias correm depressa.

— As *falsas* notícias, Giacobbe. Não aconteceu nada do que andaram por aí a dizer.

— Foi a mesma coisa que me disseste da última vez. — referiu com descortesia.

Ben lançou-lhe um olhar apreensivo. — Pensei que esse assunto estava resolvido.

— Nada vai apagar o que fizeste.

— Eu não estava lá. Não havia nada que…

— Havia, sim. — interrompeu-o, mantendo a calma mas sem retirar o timbre áspero. — Podias ter acabado com o Praeter Hominem, e deixaste-os continuar com aquela loucura.

Praia quê?

— Não é uma decisão que eu possa tomar.

Arquejou com repulsa, afrontando Benjamin com reprovação. — És um cão mandado, Benjamin. És o único que não vês que…

— Não vamos interromper o nosso estudo, entendes? — O tom de voz de Ben subiu. Apontou o dedo para Giacobbe, a pele rúbida de raiva. — É muito mais que uma tecnologia, é o próximo passo do Homem! Nós podemos salvar vidas!

— Oh, a ironia das palavras. Quem diria que uma tecnologia que pode salvar tantas vidas começou por tirar uma. A que era mais importante para mim.

— Um acidente, Giacobbe, foi um acidente. Há três anos.

— Dizes isso como se três anos fosse muito tempo para esquecer que ele existiu.

— Não foi isso que quis dizer. É claro que te custa muito…

— Sabes que mais? Não vou discutir contigo. Só te queria dizer que vou fazer de tudo para fechar o Praeter Hominem.

Deu meia volta, encaminhando-se para um Carocha verde estacionado do outro lado do parque. Ben deixou-o dar meia dúzia de passos antes de o chamar. — Isso é impossível.

Cessou a marcha. — *Vediamo*. *Gli dei sono dalla mia parte.*

Então era por isso que o professor me odiava — e ao meu pai. Porque Ben tinha contribuído para a morte de alguém. Uma parte essencial do Giacobbe Leone. Será que teria mais um motivo para me preocupar?

— Pai… — murmurei quando ele entrou no carro.

— Ouviste a conversa. — Promulgou a desilusão. Não comigo, mas com ele próprio.

— O que é que se passa entre vocês os dois? O que é o *Praia ti Homines*?

— *Praeter Hominem*. — corrigiu. — Um projeto em que ando a trabalhar. Nada de especial.

— "Pode salvar vidas". — citei. — Nada de especial, mesmo.

— Estamos só no início. — Suspirou. Não prosseguiu até estar certo do que dizer. — O problema foi que o professor Giacobbe esperava mais do que lhe prometeram, e as coisas correram mal. Agora culpa-me pelo que aconteceu.

— E o que é que aconteceu?

— Não vamos falar disto, está bem? Não te deves preocupar com coisas desnecessárias.

Estávamos em sintonia.

Como se aqueles dois nomes não fossem suficientes, sempre a penderem nos meus pensamentos. *Greg e Miguel* — isso chegava-me. Não queria acrescentar Ben à lista.

•••

Greg estava em casa, sentado na mesa da cozinha, com alguns livros à sua frente e uma caneta na mão para tirar apontamentos para um caderno de capa preta.

Atirei a minha mochila para o chão e sentei-me na sua frente. Encaixei o meu queixo na palma da minha mão, e coloquei o cotovelo em cima da mesa, para servir de suporte para o peso exercido.

Olhei, com os olhos quase fechados, para o meu irmão.

— Então como correu o dia?

O meu pai abriu o frigorífico e tirou um copo do armário para verter um pouco de água. — Bem, quase ia perdendo a minha carteira mas nada de grave.

— E encontraste-a?

— Teoricamente não. Quem a encontrou foi uma funcionária. Tinha-a deixado na cantina e já não me lembrava. Tive mesmo sorte, com aquilo que se vê nos dias de hoje pensei mesmo que ia ficar sem ela. Já viste o trabalho que ia ter a refazer os documentos todos?

Greg concordou, acenando com a cabeça mas sem tirar os olhos do caderno.

— A funcionária entregou-ma quando estava na sala de aulas. — Bebeu um trago de água e voltou-se para mim. — Também me disse que teve um problema contigo.

Olhei para ele, já mais desperto. — Que problema?

Riu-se. — Ela disse que querias ir à casa de banho, mas que acabaste por ir parar ao Registo dos Alunos. Não sabe se foi por engano ou se tinhas algum objetivo em ir lá.

Suspirei. — Claro que foi por engano, o que é que eu iria querer de lá?

— Foi o que eu pensei. Acho que não tem lá nada que te possa interessar.

Concordei e voltei a agarrar na minha mochila, para tirar o caderno de Matemática e o respetivo manual. Tinha trabalhos de casa para fazer, e tendo em conta que depois do jantar queria falar com a minha mãe, não tinha outra hipótese a não ser fazê-los agora.

— E o teu dia, Simão? — continuou Greg, ainda com o olhar focado nos livros — Correu bem?

— Sim. — respondi o mais desinteressante possível.

— Ele hoje teve um problema com aquela rapariga, a irmã do Miguel Bacelar, como é que ela se chama mesmo? — O meu pai afirmou enquanto colocava o avental. Olhei para ele, rolando os olhos.

— A Eva Bacelar? — Greg disse, olhando para mim confuso. — O que é que se passou?

— Não foi nada de grave, foi só um mal-entendido.

Enquanto o meu pai preparava o jantar, decidi juntar-me ao meu irmão. Abri o manual de matemática e comecei a resolver alguns problemas que a professora tinha marcado. Quando dei por mim, estava distraído a pensar em milhares de coisas que não na equação que estava escrita no meu caderno.

O Miguel voou e salvou-te.

Não, não podia pensar naquilo. Não ali e não naquele momento. Qualquer movimento suspeito iria fazer com que o meu pai fizesse perguntas, algo que sabia que podia ser revelador. E contar a Greg também não me parecia uma opção, apesar de ser tentador.

Não. Aquilo era um problema meu, não podia fazer com que ninguém se juntasse a esta causa louca. Sim, porque ninguém iria acreditar que um rapaz aparentemente normal voava. E aí tinha que dar razão a Eva: esse tipo de coisas não aconteciam, e quem era eu para afirmar? O Stephen Hawking?

Percebi que o meu olhar estava há demasiado tempo focado na tampa azul-escura da caneta. Olhei para o meu irmão furtivamente. Continuava a estudar usando aqueles livros grossos que não fazia a menor ideia do que seriam. Sabia, ao menos, que eram esses livros que o mantinham distraídos durante tempo suficiente para eu pensar nos meus próprios problemas.

Farto de pensar, fui para a sala ver um pouco de televisão. Estava a passar um documentário sobre a cidade de Lisboa, o que me captou a atenção durante o tempo suficiente para conseguir esquecer todos os meus problemas.

Dez minutos mais tarde, com a mesa posta e a comida servida, começámos a comer o tal arroz de pato do meu pai. Greg arregalou os olhos ao meter uma garfada à boca.

— Onde é que aprendeste a fazer isto?

— Foi uma colega da escola que me ensinou. Já me tinham dito que esta receita era divinal.

— É *muito* boa. — concordou Greg. — Por falar em trabalho, porque é que nunca me contaste sobre o INL?

— Oh, tu sabes que eu trabalho lá? — disse o meu pai, pousando o garfo e a faca — Não é bem trabalhar. Fui convidado a fazer uma investigação, eu e o resto do Departamento de Ciências Humanas lá da escola. Nada de mais.

— Que tipo de investigação?

— Não é nada de especial. — respondeu, com um sorriso disfarçado. — Só uns testes que estamos a fazer a nível psicológico a alguns alunos que têm dificuldades em prestar a atenção nas aulas.

— O tal projeto…? — Recusei-me a arriscar a dizer o nome. *Praiu… ti… holimus?*

— Não, nada a ver. — apressou-se Ben a declarar. — São coisas distintas.

— Hum. — Greg meteu outra garfada à boca. — Ouvi dizer que houve lá um assalto.

Desta vez, quem parou de comer fui eu. Olhei para o meu irmão, sem qualquer reação, e pensei no que é que lhe tinha dado para introduzir este assunto à mesa.

— Sabes de alguma coisa? — Greg questionou novamente.

— Não temos qualquer tipo de pista. Quer dizer, *eles* não têm qualquer tipo de pista. As câmaras de segurança ficaram completamente queimadas e parece que ninguém encontrou nenhum tipo de vestígios. Nem impressões digitais, nem

pegadas, nada.

Greg olhou para mim. Estava tão boquiaberto quanto eu.

Como é que todos os nossos traços tinham sido eliminados? Com toda a pressão que tivemos naquela noite o normal era termo-nos descaído com alguma coisa, nem que fosse um único cabelo. *Mas nada!*

Desconfiado, o meu pai olhou para nós os dois e percebeu que se passava alguma coisa. — Querem contar-me o que sabem?

— Ahm, nada de especial. — gaguejei. — Quer dizer, eu e o Greg vimos uma coisa estranha nessa noite. Um relâmpago caiu mesmo em cima do INL, foi estranho.

— Um relâmpago?

Era *parcialmente* verdade. O relâmpago surgira no braço de Greg, logo, tinha visto um.

— *Yes, like a thunder and than this huge lightning bolt and…*

— Podes falar em Português, Greg. Estamos em Portugal.

— Oh, desculpa. Mas sim, houve um trovão e depois um relâmpago que caiu no edifício do Instituto.

O momento captou a atenção do meu pai. Estava na dúvida se aquilo era bom ou se me poderia vir a prejudicar. — Vocês têm a certeza do que viram?

— Sim, acho que sim. — continuou Greg. — Só que também sei que já tínhamos bebido alguns shots quando vimos aquilo. Mas não achas estranho termos visto os dois a mesma coisa?

— É estranho, sim, mas não há qualquer sinal de relâmpagos caídos. Se calhar vocês estavam mesmo bêbados.

O tema acabou aí. Voltei a olhar para o meu irmão, aliviado, que meteu outra colher do arroz de pato à boca. Consegui perceber o que ele quis dizer com o acenar da cabeça: tínhamos menos um problema na lista.

CATORZE

ARRUMAR A COZINHA NÃO DEMOROU QUASE TEMPO nenhum. Enquanto o meu pai lavava a loiça, eu secava-a e o Greg colocava-a nos armários correspondentes. Era uma tarefa mecânica:

Lava - seca - coloca-a no sítio.
Lava - seca - coloca-a no sítio.
Lava - seca - coloca-a no sítio.

Benjamin trancou-se no quarto-barra-escritório, para trabalhar em coisas relacionadas com a escola (pelo menos foi aquilo que nos disse. Quanto à veracidade das palavras não ia opinar). Por outro lado, Greg regressou ao barracão para estudar para um exame que ia ter dali a três dias. Não me atrevia sequer a perguntar-lhe o nome da cadeira. Eu, sem outra escolha, subi o quarto. Iria ter que me entreter da melhor maneira possível.

Fechei a porta devagar, evitando assim o chiado que as dobradiças normalmente ressoavam, e troquei as calças pela parte de baixo do pijama. O telemóvel não tinha nenhuma notificação, nem uma única chamada não atendida, o que significava que a Mãebela não me tinha contactado.

Isto é o spleen no seu auge, pensei. Atirei o telemóvel para cima da cama, esperando que ele não batesse na parede e se desfizesse por completo.

Abri o Youtube. Vi as recomendações que ele tinha para me dar — nenhuma delas convenientes para aquele meu momento de tédio —, e acedi a um dos meus álbuns de música favoritos no Spotify, enterrando os auriculares nos ouvidos. As minhas baquetas imaginativas marcaram o ritmo do prelúdio da Supremacy, dos Muse, ocupando-me enquanto esperava que o perfil do Facebook carregasse.

Passava os olhos pelo *feed* de notícias, quase sem sequer estar atento ao que lá estava escrito. Era um vício. Só depois me deparei com a foto de alguns dos meus amigos lisboetas, abraçados e a sorrirem de orelha a orelha. Se não os conhecesse, diria que devia ser uma amizade muito bonita, mas como estava dentro do assunto o correto era dizer que o álcool tinha uma certa culpa nos motivos daqueles sorrisos.

Deixei um “like”, só como um sinal de “Não vos esqueci, por isso não me

esqueçam", e desconectei a internet. Tirei um dos livros que tinha em cima da secretária e deitei-me na cama. "O Grande Gatsby" não me parecia ser o tipo de romance que gostava de ler naquele momento, mas já estava por tudo.

Estava quase a adormecer quando o meu telemóvel tocou. Apressado, deixei cair o livro, limpei o fio de baba que pendia dos meus lábios, e levantei-me da cama, em busca do aparelho. A luz intermitente farolizava nos pés da cama, fazendo vibrar a madeira empalidecida pelo tempo.

— Olá? — disse logo que atendi. — Mãe?

O número era desconhecido, mas tinha quase a certeza que era ela.

— Simão? Estás a ouvir-me?

Acalmei-me ao ouvir a voz da minha mãe. — Estou, mãe. Como é que estás?

— Estou no café. — Levantou o tom de voz, perdida nas próprias palavras e no som de fundo. Pessoas não falavam; gritavam e gargalhavam sem timidez. — Não te consigo ouvir.

— Não, não é isso. *Como é que estás?*

— Olhem, podem fazer menos barulho? Estou a tentar falar com o meu filho. Por favor? — Fizeram-lhe uma pergunta. — Não. — Deixou sair um suspiro. — Estou a dizer para que saiam daqui e me deixem conversar com o Simão. Não quero um café, quero que abandonem esta sala assim que possam. — Esperei alguns segundos — Obrigado. Então, como ias a dizer…

Contive uma gargalhada, apertando o punho contra a boca. — Perguntei-te como é que estás.

Ouvi um novo suspiro do lado oposto da linha. — Bem. E tu?

— Também não me sinto mal.

— Tens-te alimentado?

A pergunta *cliché* fez-me abanar a cabeça. — Mas que raio de pergunta é essa, mãe? Claro que sim.

— E a escola? Não te andas a portar mal, pois não?

— Não, mãe, está tudo a correr bem.

Suspirou. — Ainda bem. O teu pai nunca mais me ligou a dizer nada e estava a começar a ficar preocupada. Se não tivesses respondido ao *e-mail*, provavelmente estaria neste momento a caminho de Braga para me certificar que o meu menino está bem.

— Já não sou um menino. — Elevei o meu tom de voz — E se o pai não te ligou é porque… — Mas não havia nenhum motivo em especial. — Sei lá… se esqueceu, não sei…

— De qualquer das formas, — continuou — devias ter-me ligado mal chegaste a casa. Sabes que não gosto que andes por aí sem me avisar de nada.

— Eu não ando *por aí*, mãe. Simplesmente tenho estado ocupado. — *A ser*

salvo por desconhecidos e a ver o meu irmão a ganhar super-poderes, tu sabes como é?

— E gostas da escola nova?

Parei para pensar na resposta. Por mais voltas que desse à cabeça, não havia nada que se destacasse. As aulas eram semelhantes às que tinha em Lisboa, só os meus colegas pareciam ter hábitos que me pareciam alienígenas. (A Eva Bacelar, por exemplo.)

Ou seria eu o alienígena. Pelo menos sabia que o era aos olhos dos olimpianos.

— É diferente. — acabei por murmurar, ainda incerto.

— Eu sei, filho. Sabes que é um ambiente completamente oposto ao nosso. — A maneira como ela tinha referido o ambiente como sendo "nosso" realçou o facto de que estávamos com vários quilómetros a separar-nos. — Mas já fizeste novos amigos?

— Bem, ainda não houve grande tempo para isso. — *E aquele que houve, foi basicamente para conhecer pessoas com o qual preferia não me dar* — Tenho um irmão, vale alguma coisa? — Tentei soar a "sabias e não me disseste nada".

— Desculpa, Simão. Devia ter-te contado logo, mas não queria criar falsas esperanças. Mas chega de falar sobre ti. Vamos falar do meu livro.

— Há novidades?

Fez uma breve pausa para afastar alguém que tinha acabado de entrar na sala. Logo que a porta bateu, continuou — Parece que a história está finalmente completa.

— Isso quer dizer que…?

De novo, barulho de fundo, alto o suficiente para distrair a minha mãe. — Eu acabei o livro?

— Acabaste?

— Estou a perguntar-te.

— Mas tu é que sabes a resposta. — relembrei-a.

— Ah, sim, acabei! Após vários anos escrevi as últimas palavras daquele que é o meu primeiro romance!

— Parabéns, mãe! — Congratulei, levantando-me logo da cama. — A sério, isso é ótimo. Estou muito feliz por ti. E já sabes o que vais fazer a seguir?

— Não sei, ainda estou um bocado confusa com tudo isto. Mas talvez envie para algumas editoras. É o passo lógico. — Idealizei-a a apoiar o queixo na mão.

— Porque é que não me pareces feliz com isso?

— Não, filho, é só porque não tenho grandes expetativas. Mais vale uma queda na água do que em pedra ruim.

— Isso não é um provérbio. E não podes pensar dessa maneira, mãe. Claro

que vais conseguir publicá-lo. Mas conta-me mais sobre a história. Alteraste algumas coisas?

— Não te vou dizer nada. Só quando tiver a certeza de que é algo definitivo é que pretendo mostrar-te. É um ritual que tenho.

Bateram à porta do meu quarto. — Sim?

O meu pai espreitou apenas com a cabeça. — Eu e o Greg vamos ver um filme. Juntas-te a nós?

— Não, obrigado. — Fiz sinal com a cabeça para indicar o telemóvel ao ouvido.

Arregalou os olhos. — Desculpa, não sabia.

Encolhi os ombros ao mesmo tempo que exibia um sorriso. O meu pai fechou a porta bem devagar, e quando ouvi o ranger das escadas, voltei-me novamente para a minha mãe.

— Estás aí?

— Sim. — respondeu — Quem era?

— O pai. Ele estava a perguntar-me se…

— Eu ouvi o que ele te perguntou. Porque é que não aceitaste?

Fiquei surpreendido com a pergunta. — Porque agora estou a falar contigo e já não conversámos há muito tempo.

— Ou será que não gostas da companhia do teu pai?

Os meus olhos quase saltaram da órbita com o espanto. — O que é que queres dizer com isso?

— Acho que a pergunta não podia ser mais direta, não concordas?

Voltei a deitar-me na cama, encostando a cabeça à parede. — Não tenho razão de queixa.

Ouvi a minha mãe fazer um “Ah-ham” sem credibilidade.

— Estou a falar a sério. — retorqui, bufando — Eu gosto de Olimpo.

Pelo menos, *tentava* gostar. Tinha passado por tanto nestes últimos dias que o que mais me passava pela cabeça era esquecer a terriola e voltar para Lisboa, onde sabia que os velhos hábitos me esperavam – *os bons velhos hábitos*. Tinha cervejas e *shots* para me fazerem esquecer que pessoas como Greg existiam. Não era nada contra ele, mas só por ele ter superpoderes tornava tudo muito mais odiável. Era uma mistura de inveja com adoração, porque ele era especial e tinha algo pelo que acordar todos os dias, enquanto eu… bem, eu pensava sempre que acordava “Hoje tudo vai ser melhor”, quando na verdade parecia que a cada minuto uma nova desgraça era iminente. Quantas vezes tinha enfrentado a morte nos últimos dias?

(E então aí voltei a lembrar-me que existia alguém chamado Miguel Bacelar, que odiava do fundo do meu peito. Por tudo que ele fizera, fazia e iria fazer.)

— Desculpa obrigar-te a passar por isto tudo. — lamentou. — Novos dias virão. Em breve vou ter um emprego melhor e assim que tiver uma casa nova voltas para aqui.

Acenei com a cabeça, mesmo sabendo que a minha mãe não ia ver.

— Por falar nisso… — fez uma pausa, e depois ouvi um gritinho de pânico. — Merda, já estou atrasada! *E eu não disse aquela palavra começada por "m"!*

— O que se passa?

— Tenho que resolver uns problemas da Segurança Social ainda hoje e pedi ao Hugo para vir ter comigo a casa para me ajudar com isso.

O Hugo era um dos melhores amigos da minha mãe. Foi ele que a ajudou a tratar do divórcio entre ela e o António— um assunto que não queria abordar.

— E estás atrasada. — concluí.

— Um pouco. Achas que meia hora é fazê-lo esperar muito?

Ri-me. — Vai lá.

— Adoro-te! — guinchou ao mesmo tempo que deixava cair o telefone.

— Também te adoro, mãe. — Mas já não o ouviu.

Respirei fundo. Sem nada para fazer. Outra vez.

Olhei para o computador, que permanecia ligado, e movi-me até à berma da cama. Puxei a cadeira até mim, e quando estava perto o suficiente, sentei-me nela e utilizei a secretária como âncora para me arrastar até ao computador, encostando a minha barriga à mesa fria.

Tinha três notificações no Facebook. Uma delas era um convite para um jogo qualquer, que rapidamente marquei como lida, outra era o aviso que um dos meus amigos celebraria o aniversário em breve e, por fim, reparei que tinha sido identificado numa fotografia do Alex. Fiquei notavelmente feliz.

Os meus amigos lisboetas tinham escrito num cartaz, em letras grandes e coloridas, a frase "We Miss You!". Há volta das três palavras gigantes colocaram fotografias nossas, tiradas durante os vários anos que estivemos juntos. Algumas delas já nem me recordava de as ver, enquanto outras eram tão recentes que quase as conseguia reviver.

Respondi de imediato:

Simão Santos Juntos para sempre, meus irmãos!

E pressionei o "like", sabendo que pouco representaria a minha gratidão perante aquele presente.

Agora tinha a certeza que nunca iria encontrar amigos como aqueles. Mesmo distantes, mantinham-se fiéis, e isso era o mais importante para mim. As adversidades pouca importância tinham. Nem mesmo um Bacelar podia meter-se

entre nós.

Um Bacelar.

O nome do qual ninguém sabia nada. Deu-me uma ideia. Fui até à barra de pesquisa e inseri “Eva Bacelar”.

O primeiro resultado confundiu-me. Era uma rapariga loira, mas ao clicar na foto de perfil, com o coração a bater rápido, percebi que não era a mesma pessoa que pesquisava. Reescrevi o nome na barra.

Nada. Não havia nenhum rasto da Bacelar.

Respirei fundo e apaguei o primeiro nome, substituindo-o por “Miguel”. Os resultados iniciais apareceram de imediato, mas mais uma vez, nenhuma das pessoas que surgiram eram aquela que eu esperava encontrar.

Furioso comigo mesmo, abri o Google e fui mais além. Iria pesquisar sobre os dois irmãos num motor de busca. Tinha que haver algum sinal dos Bacelar na Internet, nem que fosse na página da escola.

Após pressionar *Enter*, o Google apresentou-me tudo o que tinha sobre Miguel Bacelar. Abri *link* após *link*, sempre na esperança que um dos sites tivesse alguma informação valiosa sobre o rapaz que me tinha salvo mais que uma vez.

Na barra de pesquisa, acrescentei “Escola Olimpo” às duas palavras e voltei a pressionar *Enter*. Apesar de o motor de busca ter respondido às minhas preces, o resultado não era propriamente aquilo que queria ver.

Miguel Bacelar foi o melhor aluno do Ano Letivo

No topo da página, havia uma fotografia de Miguel, segurando um pequeno diploma e a fingir um sorriso para a câmara fotográfica. Só o facto de olhar para ele deixou-me sem vontade de continuar a ler a notícia.

Pesquisei “superpoderes”. Foi a única coisa que me ocorreu e podia ser que encontrasse algo de útil. Filtrei o termo por notícias, mas não havia nada de novo, apenas jornais a anunciar o lançamento de um novo filme de heróis.

Talvez estivesse na altura de desistir. Desliguei o computador e voltei para a cama, onde me deitei debaixo dos lençóis, na esperança que estes cobrissem todos os meus pensamentos.

Sem sucesso.

QUINZE

TRINTA DIAS NÃO FOI TEMPO SUFICIENTE PARA APROVEITAR ao máximo o que Olimpo oferecia. Resguardava-me em casa, a ver filmes ou a escrever poemas estúpidos com Greg, em vez de explorar as florestas e os caminhos que levavam a lugares incríveis. O percurso diário fazia parte da rotina: escola-casa, casa-escola, e não saía daí. Era a minha forma de me precaver. Não voltaria aos pontos onde poderia encarar Miguel. Ele andava a tentar evitar-me ao máximo, e eu a ele. Agora nem levava a irmã à escola. Tinha a certeza que isso se devia a tudo aquilo que acontecera, desde a noite no laboratório até à minha queda da cascata (ou quase isso). Talvez me visse como um íman de perigo e preferiria afastar-se para estar mais seguro.

Quem também andava desaparecido era João. Depois daquela conversa muito estranha nunca mais o tinha visto. Pelo que Tobias ouvira dizer, optava por percorrer todas as festas da cidade ao invés de estudar. Havia até quem dissesse que ele ia desistir da escola. E, para ser sincero, até agradecia. João não me aspirava muita confiança, e quanto mais longe estivesse de mim, melhor.

Tobias era da mesma opinião. Todas as manhãs, quando eu chegava à escola, ele dizia com grande vontade: — Ainda não há sinal dele. — E então ria-me. Ao fim de alguns dias já não tinha assim tanta piada, mas só o facto de João estar distante já era um bom motivo para sorrir.

Naquele dia não foi diferente. Logo que passei o portão da escola, Tobias veio ter comigo.

— Ainda não há sinal dele.

— Ótimo. — e ri-me. — Vamos para a sala?

Eva passou por nós. Lançou-me um olhar frio, tal como Miguel me fazia quando nos conhecemos. Questionava-me se ela me odiaria depois daquilo que lhe fizera. Acho que até o meu pai tinha dúvidas quanto à minha atitude. Nos dias que se sucederam à minha discussão com Eva, ele colocou vários documentários sobre os direitos femininos a passarem na televisão, o que ao fim de algum tempo começou a ganhar algum sentido.

(— Não concordas com isso? — perguntou-me ele, quando uma senhora que estava a ser entrevistada discutia o papel da mulher em casa, o antes e o atual.)

Tanto eu como Tobias agora preferíamos ficar na primeira fila da sala, pois sabíamos que aí não havia o risco de sermos incomodados pelos sussurros dos

nossos colegas mais barulhentos.

Foi uma das coisas que reparei quando me mudei para Olimpo. Os barulhos focavam-se mais na parte de trás da sala, enquanto em Lisboa as pessoas tinham a tendência para conversarem um pouco por todo o lado, o que muitas vezes levava a que os professores abandonassem a sala, sem sequer avisarem. Era óbvio que não passavam de momentos *drama queen* — o barulho não era assim tão incomodativo.

Alguns minutos depois, os nossos colegas começaram a entrar. Mesmo que parecesse que nos odiavam, a verdade é que todos eles olhavam para nós, lançavam um pequeno sorriso e desejavam um "Bom dia". Se calhar alguns desses desejos não eram totalmente honestos, mas pelo menos aqui dignavam-se a isso; se fosse odiado em Lisboa tinha muita sorte em que não me mandassem um soco logo de manhã cedo.

Os alunos sentaram-se todos, e o professor Roberto entrou na sala e pousou a sua mala na mesa, sem dizer uma única palavra. A minha reação foi a mesma que a maior parte da turma — permanecemos em silêncio, com o coração a bater tão rápido quanto um raio de luz. Esperávamos que ele dissesse alguma coisa.

— Vai entregar os testes. — murmurou Tobias.

Arrepiei-me. — Será que estão maus?

— Ainda tens dúvidas? — E voltei a olhar para o professor.

Abriu a mala e retirou um monte de papéis, deixando-os cair em cima da mesa. — Bom dia.

A turma respondeu em coro. De seguida, continuou:

— Ora bem, eu sei que este ainda é o vosso primeiro período letivo e que não estão bem habituados ao método do Secundário, mas nunca pensei que os vossos testes estivessem assim tão fracos.

Estremeci.

— Mas há boas notas? — questionou Marina, a mesma rapariga da aula de Matemática.

O professor sorriu-lhe. — Claro que há, Marina. Aliás, há testes muito maus e testes muito bons. Uns não estudaram nada, e outros mataram-se a estudar.

Marina encostou-se para trás na cadeira, confiante.

— Não vou atormentar-vos mais, até porque temos muito que fazer na aula de hoje.

Começou a distribuir os testes por ordem alfabética. Ao fazer as contas, cheguei à conclusão que seria quase dos últimos a receber o meu teste, o que me deixou extremamente nervoso. O facto de o professor, ao entregar o teste de Tobias, ter olhado para mim com uma cara de poucos amigos também não ajudou em nada.

Entre a última palavra proferida pelo professor e a entrega do meu teste apenas se sucedeu um grito de Marina, que parecia extremamente satisfeita com a sua nota.

— Simão Silva. — E levantei a minha mão.

Assim que vi aquele número circundado em vermelho, tive um ataque de pânico. *Como é que é possível?*

— Quanto é que tiraste? — questionei Tobias, que permanecia chocado com o seu teste.

— 19,8.

Arregalei os meus olhos. — Parabéns!

Nem teve forças para me agradecer. As mãos vacilavam, fruto dos nervos. — A sério, ainda não acredito que isto me está a acontecer. — Olhou para mim, agora a sorrir. — E tu?

Mostrei-lhe o teste, o que lhe também fez ficar assustado. — Como é que tiveste uma nota tão baixa?

Dei-lhe uma cotovelada. — Por favor, Tobias, não te gabes. 17,9 é uma excelente nota, nunca tive assim um resultado num teste!

O professor regressou à secretária e observou-nos a desfrutar os nossos belos resultados. As duas raparigas que estavam atrás de nós pareciam igualmente chocadas, mas talvez porque os seus testes tinham tido notas completamente opostas às nossas. Um 6,5 circundado a vermelho fazia-se ver pelo outro lado da folha.

O professor esperou que nos acalmássemos e retomou a palavra. — Agora que têm aí as vossas prendinhas, vou revelar a ordem das classificações, da melhor para a pior. — Limpou a garganta enquanto pegava num dos papéis que tinha em cima da secretária. — Ora bem, em primeiro lugar está o aluno Tobias Ferreira, com um 19,8.

— O quê?!

A voz de Tobias quase foi apagada pelo grito estridente de Marina, que se levantou mal o professor acabou de falar.

— Isso não é possível! — Tobias sussurrou ao meu ouvido. — Como é que…? Deus, não!

O professor voltou a sorrir para Marina. — Não se pode ganhar sempre! — Olhou para a folha de novo. — Olha cá está! Marina, foste a segunda melhor nota. Depois foi o Martim, em quarto lugar foi o Simão…

E já nem ouvi mais nada. *Eu sou a 4ª melhor nota a uma disciplina. Chamem um psicólogo, acho que fui raptado.* Por outro lado, Tobias continuava boquiaberto com o seu resultado.

— Mano, — Fiz tombar a minha mão no seu ombro — eu disse-te que ias

tirar uma excelente nota, não disse? Tu sabias tudo!

Quando começou a época de testes, Tobias e eu concordámos que iríamos estudar em conjunto. Para isso, começámos a usar o Skype como uma alternativa a percorrermos um número infinito de quilómetros para nos deslocarmos à casa um do outro. Portanto, se tive a nota que tive, foi graças a Tobias. Era ele quem me explicava tudo; sem dúvidas que a nossa amizade ajudara imenso.

— Tu não percebes, pois não?

— Não percebo o quê?

— Se eu fui a melhor nota, isso quer dizer que deixei a Marina para trás.

— Sim, e qual o espanto?

Bufou em pânico.

— A Marina nunca é a *segunda* melhor aluna. *A nada*.

— E qual o problema nisso?

Marina tinha os braços cruzados e fazia uma perna balançar em cima da outra.

— O problema — Tobias disse — é que os pais dela não vão ficar nada contentes em saber disso.

— Ela teve uma excelente nota. A minha mãe ficaria muito contente se eu aparecesse a casa com a nota dela.

— Não me estou a referir *a ela*, estou a referir-me à escola. Assim que os pais da Marina descobrirem que alguém da turma tem melhores notas que a "filhinha perfeita", o mais provável é pedirem explicações ao conselho diretivo.

Tive que conter uma gargalhada. — Não tenhas medo, Tobias. Ninguém te vai castigar por seres o novo melhor aluno.

— Não sou eu que tenho que ter medo. — murmurou. — É o professor. Ele acabou de se habilitar a ser despedido.

— Mas não estou a perceber. Qual é o problema aqui?

— O problema é que os pais da Marina têm uma grande influência junto dos professores. São eles que subsidiam todos os projetos que a escola pretende fazer, são poderosos dentro da administração diretiva. A Marina sempre foi a melhor aluna a tudo, mesmo que houvesse muitos "eus" dentro da sala.

Ergui as sobrancelhas. — Muitos "tus"?

— Sim, mesmo que houvesse mais alunos com melhores notas que ela.

Olhei para Marina e, ao contrário do que estava à espera, já parecia ter superado o facto de ter sido medalha de bronze no teste. Falava com as amigas, consolando uma delas que chorava por ter sido a pior aluna do teste. Não tinha a menor ideia da sua nota, mas pela maneira como chorava, algo me dizia que alguém ia ter uma grande dificuldade em passar à disciplina.

Durante o resto da aula, o professor fez a correção do teste. Na maior parte das vezes, ele recorria a Tobias para lhe ler a resposta, acrescentando sempre um

comentário: — Ponham os olhos no vosso colega. Ele sabe o que faz. — e então Tobias corava, lendo a sua resposta cabisbaixo, ainda envergonhado.

Inesperadamente fui o único a acertar uma das perguntas mais difíceis do teste. Ouvir o pedido do professor para ler o meu texto surpreendeu-me, mas ele justificou-se, dizendo que a minha resposta mais parecia uma tese universitária resumida em três linhas. Quando acabei de ler, Tobias olhou para mim, sério.

— Tu pensaste no que escreveste?

Encolhi os ombros. — Não, limitei-me a inventar uma teoria.

Lançou-me um olhar reprovador.

— O professor disse que só tínhamos mais dois minutos para fazer o teste e era a única pergunta que me faltava. — respondi, inocente. — Tive que pensar em alguma coisa que fizesse sentido.

— E acabaste por acertar a pergunta.

Não percebi se ele estava com ciúmes ou se tinha ficado admirado com a minha capacidade de reação em situações de pressão extrema.

A aula passou tão rápido que quando reparámos já estávamos atrasados para a aula de Biologia. Desatamos a correr para a sala, onde a nossa professora já nos esperava. Em cima da secretária encontrava-se um monte de folhas, pronto a ser distribuído pelas mesas separadas de forma individual.

— Vamos lá, temos um teste para resolver! — exclamou a professora, assim que nos viu a entrar.

Grande parte da turma tentou reclamar. Todos afirmaram que não tinham estudado e que provavelmente iriam ser prejudicados com aquilo. Porém, a professora não ouviu ninguém e obrigou-nos a sentar nas mesas o mais rápido possível.

— Não vos posso avaliar apenas por terem decorado meia dúzia de conceitos duas horas antes do teste. — disse enquanto entregava os enunciados. — Quero testar o vosso grau de atenção e de retenção da matéria.

Quase nem tive tempo para pensar no que tinha acabado de acontecer. Quando voltei a mim, percebi que muito provavelmente estava tramado. Não tinha estudado para aquele teste e só sabia de alguns pormenores da matéria que achava serem básicos.

Suspirei enquanto revia as perguntas todas e tentei lembrar-me das respostas. Sabia que na noite anterior tinha tirado apontamentos sobre tudo aquilo, mas nada me parecia sair. Até que a professora exclamou que faltava meia hora para o final da aula e que não ia dar nenhum tempo de compensação.

Respirei fundo e peguei na caneta, pronto para despachar tudo aquilo que sabia.

Há medida que o tempo ia passando, a professora caminhava entre as

carteiras, lendo as respostas que cada um de nós escrevia. O som dos saltos altos irritavam-me e por vezes desconcentravam-me. Estive tentado em mandá-la sentar, mas aí talvez acabasse por ser expulso da sala e teria o teste anulado. Não queria que isso acontecesse, certo?

— Podem colocar as canetas em cima da mesa, e não escrevam mais nada!

Após recolher os testes, todos nós saímos da sala, alguns satisfeitos com o que tinham feito, enquanto outros pareciam estar mais revoltados. Para mim era indiferente — estava seguro do que escrevera, e tinha a certeza que chegava para a nota mínima. Tobias também não mostrou sinais de dúvida.

— Realmente era muito fácil. Só quem não esteve atento às aulas por completo é que não saberia responder àquelas questões. — Tobias disse. Ao seu lado, um dos nossos colegas de turma fez uma expressão agressiva e afastou-se de nós o mais rápido que pode. — Só estou a dizer a verdade…

— Então, como é que te correu o teste?

Olhei para o meu lado. Marina acompanhava os nossos passos, com os seus livros e cadernos protegidos pelos braços.

— Bem. — respondi. — E a ti?

— Também não me posso queixar. A pergunta sobre os tipos de seres vivos e sobre os tipos de células era bastante fácil, ainda ontem revi essa matéria. Mas a outra questão, aquela que tinha a ver com as hemácias e que nos pedia para explicar o que lhes acontece quando um homem se afoga já me deu mais trabalho.

— Por acaso ontem também dei uma vista de olhos nisso, mas nunca pensei que fôssemos fazer um teste-surpresa. — respondi. — Foi uma sorte ter decidido estudar depois de ir correr.

— Costumas correr? — questionou Marina, deslumbrada. — A sério?

— Gostava de fazer mais exercício físico, mas aqui em Olimpo não há muito para onde ir.

— Tenho umas colegas minhas que vão com alguma frequência para a floresta. Não sei como é que elas conseguem. Deve ser nojento, com todos aqueles serezinhos rastejantes.

Dei uma gargalhada. — É bem melhor do que correr na cidade.

Fomos interrompidos pela rapariga que tinha tirado a pior nota no teste. A pele parecia ser banhada de chocolate de leite, com os lábios grossos e rígidos e os olhos tão escuros quanto um céu sem estrelas. O cabelo castanho apresentava pequenas ondulações nas pontas, que pouco passavam dos ombros.

— Vamos almoçar? — questionou a rapariga, impedindo-nos de continuar a andar.

Marina bafejou, pouco feliz por a ver. — *Sim*, Gabriela, *vamos almoçar*. —

Voltou-se para mim, com um sorriso radiante. — Foi um prazer falar contigo, Simão.

Seguiu então Gabriela, o seu olhar fixo em mim até que saiu do bloco. Tobias, que tinha ficado um pouco mais para trás, acelerou o passo, com uma expressão incrédula a encher o seu rosto. — Ok, isto *foi* estranho.

— O quê?

— O facto de a Marina ter falado contigo. Vocês são amigos ou algo assim do género?

— Que eu saiba somos só colegas.

Recuei um passo quando Tobias estendeu a sua mão em direção à minha mochila, como se quisesse agarrar alguma coisa. Foi aí que reparei que tinha um envelope guardado entre a alça da mochila e a minha camisola.

Na frente estava escrito com uma caligrafia elegante as palavras *Marina Silva* e no canto superior direito um morcego marcado com tinta preta assombrava o papel branco. Movido pela curiosidade, abri-o e retirei um pequeno cartão que se encontrava lá dentro.

Se estás a ler isto considera-te um sortudo

Na próxima noite de Halloween vou realizar uma festa em minha casa, e como é óbvio, conto com a tua presença. Vai haver muitas coisas divertidas para fazer e com certeza será algo inesquecível. Não quero nenhuma resposta porque a tua presença. É obrigatória!

-M

— Só colegas? — Tobias questionou assim que percebeu que eu tinha acabado de ler o postal.

Guardei-o no bolso. — Só colegas.

•••

Eram perto das dezasseis horas quando cheguei a casa. Receara o caminho todo que começasse a chover. O tempo ultimamente andara um pouco instável, e como era suposto ter vindo à boleia com o meu pai, assim que soube que a aula que ia ter tinha sido cancelada decidira vir a pé. Sem guarda-chuva e com roupas pouco adequadas para se caminhar num dia de tempestade.

Greg estava em casa. Devia ter acabado de chegar, tirava as sapatilhas quando entrei.

— Já chegaste? — perguntou depois de olhar para o relógio. — Era suposto eu ter-te ido buscar.

Expliquei-lhe a situação.

— Podias ter-me ligado que não me importava de passar pela escola para te dar boleia.

Ainda na sala, Greg abriu a porta do frigorífico, localizado na cozinha, apenas com um gesto suave da mão. Repetiu o mesmo movimento para tirar de lá o frasco da maionese, seguido do queijo e do fiambre, que voaram lentamente até ao balcão, onde estava um pedaço de pão. Usando o indicador para mover no ar uma faca, abriu esse mesmo pedaço a meio e deitou lá para dentro todos os ingredientes. De seguida puxou a sandes para perto dele apertando os dedos contra a palma da mão com um movimento específico. Sentou-se no sofá ao mesmo tempo que mordeu a obra-prima.

Continuava a ser estranho ver Greg a ter poderes, e nem o hábito apagava isso. Era impossível não o ser, sendo que sempre que chegava a casa o meu irmão estava quase sempre a praticar determinados "exercícios" — no dia anterior tinha-o apanhado a fazer a água do lavatório percorrer um determinado trilho aéreo invisível até a alguns dos vasos da sala.

Eram todas estas coisas especiais que me faziam sentir um zé-ninguém. A única coisa de maravilhosa que tinha conseguido fazer neste último mês era subir as notas da escola, algo que em Lisboa raramente acontecia.

Porém, não era só isso que os poderes de Greg me faziam sentir. Relembravam-me que havia alguém naquele mundo que me tinha salvado de uma maneira estranha.

Miguel.

Era a última coisa que queria ter na minha cabeça. Aquela pessoa pouco normal. Bufava sempre que algo me remetia ao ser estranho que olhava para mim com ar de bife estragado. No entanto, precisava de respostas.

— Posso fazer-te uma pergunta? Vai ser estranha, eu sei, mas é mesmo urgente.

— Claro. — cuspiu por entre os últimos pedaços da sandes — Passa-se alguma coisa?

Respirei fundo. Demorei algum tempo para continuar, mas não foram mais de cinco segundos. — Achas que mais alguém foi afetado naquela noite?

Só quando acabei de articular a pergunta é que me voltei para Greg. Este estava pensativo. — A noite em que ganhei os poderes?

Confirmei com a cabeça. — Achas que é possível?

Continuou a refletir na minha pergunta até que acabou por responder. — Não sei, mas se calhar não. Aliás, o Noah era a única pessoa que estava ao meu lado quando aconteceu a explosão e ele não parece ter ganho poder nenhum.

Ele tinha razão. Mas como é que podia explicar o facto de Miguel ter voado para me salvar da queda da cascata?

— Sabes de alguma coisa que eu deva saber? — interrompeu o meu irmão, levantando-se para vir ter comigo à cozinha.

— Lembras-te de uma discussão que eu tive com a Eva Bacelar, há cerca de um mês? Aquela que pai te contou.

— Sim. Mas não lhe deste grande importância, pois não?

— Não, só que a verdade é que eu… *confrontei-a*… com uma coisa que para mim não fazia sentido.

«Na manhã em que tu descobriste que tinhas poderes, fui dar uma caminhada para a floresta. Eram muitas coisas para digerir — e tudo de uma vez. Não me perguntes porquê, mas quase caí de uma cascata.

Greg abriu a boca, espantado.

— Longa história. — interrompi-o. — Como estava a dizer, só não morri porque o Miguel, o irmão da Eva, voou para me salvar. *Literalmente*.

Apreensivo, Greg tapou a boca. Talvez para esconder uma gargalhada. — Voou?

Suspirei. — Vais dizer que não é possível.

Não negou.

— Não tens moral para falar, Senhor Impossível. — defendi-me, apontando para o vaso que ele quebrara um mês antes.

— *Ugh*, és terrível com nomes para heróis.

— Greg, não mudes de assunto.

— Não estou a mudar. Só não sei o que dizer…

Nem eu sabia. Nesse ponto não o podia julgar.

— Tens a certeza do que viste? — continuou. — Voar… não sei… parece-me um bocado…

— Improvável?

— Acho que é isso.

— Ouve-me. Há um mês atrás, tu quebraste a barreiras das possibilidades. Se existe a mínima hipótese de o Bacelar ser como tu, eu tenho que a tomar como verdadeira.

— Simão, — disse, colocando a mão dele no meu ombro. Os lábios curvaram-se num sorriso — tal como disseste, foram muitas coisas para digerir. Talvez tivesses sonhado.

Não valia a pena insistir. Greg não acreditava em mim. Às vezes até eu tinha

dificuldade em acreditar nas minhas próprias palavras, mas não podia resignar-me desta tarefa. Miguel não era normal — e eu ia prová-lo. Mais cedo ou mais tarde.

DEZASSEIS

PASSARAM-SE ALGUNS DIAS DESDE QUE MARINA ME entregara o convite para a festa de Halloween. De início, não tinha vontade de ir. A simples existência daquele convite funcionava como uma reminiscência das noites na casa do Alex — noites negras e altamente concentradas em produtos tóxicos para a mente. Achei que seria melhor avisar Marina que não ia poder ir. Não tinha que lhe dar explicações, só teria que dizer "Não, obrigado", e o assunto acabava ali.

Greg riu-se quando lhe justifiquei por que razão não queria ir. Omiti-lhe a parte das bebidas alcoólicas. E da droga. Ou melhor, contei-lhe uma outra versão da história. Disse-lhe que não gostava de ir a festas porque não faziam o meu estilo. "Beber até cair" não era um lema a que me associasse. Até certa parte era verdade — só tinha que esquecer os últimos três anos da minha vida.

Mas o meu irmão fez-me abrir os olhos.

Já fazia uns dias que não saía de casa. A ideia de encontrar Miguel Bacelar enojava-me. Não conseguia entender o porquê — o porquê de me ter salvado. O porquê de esconder os poderes do resto da humanidade. Perceber as razões que o levavam a fazer isso não era fácil. Não fazia sentido.

— Provavelmente bateste mesmo com a cabeça. — comentou Greg enquanto me entregava o fato do Arqueiro Verde. Ia assim mascarado à festa de Marina.

— Tenho quase a certeza que não, Greg. Aliás, explica-me qual a razão para ele ter andado a evitar-me nos últimos dias.

— Deixa-me ver… — Encaixou o polegar e o indicador no seu queixo de modo pensativo. Logo que os retirou respondeu — Se calhar *tu* é que não tens saído de casa, e por esse mesmo motivo ele anda a evitar-te. Ou melhor: tu é que o andas a evitar. *Am I right*?

Ele tem razão, pensei. Abanei a cabeça e afastei o pensamento. — Se o faço é porque tenho um motivo.

— Ah-ha! — disse Greg com o papo cheio de confiança. — Eu sabia.

— Qual o mal em conseguires voar? — continuei, ignorando-o. — Eu não me importava.

— É divertido.

Arqueei as minhas sobrancelhas, e só depois percebi o que ele queria dizer. — Obrigado. É bom saber que sou o único que não faz nada de especial.

— Se calhar é isso que te torna especial, não achas?

— Oh!… Que querido, Greg! — disse com ironia.

O meu pai preparava o jantar — ou pelo menos tentava. O cheiro a queimado indicava que a carne que estava no forno provavelmente já não estaria apta para o consumo, o que me motivou a sair de casa ainda mais depressa. Além disso, preferia que o meu pai não me visse com aquelas roupas estranhas. Provavelmente ficaria com uma má imagem, e já me bastava andar a esconder-lhe a verdade acerca do assalto ao INL. Ele nem sequer imaginava que nós estávamos envolvidos.

— Tens a certeza que não queres um bocadinho? O aspeto não é proporcional ao sabor. — Mas nem o meu pai conseguia acreditar nas próprias palavras. Meteu uma garfada à boca, e disfarçou a cara feia com um revirar de olhos. — Maravilhoso!

— Não quero, pai, obrigado. — Disse ao abrir a porta do *hall* de entrada.

— E tu, Greg? Não vais provar nem o arroz?

— Passo. — Pegou nas chaves do seu carro e empurrou-me para o exterior, auxiliando-me com o saco das setas. — Não te esqueças de desligar a televisão antes de ir dormir.

— Obrigado, *pai*. — Ironizou o meu pai. — E vocês não venham muito tarde.

Batemos a porta sem sequer nos despedirmos. Podíamos correr o risco de o nosso pai nos enfiar com um garfo cheio de comida na boca, e as palavras "gastroenterite" e "festa" não costumam fazer uma boa combinação.

O carro arrancou. O meu estômago fervia, as minhas mãos suavam, os meus olhos titilavam e a minha língua a apertava-se contra os molares. Foi aí que percebi que se calhar nunca devia ter saído de casa. Era um erro ir a uma festa.

Da mesma maneira que Marina me tinha convidado, como podia ter a certeza que ela não tinha convidado "mais ninguém" (também conhecido como Miguel Bacelar)? Não tinha muita vontade de olhar para ele. Ia explodir e arrepender-me de lhe bater com tanta força por me ter salvado e depois me ter virado as costas, negando o ter feito com recurso a superpoderes.

— Tens aí a morada?

Olhei para o meu irmão, confuso. — Desculpa?

Não esperou pela minha resposta e simplesmente foi ao meu bolso tirar o papel com a morada de Marina. Olhou para a sua frente, fazendo o carro perder velocidade. Parámos em frente a uma casa, a maior e mais moderna do bairro.

— Tens a certeza que é aqui? — disse, mostrando-me o papel.

— Foi a única indicação que recebi.

O jardim estava cheio de adolescentes bastante animados; uns sentados nas escadas que davam acesso à porta principal, com cigarros que sabia com certeza ser charros de marijuana, outros deitados no chão a contemplar o céu enquanto

entornavam cerveja por cima dos próprios corpos. Escondido atrás de um arbusto estava um rapaz com duas raparigas a fazer coisas que mereciam a descrição "Arranjem um quarto com urgência".

Aquilo não tinha nada a ver com Marina. Onde estava o chá e as bolachas de manteiga, fofas e decoradas com laços cor-de-rosa? E as raparigas a usar vestidos de seda, imitando ser princesas da Disney?

— Tens a certeza que queres ficar?

Voltei-me novamente para Greg, que continuava em choque ao ver o *ménage à trois* a entrar no pleno ato. — Festa é festa. — E abri a porta, agarrando no meu saco com as flechas.

— Liga-me quando quiseres que te venha buscar.

Tinha que haver uma explicação lógica para aquilo. A única que me ocorria era que Marina tinha deixado os mais entusiasmados no jardim, para não estragar a festa — a verdadeira, aquela que estava naquele momento a ocorrer no interior da casa.

Para evitar ser reconhecido, coloquei o capuz sobre a minha cabeça e andei cabisbaixo. Porém, rapidamente vi que aquilo não era o melhor plano. Fui contra alguém enquanto subia as escadas. Tirei o capuz e virei-me para a pessoa. — Desculpa.

Duas pessoas. Não se beijavam, *lambiam-se*. Como se de camelos se tratassem. Se era suposto ser uma versão *porno* do Batman e da Harley Quinn, conforme estavam vestidos, só lhes podia dar os parabéns.

Apressado, meti o capuz e dirigi-me à porta, tapando o nariz para não inalar o fumo da maconha. Nem tive tempo para a abrir, já que uma rapariga saiu de lá com o copo da mão, muito risonha mas prestes a vomitar. Desviei-me a tempo, sem olhar para trás para evitar olhar para o vómito que muito provavelmente estaria espalhado pelo chão.

Ok, estou cá dentro e agora…

Respirei fundo, fechei os olhos. *Imagina a música pop a tocar. Daquele tipo que toca nas festas VIP, das revistas cor-de-rosa. Do mesmo tipo que toca nas festas da Marina. Consegues ouvir? Não?*

Porque não era esse estilo de música que tocava. Era música que *eu* gostava. "*Highway to Hell*", dos AC/DC. A mesma música que tocava na festa do Alex em que decidira deixar de beber e de fumar do material pesado.

Se até ali achava que o degredo tinha ficado lá fora, agora tinha a certeza *que estava completamente errado*. O interior era um espelho do exterior, mas multiplicado por cem. Em vez de um casal em cenas mais íntimas, era uma carrada deles — em cima do sofá, encostados a uma parede, escondidos por uma porta que levava a algum lado… eram vários e nas mais variadas posições, o que

me fazia querer chorar.

Devia ter dado ouvidos à minha mãe. Estar nesta festa é o pior erro da minha vida. E tudo pareceu piorar quando fui surpreendido por uma presença estranha. Sozinho com um copo na mão, João percorria um corredor de pessoas na minha direção.

— O que é que estás aqui a fazer? — perguntei ainda João não estava ao pé de mim.

Ostentou um sorriso de orelha a orelha. — Não te vejo há algum tempo. Como estás?

— Está tudo bem. — Tentei ser simpático. — Por onde tens andado? Já nem me lembro da última vez que te vi na escola.

— Ah sabes como é, tenho muitos problemas para resolver. Aliás, ando a tentar limpar a borrada que umas amigas minhas fizeram. Mas não vamos falar do diabo, certo? Ou ele ainda pode aparecer aí e acredita em mim, tu não ias querer isso.

— Porque é que dizes isso?

— Mulheres, amigo, mulheres. Vá se lá saber o que vai na cabeça delas. — Estendeu-me a bebida que tinha na mão. — Toma isto. Está fantástico!

Aceitei a oferta, reticente. Uma bebida não me faria mal, e talvez assim pudesse aproveitar melhor a festa. Levei o copo até ao nariz e cheirei o líquido preto. — O que é isto?

— É… Porra, Carolina!

Uma rapariga extremamente estimulada pelo álcool tinha acabado de se esbarrar contra mim, levando com ela ao chão o meu copo. A bebida entornou por cima dos meus pés, molhando-me as botas de Arqueiro Verde.

João rolou os olhos e disse para ele próprio: — Está tudo bem, João, está tudo bem… — Voltou-se para mim. — Vou buscar outra bebida.

— Não quero nada, obrigado. — disse logo, ajudando Carolina a levantar-se.

Encolheu os ombros, totalmente desinteressado com a situação da queda. — Então e os Bacelar, tens falado com eles?

— Porque é que queres saber? Da última vez que tocaste nesse assunto pediste-me para me afastar deles.

Os lábios abriram-se para soltar uma gargalhada. — A tua segurança tem uma grande importância para mim, Simão. — Fez uma breve pausa para dar um gole de bebida — Mas diz-me lá se tens andado ou não com os Bacelar.

— Não, não tenho. — Quando dei por mim tinha o meu pé a bater furiosamente no chão. — Já há algum tempo, se te faz feliz.

— Oh claro que faz, amigo! Fico felicíssimo por teres seguido os meus conselhos! — Mais um trago de bebida — Confessa lá. Tens andado ou não…

— Não, João, eu nunca mais falei com nenhum Bacelar!

— Ok. Ainda bem, então.

E, do nada, afastou-se de mim. Provavelmente aquela bebida estava já a fazer efeito e naquele preciso momento estaria a dirigir-se à casa de banho com a finalidade de vomitar.

Não quero saber, pensei. *Não quero saber.*

Não era só a João que a bebida estava a fazer efeito. Mesmo à minha frente passou uma rapariga com a sua camisola numa mão e com a outra a tentar desapertar o soutien. Quando a rapariga virou o rosto na minha direção, reconheci o tom moreno que associei logo a Gabriela, a amiga de Marina. Porém, a sala estava um pouco escura e não queria ir atrás da miúda para comprovar a identidade dela.

Dirigi-me até à cozinha, que ficava mesmo ao lado da sala onde me encontrava. Lá estava menos confusão e o ar circulava com maior facilidade devido à porta aberta que levava às traseiras da casa, onde existia uma piscina completamente cheia de pessoas seminuas.

Sentada em cima de um balcão estava Marina, com um copo na mão e acompanhada por várias raparigas. Partilhavam risinhos discriminatórios que não cheguei a perceber a quem se referiam, já que logo que me avistou, Marina levantou-se e veio ter comigo.

— Simão Silva! — gritou com um entusiasmo real, e quando chegou perto de mim abraçou-me — Pensei que não vinhas! Estás a gostar da festa?

Encolhi os ombros, e dei por mim ainda a olhar à minha volta. — É um pouco extravagante para os meus gostos. — respondi, reparando na rapariga que tinha acabado de tirar o soutien. — A tua amiga Gabriela está muito animada.

Marina deu uma gargalhada aguda e dirigiu-se de novo para o balcão. — Ela é sempre assim. Faz-lhe bem, alivia-lhe o *stress*.

Agarrou na garrafa que estava ao lado de uma das amigas e pediu um copo vazio. Verteu o líquido para dentro do copo e voltou-se para mim. — Queres?

— Não, obrigado.

— Nem um bocadinho?

Tentei mostrar o meu melhor sorriso de rejeição.

— É uma pena.

Inesperadamente virou o copo, e a bebida — *vodka* — deslizou até bater na tijoleira da cozinha. As amigas riram-se e desataram a fazer o mesmo.

— Parece que não é só a Gabriela que está muito animada. — comentei. — Não achas melhor…

Mas Marina não me deu tempo para falar. Pegou no copo e encheu-o de champanhe, fazendo-o verter nos próprios lábios de uma forma tão ridícula que a

minha imagem daquela rapariga chique e estudiosa se converteu de imediato.

— Vamos lá, Simão! Junta-te a nós!

— Eu… — Suspirei. Não valia a pena continuar a falar. Marina em breve estaria bêbada e no dia seguinte, quando estivesse sóbria e acabasse de acordar no meio daquela escumalha, iria perceber que tudo aquilo não tinha passado de um erro; um erro tão grande quanto à minha presença naquele local.

Virei as costas, pronto para abandonar a cozinha, e no momento em que estava a entrar na sala uma mão agarrou-me e puxou-me para trás. A minha boca encheu-se com um gosto a álcool forte e fervente, queimando parte da garganta quando engoli a minha saliva — ou quando esta foi empurrada por uma *língua*.

Ao compreender o que se estava a passar, empurrei a pessoa que me tinha agarrado. O meu nível de enojado chegou ao limite, principalmente porque vi Marina a vangloriar-se por ter o feito — por me ter beijado.

— Viram, queridas? — gritou às raparigas que estavam na cozinha — Consegui um beijo do Simão Silva!

— Estás louca?! Porque é que fizeste isso?!

— É só um beijo. Relaxa! Olha, não queres seguir o exemplo da minha amiguinha Gabriela e tirar esse disfarce *tãããããooooooo sexy*? — As suas mãos frias trespassaram a minha roupa e tocaram na minha barriga, causando um arrepio na coluna.

Não deixei aquilo avançar. — Ouve-me. Esta noite não vim para este tipo de diversão. Porque é que não falas com outros rapazes? Tem ali alguns com gostos semelhantes aos teus.

A minha resposta não a convenceu. Rapidamente o seu olhar energético tornou-se feroz e profundo. — É a Bacelar, não é? Aquela cabra.

Não era aquilo que esperava ouvir. Não era *aquele nome* que queria ouvir.

— Estás a falar do quê, Marina?

— Não disfarces, está bem? Já toda a gente sabe que tu e a Bacelarzinha estão juntos. Diz-me quantos vezes já foram para a cama. Duas? Três?

— Ouve-me, Marina, por favor — repeti — pousa esse copo e acaba com esta festa. Estás a passar os limites. — E não me estava só a referir à quantidade de bebida que Marina tinha ingerido.

— Vá lá, Simão, os teus encontros secretos com ela já não são assim tão secretos. A discrição nunca foi o vosso forte, a troca de olhares era mais que óbvia! Já para não falar dos *rendez-vous* com o mano grande.

— Para. Agora mesmo. — Peguei no copo que ela tinha na mão e atirei-o contra a parede. O estilhaçar do vidro fez algumas pessoas gritar, porém, não foi o suficiente para que todos se virassem para mim.

E então tive a certeza de tudo. Que odiava-me por estar ali, por ter aceitado

dar um passo atrás na minha vida. Por ter alguma vez existido. Por haver uma pessoa, algures no mundo, chamada Eva Bacelar. Odiava tudo e todos.

Com o sangue a ferver nas minhas veias, caminhei para a porta de entrada — mas com a intenção de sair.

DEZASSETE

TOQUEI ACIDENTALMENTE NA BARRIGA DESPIDA DE ALGUÉM no percurso até à saída. Pertencia a uma rapariga, com perto de vinte anos. O copo que erguia no ar não a deixou notar o nosso breve contacto físico, seguindo em frente, em direção ao sofá onde um rapaz tinha acabado de levar uma tampa. Não fiquei para ver o desenrolar da história.

Estúpida festa. Nunca devia ter vindo.

Prestes a alcançar a porta, um casal que se beijava de uma forma arrebatada meteu-se no meu caminho, obrigando-me a separá-los para conseguir sair da sala.

A minha mãe tinha razão. Era uma má ideia aceitar o convite da Marina.

E, por fim, novamente os fumadores de maconha, sentados nas escadas do exterior. Uma miúda — não lhe dava mais de doze anos — voltou-se para trás. O cabelo dela, loiro, conjugado com os olhos azuis, relembraram-me que Eva Bacelar e eu partilhávamos o mesmo ar.

Porque é que toda a gente fala dos Bacelar? E porque é que supostamente estou numa relação com a Eva? Só porque o irmão dela é o Homem-Aranha em segredo e decidiu salvar-me a vida — sem nenhuma razão aparente?

Bati a porta com tanta força que os fumadores se viraram para trás e desataram a rir-se. — O Robin dos Bosques está irritado. — disse um dos rapazes. Os outros voltaram a gargalhar a tal ponto que dois deles caíram por cima do vómito da rapariga que tinha visto sair logo que eu chegara.

Tentei convencer-me que não estava irritado. Não estava. Era mais fúria, no ponto de bater naqueles que se metessem no meu caminho, fosse quem fosse. Só queria que surgisse a pessoa certa.

Mas claro, o meu nome era Simão Santos. Simão Santos *Silva*. Provavelmente acabaria por não ter a coragem de o fazer. Talvez conseguisse insultar essa pessoa e acabar com a minha reputação de bom aluno, que tinha vindo a conquistar nos últimos dias. A violência iria abrir-me feridas de um passado que preferia que estivesse guardado num cofre, debaixo do oceano, dentro de um contentor fechado no interior de um navio naufragado.

João cessou o meu caminho quando estava já a passar pelo pequeno portão de jardim. — Vais embora? — olhou para o relógio de pulso. — Ainda é tão cedo!

— Nunca devia ter vindo. — repeti em voz alta.

João ofereceu-me a cerveja que tinha na mão. — Eu disse-te que devias beber qualquer coisinha.

Inalei ar fresco, na esperança de que me acalmasse. — Podes sair da minha frente, se faz favor? Não estou com paciência.

— Passa-se alguma coisa?

O efeito calmante do ar desapareceu. — Sai da minha frente, agora mesmo.

— Ei lá! Porque é que ninguém me avisou que soltaram a fera?

— Não brinques comigo, João. Sai do meu caminho. *Agora*. E *não voltes* a mencionar o nome Bacelar, estás a perceber?! — Mostrei-lhe o meu punho fechado, pronto a aterrar na cara dele.

— O que é que eu fiz? — retorquiu com as mãos ao alto. — Nem sequer falei nos Bacelar.

A distância que separava a minha mão cerrada e a cara de João diminui consideravelmente. Mesmo assim, ele não receou a posição hostil que eu mostrava. — Já percebi, amigo. Não volto a falar deles.

Segundos afirmados de silêncio foram capazes de extrair parte da minha raiva. João seguiu a minha ordem, rindo-se descaradamente.

— Qual a piada?

— Nenhuma, Simão, absolutamente nenhuma. — Mas algo engraçado despoletou-lhe uma gargalhada aguda. — Desculpa, mas isto é muito divertido! Estamos numa festa deste tipo e a única coisa que consegues sentir é… *raiva*? Já agora, por quem?

O olhar dele confessou que sabia a resposta. Ainda assim, calei-me e continuei a andar a passos rápidos.

— Não me disseste como é que o *Tobey* tem passado.

— CALA-TE!

O meu grito rouco e tempestuoso motivou uma risada por parte dos fumadores de maconha. João limitou-se a arquear as sobrancelhas, sempre com um sorriso taimado nos lábios. — Tens a certeza…

Interrompi-o, prevendo a sua pergunta. — Não, não quero a tua boleia. Vou a pé.

Rolou os olhos, sempre a sorrir. — Quem disse que te ia oferecer boleia? A festa está demasiado animada para me ir embora tão cedo.

Chutei as grades de madeira, que serviam apenas de decorações do jardim. — Diverte-te, então.

O eco dos meus passos preenchiam a rua deserta. Determinados e firmes. O meu corpo eventualmente congelou de incerteza. *Será que vim por aqui ou,* virei o corpo na direção oposta, *será que vim dali?*

Que bom que era estar sozinho numa noite gélida de outubro, principalmente

quando usava um fato do Arqueiro Verde. Fazia-me sentir tão seguro quanto estar na boca de um lobo. Porém, voltar para trás e pedir ajuda dava-me um sentido de segurança da mesma proporção. O melhor a fazer seria ligar a Greg.

Esperei que ele atendesse.

Biiiiip.

Atende.

Biiiiip.

Greg… eu esgano-te se não atenderes o telemóvel.

Biiiiip.

Não ia acontecer. O motivo? Passava-me a lado. Talvez estivesse a dormir ou demasiado ocupado a estudar. Vinha mesmo a calhar.

Ótimo. Tenho mesmo que regressar a pé.

Não me valia de nada estar ali a protestar. Agora o objetivo era chegar a casa vivo e o mais rápido possível. Esperava que ao seguir o trilho do rio, na floresta, conseguisse descobrir um ponto identificável que me pudesse orientar. O único local que me ocorria era a cascata, aquela de onde Miguel me tinha salvado.

Onde *Miguel* me tinha salvado.

Miguel.

Mussitei aquele palavrão começado por "F" e avancei em direção às árvores que ladeavam a estrada, procurando um caminho de terra para seguir. Contudo, ao ver a noite abraçar aquele lugar de uma maneira apavorante fui incapaz de avançar. Era arriscado. Não tinha bem a noção dos perigos que poderia vir a encontrar no bosque.

Ok, resta-me a estrada.

Iniciei a caminhada, tentando esconder-me debaixo das árvores. Tinha a certeza que havia muitos perigos à espreita, e se estivesse escondido, talvez pudesse safar-me de alguns problemas desnecessários. Já tinha destes para dar e vender.

Em primeiro lugar, estar ali, àquela hora, naquele dia, era um erro. A minha mãe avisou-me logo que não devia ter aceitado o convite de Marina. Relembrou-me de todos os problemas que tive nas festas do meu antigo companheiro, o Alexandre. Álcool, drogas, vandalismo — isto era apenas um aperitivo de um grande jantar.

A existência de pessoas com poderes estranhos na minha vida era mais uma questão difícil de lidar. Sempre que chegava a casa encontrava o meu irmão a usar as suas mãos como um controlo remoto, fazendo as atividades mais mirabolantes; ainda naquele dia de manhã tinha confessado que já não se lembrava de arrumar o seu quarto — bastava-lhe estalar os dedos e tudo estava no sítio no segundo seguinte.

Depois havia os Bacelar. Meu Deus do céu, porque é que os meus pensamentos levavam-me sempre àquelas pessoas? Não dava para entender. Era como se um mundo só meu deixasse de gravitar em volta de mim e passasse a fazê-lo em torno dos dois irmãos.

Chega!, gritou uma voz. Era a razão. Já chegava de me massacrar com aqueles dois indivíduos, principalmente o rapaz. Miguel não valia a pena. Se ele fosse um homem, como aparentava ser, assumiria o que tinha feito. Ele voou como um pássaro para me salvar. Isso era motivo mais que suficiente para se vangloriar. Não acreditava em Deus, é um facto, mas questionava-me nessas alturas porque é que estas pessoas tinham o direito a serem diferentes quando eu, Simão Santos Silva, nunca fora nada de especial. Aliás, a minha vida era bem trágica até há bem pouco tempo.

Se conseguisse ter um terço dos poderes de Greg, com certeza não desapareceria da face da Terra. Era ridículo! Não conseguia encontrar motivos para Miguel me evitar. No entanto, em parte, o meu irmão tinha razão; nos últimos dias tinha estado fechado em casa, e a minha rotina era basicamente escola-casa — não havia oportunidade de o encontrar e não procurava fazê-lo. Na minha cabeça não era eu quem tinha que me justificar, era Miguel. Foi ele quem recusou explicar o modo como me salvou. *A mim*.

Naquele preciso momento devia sentir fúria, mas não conseguia — havia algo que me perturbava. Tentei calar a minha mente por alguns segundos, concentrando-me no mundo exterior pela primeira vez em vários minutos.

Crack. Crack. Crack.

Os sons vinham da floresta. Olhei para trás. A casa de Marina ficava a pelo menos cinco minutos a correr na minha velocidade máxima.

Crack. Crack. Crack. Crack. Crack.

Era o som de galhos de madeira a quebrarem-se, tinha a certeza. Reconhecia-os das minhas caminhadas na floresta, nas manhãs antes de partir para as aulas. A familiaridade costuma ser um sinónimo de segurança, só que não conseguia encontrar uma explicação para os sons.

A minha primeira reação foi acelerar o passo, tentando não olhar para o seio das altas árvores. Mas os sons acompanharam o ritmo. *Mantêm a calma*, ordenei a mim próprio. *É só impressão tua.*

Não era, e essa certeza irrefutável fez-me parar. Assim que o fiz, os barulhos cederam. Passaram-se alguns segundos, onde um misto de tensão e medo me fez retirar o capuz da cabeça. Respirei fundo e prometi a mim mesmo que aquilo era apenas uma raposa, uma medrosa e inocente raposa, que logo que me avistasse provavelmente fugiria a correr a sete pés.

Virei-me para a floresta, procurando por um rabo felpudo erguido no ar.

Esperei uns segundos.

Nada.

Só uma respiração lenta e pesada. A minha própria respiração, que tentava usar como forma de mandar uma mensagem para o meu cérebro. *Está tudo bem.*

A maneira mais fácil de comprovar aquilo era perceber o que se estava a passar. A única forma de fazer isso era ir à fonte do barulho e ver com os meus próprios olhos que não havia nada que me pudesse magoar.

Dei um passo em frente, com os olhos postos na vegetação quieta. Uns segundos de observação e outro passo. E mais outro. Dei por mim perto das árvores que davam início à floresta.

Não havia nada ali. Nada de nada.

Exceto…

Uns olhos.

Redondos e brilhantes. Tão verdes quanto um campo numa noite de lua cheia.

Recuei o mais rápido que consegui.

Foi tarde demais.

A mão daquele ser puxou-me para junto de si e a única coisa que vi nos trinta segundos que se seguiram foi a floresta completamente embaciada a atravessar o meu campo de visão, numa velocidade que só havia visto uma vez na minha vida. O vento atirava-me a roupa contra o meu peito, causando um efeito cortante e arrepiante.

Sem dar por isso, toda a velocidade desapareceu e fui atirado contra a terra húmida, levando comigo um monte de ervas silvestres que se agarraram ao traje do Arqueiro Verde. Virei-me para cima, encarando o céu estrelado e tentando perceber o que se tinha acabado de passar. A visão turva não estava a ajudar, principalmente porque era impossível identificar quem era aquela pessoa que estava à minha frente. Fosse quem fosse, agarrou-me pelo pescoço e arrastou-me até me encostar a uma das árvores, com tal força que a sacola com as setas e o arco tombou no chão.

Quando estava prestes a olhar para o rosto da pessoa, atirou-me de novo para o chão, desta vez com menos intensidade. Respirei alguns segundos e tentei mexer-me. Achava que não tinha nenhum osso partido. Contei até três e levantei-me, procurando à minha volta pelo atacante misterioso. Enquanto olhava ao meu redor, vi onde me encontrava. Uma pequena clareira iluminada pela pouca luz vinda do céu.

E percebi que não era um atacante, era *uma* atacante. O seu rosto frio não me era desconhecido, com rugas a determinar fúria em alguns pontos da face. O cabelo louro de um tom exótico abriu-me a mente. Recuei algumas semanas no tempo e então soube de quem se tratava.

Era a mulher que saltara da cascata, no dia em que Miguel me salvou.

— Você… *está viva*. — balbuciei com um tom de espanto e medo.

Não disse nada. Circundou-me em passadas lentas, vagarosas, os olhos postos no meu corpo hirto. Aproveitou aquele tempo para me avaliar. Num piscar de olhos estava ao meu lado, numa velocidade que, na *minha* realidade, só Greg seria capaz de atingir.

O nariz aproximou-se do meu pescoço e inspirou lentamente, fechando os olhos. Os lábios dobraram um sorriso maravilhado.

— É incrível… — disse por fim — O disfarce está perfeito!

Então era sobre isso que se tratava este rapto? O meu disfarce de Arqueiro Verde?

Ia começar a falar quando… *flash!* A mulher voltou a desaparecer. Desta vez, porém, houve um gemido de dor que a arrastou para longe. Sem tempo para entender o que se tinha passado, voltei a ser impelido, agora por um homem que construiu uma muralha humana ao meu redor em conjunto com uma rapariga.

Rapidamente vi de quem se tratavam. O rosto de Miguel exibia traços de inquietação enquanto Eva estava mais preocupada do que com medo.

— O que é que tu queres dele? — Miguel clamou para o outro lado da clareira.

Houve um momento de pausa, onde consegui ver a mulher por cima dos ombros do meu protetor. Encarou-me com os olhos sedentos de fúria. — Vingança.

Tentei processar as palavras da mulher. Nada fazia sentido. Quem era ela? Porque se queria vingar de mim? *O que é que os Bacelar estavam ali a fazer?*

— Vingança porquê? O que é que ele te fez? — continuou Miguel, recuando, os seus braços a cercarem-me.

Um suspiro misturado com uma risada seca saiu da boca da mulher, e após alguns momentos de tensão, os seus olhos percorreram pela primeira vez Miguel e Eva, repetindo o processo de avaliação que tinha feito comigo. Concluída a apreciação, os seus olhos caíram de novo no meu rosto. — Por ter morto o Lorenzo.

Estremeci. — Eu não sei do que estás a falar. — disse logo, a minha respiração a atrapalhar as palavras — Não conheço o Lorenzo.

— És um parvo por não conheceres o teu criador! — O grito atravessou os meus ouvidos como gelo incisivo — O Lorenzo iria ter vergonha de ti. Com todo o teu potencial, teres que ser protegido pelo teu irmão… És mesmo podre.

As palavras da mulher pareciam tão reais que simplesmente não fazia sentido. Eu nunca tinha ouvido falar do tal Lorenzo, nunca tinha visto aquela louca, e acima de tudo, Greg não estava ali para me proteger.

— Eu… — As minhas mãos tremiam receosamente — eu não sei… não faço a mínima ideia do que está a falar.

As narinas da mulher abriram-se e vapor condensou-se no ar gélido da noite. Os seus olhos verdes escuros fixaram-se de novo em mim, mas desta vez com uma determinação perigosa. Os seus pés rastejaram como um escorpião, cada vez mais próxima. Miguel e Eva fecharam ainda mais a muralha que me rodeava.

Quando estavam a dois metros de distância, Miguel *rosnou* como se se tratasse de um lobo faminto, e a mulher gritou, desesperada, acelerando o passo na minha direção; e então foi como se fogo tivesse atingido a pólvora —

Os dois tornaram-se numa espécie de esfera embaciada, rodeando a clareira numa velocidade estonteante. Eva permanecia do meu lado, também ela a emitir ruídos semelhantes aos do irmão.

A esfera continuou a percorrer o espaço à minha volta. A única pista que tinha do que se estava a passar no seu interior eram os silvos irritados da mulher e os rosnares furiosos de Miguel, que acompanhavam movimentos bruscos e rápidos de agressão mútua. A espera aproximava-se cada vez mais. Eva pressionou os meus braços, puxando-me para trás dela.

Com um grito de raiva, Miguel caiu no chão, deixando a mulher com o caminho livre para se aproximar de mim. Porém, Eva foi rápida o suficiente para correr na direção da mulher, e com um só encontrão enviou-a para o outro lado da clareira, fazendo-a deitar abaixo uma árvore.

Miguel levantou-se. A mulher bravejou, sempre com os olhos depositados nos meus. E quando pensei que tudo ia recomeçar, a atacante imergiu na floresta.

PARTE TRÊS

Ver aquilo que temos diante do nariz requer uma luta constante.
- George Orwell

Quanto mais real conseguires ser mais irreal o mundo te vai parecer.
- John Lennon

Quem abandona a luta não poderá nunca saborear o gosto de uma vitória.
- Textos Judaicos

DEZOITO

O MEU CÉREBRO ESTAVA DIVIDIDO. PROCURAVA FORÇAS PARA me manter em pé e tentava encontrar uma explicação lógica para o que tinha acabado de acontecer. Ordenava ao resto do corpo que tremesse, uma tentativa de me aquecer. Nas costas, gotas de suor descendiam, começando no pescoço e terminando perto dos rins, onde se evaporavam.

Os dois Bacelar permaneciam petrificados, emitindo ruídos estranhos e perigosos. Miguel deu dois passos em frente. As pupilas dele contraíram-se, enviando uma mensagem subliminar que não consegui decifrar. Seria pena, misericórdia, medo ou fúria? Algo me dizia que era uma mistura dos quatro. Os olhos regressaram a Eva. E aí foi óbvio, não havia maneira de esconder.

A realidade — *a tal* realidade que eu questionava, a mesma que ele hesitava em revelar — era agora… *real*. Ele já não a podia esconder. Miguel possuía poderes como Greg. Não era apenas uma invenção da minha cabeça. Ele era rápido e forte, muito acima de qualquer rapaz da idade dele. Voava e destruía árvores com o poder do punho. Não era *normal*.

— O que… — Não conseguia. Não encontrava as palavras certas para os confrontar.

— Simão.

— Não. — parei-o. — Desta vez não tentes negar aquilo que eu vi, porque eu *vi*.

— O que tu viste é só uma amostra do perigo em que estás metido.

— Aquilo que eu vi é que *tu* me escondeste a verdade este tempo todo. Diz-me só uma coisa, agora vais fugir de mim ou só me vais ignorar sempre que me vires?

— Não fugi de ti.

— E eu tenho cara de estúpido?

— Não é isso que importa agora, porra!

Inexplicavelmente, os olhos de Miguel foram ocupados por um céu negro, e então percebi que não devia continuar a provocá-lo. Tal como ele tinha dito, não tinha consciência do perigo em que estava metido, e não sabia se queria ter.

— Agora temos que nos concentrar em manter-te seguro. — disse após uma longa pausa.

— Quem era aquela mulher? Porque é que ela disse que eras meu irmão?

Foste tu que mataste o Lorenzo? — Engoli em seco com a ideia de Miguel ser um assassino. Talvez até fosse verdade.

Os dois rodaram a cabeça em direção às árvores que nos rodeavam. Miguel voltou a rosnar.

— Agora não temos tempo para conversar. — afirmou. — A Nora vai voltar para te atacar.

— Tu sabias. — interrompi-o agora que sentia o meu corpo a estabelecer forças para continuar — Desde o início, sabias que o meu irmão ia *mudar*. Aquela noite não foi um caso único. O que aconteceu ao Greg já se tinha passado contigo e com a Eva.

A minha cabeça começou logo a trabalhar. Recuou semanas e estacou na noite em que tinha ido a Braga com João e Tobias. Ao chegar a casa, Noah ligara-me a informar que Greg estava em coma. Miguel oferecera-se para me levar ao INL, e não tinha sido só por bondade, havia interesses por trás de tudo isso. Da mesma forma que ele próprio tinha sido mudado, havia a possibilidade de o mesmo ter acontecido a Greg — e se se confirmasse a sua teoria, teria que proteger a sua identidade e os seus poderes. Fora por isso que Miguel levara Greg ao Doutor Violante e não ao hospital, se calhar eram cúmplices.

Abanei a cabeça. A verdade tinha estado em frente ao meu nariz o tempo todo. Como tinha sido tão idiota ao ponto de não ver logo os factos?

— Como é que vocês ganharam os vossos poderes? — continuei — Também foi um acidente?

— Nós… — mediu as suas palavras, rolou os olhos e prosseguiu — Nós não somos da mesma natureza que o teu irmão. Que eu saiba, pelo menos. Nascemos de uma maneira completamente diferente e os nossos dons não se podem comparar aos dele. Ele é capaz de controlar os cinco elementos da natureza, mas não é tão forte nem tão rápido quanto nós.

— Ele *é* rápido. — corrigi-o. — Vi com os meus próprios olhos. Foi capaz de atravessar a floresta em apenas dois minutos!

— Recorrendo aos seus poderes. — interrompeu, sério — A velocidade faz parte da nossa natureza, não temos que controlar nada para a atingir. — Uma rajada de vento levou Miguel com ele e, meio segundo depois, senti uma mão no meu ombro. Virei-me para encarar a criatura furiosa — O meu organismo não é igual ao teu nem ao dele. Não sou humano. O teu irmão é.

Estremeci. *Não sou humano.*

— Vais matar-me?

Os seus olhos prenderam os meus. — Se quisesse fazê-lo já o teria feito há muito tempo. Mas acredita em mim, tenho os meus motivos para não te querer morto. — Vi um sorriso sem vontade a formar-se nos seus lábios.

— Temos que agir rápido. — Eva soou como um corvo. Talvez fossem os nervos a falarem mais alto; ou os rosnados vindos da sua garganta. — Ela está a aproximar-se.

— Simão, — Miguel colocou ambas as mãos nas minhas espáduas e uma ruga apareceu entre as suas sobrancelhas — só peço que te mantenhas o mais discreto possível. Sei que me odeias, tens razão para me odiar, mas isto envolve muitas mais… *pessoas*. Por favor.

Ele tinha razão em dois pontos: primeiro ponto, eu odiava-o; segundo ponto, se contasse ao mundo sobre os poderes de Miguel poderia colocar em risco o meu próprio irmão. Além disso, aquele não era o momento ideal para discutir. Se até agora Miguel me tinha protegido, não havia motivos para o odiar tanto.

Acenei com a cabeça. — Tudo bem. O que tenho que fazer?

— Vou levar-te a casa — explicou Eva, aproximando-se de nós — e o Miguel vai atrás da Nora.

Miguel olhou de novo para a irmã. — Tens a certeza?

— É só um rapaz, consigo tomar conta dele.

Com uma simples olhadela fuzilei-a com desconfiança. — Certo…

Houve um momento de reflexão, mas Miguel concordou. — Vai. Eu trato dela.

Não houve tempo para eu organizar a informação. Quando dei por mim, estava já nas costas de Eva, a correr pela floresta fora. A não-humana saltava de árvore em árvore para ganhar velocidade, e não tardámos muito a estar em frente à minha casa.

Pela primeira vez em algum tempo, tudo estava apagado, o que era bom sinal. O meu pai estaria já a dormir e talvez Greg estivesse no barracão a estudar, portanto, o caminho ficava livre.

Abri a porta de entrada. — Obrigado pela boleia. Vemo-nos amanhã?

Torceu o nariz. — Estás a brincar, certo? Vais deixar-me aqui, sozinha? — Não me deu tempo para responder. Voltou a pegar em mim, e num piscar de olhos, estávamos no meu quarto. — Aqui estamos mais confortáveis, não achas?

— Como é que sabias que este era o meu quarto?

— O teu cheiro é único.

Desta vez quem se riu fui eu. — Isso é bom ou mau?

Não disse nada, desconsiderando a minha pergunta.

Olhei de novo para Eva, observando-a pela primeira vez tal como ela era. Os seus olhos azuis brilhavam. Eram pérolas do mar nas trevas do quarto, e não havia maneira de parar de os encarar. Os lábios finos delimitavam um sorriso cansado. Dava vontade de os beijar e não os largar. Mas não era só aos lábios que queria. Queria-a *por completo*.

Eva afastou a atenção para as miniaturas de carros em cima do meu guarda-fatos. Pegou num, analisando-o. Um rasto de cinismo pintou-lhe a cara. — Já estás na idade de brincar com outras coisas, não achas?

A afirmação deu-me um arrepio na espinha. Estávamos na mesma equipa, dançávamos o mesmo tango. — Que tipo de jogos? — disse, aproximando-me dela. Senti um aroma a canela, intenso mas agradável.

— Oh, tu sabes… os jogos que todos os rapazes da tua idade querem jogar.

Absorvi um excesso de saliva que se formava na minha boca. Precisava de matar aquela sede de desejo. *Depressa*. — Não gostas de jogar? — murmurei com subtileza.

Virou o rosto, deixando-me contemplar o seu perfil por entre os fios de cabelo loiro que caíam. Lambeu os lábios. — Só com a companhia certa.

— E o que achas de mim?

As sobrancelhas de Eva alinharam-se numa linha de dúvida. — De ti?

— Enquanto potencial companhia.

— Para o jogo? — Acenei com a cabeça. — Tu não jogas. Para minha surpresa.

Oh se jogo!

— Posso jogar contigo, se quiseres.

Pousou o carrinho que tinha na mão e virou-se de novo para mim. Ficámos cara a cara. O cheiro a canela intensificou-se, e a minha mente fez trabalhar uma parte que não sabia ter. Mordi os lábios.

— Agora? — perguntou.

Ergui o queixo. — Agora.

Não perdi tempo. Os meus dedos apertaram a pele das ancas de Eva. Os olhos dela iluminaram-se. De surpresa. De prazer. Puxei o corpo dela contra o meu.

— O que é que estás a fazer?

— A jogar. — respondi. Os meus lábios tocaram-na. Não na boca—no pescoço. Ela arrepiou-se.

Mas a sensação de satisfação não durou muito mais tempo. Eva empurrou-me para cima da cama, colocando-se em cima de mim, as pernas abertas entre a minha barriga. O desejo obrigou-me a passear as mãos nas costas dela. A sua pele era como ouro.

Afastou os meus braços do corpo dela. Prendeu-os contra o colchão, pressionando os meus pulsos. -— Estás louco!

— Louco por ti. — Não aguentei uma gargalhada.

Fez mais força nos pulsos. — Palhaço! Eu não sou uma rameira como a Marina Ribeiro! Queres brincar a *isso* fala com ela!

Ainda a normalizar a respiração, ergui as sobrancelhas, enrugando a pele da

minha testa. — O quê?

— Pensavas que eu queria fazer alguma coisa contigo?! És mesmo parvo!

Não estava a entender. — Tu disseste que gostavas de jogar…

— *Videojogos*, atrasado! Jogar *videojogos!*

O quê?!

— Tu vieste para o meu quarto… — declarei, arquejante — eu pensei que era para… para…

— *Para fazer sexo contigo?!* Não sejas idiota!

Parei para reparar nos olhos de Eva. Não estavam azuis. Espelhavam o mesmo olhar negro que Miguel exibira na clareira, aquele céu sombrio, sem estrelas. Na sua boca, os caninos ganharam outra dimensão — eram afiados, como os que se compravam nos chineses, para os disfarces de Halloween. A diferença era que… aqueles pareciam verdadeiros.

— O que é isso? — sussurrei. Era impossível contar as batidas do meu coração.

Tapou a boca e voltou a cara para o lado. A esconder-se, mais uma vez. A pressão que exercia sob os meus pulsos diminuiu, mas não me mexi.

— Eva?

Levantou-se, deixando os olhos fechados e encobrindo os dentes, que estavam agora a encolher.

Até era aquilo que Miguel queria dizer quando mencionara que eles não eram como Greg. Não eram humanos. Eram uma outra coisa. De tudo o que me lembrava, a melhor discrição para atribuir a Eva e ao que tinha visto resumia-se a uma palavra. Uma palavra que receava pronunciar.

Não eram reais. O que quer que eu pensava que os Bacelar eram, *não existiam*.

Os dentes afiados, os olhos negros, a força, a velocidade…

— Vocês não são humanos… vocês são… — Engoli em seco. — *Isso.*

Eva rosnou, ainda sem olhar para mim. — Não é o que estás a pensar.

— Não estou a pensar em nada.

Abriu os olhos. Tinham voltado à tonalidade azul. — Tu sabes. Não é muito difícil de concluir que somos… — suspirou — vampiros.

Deixei cair o queixo. — Vam-vampiros?

— Os filhos de Hades. Os últimos deuses na Terra.

Retrocedi no tempo até ao dia em que Greg ganhou os poderes dele. Perto da clareira, as suas mãos a massajarem a Origem, a tal pedra gigante, alçada no meio da floresta e protegida pelas árvores. A voz era clara, e as palavras fáceis de relembrar.

“*Tratando-se de Hades, a figura da Morte, ele criou-os à base do sacrífico.*

Ou seja, para que os recém-criados deuses sobrevivessem, eles iriam ter que sacrificar vidas."

— Matas para viver…

— *Sobreviver*. — retificou. Agora estava a olhar para mim, sem receios, sem segredos, sem enigmas. — Não tenho opção.

— Como…?

Riu-se, sem me deixar acabar a pergunta. — *Como? Porquê? Quando? E se?* Tudo o que quiseres saber já me passou pela cabeça.

Sentei-me na cama, desorientado. Havia tantas coisas para descobrir. — Posso começar a fazer as perguntas, então?

— Não. — As pupilas de Eva expuseram um brilho de apreensão. — Há coisas que não deves saber.

Não estava a entender. — Eu já sei o que vocês são. Deixa-me ao menos…

— Eu digo-te o que *eu quiser* e se *eu quiser*. — Deteve-se por um segundo. Respirou fundo, olhando para a janela e aproximando-se dela. — Nós não somos os originais. O primeiro deus… ou vampiro… já cá não está. Morreu há muito tempo, num local desconhecido. Para dizer a verdade… nós não sabemos como é que surgimos, apenas nos contaram a lenda de Olimpo.

— Que afinal não é bem uma lenda… — deduzi.

Não gostou que a interrompesse. — O Miguel disse-me que em todos os lados em que já esteve que lhe contam histórias diferentes. Não há uma só lenda, existem várias versões. Mas num ponto concordam: somos maus.

Eles matavam pessoas para sobreviver. Em termos morais, isso era muito acima de "mau": era sinistro e injusto. Nem a palavra "deuses" conseguia apagar esse facto.

— Vocês não são… — limpei a garganta — tão maldosos quanto parecem, acredita.

Não a convenci.

— Salvaste-me a vida! Tu e o Miguel! Só um deus com um bom coração era capaz disso!

Abriu a janela, contemplando o exterior. O ar frio não se conteve para entrar no quarto. — Simão… — Parou. Lançou-me um último olhar, sem saber o que dizer, e depois deitou um pé para fora da janela. — Não vamos falar disto. Não agora.

— Vais deixar-me sozinho?

Abanou a cabeça. — Estou aqui fora, se precisares. — Saltou, caindo em silêncio nas traseiras de minha casa. Não sei como, mas ainda conseguiu fechar a janela antes de sair.

Então era isto. Miguel e Eva não eram humanos. Eram… *deuses*. Deuses

mortíferos e perigosos.

Sufoquei o rosto no travesseiro. Não queria pensar em mais nada. Precisava de uma boa noite de sono. Reestabelecer os limites de tudo o que conhecia. Da minha vida. Dos mitos que me tinham contado, quando era mais novo. Mas por mais que tentasse, ali estava eu, a refletir em tudo o que me rodeava.

Greg tinha poderes.

Miguel era um vampiro.

E eu estava em perigo iminente.

Que mais poderia desejar?

DEZANOVE

NÃO PRECISEI QUE O DESPERTADOR TOCASSE NA MANHÃ seguinte. À hora certa acordei, e apesar de ter conseguido dormir oito horas, não tinha descansado o suficiente. Sentia-me cansado, o corpo não queria abandonar o conforto da cama. Encolhi-me debaixo dos cobertores, o calor do sol da manhã a atingir-me.

Nunca um sonho tinha sido tão vívido. Nesse sonho, Miguel salvara-me outra vez com recurso aos seus poderes especiais, mas desta vez não tinha caído abaixo de uma cascata. A mulher que se tinha atirado, loira e com uma cara mortífera, raptara-me e acusava-me de ter matado um tal de Lorenzo. Depois de os dois terem lutado, Eva levou-me a casa e contou-me que eles eram deuses e vampiros.

Que loucura…

— Já estás acordado? — A voz vinha da janela. Era Eva.

— O que é que estás aqui a fazer?

Levantou uma sobrancelha. — A manter-te vivo. Era suposto fazer isso.

— O quê?

Saí da cama envergando apenas os meus boxers. Meteu dois dedos à boca. — A sério, ainda estou a tentar digerir o meu pequeno-almoço.

— Não tens que olhar.

Tapou os olhos com a mão. — Tarde de mais. Agora sei que é verdade.

Detive-me por um segundo, parando de procurar a minha roupa no guarda-fatos. Toda a conversa estava a ser uma verdadeira confusão. — Estás a falar do quê?

— Ereções matinais. Afinal não é apenas conversa fiada.

Os meus olhos pousaram logo naquela parte. Senti uma onda de calor a percorrer o meu rosto enquanto escondia a tal *elevação inesperada* o melhor que conseguia com as calças que tinha na mão.

— Tinhas mesmo que entrar?

— Podias estar morto. — disse Eva, ainda a esconder-se por detrás dos dedos. — Faz parte do meu trabalho.

Enfiei uma perna nas calças, lutando rapidamente para deixar de estar nu. — Não estavas a vigiar-me?

— Precisei de ir tomar o meu pequeno-almoço.

— À seis da manhã? A sério, Eva?

— É quando há menos movimento. Assim podemos caçar sem problemas.

Caçar? Isso só podia querer dizer que o sonho… era verdade? Eva e Miguel eram vampiros?

— E o que comeste?

— Um suicida. Ia atirar-se à linha do comboio, mas consegui pará-lo a tempo.

Lancei-lhe um olhar aterrorizado. Em contrapartida, Eva sorriu e saiu do quarto, mais uma vez pela janela. Tentei esquecer aquele assunto. Tinha mais coisas com que me preocupar. Com a mochila preparada, desci para a cozinha. Abri o frigorífico e tirei a embalagem de leite com cuidado, evitando fazer barulho. Estava a barrar a manteiga no pão quando Greg entrou pela porta das traseiras, ainda de pijama e apenas com meias de lã nos pés.

— Bom dia.

Só depois vi a indignação estampada no rosto dele. — É só isso que me tens para dizer, Simão? Queres explicar-me como vieste cá parar?

Fiz sinal com a mão para que ele baixasse o tom de voz. — A falar assim ainda vais acordar o pai.

— Passei a noite toda a achar que devia ter ido à casa da Marina para ver se estava tudo bem contigo. Nem sequer me ligaste!

— Fiquei sem bateria. — Encolhi os ombros e meti um bocado do pão à boca. Ainda com a boca cheia, disse: — E achei que estivesses a dormir, já era tarde quando vim embora.

— Vieste a pé?

— Não, achas que sou assim tão parvo? — A minha gargalhada foi tão honesta quanto irónica. Com a boca vazia já pude continuar: — Uma amiga minha ofereceu-me boleia e aceitei.

Esperou alguns segundos antes de prosseguir com a conversa. Ao mesmo tempo que suspirou, pousou os cotovelos sob a bancada da cozinha, enclausurando o rosto entre as mãos abertas. — O pai vai passar-se.

— Não exageres! — gritei o mais alto que podia, para não acordar Benjamin. — Estou são e salvo. Nada me aconteceu. Olha, este tipo de coisas acontecem, não há maneira de as evitar.

Encarou-me. — Podias ter enviado uma mensagem do telemóvel da tua amiga.

— Não sei o teu número de cor. — inventei à pressão. — Às vezes nem o meu próprio consigo dizer!

— Experimenta contar isso ao pai. Ele estava furioso.

— Pensei que ele era mais acessível. — De todas as vezes que tinha ido sair à noite, o meu pai nunca se tinha importado com as horas a que chegávamos.

— Acessível até a um certo ponto.

— Eu cheguei cedo a casa. Não tenho culpa que ele estivesse a dormir.

Greg sabia que o estava a enganar, mas o olhar de desilusão era notavelmente falso. — Podia usar isto contra ti, se quisesse. — murmurou, com um sorriso maroto. — A tua sorte é que tens-me ajudado muito.

— E também tenho a sorte de o meu irmão ser boa pessoa. Tal como tu.

Simulou um gracejo. — *Not funny*.

Um barulho vindo do andar de cima era a minha deixa. Não estava com disposição para discutir com o meu pai.

— Vais deixar-me com a fera? — Os olhos de Greg abriram-se de tal modo que pensei que iam saltar das órbitas.

— Confio em ti para a dominares.

— Só podes estar a gozar comigo… — Foi a última coisa que ouvi antes de bater a porta das traseiras.

De mochilas às costas, comecei a caminhar em direção à estrada principal, que ligava a minha rua às principais zonas de Olimpo. Apesar de ser uma freguesia pequena, ainda tinha bastantes coisas para se explorar: num dos extremos ficava a área comercial, com um minimercado que estava nas mãos do homem mais rico de Braga, e várias lojas de conveniência, pastelarias e coisas do género. Era talvez a parte mais interessante para quem gostasse de conhecer um pouco melhor a história do futuro microestado, já que era lá que se concentravam todas as pessoas que adoravam contar lendas e mitos. Só lá tinha ido uma vez, na companhia do meu pai, quando este precisava de polpa de tomate para fazer a sua lasanha caseira, que inevitavelmente acabou por não resultar.

Depois havia uma área mais cultural, com apenas o Museu Histórico Olimpiano e um enorme jardim abandonado, que a Junta de Freguesia tinha prometido restaurar assim que o processo de se tornar o novo microestado estivesse concluído. Porém, o governo português recusava ajudar a dar independência a este pequeno ponto do mapa, que provavelmente seria impossível de sinalizar num globo ou num mapa-mundo.

Mais perto da periferia havia dois edifícios enormes, que representavam as Câmaras de Barcelos e Braga, respetivamente. Durante vários séculos, os dois concelhos lutaram por Olimpo. Porém, o povo da freguesia recusava-se em fazer parte de uma política corrupta e desonesta, profundamente influenciada pelo Estado Português. Nos primeiros dias em que cheguei à freguesia, muitos me diziam que agora deixava de ser português e que era olimpiano, ou luso-olimpiano, já que a minha mãe vivia em Lisboa, a capital de Portugal. Apesar de não perceber muito de política, sabia que assumir uma nacionalidade errada talvez pudesse dar para o torto, já que nem o Governo português, nem as Nações

Unidas (ou quem quer que seja que esteja por trás da declaração da independência de uma região) permitiam assumir estes dados num Cartão de Cidadão.

Ainda assim, achava o local extremamente agradável e diferente do resto do país. Desconhecida, é um facto, a região acabou por receber influências de outros continentes, não só culturais mas também a nível de mão-de-obra. Por exemplo, as casas portuguesas costumam ser construídas com blocos de tijolo e cimento; porém, em Olimpo, grande parte das habitações eram feitas de madeira, uma clara influência da América do Norte. Acreditava que tinha sido isto que levara a que o meu pai se tivesse mudado para aqui.

Quando estava a chegar ao fundo da rua, o meu telemóvel tocou. Retirei-o do bolso, e olhei para o visor. Não podia dizer que não estava à espera que a minha mãe me ligasse, só não pensei que fosse tão cedo. Atendi, sabendo já qual seria o tema de conversa. — Estou?

Ouvi um suspiro do outro lado da linha. — Graças a Deus! Estás sóbrio!

— Também gosto muito de ti, mãe.

— Como se eu não tivesse motivos suficientes para me preocupar contigo.

— E como se eu já não te tivesse explicado que está tudo bem.

A minha mãe tinha este vício feio de me atirar à cara o meu passado. Não tinha sido o mais saudável, e era por isso mesmo que eu concordara em mudar-me para Olimpo. Não era apenas porque estaria com o meu pai, mas também porque queria que a minha mãe tivesse orgulho em mim. Por todas coisas boas que poderia vir a fazer. Já lhe bastava o sofrimento pelo qual tinha passado.

— É a força do hábito. — continuou. Ainda contrariada, acabou por perguntar: — Como correu a festa?

— Bem. — respondi secamente.

— Divertiste-te muito?

— Um bocadinho, sim.

— Vieste cedo?

Suspirei. Nenhum de nós estava com vontade de falar daquilo. Porque nos estávamos a sacrificar? — Acho que sim.

Arrependi-me logo da escolha das minhas palavras.

— Achas que sim? — *Pronto, e é assim que se entorna o caldo*. — Tinhas noção que hoje há aulas? O teu pai não deve ter gostado nada disso.

— O pai… — Ponderei as minhas próximas palavras. Qualquer coisa que dissesse iria servir para a minha mãe me acusar. Sabia muito bem como ela era. Paranoica, um pouco como eu, confesso, mas não se pode comparar uma coisa com a outra. Eu sempre tinha tido motivos para o ser, aliás, eu tinha *razão* para o ser. Abanei a cabeça e prossegui — o pai compreendeu. — Ouvi um *hum-hum*

pouco credível — Mais ou menos. — corrigi. A minha mãe limpou a garganta. — Ainda não falei com ele sobre isso.

— Vou-lhe ligar para esclarecer o assunto. — disse de imediato, com um tom de voz sério. — E podes ter a certeza de que, se ele achar que devas ficar de castigo, não vou ser eu que me vou opor.

— Tem calma, mãe. — Tentei soar o mais relaxado possível. — Não foi nada de escandaloso. Simplesmente estive mais um bocadinho na conversa com uns amigos, e olha, quando dei por mim já passava da hora prevista.

Não era *completamente* mentira; tinha estado à conversa, sim, mas não com uns amigos. E pronto, talvez tivesse ido longe de mais no tipo de conversação.

— Mesmo assim devias tê-lo avisado que ias chegar mais tarde. Um dia, quando fores pai, hás de compreender.

Quando for pai. Nunca tinha pensado nessa possibilidade. Ter uma criança com os meus genes a correr dentro de casa, a destruir tudo aquilo para o qual trabalhava. Não tinha bem a certeza se era isso que queria.

— E contigo, está tudo bem? — disse, mudando de assunto.

Houve um longo silêncio. Após um suspiro, a minha mãe acabou por dizer: — Vai-se andando. Tenho tido muito trabalho e pouco tempo para escrever.

— Ainda estás a trabalhar naquela empresa de limpezas?

A minha questão originou uma reação estranha na minha mãe. — Vou tentar arranjar outra coisa. — O seu tom de voz alterou-se, de desagrado para revolta. — Tu conheces-me, Simão, odeio limpar. Para mim, um espanador e uma vassoura são indistinguíveis. — Era um facto. — Tem sido um verdadeiro pesadelo, acordar todos os dias e saber que vou passar o dia inteiro em volta de produtos de limpeza.

— Vais ver que vais conseguir um emprego melhor. Porque não tentas falar com o Piero? Ele costuma ser bom em meter cunhas.

O Piero era um amigo de família. Tinha estudado com a minha mãe na faculdade e, quando soube que ela estava grávida de mim, foi o único a continuar a visitá-la com regularidade. Por esse mesmo motivo tinha sido escolhido para ser meu padrinho. Eu adorava-o. Se ele não tivesse falado comigo, se calhar hoje estava a viver em Lisboa, numa instituição.

Inicialmente, viver com o meu pai era uma distopia. Não sabia nada sobre ele, e ainda por cima tinha que mudar-me para uma aldeiazeca que ninguém conhecia e que tentava ser mais do que realmente valia. Piero falou comigo e convenceu-me que era um mal necessário. Se quisesse continuar a ver a minha mãe, teria que fazer um esforço. E assim o fiz.

— O Piero teve que voltar para Itália. Pelos vistos a mãe dele está com a saúde debilitada. Coitada da mulher… teve uma vida tão difícil, ainda por cima

com o filho longe. — Fiquei na dúvida. Será que a minha mãe estava a tentar colocar uma marca pessoal na história do meu padrinho?

Isso fez-me pensar. E se um dia, hipoteticamente, a minha mãe ficasse tão doente que fosse incapaz de cuidar de si própria? Não estaria lá para a ajudar. Iria estar demasiado ocupado a fugir de pessoas com poderes especiais que me estavam a tentar matar por algo que não tinha feito.

— De qualquer das formas, tenho continuado a enviar alguns currículos. — continuou — Por acaso ontem ligaram-me de um dos empregadores.

— Vais a uma entrevista de emprego? — Quase conseguia ver um sorriso no rosto jovem da minha mãe.

— Não. — *Quase*, relembrei-me — Ligaram-me para me dizer que não tinha as qualificações necessárias para trabalhar naquela área.

— Deixa lá. — Tentei dizer com o tom mais animador que conseguia arranjar — Vais ver que ainda vai chegar o teu dia.

— Esperemos. E vamos rezar para que seja na área que eu quero.

— Por falar nisso, como vai o teu livro?

— Já estou a mais de meio da fase de revisão. Acho que mais umas semanas e acabo o segundo rascunho. Depois envio-te uma cópia.

— Fico à espera.

Estava já perto da escola. Vários alunos chegavam, acompanhados pelos pais ou por colegas, e entravam pelo enorme portão verde, uns mais contentes do que outros. Em frente ao portão estava um jipe branco que reconheci logo. — Olha, agora tenho que desligar. Ligo-te mais tarde, está bem?

— Está bem. Até logo, então.

A porta do Evoque abriu-se. Miguel saiu, bateu com a porta e encostou-se à viatura. Encarámo-nos durante alguns segundos, e então fez um sinal com as mãos. Queria que fosse ter com ele.

Respirei fundo, olhei ao meu redor e comecei a avançar em direção a ele. Retirou os óculos de sol e mostrou uma expressão séria.

— Então? Conseguiram apanhá-la?

Demorou algum tempo a abanar a cabeça. — A Nora não vai desistir assim tão facilmente.

— E a minha família? O meu pai e o meu irmão correm perigo de vida?

— Não sei. — Esperou que um grupo de raparigas passasse. Entre essas raparigas estava Gabriela, a amiga de Marina, que olhou para mim, confusa. Ignorei-a e voltei-me de novo para Miguel. Baixou o tom de voz e prosseguiu: — É difícil de dizer. Nunca vi uma vampira tão desejosa de vingança e…

Ergui as mãos no ar para o parar. — Então vocês são mesmo isso? Vampiros?

— Teoricamente, sim.

Uau! O Drácula existe mesmo!

Gemi perante a minha própria piada. Não conseguia rir-me da situação. Só conseguia pensar que naquele preciso momento, Nora podia estar dentro de mim casa, a matar a minha família, a vingar-se de algo que não tinha feito.

— A única palavra — continuou Miguel — que consegue descrever aquilo que somos é essa, "vampiros". Não conseguimos sobreviver sem sangue humano, o sol é um problema para nós, entre outras coisas. Mas não é isso que importa agora. — Aproximou-se mais de mim ao reparar que havia algumas pessoas a tentar ouvir o que estávamos a dizer. Não as conhecia, mas suspeitei que estivessem ali por ordem de Marina. — O que importa é que tens que sair de casa o mais rápido possível. A Nora já sabe onde moras e se te encontrar lá, vai matar-te. A ti e a todos os que estiverem lá dentro.

— Há uma coisa que não entendo. — pensei em voz alta — O que é que a Nora quer de mim? Porque é que ela acha que somos irmãos?

— A Nora não sabe que és o Simão Silva. Ela pensa que te chamas Matteo e que és o meu irmão biológico.

— Porque raio é que pensa isso? Nem temos assim tanto a ver um com o outro.

— Nós não, mas tu e o Matteo sim.

— Então existe mesmo o tal Matteo?

Os lábios de Miguel contraíram-se. Esperou alguns segundos para responder, e quando o fez, arrastou-se ao longo do discurso: — O Matteo é o meu irmão biológico. Entre vocês os dois as semelhanças físicas são tantas que quando te vi na casa de banho, no cinema, pensei que fosses ele. Foi das sensações mais estranhas da minha vida. Era como se estivesse a conhecer pela primeira vez o meu próprio irmão. Duas pessoas tão diferentes, porém tão iguais. Era inacreditável. E foi essa semelhança que levou a que a Nora acreditasse que vocês os dois eram a mesma pessoa. Desenterrou o passado e decidiu vingar-se de uma morte que o Matteo causou.

O meu cérebro usou uma memória da minha infância para se ajustar ao vómito de informações que estava a receber; fez-me recordar o dia em que a minha mãe tinha trazido um *puzzle* para casa, oferecido por uma amiga sua. Quando abri a caixa, ansioso e desajeitado, acabei por espalhar as peças por toda a casa. Só ao fim de alguns dias é que fui capaz de concluir a figura e perceber o que ela representava: um céu estrelado, com a palavra "Esperança" escrita em tons dourados.

Ali a situação era a mesma: tinha estado tão cego em compreender os motivos que levavam Miguel a fazer tudo aquilo (olhar-me fixamente, evitar-me, salvar-me, esconder-me os factos) que não era capaz de interpretar os dados tais como

eles eram.

— O teu irmão matou o Lorenzo. — concluí quando juntei a última peça ao resto do *puzzle*.

— Era o companheiro da Nora. — continuou. — Os dois eram inseparáveis. Eram a metade um do outro. Quando o Lorenzo morreu, a Nora deixou de ser a mesma pessoa. Procurou vingar-se de todo o mundo. Mesmo que ninguém tivesse culpa, ela perseguia as pessoas e matava-as sem piedade.

Congelei quando Miguel fraseou "matava-as sem piedade". Fez-me engolir em seco. Nem queria pensar no que me podia ter acontecido na noite anterior…

— Porque é que nunca me contaste nada disso?

— Porque tinha medo de te assustar. Não é muito normal uma pessoa chegar ao pé de outra e atirar-lhe à cara que é igual ao seu irmão que já desapareceu faz tempos.

Ele tinha razão. Mas não foi isso que me impediu de continuar. — O teu irmão… já morreu?

O silêncio foi a resposta inicial. Os olhos de Miguel fecharam-se, viajaram para um passado que imaginei estar longínquo, e depois abriram-se em simultâneo com os seus lábios duros: — Não sei. Não faço a mínima ideia.

Percebi que ele estava desconfortável com a minha questão. Achei melhor mudar de assunto. — Só mais uma coisa: como é possível haver tantas semelhanças entre mim e o Matteo?

— Provavelmente existe alguma conexão hereditária entre os dois, mas nunca tive curiosidade em descobrir. — encolheu os ombros, notoriamente desinteressado. — Talvez seja apenas coincidência.

Respirei fundo e analisei a breve conversa. A única questão que me pairava na cabeça, ao fim deste tempo todo e deste despejar de informações, era: — E agora, o que vamos fazer?

Nora continuava à solta e a minha família estava em perigo. Se algo lhes acontecesse, nunca me perdoaria. Era culpa minha. Ou talvez não, porque não tinha sido eu quem decidira matar o companheiro de uma… vampira. Sim, e quando achava que nada podia ficar mais maluco, eis que me surpreendo e descubro que sugadores de sangue existem mesmo.

— Estive a pensar e acho que o melhor é passares o fim de semana em nossa casa. Lá estarás seguro até que detenhamos a Nora.

— Bom dia. — Tobias disse com um tom estranho. Olhou para mim, e quando percebeu que não ia dizer nada, voltou-se para Miguel. Este limitou-se a acenar-me com a cabeça e continuou com o seu diálogo:

— No final da tarde prepara as coisas. Vou buscar-te a casa.

E sem dizer mais anda, entrou no seu jipe e arrancou. Tobias fixou o olhar no

veículo, e quando este já estava longe e fora do nosso campo de visão, virou-se para mim. Boquiaberto e com uma reação neutra.

— Não sabia que tu te davas com o Bacelar. — comentou enquanto caminhávamos para o interior da escola, ainda sem saber muito bem como reagir.

Não lhe disse nada. Só queria ter a certeza que tudo ia acabar da melhor maneira.

VINTE

— ESTÁS A OUVIR-ME?!

Tobias passara a manhã inteira a chamar-me à atenção. Apesar disso, sempre que ele falava eu estava distante. Fechei-me num passado só meu, onde Ana, a minha avó, ainda tinha as forças para cuidar de mim. Continuava forte e sorridente, mas toda a gente sabia que não havia nada a fazer. Nesse passado, a esclerose múltipla já mostrava sinais de resistência à medicação. A minha mãe trancava-se no quarto, à noite, e chorava, apertando-me contra o seu peito.

Lembrava-me perfeitamente dos sussurros e das lágrimas que escorriam nas bochechas coradas da minha mãe. “E agora? Como vou cuidar de ti sem a ajuda dela?”

A minha avó era o apoio da minha mãe. A tenra idade não lhe tinha dado a experiência para cuidar de uma criança, e o facto do pai dela a ter negado quando soube que estava grávida de mim também não facilitava as coisas. De qualquer das formas, a heroína Ana abdicou de tudo para ajudar a filha neste momento único. “Um filho nunca é uma coisa má. É uma bênção de Deus, e se Ele quis que recebesses essa criança no teu ventre, é porque viu que tinhas as capacidades de amar e educar para lhe dar um bom futuro.”

Mas não era só porque queria recordar que tinha voltado atrás no tempo. Era porque coisas começaram a bater certo. Se realmente Matteo era um antepassado meu, então Miguel era da minha família — e dentro da minha cabeça, Miguel fazia-me lembrar a minha avó. Ambos falavam pouco, mas quando o faziam, tentavam soar o mais sério possível. Não queriam passar o limite da confiança, mesmo que na maior parte das vezes o fizessem. Sorriam discretamente, para mostrarem que achavam piada aos meus disparates e às minhas birras, e era isso que os tornava tão misteriosos.

A minha avó nunca me contara muito acerca do seu passado, e agora perguntava-me se não seria porque sabia que tinha antepassados sobrenaturais. Será que Miguel conhecera a avó Ana? Ou então Matteo? Será que sangue de vampiro corria nas minhas veias? Há quantas gerações atrás Matteo existira?

A questão mais pertinente era: será que tinha sido a minha avó a pedir a Miguel que cuidasse de mim, que se tornasse o meu anjo da guarda?

Todas estas questões faziam-me rir. No fundo, sabia que as respostas nunca estavam de acordo com aquilo que pensava. Bastava pensar em tudo o que me

tinha acontecido nos últimos meses e nas teorias que tinha desenvolvido na minha cabeça. A maioria delas foram tiros ao lado, e nem sequer conseguia tirar nada que se aproveitasse. Pelo menos tinha a certeza de uma coisa: Miguel e Eva não eram normais.

Recordei o dia em que entrei na secretaria para aceder aos ficheiros da irmã Bacelar. Quando vi que não havia nada de relevante, um sorriso desafiador de Miguel veio-me à mente. Hoje, esse sorriso estava esboçado no meu rosto. Tinha vencido. Já sabia a verdade.

— Terra chama Simão Silva. — Tobias disse, batendo-me com a mão na testa. Olhei para o professor, pensando que este nos ia repreender, mas havia qualquer coisa de estranho. Já estavam todos a levantar-se, prontos para saírem da sala.

— A aula já acabou?

— O que é que se passa contigo hoje? Estás constantemente na lua.

— Deve ter sido a noite de amor com a Eva Bacelar. — Marina estava encostada à ombreira da porta. Olhava para mim, olhos semicerrados e a boca contraída num sorriso raivoso.

Não respondi. — Vamos, Tobias. O ar aqui está demasiado poluído.

— Precisámos de falar.

— Não tenho nada para falar contigo.

— Sobre aquilo que se passou ontem à noite…

Tobias prolongou a expressão de “estou a achar tudo isto muito estranho”. Primeiro viu-me com Miguel Bacelar, agora Marina falava sobre uma noite de amor com Eva e sobre “aquilo” que se tinha passado na noite anterior. — Quando tiveres resolvido os teus problemas, anda ter comigo ao bar. — Num passo rápido, saiu da sala, deixando-nos a sós.

— Porque é que fizeste aquilo?

Cruzei os braços, ainda a rir-me. — Porque é que *eu* fiz aquilo? Estás a falar do quê? De te teres atirado a mim à descarada e de me teres beijado? Se sim, então acho que devia ser eu a fazer essa pergunta.

— Estou a falar de teres partido o meu copo.

Quis virar as costas. Estive a dois passos de fazê-lo. Mas depois vi que não valia a pena descer ao nível de Marina.

— Queres mesmo que te responda. — afirmei, incrédulo, ao olhar para a sua postura. — Só podes estar a brincar comigo.

— Não, não estou.

— Tu beijaste-me sem te pedir nada. E insinuaste que andava a dormir com a Eva Bacelar, quando na verdade nem sequer existe nada entre nós.

— E achas isso suficiente para causares um escândalo em minha casa? Toda a gente me tem enviado mensagens de apoio, olha só. — Ia tirar o telemóvel do

seu bolso mas impedi-a de continuar.

— Não quero ver nada, Marina. Tu abusaste e irritei-me com aquilo.

— Foi só um beijinho de nada! E além disso, sexo entre amigos fortalece a relação.

— Em primeiro lugar, não somos amigos, e depois do que vi ontem, não pretendo ser. E em segundo, nunca iria querer fortalecer uma relação contigo. Sabe-se lá quantos amigos "fortalecido" já não tens.

O queixo de Marina caiu. Percebeu logo a minha mensagem, o que agradeci. Assim não ia ter que lhe fazer um desenho. Desta vez não tive receio; virei as costas e abandonei Marina, deixando-a sozinha na sala de aulas.

— Vai! Vai lá ter com a tua amiga Eva. Aposto que saíste da minha festa para passares a noite com ela!

Encarei-a. Ia dizer que sim, que era verdade, mas o meu corpo reagiu de outra forma. Ainda a andar de costas, ergui o dedo do meio e realcei o meu sentimento por Marina, com um sorriso que dizia "Estou a ignorar-te e é isto que vou fazer, sempre".

Assim que cheguei ao exterior do edifício, tentei lembrar-me do que Tobias me dissera. *Certo,* afirmei com convicção. *Ele está no bar*. Respirei fundo, ajustando a mochila às costas e procurando a mil olhos por Tobias e o meu pai.

Já tinha tocado quando cheguei ao bar. Estava lotado. Uma fila de alunos do 12º ano aguardava, já sem grande paciência, que fosse atendida. Um rapaz berrava pelo seu lanche misto e o leite com chocolate, esmagando os que estavam à sua volta contra a parede, o que originou uma onda de insultos.

Apesar da multidão, não vi ninguém que fosse do meu interesse. Pensando melhor, Tobias já estaria a caminho da sala de aula. Ele era daqueles que não gostava de chegar atrasado. Achei melhor seguir-lhe as pisadas, algo que rapidamente me arrependi de fazer.

— Simão. — A voz do meu pai irrompeu entre as afrontas vozeadas pelos alunos. — Ainda bem que te encontro.

— Olá, pai. — disse ao mesmo que me tentava afastar — Não viste o Tobias? Era suposto encontrarmo-nos aqui.

— Passei por ele há pouco. — Mas não era isso que o ia fazer esquecer o que levara até mim — Precisámos de falar urgentemente.

— Desculpa, pai, tenho mesmo que ir para a aula. Vemo-nos em casa?

— Vamos conversar *agora mesmo*.

— Sobre…? — Fazer-me de desentendido não ajudaria. Só iria provar que era um irresponsável sem noção.

— Tu sabes bem do quê. — *Lá está.*

— Estás a falar de ontem à noite?

— Foi um ato enorme de…

Ergui o indicador. Ele estava mesmo ao meu lado. Olhei-o nos olhos. Não me mostrei ansioso. Exibi responsabilidade através de um sorriso envergonhado. — Tenho aula de Biologia e não posso chegar atrasado.

— Podes chegar um *bocadinho* atrasado. Toda a gente chega.

Olha, que grande lata. É essa a educação que me dás?

— Mas se chegar vais colocar-me de castigo.

Tinha razão, e a contração do seu rosto era a prova disso. A sua língua percorreu os lábios secos e de seguida, deu continuidade à tentativa de argumentação. — Isso não importa agora. Ouve-me, ontem à noite...

— Olha! — Apontei o meu indicador para o meio da multidão que se adentrava no bloco de aulas — Está ali o Tobias.

Não estava em lado nenhum. Benjamin ergueu a cabeça entre as dezenas de adolescentes e procurou por um rosto familiar. Aproveitei para me esquivar.

— Simão Silva, nós temos que conversar urgentemente!

— Agora tenho que ir para a aula. Falámos depois.

Mas não tinha tanta a certeza disso. Queria evitar mais problemas, mas parecia que nos últimos tempos era um alvo a abater. Não havia um dia em que pudesse sentar-me descansado e pensar “Hoje o dia correu-me bem. Não tive problemas, e posso ir correr só para me divertir e não para me abstrair de tudo o que se tem passado”. E há medida que os dias iam passando, tudo piorava.

Tudo começou com um rapaz que me encarava como se eu cheirasse mal, e agora tinha vampiros sedentos a tentar matar-me; a mim e à minha família. Ainda bem que a minha mãe estava num universo diferente do meu, assim não corria o risco de ela se inspirar mais e de escrever um livro a retratar uma realidade cruel. Ou talvez acabasse apenas por me levar para outro país, mudar-me-ia a identidade e esconder-me-ia de todo o mundo. Não é que fosse uma má ideia; só queria ser outra pessoa por um dia, uma pessoa normal e sem qualquer problemas de cariz sobrenatural ao seu redor.

Era difícil imaginar que havia pessoas no mundo que não tinham a menor ideia de que o meu irmão possuía superpoderes e que as únicas pessoas que se preocupavam comigo eram sugadores de sangue.

Olhei para trás. Consegui ver que o meu pai estava a afastar-se, caminhando com passos pesados, extremamente furioso. Ia ter muita sorte se ele não se lembrasse me mandar de volta para Lisboa. Então aí os problemas seriam bem piores; nunca queiram ver a senhora Anabela Santos cheia de fúria. Era uma mistura de Thor com Lara Croft, mas multiplicados por cinco. Resumindo, era *muito, muito mau*.

Tive dificuldade em contar o tempo até ao final da aula. O professor estava

mais interessado em falar da vida pessoal, e para minha pena, era uma seca valente. Falou do tempo de faculdade, em Coimbra, onde teve a sua primeira experiência científica, que fora também ela nada de especial. Murmurei em segredo que, mesmo com apenas quinze anos, já tinha uma história de vida mais entusiasmante que a dele.

A campainha tocou e não esperei que o professor autorizasse que saíssemos para me levantar. Atirei tudo para dentro da mochila, sem sequer me importar em guardar os materiais dentro do estojo. Tobias permaneceu à ombreira da porta, sério e pálido.

— Está tudo bem contigo?

— Mais ou menos. — respondeu sem vontade. — Logo à noite vamos estudar?

Abanei com a cabeça. Não tive que explicar o porquê. Tobias ouvira a minha conversa com Miguel.

Em casa, bati com a porta de entrada. Greg ainda estava vestido com o seu pijama branco às riscas vermelhas, e tinha na mão uma caneca de café.

— O que estás aqui a fazer?

— Fiquei em casa a estudar para um exame que tenho segunda-feira.

Projetei a mochila para o sofá da sala e tirei os ténis a correr, na tentativa de apanhar o passo de Greg. Persegui-o até ao barracão, onde vários livros estavam abertos sob a mesa da cozinha. Greg sentou-se num banco e olhou para mim, à espera que me justificasse.

— Tens alguma coisa para me dizer?

Mostrei um sorriso estranho. — Eu tinha razão. O Miguel não é normal e… — Greg revirou os olhos e pousou a caneca de café com força em cima da mesa. Levantei o indicador — Ah! Não me interrompas! Eu vi e ele confirmou-me. Tanto ele como a irmã são vampiros. Vampiros a sério.

Franziu as sobrancelhas e a sua boca abriu-se, incerto do que dizer. — A sério?

— Sim.

— Não, não é isso. A sério que foi essa a teoria que inventaste? Não achas que Crepúsculo foi mau o suficiente para agora ainda ter dois seres a passearem pela minha cidade, a brilharem?

Perdi o sorriso estranho e mantive-me sério.

— *Are you serious*? — continuou assim que parou de se rir da própria piada.

— Sim. A cereja no topo do bolo: estou em perigo de vida.

Contei-lhe tudo o que havia para contar; sobre o que realmente tinha acontecido na noite anterior, na festa de Marina (escondendo o facto de que ela me tinha beijado sem autorização), sobre Nora, a vampira sedenta que me

confundira com o irmão desaparecido de Miguel, e sobre o porquê de Miguel se ter aproximado de mim.

Quando acabei a história, Greg levou a caneca de café à boca. Fez uma cara feia e despejou-a no lavatório. Girou calmamente o seu corpo na minha direção. — Já percebi: tenho que ficar em casa, a tomar do pai enquanto o Bacelar apanha a tal vampira.

— Exato.

Deu uma risada abafada. — Tens noção que esta história é de loucos?

— E que o pai vai ficar furioso comigo por passar o fim de semana fora sem o avisar? Sim, tenho.

Ouvimos uma buzina vinda do exterior. Espreitei pela janela e reparei no jipe branco, estacionado em frente ao jardim. Miguel saiu do carro.

Fomos ao seu encontro, Greg continuando a olhar para o vampiro de um modo suspeito.

— Então… — começou o meu irmão. — Vampiros.

Miguel admirou-se com a afirmação. — É o que dizem.

— Só tenho uma pergunta. Vocês são do universo *Twilight* ou *The Vampire Diaries*?

— Greg… — Levei a mão à cabeça, incrédulo com a questão dele.

— É uma pergunta legítima. — continuou Miguel. — A criatividade dos humanos acabou com o nosso estatuto.

— Um estatuto de assassinos. — Greg disse, pouco assustado. Tive que o cotovelar, obrigando-o a contorcer-se e a remeter-se ao silêncio.

— Não somos más pessoas só porque matámos. — rematou Miguel em defesa.

Tive que impedir Greg de continuar a falar. — Não há necessidade de transformar esta conversa numa discussão moral, está bem?

Miguel e Greg não se voltaram a olhar enquanto fui ao meu quarto buscar três *t-shirts*. Coloquei-as dentro da mochila da escola, espalhando todo o material que tinha lá dentro no chão do quarto, e ponderei levar alguma coisa para comer. Não sabia se os Bacelar teriam comida humana para me dar. Porém, se Miguel me tinha convidado para lá passar o fim de semana, provavelmente estaria também a incluir as refeições. Não tive coragem para lhe perguntar — não em frente ao meu irmão, que estava ocupado a pensar em mais perguntas que me envergonhavam.

Saímos para o jardim. Meti o meu saco no banco da frente do jipe branco, sentando-me e preparando-me para seguir viagem até à moradia dos Bacelar. Sentia as borboletas nervosas no estômago, mas tentei afastá-las, eliminando qualquer pensamento que me relembrasse da razão que me levava a passar o fim

de semana com a pessoa que mais odiava. Greg agarrou no braço de Miguel antes dele entrar para o lugar do condutor, não o largando. — Cuida bem do meu *little brother*.

— Vou fazê-lo. — respondeu com honra. Depois voltou-se para mim. — Vamos.

•••

Seis quilómetros mais tarde, parámos em frente a uma casa moderna — a mais moderna da pequena rua. Estava pintada em tons pretos, vermelhos e brancos. Ao lado da rampa de acesso à casa, havia uma cerca de madeira pintada em laranja, que levava-nos até às escadas que permitiam chegar à porta de entrada. No andar de cima, havia um terraço e apenas três janelas retangulares a convidarem a luz para entrar na divisão.

Miguel encaminhou-me até às escadas no interior da cerca. — Bem-vindo à casa Bacelar.

Abriu a porta vidrada e fiquei espantando com a simplicidade do *hall* de entrada; no lado esquerdo, sob uma espécie de mesa embutida na parede, estavam duas meias-luas de metal preto, iluminadas por duas luzes LEDS, também elas embutidas na parede. Ao fundo do curto mas largo *hall* estava um quadro pintado de laranja, branco, preto e azul claro. No lado direito estavam as escadas, dispostas sob a forma de um L, que levavam ao andar superior. Miguel indicou-me os degraus e conduziu-me até ao quarto, também ele muito simples.

Sob a coberta branca havia apenas três almofadas num tom amarelado, que encaixavam na perfeição com a alcatifa cinzenta. Era lá que se encontrava o acesso para a varanda. Miguel abriu as portas e atirou a minha mochila para cima da cama.

— Este é o meu quarto, mas podes ficar cá a dormir. A casa de banho fica ao fundo do corredor, ao lado do escritório.

De seguida, levou-me de volta para o andar de baixo. Para além do quadro multicolor ficava a sala de estar e a cozinha, divisões que partilhavam o mesmo espaço físico. Mais uma vez, os sofás, a mesa de jantar e as respetivas cadeiras eram todas brancas. Em cima do sofá existiam algumas almofadas amarelas, que estavam a servir de encosto a Eva.

Eva. Engoli em seco ao deparar-me com ela. Queria fugir dali a sete pés. Logo que me avistou, levantou-se e saiu a correr pelas traseiras.

— Onde vais? — questionou Miguel.

— Buscar o jantar. O Simão deve estar com fome.

Sem querer acabei por concordar, mas talvez Eva não tivesse reparado.

— Vocês também comem? — perguntei, quando já só estávamos nós os dois.

— Sim. Todo o tipo de comida.

Esperei alguns segundos para continuar. — Vocês bebem sangue humano, certo? Isso quer dizer que… têm que *matar* pessoas.

A frase não afetou Miguel, que simplesmente confirmou com a cabeça e desligou a televisão. — É um mal necessário à minha existência. Mas sou sempre bastante seletivo quando estou a caçar.

Era suposto tranquilizar-me. Voltei a ver a minha avó, desta vez deitada na cama, a pedir a Miguel que cuidasse de mim. Restava-me apenas confiar nela. Tinha quase a certeza que não mandaria um assassino em série para realizar a difícil missão de cuidar do neto.

Depois de me mostrar o resto da casa (ainda havia um pequeno jardim nas traseiras, com uma esplanada e várias árvores a bloquearem o calor), Miguel encaminhou-me de volta para o andar superior. Desta vez, fomos até ao escritório.

— Podes usar o computador, se quiseres. — Miguel disse, ligando o aparelho muito mais moderno do que aquele que tinha em casa — Pelo menos assim tens alguma coisa com que te entreter.

Apesar de não estar a pensar em nada em concreto, decidi aceitar a proposta. Nunca tinha tido a oportunidade de mexer num computador daquela qualidade, e assim já saberia como era a experiência. Enquanto abria o *browser*, algo que apenas demorou algumas milésimas de segundo, Miguel saiu e foi até à casa de banho.

— Vocês têm novidades da Nora? — questionei, só para me distrair.

— Nada. A única coisa que descobrimos é que ela pode estar acompanhada, mas não há provas concretas. — respondeu em voz alta.

Já no motor de busca, abri o *site* das notícias de Olimpo. Tal como estava à espera, não havia grandes novidades. A maior parte dos artigos estava relacionada com política e o processo de independência do microestado, o que não era propriamente divertido de se ler.

Contudo, houve uma notícia que me chamou a atenção.

“Buscas pelo corpo do jovem desaparecido continuam sem sucesso.”

Ora ali estava um artigo interessante. Cliquei por cima do título e fui levado para uma página à parte.

BUSCAS PELO CORPO DO JOVEM DESAPARECIDO CONTINUAM SEM SUCESSO

A Polícia Federal de Olimpo anunciou hoje que ainda não foram encontradas quaisquer provas conclusivas que revelem o que aconteceu ao jovem desaparecido em julho do ano presente.

"Apesar destes primeiros resultados terem sido negativos, vamos continuar com as buscas," revelou o Inspetor-Chefe do Departamento de Investigação, Jorge Mendes. "Pretendemos explorar uma área maior, começando nas florestas de Olimpo e continuando nos rios. Contámos com o apoio da população local," rematou.

Apesar de se suspeitar de um possível rapto ou homicídio, a hipótese de se tratar de uma fuga de casa ainda não está excluída, garante o Inspetor-Chefe. "Tendo em conta a idade do jovem e o seu historial familiar, achámos que também pode haver essa possibilidade. Mas não vamos confirmar nada."

João Amorim, 16 anos, foi visto pela última vez no Parque da freguesia, na companhia de dois amigos. A avó do rapaz só deu conta da ausência do neto no dia seguinte, quando reparou que ele não tinha dormido em casa.

João Amorim. O nome relembrava-me várias coisas menos positivas.

Mas espera…

João estava desaparecido? Desde julho? Não podia ser. Eu tinha estado com ele há poucas horas. Na noite anterior, para ser mais específico. Parecia-me bem vivo. A divertir-se, a beber. Antes desconfiava que ele não era boa companhia, agora tinha a certeza.

— Sabes alguma coisa acerca do João Amorim? — perguntei a Miguel.

Entrou de novo no escritório, aproximando-se de mim. — É o rapaz novo da tua escola.

— Não é isso que quero dizer. Ele é como vocês? Um vampiro?

— Que eu saiba, não. Mas porquê?

A conversa não fazia sentido.

Conhecemo-nos mais ou menos.

— Olha isto. — apontei para o ecrã do computador. — Este artigo fala do desaparecimento de um tal João Amorim. E como vocês os dois pareciam ter um historial, pensei que se conhecessem.

Miguel leu o artigo com rapidez. Quando terminou, os seus olhos vaguearam

num ponto desconhecido. — Há alguns meses atrás, — explicou num tom de voz sério — vi um dos amigos dele a tentar assaltar uma idosa. Como estava com fome, achei que seria um bom petisco. Mas o João apareceu e percebeu que estava a perseguir o tal amigo. Disse que se me voltasse a encontrar, que me ia acusar à polícia.

O que importava ali não era o passado entre Miguel e João. Era o facto de, teoricamente, João estar desaparecido. A polícia andava atrás dele. Ninguém tinha notícias suas desde julho, quando ele aparentava ter uma vida normal (dentro das suas próprias regras, é um facto).

E se… João… Nora…

— Estás a pensar no mesmo que eu?

Miguel olhou para mim alguns segundos, e depois voltou a ler o artigo enquanto pensava em voz alta. — A Nora precisa de estar de olho em ti, mas ser ela própria a fazê-lo é demasiado arriscado. Ela sabe que eu te vou proteger a todo o custo. A única maneira para te vigiar e te controlar é ter alguém a fazer isso tudo por ela. Nada melhor do que arranjar um adolescente da tua idade para andar atrás de ti.

— É o cúmplice perfeito. — murmurei, ainda a processar todas as informações.

Aos poucos, todas as pontas soltas começaram a unir-se. Tudo fazia sentido dentro da minha cabeça.

João estava em casa de Marina na noite em que Nora me atacara. Aliás, ele tinha sido a última pessoa a ver-me antes de eu decidir ir para a casa sozinho e a pé. Podia perfeitamente a ter avisado que me podia encontrar na berma da estrada.

E a preocupação que ele demonstrou quanto ao facto de eu e os Bacelar falarmos… Era lógico; João queria ter a certeza de que não havia ninguém para se meter no caminho de Nora.

— Tenho que avisar o meu irmão. — disse de imediato, preparando-me para lhe ligar.

Miguel pegou no seu telemóvel e esperou que atendessem do outro lado da linha. — Estou, Eva? Esquece a Nora. Vai atrás do João Amorim. Com urgência.

VINTE E UM

AS PALMAS DAS MINHAS MÃOS ESCORRIAM GOTAS DE SUOR. Estava nervoso. Demasiado nervoso. Greg não estava a atender, e o meu subconsciente mostrava-me João, em minha casa, acompanhado por Nora, os dois preparados para eliminar a minha família. Isso fez-me pensar o que terá levado João a seguir os ideais de uma vampira louca. Não estaria ele interessado em descansar a avó, que provavelmente não dormia desde o seu suposto desaparecimento?

Era impossível de entender. Por mais fiel que eu fosse aos meus amigos, e por mais que aceitasse participar nas suas maluqueiras, nunca iria ignorar aquelas pessoas que amava e que sabia que me amavam de volta. Só que, ironia ou não, sentia que era isso que andara a fazer nos últimos dias: escondia a verdade ao meu pai, magoando-o a cada hora que passava. Havia a sensação que estava a pedir-lhe um bilhete de ida para Lisboa, com direito a uma notificação ao Tribunal de Menores.

Por outro lado, conhecia o Professor Benjamin Silva o suficiente para dizer que era boa pessoa e que estaria disposto a proteger-me, custe o que custasse. Mal sabia ele que há coisas que nem o amor de pai é capaz de amparar. Vampiros mortíferos era uma delas.

E Nora e João eram dois vampiros mortíferos. Ambos estavam atrás de mim. Possivelmente também atrás da minha família. E Greg não estava a atender.

A chamada chegou ao Voice Mail. O meu pé começou a bater ferozmente. Os nervos não me permitiam remarcar o número do meu irmão.

— Tenta outra vez. — Miguel disse, sentado no sofá branco.

— Já é a quarta vez que tento e ele não me atende.

— Se calhar aconteceu alguma coisa.

Alguém o matou, subentenda-se: Nora.

— Vou tentar só mais uma vez. Se ele não atender… — Mas o telemóvel não me deixou prosseguir. Vibrava de forma incessante e a luz do ecrã piscava, intermitente — Greg? Estás vivo?

— Ah! Agora já sabes o que senti ontem à noite.

Recusava-me a acreditar, tanto no facto de que Greg estava bem como na possibilidade de ele não ter atendido só para me deixar aflito. — Esta não é a altura certa para brincar. Se não atendesses, eu juro que ia aí a casa e te estrangulava com as próprias mãos.

— Como se tivesses força para o fazer. *Anyway*, precisas de alguma coisa?

Esvaziei a minha cabeça de pensamentos fúteis. — Temos novidades. Se, por acaso, o João Amorim aparecer aí em casa… — Olhei para Miguel, à espera de um plano para partilhar com Greg. — liga-me de volta. Achámos que ele está a trabalhar com a Nora.

— João Amorim? Aquele rapaz que foi contigo a Braga?

— Esse mesmo.

Greg entoou uma gargalhada quase muda. — Isto está a ficar cada vez mais estranho. — disse — Agora os teus amigos também são vampiros? Só te falta dizeres que o pai é a *Buffy* e aí tenho a certeza que vou abandonar o curso de Bioquímica para me dedicar aos *comics*.

Numa situação casual rir-me-ia, mas não fui capaz de fazê-lo.

— O João não é propriamente um amigo. — Pausei por alguns segundos, para limpar as mãos à *t-shirt* e para recuperar o fôlego. — Promete-me apenas que vais ter cuidado. Sei que ele não vai pensar duas vezes se decidir matar-vos, e também já vi o que a Nora é capaz de fazer.

— Tem calma, Simão. Consigo dar conta do João sozinho.

Por mais que me custasse dizê-lo, tinha que lhe dar razão. Greg tinha poderes para derrotar um exército. Não seria um vampiro cego por vingança que ia dar cabo dele.

Deixei a chamada cair antes de ver Miguel alçar-se do sofá. — E então?

— Ele vai ficar atento. — Encostei-me ao balcão da cozinha, concentrando-me em manter a respiração lenta mas coerente.

Atentei ao programa que passava na televisão — uma espécie de *reality show*, onde os concorrentes tinham que sobreviver dois dias na selva, sem qualquer tipo de recursos. O meu cérebro refletia sobre o que acontecia ao meu redor. E tudo isso era errado. Não era suposto deixar o meu irmão entre a espada e a parede, não era culpa dele. Não era culpa de ninguém. Nora simplesmente queria fazer justiça pelo seu companheiro, pensando que era eu o inimigo que procurava; Miguel só estava a tentar proteger a única pessoa no mundo que o fazia lembrar o irmão — se me colocasse na sua posição, talvez acabasse por fazer o mesmo. A culpa era das coincidências.

— Nós vamos proteger a tua família.

Ergui a cabeça, encarando Miguel. — Não estou assim por causa deles. Tenho a certeza que o Greg consegue dar conta do recado. Não são só vocês que têm poderes especiais.

A minha tentativa de aliviar a tensão que pairava na sala resultou. Miguel mostrou os dentes brancos entre um sorriso tímido e prosseguiu, fazendo-me companhia no sofá. — Por falar nisso, já têm novidades sobre o que poderá ter

dado os poderes ao teu meio-irmão?

— Não faço a mínima ideia. — Abanei a cabeça com a estupidez da resposta. Nem sequer conseguia *pensar* naquilo. — Qual o interesse nisso? O que importa é que ele tem poderes.

E eu não.

— Para se compreender o presente temos que recuar até ao passado. — A sua voz imperativa prendeu-me. Olhei para ele, ainda a bater com o pé — E o meu passado é uma incógnita. Não sei o que fez de mim aquilo que sou hoje, e apesar de estar grato por me ter tornado numa *espécie* diferente, sinto a necessidade de entender mais sobre a minha origem e sobre o porquê de existirem seres humanos com o mesmo dom que eu. Talvez assim me possa tornar mais… humano.

— Então é isso que queres ser? Humano e normal, como todas as outras milhões de pessoas no mundo? Onde é que está a vantagem nisso? É a diferença que determina a vitória.

— Não posso concordar contigo. Tens que entender os meus motivos.

Não havia maneira de entender. Miguel, Greg e Eva tinham o mundo nas suas mãos, estavam acima das pessoas comuns. Eu gostava de estar no lugar deles. Em vez de correr até à escola, podia voar, ou simplesmente correr muito mais rápido. Demoraria dois minutos, e não dez.

O telemóvel voltou a vibrar. Era Greg. Atendi, sendo observado atentamente por Miguel. — Estou?

— Diz ao Bacelar que a história de um vampiro não poder entrar em casa sem ser convidado é uma treta. — assegurou, nervoso. — A não ser que o João não seja aquilo que vocês pensam.

As pupilas de Miguel cobriram-se de negro.

— Ele está aí? — perguntei, sustendo a respiração.

— Está à tua procura e não sai da sala de estar. O que devo fazer?

Foge de casa.

Miguel não me deu tempo para pensar numa resposta, tirando-me o telemóvel com uma força bruta.

— Greg, é o Miguel Bacelar. Leva o João para o mais longe possível de casa, de preferência para um sítio escondido. Diz que o Simão costuma ir para uma clareira refletir e leva-o até ao meio da floresta. Faz isso, *rápido*.

Desligou a chamada e entregou-me o telemóvel. A sua mão puxou o meu braço, colocando-me nas suas costas da mesma maneira que Greg fizera quando me levara a passear pela floresta, a voar.

— O que é que estás a fazer?

Já fora de casa, respondeu. — Vamos acabar com isto.

VINTE E DOIS

O VENTO DE NOVEMBRO, GÉLIDO E CORTANTE, RASGAVA-ME a pele, e nem as altas árvores eram capazes de me proteger, com os ramos finos e afiados a ameaçarem-me, deslizando ao nosso lado há medida que Miguel lutava para coordenar os pés e as mãos e para saltar por cima das árvores, atravessando os arbustos cobertos de geada. Remetia-se ao silêncio, entregando-me à dúvida: estaria ele nervoso ou irritado? A mandíbula apertada contra o rosto não ajudava a decifrar a minha questão.

Até que aos poucos, Miguel começou a diminuir a velocidade. O vento deixou de exercer força contra o meu rosto e os ramos cortantes desapareceram. Paramos no corredor de árvores e arbustos, onde o vento de inverno já não atacava. Miguel manteve-me preso às costas, impedindo-me de descer.

— Passa-se alguma coisa? — perguntei. Aparentava não haver nada com que me preocupar.

Continuou a avaliar as redondezas, libertando ar dos seus pulmões. Procurava por algo, e só quando inspirou é que me libertou. Bati com os pés no chão e tentei ver o que se passava. — A Nora está aqui?

Não houve resposta. Fechou os olhos e inspirou de novo o ar fresco da floresta. Aguardou alguns segundos, abriu-os e expeliu um suspiro. A cabeça dele apontou para oeste. Relaxou a mandíbula antes de voltar a agarrar-me.

Estávamos a correr de novo, mas desta vez a uma velocidade feroz. Nunca tinha visto ninguém correr assim tão rápido. O vento obrigou-me a fechar os olhos, e só os consegui voltar a abrir quando estávamos a saltar a cascata, a mesma onde tinha visto Nora pela primeira vez. Os pés de Miguel tocaram a erva molhada, e aumentaram a velocidade. O frio era tanto que lágrimas demarcavam traços no meu rosto.

Queria ter coragem para lhe perguntar para onde nos encaminhávamos. Receava abrir a boca, não só pela pergunta em si, mas com o medo de o distrair. Não conseguia imaginar o que aconteceria se Miguel se distraísse um segundo daquela corrida frenética.

Os pés de Miguel deslizaram pela terra batida até estarmos na clareira onde ele e Nora se tinham confrontado, na noite anterior. O meu corpo foi projetado contra as costas dele, fazendo-me sentir os ossos da coluna vertebral a apertarem a minha barriga.

Desci das suas costas, Miguel colocando-se logo na minha frente. Desta vez, porém, não ia deixar que ele me protegesse. Precisava de a ver, olhos nos olhos. A caçadora — a *minha* caçadora. A pessoa disposta a acabar comigo.

Ela encontrava-se de costas para nós. Nora, ao ouvir-nos chegar, girou o tronco. Não havia uma única expressão a iluminar-lhe a face — estava serena; demasiado até para o meu gosto.

— Nora. — Miguel murmurou como se tratasse de uma saudação.

Os lábios pálidos e grossos preencheram-se de uma felicidade monótona. — Vais te render?

Não sabia o que dizer. Miguel deu dois passos em frente e começou a falar, lentamente e com um tom de voz ponderoso. — Não. Nós estamos aqui para esclarecer as coisas. Não queremos problemas.

Concordei com Miguel. Nora inclinou a cabeça, continuando a fitar-me, sempre sorridente. — Devias ter pensado nisso antes de ajudares o teu irmão a matar o Lorenzo.

— Ele não o matou.

A boca de Nora estremeceu. Emitiu um ruído semelhante ao rosnar de um lobo e moveu-se com o seu jeito elegante, ficando só a um ou dois metros de distância de Miguel. Senti um calafrio a percorrer a minha espinha.

— Sabes o quanto eu sinto a falta dele? — Encarou-me, o corpo inclinado como um leão preparado para atacar. Recuei, o pânico a tentar dominar-me. — Da presença dele? Do cheiro a sangue fresco na sua camisola, das nossas caçadas noturnas, das nossas viagens pelas cidades da Europa? Coisas que nunca vou voltar a viver, tudo porque *tu* o mataste.

Miguel prosseguiu, calmo, pensativo. — Este aqui é o Simão Silva, não é o Matteo.

— É um disfarce. — Nora cuspiu entre as garras que surgiram no lugar dos caninos.

— O Simão é o descendente direto do Matteo. É por isso que são tão parecidos.

— Não me tentes enganar, Michele!

Michele? Ela está a confundir tudo.

Miguel ia começar a falar mas impedi-o. — Ele está a dizer a verdade. Não sou vampiro como vocês, sou só um humano.

A gargalhada de Nora arrepiou-me. — Não sei como conseguiste um disfarce tão perfeito, Matteo. A mim não me enganas.

Ela estava errada e não havia nada que pudesse fazer para lhe mostrar isso. Mas compreendia-a: o impossível era relativo, e se havia vampiros e pessoas com poderes, por que não haveriam de haver vampiros disfarçados de humanos?

A diferença entre nós não era assim tanta. Ambos tínhamos estruturas corporais semelhantes, pensávamos da mesma forma, conseguíamos viver em sociedade (mesmo que os vampiros tivessem que esconder as suas realidades), tínhamos sangue a correr nas veias, tínhamos os mesmos desejos, os mesmos gostos…

Sangue a correr nas veias.

Foi a última coisa que me ocorreu antes de me aninhar e procurar por algo. Uma pedra. Raspei-a com toda a minha força contra a pele da minha mão e esperei que o líquido vermelho-escuro se libertasse.

Uma gota caiu no chão.

Outra.

E outra.

O sangue escorria no braço, quente e húmido, distribuído em pequenas filas que, quando chegavam ao ante-braço, caíam até baterem na erva. Os olhos dos dois vampiros estacaram em mim, negros e enormes, assemelhando-se aos demónios dos filmes de horror.

Nora inalou o aroma do sangue fresco, saboreando-o com vontade. Memórias de caçadas com Lorenzo tingiram de alegria o rosto dela. Enfim de novo o cheiro da camisola do seu companheiro — algo que nunca poderia recuperar.

— É inacreditável…

Detiveram-se por uma fração de segundo, os olhos de ambos focados no braço ensanguentado. A pedra fugiu-me entre os dedos e apertei a mão contra a camisola, contendo-me para não tornar-me um vassalo da dor.

Miguel retomou à consciência, apagando todos os traços de vontade para provar o meu sangue — Eu disse-te. O Simão é humano.

— Como? — A voz de Nora deixou a fúria de lado e manifestou curiosidade e indulgência — Isto é possível? Um humano cruzar com um da nossa espécie?

— Não há muitos casos. — Miguel explicou, regressando para o pé de mim e ajudando-me a tratar a ferida aberta. Escondi a mão. Ele não precisava de sofrer. — Ainda só conheci este. De início também tive as minhas dúvidas, mas agora sei que o Simão não é o meu irmão, nem está perto de o ser.

Sons de passos vindos das árvores do nosso lado esquerdo chamaram-nos a atenção. Lentamente e exibindo uma pose régia, João rompeu dos arbustos, expondo um sorriso magnificente.

— Ora, ora. — glorificou quando me viu. — Quem é vivo sempre aparece.

E então tudo aconteceu muito rápido, tão rápido que nem houve tempo para processar o que se passara. João surgiu atrás de Nora, agarrou no seu pescoço e fê-lo rodar. Um estalido, e o corpo da vampira tombou no chão com um último guincho.

Miguel encolheu os braços envolta dos meus, e empurrou-me para trás de si.

— E quem é morto… bem, está morto. — concluiu João, olhando para mim e para Miguel.

— O que é que acabaste de fazer?! — Miguel gritou.

João encolheu os ombros, como se nada se tivesse passado. — Não te aborreças, ela era chata como um raio. "Agora faz isto, agora faz aquilo. Vê onde está o Simão. Persegue o Simão. Diz-me onde é que o Simão vai estar, e com quem. Tenta afastar o Simão do Miguel." Simão, Simão, Simão. — ilustrou o diálogo com gestos. — Estava farto. Além disso, já tinha feito a parte dela.

Não fazia sentido, porque tudo apontava para que João fosse o cúmplice de Nora. Era presumível que ela lhe pedira que me levasse até si. Provavelmente tinha sido ela a ajudá-lo desde o início, quando ele desapareceu e se teve que afastar da família.

E agora João… matara-a. Sem lhe dar direito a uma última palavra, sem sequer lhe dar uma oportunidade.

— Tu desapareceste. — acabei por dizer, a voz a falhar-me. — Vi nas notícias.

Riu-se. Só aí reparei que os seus olhos tinham perdido a tonalidade verde e estavam negros, tal como quando Nora e Miguel cheiraram o meu sangue. — Graças à Nora, é verdade. — explicou. — Ela foi um pequeno passo para começar o meu grande plano. Estava a ir para casa, ela deu-me boleia e começámos a falar. Comecei a contar-lhe a minha história, disse o que aconteceu aos meus pais, e ela prometeu-me um futuro melhor. Depois disso, só me lembro de acordar cheio de fome e com vontade de destruir um continente. — Fechou os olhos. Senti-o a recuar no tempo. Abriu-os de novo, olhando para o corpo caído da sua criadora. Vi gratidão, pela primeira vez. — Foi a Nora que me ensinou a controlar. Explicou-me que podia passar por ser uma pessoa completamente normal, se me alimentasse com frequência.

Miguel prosseguiu. — Mas não há rastos de mais vampiros em Olimpo.

— E provavelmente nem em Braga. — João disse, aproximando-se cada vez mais de nós. — Não sou burro, Miguel. Sempre que precisava de caçar, ia para outras regiões. Cheguei a ir para Espanha, para conseguir manter o disfarce.

— Como é que nunca te reconheceram? — acabei por perguntar. — A tua fotografia estava espalhada pela cidade. É impossível que ninguém te tenha visto.

Voltou a rir-se, mas desta vez foi assustador. Os olhos preencheram-se por completo de escuridão. — Pergunta ao teu amigo Miguel. Ele consegue dar-te uma resposta.

Miguel não lhe respondeu de imediato. Só depois olhou para mim, ainda por cima do ombro. — Alguns de nós, se devidamente alimentados, conseguem

alterar o pensamento das pessoas.

— Chamam-lhe os Tais. — interrompeu João. — Somos poucos no mundo. Não é irónico? Sempre fui o insignificante na vida das pessoas, e agora sou uma jóia rara.

— Alguma vez usaste isso em mim?

Franziu as sobrancelhas enquanto pensava na resposta. — Não vou dizer que não tentei. Só que achei que era demasiado fácil matar-te dessa forma. Aliás, foi desnecessário. Agora vou poder matar-te e não vai haver provas. Oficialmente já estou morto, e um morto não consegue matar pessoas. Por teres sido tão fácil vou dar-te duas escolhas: queres que seja rápido ou doloroso?

— Ainda não entendo. — intervim, ainda sem entender metade do que se estava a passar. — O que é que queres de mim? Porque é que me queres matar?

Demorou algum tempo a responder. — Foi uma coisa que a Nora me ensinou. Chama-se justiça. Eu perdi o meu pai graças ao teu, e agora ele vai perder os seus filhos graças a mim.

Surpreendi-me com a resposta. — O meu pai? O que é que ele tem a ver com isto?

— O Benjamin Silva foi o responsável pela morte do meu pai. Ele nunca te falou do Doutor António Amorim, o mais prestigiado cientista a trabalhar no INL?

Tentei lembrar-me das conversas que tinha tido com ele. Na verdade, tinham sido poucas as ocasiões em que falámos de trabalho.

— Era o que suspeitava. O meu pai estava a trabalhar num dos projetos com maior importância do laboratório. Tinha sido chamado para ser o coordenador, e estava tudo a correr maravilhosamente bem. Até que o teu pai se juntou à equipa; o famoso filho do Doutor Marcelo Silva, o antigo chefe de investigação de um dos projetos norte-americanos mais falados nas décadas de setenta e oitenta. — A voz irónica acentuou o desejo de me ver morto. — Obviamente que essa ligação familiar deu-lhe poder e influência, e acabou por ser promovido. Até que chegaram à conclusão que o meu pai era dispensável.

Silêncio pairou no ar. As informações organizaram-se na minha cabeça. — Ele foi despedido. — rematei, concluindo por fim.

— A minha mãe entrou em depressão e estava impedida de trabalhar. — recomeçou João, mais sério e irritado. — O meu pai tinha demasiadas qualificações para empregos básicos. As dívidas começaram a acumular-se e isso abalou com o casamento dos meus pais. Não tardou muito até a minha mãe decidir sair de casa, deixando-nos para trás. Sozinho e sem hipóteses de sobrevivência, o Doutor António Amorim levou a arma à testa e apertou o gatilho. No meu quarto, a chorar e a lamentar-se por me deixar à mercê da vida.

— Lágrimas caíram do seu rosto, mas ele limpou-as ao compreender que estava a rebaixar-se. — Agora vou fazer justiça. O teu pai vai ter o que merece.

— Isso não é justiça. É vingança.

As palavras de Miguel não afetaram João. — Chama-lhe o que quiseres. Só sei que esta noite vou finalmente pôr em prática o meu plano. — Estalou o seu pescoço, inclinando-o de um lado para o outro. — Já acabei com o Greg Silva. Não sabia que ele tinha poderes especiais, foi o teu pai que lhos deu?

O meu coração parou logo ao ouvir as palavras de João. — Mataste-o?

— Não tinha outra opção. Amor com amor se paga. E agora és tu.

Não.

O grito de desespero ecoou na minha mente, dando ênfase às imagens que a minha cabeça formou. João matou Greg, dolorosamente e sem piedade. Arrancou-lhe a pele. Sugou-lhe o sangue e vangloriou-se em cima do seu corpo morto.

E agora era a minha vez.

A garganta de João reproduziu o rosnar de Nora, mais profundo e denso. A sua boca abriu-se, exibindo os caninos afiados a tocarem nos seus lábios pálidos. Começou a ganhar velocidade na minha direção. Miguel rosnou também, abrindo os seus braços nas suas costas para me abrigar.

Mas um borrão branco e azul arrastou João para longe. — Não! — gritou a voz familiar de Eva.

Eva rodopiou no chão, manchando a camisola com terra molhada. João, por outro lado, bateu contra um tronco caído e rapidamente se levantou, correndo contra a sua agressora e pressionando a cabeça dela contra uma árvore, que tombou alguns centímetros.

As mãos de João desceram até ao pescoço de Eva, pressionando-as com toda a sua força. Dois rosnares juntos e indistinguíveis fizeram com que a trepidez dominasse a minha mente.

Vi o sangue a espalhar-se pelo rosto de Eva. A pele branca como a neve estava a tornar-se cada vez mais roxa e a sua boca procurava inspirar o máximo de ar possível, sem sucesso. O rosnar dela tornou-se num grito rouco de desespero.

Faz alguma coisa!, queria exclamar, mas estava congelado, preso ao meu próprio medo.

Até que Miguel avançou com barbaridade para cima de João, afastando-o da irmã. Eva tombou e respirou, esgazeada. João e Miguel, por outro lado, envolveram-se num borrão agressivo e violento, cheio de sons selvagens e únicos. Era como uma luta entre matilhas. Mãos agarravam a pele, tentando arrancá-la a todo o custo. Dentes procuravam perfurar o corpo um do outro. Unhas deixavam marcas de sangue, que rapidamente se fechavam e se

limpavam. O som de tecido a rasgar-se.

Ouviu-se um estrondo e Miguel bateu com as costas no chão, exibindo um rosto de dor. Uma cratera formou-se ao redor do corpo dele, atirando poeira para o ar, que imediatamente se aglomerou em nuvens negras que sobrevoaram a zona de impacto.

João aproveitou a oportunidade para pular para cima do inimigo. O pé encaixou-se entre o peito e o pescoço de Miguel, e Eva, ainda a recuperar, saltou também, mas para as costas de João. Este, apesar do impacto, não se moveu.

Estava perdido. Eva e Miguel não tinham mais forças para lutar com João. Este ia acabar por matar Miguel, e sozinha, Eva ia ser espancada, sem ter hipóteses de respirar. E depois era a minha vez de sofrer uma morte dolorosa. Só pedia que fosse rápido.

Não. Não vou desistir assim. Neguei entregar-me ao pavor e os meus olhos procuraram ansiosamente por algo. Ao meu lado, escondido entre os arbustos, estava um saco que reconheci. Era do fato do Arqueiro Verde — tinha-o deixado cair na noite anterior, quando Nora me atacara. A referência ao seu nome fez-me olhar para o corpo morto.

Concentra-te. Corri até ao saco e peguei no arco. Retirei uma flecha e tentei lembrar-me das aulas que tinha tido quando era mais novo. Nada.

Seja o que Deus quiser.

Estiquei a corda, a flecha em posição, e apontei-a para João — este ainda imóvel, apesar de Eva o tentar deslocar. Contei até três e —

Tzump!

A flecha voou em direção ao alvo. Mas não o atingiu. Em vez disso, vi o corpo de Nora em frente a João, os olhos ainda abertos, a flecha a penetrar o seu peito. Tinha servido como escudo.

— Oh oh, não devias ter feito isso. — E atirou o corpo de Nora para o chão, saindo de cima da cratera e avançando na minha direção.

Contemplei uma última vez Miguel e Eva. Permaneciam deitados no chão, sem forças mas a arrastarem-se para tentarem parar João. O meu peito encheu-se deste sentimento sem nome. Estava feliz. Ia salvar a vida de dois dos meus amigos. Eles iam ter tempo para recuperar e fugir dali. Talvez até vingassem a minha morte. Só que os olhos de João mostravam determinação. Ele não ia parar.

Um monte de chamas cegou-me. Se era isto a morte, então estava agradecido. Foi rápido e agradável sentir o calor a aquecer-me o corpo. E entre as chamas encontrava-se Greg, as mãos a controlarem o fogo, ferido e furioso.

A sensação agradável desapareceu. Estava de volta à clareira, sentado no chão e com o saco de flechas ao meu lado. Estava vivo.

E Greg também.

VINTE E TRÊS

ARRISQUEI GRITAR O NOME DO MEU IRMÃO, MAS NÃO TIVE forças. Queria saber se estava bem, o que se tinha passado, *como é que ele estava vivo*. Ainda deitados no chão, Miguel e Eva fitaram Greg, respirando de alívio ao perceber que João não tinha sido tão vitorioso quanto achava.

Procuraram levantar-se, sem forças. E então a dura realidade apagou o sentimento de esperança. Greg estava sozinho. João ia dar dele cabo rapidamente, tal como aconteceu com os dois vampiros. Não havia muito mais que eu pudesse fazer. A minha única tentativa de me armar em herói tinha despoletado um acesso de fúria no inimigo. Se voltasse a fazê-lo, estava morto.

Batalhei com os pés para recuar o mais que conseguia, levando comigo o saco das setas. A minha cabeça bateu contra o tronco de uma árvore. Estava cercado.

Aproveitando que João ainda se estava a recuperar das chamas, Greg correu até mim. Aninhou-se e apertou-me a mão. — Estás bem?

— Pensei que estavas morto. — repliquei. A minha grande vontade era tocar na pele de Greg, provar a mim mesmo que nenhum de nós era uma miragem. Contive-me com alguma dificuldade, as brasas das lágrimas a formarem-se entre os meus cílios.

— *That guy…* ele tem mais garganta que outra coisa.

O tempo escasseava, mas tinha que perguntar: — O que é que se passou em nossa casa? O pai… ?

— Ele está bem, não fiques preocupado. Não viu nada.

A intuição não deixou que a aflição se retirasse. — O João disse que te tinha matado.

A indecisão demonstrava que Greg queria fugir daquele assunto. — Ele deu-me uma pancada e desmaiei. Não lhe podia dizer onde estavas, *right?*

Acenei com a cabeça, sempre com os olhos postos no caçador. João estava a erguer-se quando Miguel e Eva se juntaram a nós. Tinham várias feridas no corpo; algumas delas estavam a cicatrizar a olho nu, como se a corrente sanguínea levasse algum tipo de linha que as cosesse.

— Vamos os três a ele. — disse Miguel, mas Greg levantou a palma da mão.

— Não. Isto é entre mim e aquele sacana.

João, já de pé, riu-se. — Achas que vão ser umas chamazinhas que me vão parar, Silva? Já consegui deitar-te abaixo uma vez, não vou ter problemas em

fazê-lo de novo.

Greg estendeu as mãos com um gesto brusco, reacendendo as chamas que brotavam da própria pele. — Não. Desta vez sou eu que te vou deitar abaixo. — E o fogo de uma tonalidade laranja brilhante voou até bater no chão, quase atingido o alvo. João saltou para cima de uma das árvores.

— Tenta apanhar-me aqui, Silva!

Com um berro, Greg contorceu os dedos e uma massa de ar frio formou-se aos seus pés, levitando-o até ficar ao mesmo nível de João. Enquanto uma das mãos o mantinha no ar, a outra apertava os dedos contra a palma da mão, puxando o ramo em que João estava sentado. Um estalido fez com que ambos caíssem, João e o ramo.

Logo que se levantou da queda, João deu um pulo na direção de Greg, que se protegeu com uma pedra que emergiu da terra debaixo de si próprio. O chão estremeceu de tal forma que pensei que as árvores ao nosso redor iam cair.

João desabou de novo. Greg aterrou lentamente no chão e envolveu um conjunto de heras em volta do corpo do vampiro. Houve um grito de fúria e os seus braços irromperam entre as heras, destruindo-as por completo. João saltou e bateu com o punho no peito de Greg, levando-o contra a pedra gigante. Esta partiu-se, e Miguel teve que me proteger dos pedaços que caíam como meteoros.

Quando olhei para cima, João e Greg corriam em círculo nas árvores. O meu irmão tentava acertar-lhe com mais chamas e pedras gigantes, criando um efeito de fogo-de-artifício de uma só tonalidade.

Do nada, Miguel começou a trepar rapidamente a árvore atrás de nós, esperou pelo momento certo e agarrou na perna de João. Esticou o braço rapidamente, atirando-o para o chão. Greg desceu num rio de chamas, pouco satisfeito.

— Não interfiras! Sou eu que vou dar cabo dele!

— Ele é mais forte que tu!

Greg permaneceu em silêncio. Abriu os braços e o rio de fogo deslizou até quase tocar em João. Mais uma vez, conseguiu esquivar-se.

— Vamos andar a noite toda nisto. — respondeu o inimigo, com os rosnares a dificultarem a dicção. — Mas no final, vou ser eu que vou ganhar.

— *You wish*.

Os dois correram na direção um do outro. Greg usava as suas mãos para criar paredes de ar que impediam João de lhe tocar. Enquanto lutavam, Miguel agarrou em mim.

— Vamos sair daqui.

Olhei para ele, depois para o meu irmão. — Ele vai matá-lo! Faz alguma coisa!

— É a escolha dele. Vamos!

— Não! — E não pensei. Agarrei de novo no arco e mirei João, fechando um olho e deixando o outro semicerrado. Era agora ou nunca. Não podia pensar duas vezes.

Greg rolou várias vezes ao ser empurrado por João, formando um trilho de terra enquanto deslizava aos ziguezagues. Vendo ali a sua oportunidade, o vampiro ia saltar, as garras afiadas a sentenciarem o meu irmão. Era a tal oportunidade que eu aguardava.

MORRE, BESTA!

Libertei a seta. O aço frio escapou-se entre os meus dedos, ganhando velocidade há medida que se afastava da minha mão. O zumbido da flecha fez-se ouvir ao percorrer o caminho até bater em cheio no peito de João, perfurando todos os obstáculos que encontrara. O corpo dele causou um estrondo ao estatelar-se na erva em chamas.

Tinha acertado. Eu vencera.

A mão dele percorreu o peito, tocando no sangue lúgubre, digno da sua personalidade obscura. Digno de um assassino. Procurou ver-me uma última vez, olhando-me nos olhos, e depois para o arco pendurado nos meus dedos. Com todas as suas forças, tentou retirar a flecha. Não conseguiu.

Greg ergueu-se, ainda com dificuldades, e foi até ao pé dele. Mesmo estando ofegante, foi capaz de festejar, acentuando um fraco sorriso com as covinhas das suas bochechas.

— *Game over*. — murmurou entre suspiros. — É o fim da linha.

Mas João não desistiu. Entre soluços e rios de sangue, tentou dizer algo. — Isto… é só… o começo. — O rosto tombou para o lado, dando uma última gargalhada, quase nula. Os lábios manchados de sangue arquearam-se. Era esta a sua última expressão. Mesmo morto, João conseguiu ser macabro.

O arco que segurava nas mãos caiu. Greg aproximou-se, colocando o braço em volta dos meus ombros.

Eu matei.

Eu matei uma pessoa.

Queria dizer alguma coisa, mas não encontrava forças para falar. Os meus braços tremiam, as minhas pernas a queriam ceder ao peso do corpo — ou seria ao peso da culpa?

O Mal tinha voltado a mim. Não havia drogas nem álcool. Havia um assassinato. Matei uma pessoa que odiava por me querer matar — mas eu… *matei-a*. Estava moralmente ao mesmo nível que ela. Não conseguia desculpar-me. Não havia forma de o fazer.

Sou um assassino.

Matei o João Amorim.

Sou um assassino.

Era um assassino. Ia viver com este peso para sempre.

Greg baixou-se para me olhar nos olhos. A sua mão apertou-me o ombro, numa tentativa de me confortar.

— Tu fizeste o que tinhas a fazer. Salvaste-me a vida. — Levantou o olhar na direção de Miguel e Eva. — Salvaste-nos a vida.

Fixei-me no corpo de João. O sorriso do seu rosto sem vida acusava-me de todos os crimes da humanidade. Gozava comigo.

Não te matei, mas transformei-te num monstro, ouvi-o dizer na minha cabeça. *Bem-vindo ao clube!*

— Vão para nossa casa. — Miguel disse. — Descansem. Aproveitem para jantar e tomar um banho. Se quiserem podem ficar lá a dormir.

Greg colocou-se em pé e acenou com a cabeça. — Não vou querer acordar o meu pai. Ele ia fazer muitas perguntas. Isto é, se não te importares…

— Não, claro que não. Fiquem à vontade. Vocês tiveram uma noite muito conturbada. — Reparei que se estava a referir a mim.

Não conseguia mexer-me. Por mais que me obrigasse a desviar o olhar, não podia. O meu consciente ordenava que não deixasse aquela culpa para trás. Tinha que a assumir.

— Simão. — Greg reiterou. — Temos que ir.

No céu, o fumo preto das chamas formava uma coluna densa. Impedia-nos de observar as estrelas, mas não era esse o verdadeiro problema. Em breve, talvez os bombeiros aparecessem ali para apagar o fogo.

Como era óbvio, o meu irmão não deixaria a situação chegar àquele ponto. Ao mesmo tempo que me colocava nas suas costas, soprou com força. A erva que rondava o corpo de João tornou-se cinzas, que voaram com a leve brisa que pairava no ar.

A leve brisa ganhou intensidade, alterando-se para uma rajada de vento. Inesperadamente, duas mulheres surgiram no cimo das árvores que nos rodeavam.

Ambas tinham as mesmas características físicas: cabelos castanhos e olhos claros, apesar de uma os ter mais esverdeados que a outra. O cabelo de uma era mais curto, mais ou menos pelos ombros, e o da outra estava preso num rabo de cavalo. O estilo do rosto também era diferente, já que uma tinha-o mais arredondado e a outra tinha o queixo pontiagudo.

Altas e com um corpo esguio, as mulheres começaram a observar o espaço que as rodeava. Os seus olhos fixaram-se no corpo de Nora e depois em mim e no meu arco caído no chão.

Trocaram olhares sérios. Greg abriu de novo as suas mãos, mas quando as

chamas se formaram, prontas para voar, as mulheres já tinha desaparecido numa nova rajada de ar.

Miguel, ainda com os olhos fixos no ramo das árvores, disse solenemente: — Vão. *Agora*.

VINTE E QUATRO

ISTO É SÓ O COMEÇO.

O sorriso marcado no rosto morto de João teimava em falar comigo no meu sono. Apesar de a seta lhe ter perfurado o peito, ele continuava forte e vivo, com uma vontade imensa de me perseguir e de me eliminar da face da Terra. Também Nora insistia em vir atrás de mim. Ameaçava dar cabo de todos aqueles que eu amava. Primeiro era a minha mãe, inocente e sem noção do perigo que corria, depois o meu pai, que permanecia no quarto de João, uma arma a apontar para a cabeça do Doutor António Amorim, e terminava em Greg, ferido e prestes a ser esmagado por uma pedra gigante.

Acordava com falta de ar. A única maneira de me manter preso à realidade, de perceber que estava tudo bem e de assegurar-me que só tinha passado de um sonho, era agarrando no braço de Greg, que continuava a dormir, tranquilo e com o rosto sereno, apesar de coberto com arranhões. E então esperava alguns minutos, fechando os olhos e voltando a cair no sono, com esperança de não voltar a sonhar com mortos, setas e assassinos.

Mas sonhava, e voltava a acordar, procurando desesperadamente pelo braço do meu irmão.

Estava prestes a ser morto por Nora e João quando acordei, ofegante e desesperado. Desta vez não me agarrei a Greg mas sim a Miguel, que estava ao meu lado.

— Está tudo bem. — assegurou, sentando-se na beira da cama. — O pior já passou. Podes descansar.

Recuperei a respiração e olhei para o meu irmão. Continuava a dormir profundamente. Encostei a cabeça na almofada, fixando o meu olhar no teto branco. — Quanto tempo mais vou ter que ver isto tudo?

— Até que chegues à conclusão que só tinhas uma coisa a fazer e que fizeste a coisa acertada.

Temendo voltar a cair em pensamentos pouco adequados, mudei de assunto. — Foste atrás daquelas mulheres? Elas eram como vocês, não eram?

— Deviam estar a acompanhar a Nora.

— Eles vêm atrás de mim. — concluí. O medo voltou a imergir do meu corpo.

— Não há motivos para te preocupares. — Miguel tirou os chinelos de quarto e deitou-se no colchão de ar montado ao lado da cama. — Se te quisessem atacar

tê-lo-iam feito na clareira.

Parei por alguns segundos. — O João também teve muitas oportunidades.

— O João estava doente. Pensava que só queria vingar a morte do pai, mas tratava-se de muito mais: ele queria sentir-se poderoso, imbatível. Agora que era mais forte que todos aqueles que o rejeitaram quando era humano, preparava-se para se vingar.

Quando pensava nas suas motivações, só uma coisa me passava pela cabeça. — Sempre tentei proteger o meu pai. Agora descubro que tudo isto foi culpa dele.

— Estás a ser injusto, Simão. O teu pai só quer o teu bem, e o dele também. — apontou para Greg com o dedo indicador. — Ninguém é culpado de nada, tu sabes disso.

— Eu matei o João. — corrigi, sentindo sangue a escorrer nas minhas mãos. Porém, era só uma ilusão.

— Não tinhas outra hipótese. Era isso ou veres o teu irmão morrer. De qualquer das formas, o João não ia resistir muito mais tempo. Não se alimentava há dias, estava demasiado fraco. Foi por isso que a tua flecha o conseguiu matar.

— Achas que ele sofreu muito?

Pensou na resposta. — Foi uma dor justa.

Ficámos em silêncio durante largos minutos. A minha respiração estava a entrar num ritmo sonolento quando Miguel apoio o seu braço na cama dele, onde eu estava deitado.

— Preciso de te perguntar uma coisa. Na noite passada, o que é que se passou entre ti e a Eva?

Corei e agradeci por estar escuro no quarto.

— Ela chegou a casa tão estranha. Nem queria que falasse para ela. Demorou mais de duas horas a tomar banho. Literalmente.

— Podemos dormir sobre o assunto? *Literalmente?*

O riso de Miguel deu a entender que ele sabia a verdade. Voltei a corar com a possibilidade de isso ser verdade, e virei-me contra o corpo do meu irmão. Fechei os olhos, à espera que o sono chegasse.

Só os voltei a abrir na manhã seguinte, quando Greg me abanou furiosamente. — Acorda! *We're screwed up as hell!*

Vi que ele tinha qualquer coisa luminosa na mão. Quando os meus olhos começaram a focar-se, reparei que era o seu telemóvel. No ecrã, estava escrito em letras escuras "Pai - 15 chamadas não atendidas".

— Sabes o que isso significa?

— Estamos de castigo.

— Até ao Natal.

Deixei-me cair na cama, encarando os factos. Apressados, começámos a vestir as nossas roupas sujas, preparando-nos psicologicamente para chegar a casa e ouvir um sermão. Nem queria imaginar a cara do meu pai.

Já na cozinha, Miguel e Eva preparavam um pequeno-almoço cheio de coisas boas: pão, bolo, fruta cortada em pedaços, geleia de morango, creme de chocolate e sumos de várias qualidades. Havia ainda o café e o leite, pronto a ser deitado para as canecas dispostas em cima da mesa.

— Uau. — disse enquanto cortava um pedaço de pão e untava com chocolate. — Os vossos pais devem trabalhar mesmo muito.

Miguel lançou-me um olhar de graça e meteu um gomo de uma laranja à boca. Deitei um pouco de leite com café na minha caneca, apreciando o cheiro agradável a abrir-me o apetite. Só aí percebi a fome que tinha.

Já não comia há mais de doze horas. Sentia-me anémico, sem forças para fazer fosse o que fosse. Se calhar era por isso que os meus pensamentos eram tão depressivos. Não é que o estômago cheio fosse desculpar o assassinato de João, mas talvez assim conseguisse chegar à mesma opinião que toda a gente: matei porque tinha que matar.

Ao fim de nos alimentarmos, Greg achou melhor irmos para casa a correr. O meu pai estava quase a acordar, ou talvez até nem tivesse dormido, já que nenhum de nós estava em casa e não o tínhamos avisado de onde estávamos.

Já no alpendre, Miguel disse umas últimas palavras. — Queria agradecer-vos.

— Agradecer porquê? — Greg cuspiu entre os restos do pão que ainda estava a mastigar.

— Por nos terem ajudado a parar a Nora e o João. Se não fossem vocês, talvez não tivéssemos sido capazes de os deter.

— Não há nada que agradecer.— disse eu. — Isto é o tipo de coisas que os amigos fazem.

Estendi a mão a Miguel. Ele apertou-a com confiança, sendo esse o gesto da despedida. Mas antes de sairmos pelo pequeno portão da cerca laranja, ele ainda fez um último pedido. — Se não for pedir muito, gostava que esta situação ficasse só entre nós. Não queria ter problemas com as autoridades.

Greg e eu rimo-nos com a estupidez do pedido. — Não, desculpa, — disse o meu irmão — vou a correr para a polícia dizer que estive com dois vampiros que nos ajudaram a matar outros dois vampiros.

Começamos a andar, sentindo os primeiros raios de sol a bater nas nossas peles feridas. Há medida que íamos a descer a rua, usávamos uma pedra para jogar à bola, passando-a de pé em pé, até que eventualmente a atirei para a berma da estrada. Aproveitei o silêncio que se formou para revelar aquilo que sentia em relação a Greg.

— Não é só o Miguel que te quer agradecer. — Ele olhou para mim, sem entender. — Se não fosses tu…

Levantou a palma da mão e fez-me parar. — É para isso que os irmãos servem. Eles protegem-se uns aos outros.

Não o deixei continuar. — Não tinhas a obrigação de me ajudar. Eu era só um estranho em tua casa…

— Um estranho?! — ficou verdadeiramente indignado — Nós partilhámos o mesmo sangue, somos *irmãos*. Quer estejas em Lisboa ou em Braga. Quer te conheça, ou não.

E percebi que não era só o sangue que partilhávamos, era tudo. Até aquilo que achávamos um do outro era verosímil. Mesmo que não o conhecesse pessoalmente, eu não ia deixar que ninguém lhe fizesse mal.

— Estamos juntos, para o bem e para o mal. — concluiu.

Alguns minutos depois, avistámos o jardim mal tratado da Casa dos Silva. O sol nascia nas traseiras, incidindo diretamente na janela do meu quarto, e os seus raios refletiam na lagoa de água verde que corria lado a lado com as altas árvores.

— Estás preparado? — anunciou Greg, quando começámos a pisar o jardim.

— Ninguém está preparado.

A luz da cozinha estava ligada, o que significava que provavelmente o meu pai já se tinha levantado. Assim que abrimos a porta de entrada, prendemos a respiração. Discretamente, dei um passo na sala. Estava vazia. Isso dava-nos mais alguns segundos para pensar no que dizer. Quem se iria justificar em primeiro lugar?

Avançámos lentamente até à cozinha. Espreitei devagar pelo canto da parede e defrontei-me com o leão, preso ao banco do balcão, com uma caneca de café na mão. Assim que me viu, cruzou os braços e puxou o canto dos lábios para baixo. — Bom dia, meninos.

Limpei a garganta antes de falar. — Bom dia, pai.

Greg nem respondeu. Pensei que deveria ter feito o mesmo, já que ele tinha mais experiência em lidar com o Benjamin Silva. Mas já era tarde de mais. O meu pai levantou-se e foi até ao lavatório, deixando lá a sua caneca vazia.

— Muito bem. Querem explicar-me onde é que estiveram?

Olhei para o meu irmão. Continuava sem abrir a boca, um gesto que me estava a deixar cada vez mais nervoso. Ia ter que ser eu a explicar-lhe o que se tinha passado? O que ia inventar?

— Fomos dormir fora. — Greg acabou por dizer. — Com uns amigos.

— Foram dormir com uns amigos. — repetiu o meu pai. Depois houve um silêncio perturbador, em que a língua dele passava no seu céu da boca, no jeito

pensativo — E as chamadas não atendidas?

— Desculpa, pai, nós… — Dei alguns passos em frente para me sentar no banco. Foi um erro.

O meu pai agarrou no meu braço arranhado, e depois para o rosto de Greg, também ele ferido. — O que é que vocês andaram a fazer para ficarem neste estado?

Não havia um pingo de preocupação na sua voz. Estávamos vivos, isso era o essencial. O importante, porém, é tentar perceber o que fizemos e onde tínhamos estado, algo para o qual eu não tinha resposta.

— Foi só uma brincadeira. — disse Greg, escondendo os arranhões nas suas mãos. — Fomos correr para a floresta e……

— Foram correr para a floresta?! À noite?! Vocês estão doidos?!

— *We're fine, dad. It was…*

— Já te avisei que quando estou a falar português contigo também quero que o faças comigo! — Virou-se para mim, os olhos verdes bem abertos. — E tu, Simão? Pensei que eras mais responsável. Como é que concordaste em participar nesta loucura do teu irmão?!

— Desculpa, pai. — disse de novo.

— É bom que peças desculpa, Simão, mas tu e o Greg ainda têm muito que explicar. Comecem *agora mesmo* antes que decida colocar-vos de castigo.

A discussão continuou, e apesar de me mostrar desiludido por fora, no meu interior pensava em várias coisas. Chegava a várias conclusões, boas e más. A primeira: Miguel e Eva eram vampiros; a segunda: Miguel era o meu anjo da guarda. Depois havia Greg, o meu irmão que era muito mais que isso, era um protetor. João e Nora, os meus perseguidores, estavam mortos. Eu matara João. *Era um assassino.*

Mas acima de tudo, havia uma coisa do qual não tinha dúvidas. Podia ser um simples rapaz, um vampiro ou um super-humano, podia viver em Lisboa, em Braga ou até no Pólo Norte, podia até ser um prémio Nobel da Paz, mas havia uma coisa que não conseguia impedir. Não havia escapatória, e iria perseguir-me sempre até ao final da minha vida. Ou pelo menos até ao Natal.

Era um castigo. E dos grandes.

Dez minutos depois, o meu pai acabou por concluir: — Vocês nem pensem em passar pela porta dos vossos quartos! Estão de castigo até eu decidir o contrário!

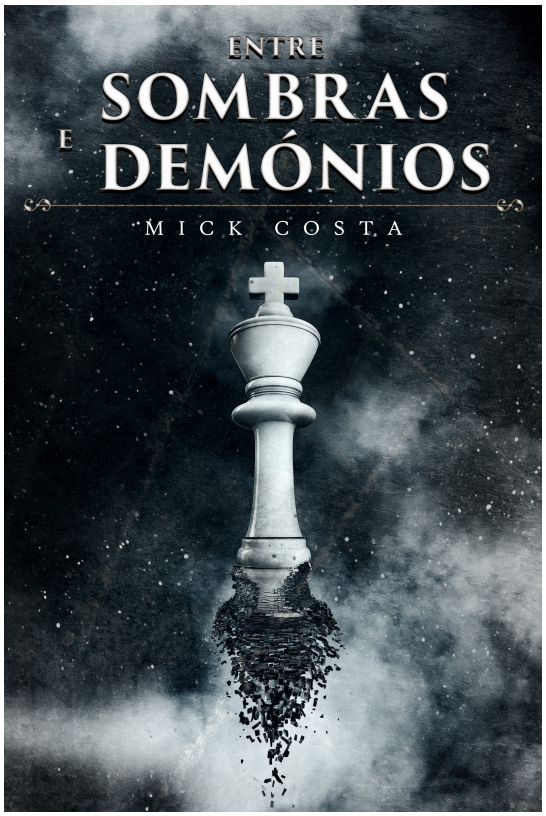
Fomos quase a arrastar os pés, cabisbaixos e sem dizer uma única palavra. Logo que bati a porta, senti a janela a abrir-se com a ajuda do vento. Quando ia para a fechar, vi Greg a passar por ela, caindo com os pés no chão de madeira.

— Mudança de planos. Vamos ao cinema?

— Estás louco?! Não podemos sair daqui!
— O pai disse que não podemos passar pela porta, mas não falou em janelas.
Abanei a cabeça mas sorri. Estava pronto para mais.
Muito mais.

Em dezembro de 2017, está na hora de viver

ENTRE SOMBRAS E DEMÓNIOS



A aguardada sequela de *Entre Deuses e Heróis*

Já disponível em pré-venda na Kobo

ENTRE SOMBRAS E DEMÓNIOS, COMO SOBREVIVER?

Matar uma pessoa para salvar a própria vida tem o seu preço, e o de Simão Silva é passar a lidar com os demónios interiores que o atormentam. Todos o tentam ajudar a passar por esta fase mais complicada, mas a única solução é aprender a conviver com a dor e as miragens constantes.

No meio de todo este sofrimento, Simão e os amigos são obrigados a fazer renascer o estado de alerta incessante, quando uma série de desaparecimentos os leva a acreditar que as companheiras de Nora estão de volta para se vingarem da morte dela.

Como se isso não fosse suficiente, Simão é suspeito de alguns dos desaparecimentos, e terá que acarretar com as consequências que essas suspeitas implicam, tanto em casa, onde a sua relação com Benjamin

mostra sinais de deterioramento, como na escola, onde os colegas o começam a tratar com desconfiança.

Simão terá que correr contra o tempo para se salvar de todas as sombras e demónios que o atormentam, e desta vez, não há deuses nem heróis que o possam ajudar...

Mick Costa ESCREVE HISTÓRIAS PARA JOVENS adultos. Mantém um blog, *Shades of Mick*, onde partilha as suas opiniões literárias. Cresceu a ver as aventuras do Batman e Superman, sendo eles as suas maiores influências em conjunto com Harry Potter. Quando não está a escrever, o mais provável é estar a explorar a cidade de Braga ou a pensar na sua próxima aventura.

www.mickcosta.org
www.shadesofmick.com